Angústia e Paz

Fulton Sheen

FULTON SHEEN

ANGÚSTIA E PAZ

DEDICATÓRIA

Mariae Gratiae Divinae

Matri Dei Incarnati

Hoc qualemcumque est opus

Dedicat auctor indignus

Filiali oboedientia

Alteri si possit nemini

Libertori animo placiturus

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – Frustração

CAPÍTULO 2 – A Filosofia da Ansiedade

CAPÍTULO 3 – A Origem dos Conflitos e sua Redenção

CAPÍTULO 4 – Será Deus Difícil de Encontrar?

CAPÍTULO 5 – Mobirdez e Negação da Culpa

CAPÍTULO 6 – Exame de Consciência

CAPÍTULO 7 – Psicanálise e Confissão

CAPÍTULO 8 – Sexo e Amor a Deus

CAPÍTULO 9 – Recalque e Livre-Expansão

CAPÍTULO 10 – Remorso e Perdão

CAPÍTULO 11 – Temor da Morte

CAPÍTULO 12 – A Psicologia da Conversãoa

CAPÍTULO 13 – A Teologia da Conversão

CAPÍTULO 14 – Os Efeitos da Conversão

NOTAS

FONTES

CAPÍTULO 1
Frustração

Se as almas não forem salvas, nada se salvará. Não poderá haver paz no mundo se não houver paz nas almas. As guerras mundiais não passam de projeções dos conflitos travados dentro das almas dos homens modernos, pois nada acontece no mundo exterior que não haja primeiro acontecido dentro de uma alma.

Durante a Segunda Guerra Mundial, disse Pio XII que o homem pós-guerra haveria de ficar mais mudado do que o mapa da Europa pós-guerra. É este desiludido homem pós-guerra, ou seja a alma moderna, que nos interessa neste volume.

Ele mostra-se, como o Santo Padre predisse, diferente dos homens de épocas mais remotas. E essa diferença está em que a alma moderna já não procura encontrar Deus na natureza. Em outras gerações, o homem, contemplando toda a vastidão da criação, a beleza do firmamento e a ordem dos planetas, disso deduzia o poder, a beleza e a sabedoria do Deus que criou e mantém esse mundo. Infelizmente, porém, o homem moderno está separado dessa aproximação por vários obstáculos: impressiona-o menos a ordem da natureza do que a desordem dos seus próprios pensamentos, que se converteram na sua principal preocupação. A bomba atómica destruiu o seu temor por uma natureza que o homem pode agora manipular para destruir outros homens, ou até para cometer o suicídio cósmico. E, finalmente, a ciência da natureza é demasiado impessoal para esta época concentrada em si mesma. A antiga aproximação não só converte o homem num mero espectador da realidade, em vez de o fazer criador, como também exige que a personalidade do buscador da verdade não se intrometa na investigação. Mas é a personalidade humana, e não a natureza, o que realmente interessa e preocupa os homens de hoje.

Esta mudança verificada na nossa época não significa que a alma moderna tenha abandonado a procura de Deus, mas abandou a forma mais racional – e atá mais humana – de O procurar. Não a ordem no cosmos, mas a desordem que há no próprio homem; não as coisas visíveis do mundo, mas as frustações, os complexos e as ansiedades invisíveis da sua própria

personalidade. Estes são o ponto de partida do homem moderno, quando se debruça interrogativamente sobre a religião. Em dias mais felizes, os filósofos discutiam o problema do homem; agora analisam o homem como um problema.

"Devido ao seu cepticismo o homem moderno é lançado sobre si mesmo; as suas energias correm para a fonte que as originou e fazem vir à superfície os conteúdos psíquicos sempre presentes, ocultos, porém, no lodo enquanto a corrente flui normalmente no seu curso. Como totalmente distinto se revelava o mundo ao homem medieval! Para ele, a terra estava eternamente fixa e imóvel no centro do universo, cercada pela trajetória de um sol que solicitamente lhe dispensava o seu calor. Os homens eram todos criaturas de Deus, sob a cuidada carícia do Altíssimo, que os preparava para a eterna bem-aventurança. E todos sabiam exatamente o que deveriam fazer e como deveriam conduzir-se para de elevar-se dum mundo corruptível a uma existência gozosa e incorruptível. Uma vida semelhante já não nos parece real, nem sequer nos nossos sonhos. A ciência natural há muito que fez em farrapos esse formoso véu. Essa época acha-se tão distanciada no passado como a meninice, quando o nosso pai era inquestionavelmente o homem mais belo e mais forte da terra." [1]

Antigamente, o homem vivia num universo tridimensional onde, na terra que ele habitava com os outros, avistava acima o céu e abaixo o inferno. Esquecido de Deus, a visão do homem ficou ultimamente reduzida a uma só dimensão; agora pensa na sua atividade considerando-a limitada à superfície da terra: um plano sobre o qual se move, não subindo para Deus ou descendo para Satanás, mas somente para a direita ou para a esquerda. A antiga divisão teológica entre os que se encontram em estado de graça e os pecadores, cedeu o lugar à separação política em direitistas e esquerdistas. A alma moderna limitou decididamente os seus horizontes. Negando os destinos eternos, chegou a perder até a sua confiança na natureza, pois a natureza sem Deus é traiçoeira.

Para onde pode ir a alma, agora que se levantou uma barreira nas saídas para o exterior? Como uma cidade, cujas muralhas externas foram capturadas, o homem tem de refugiar-se em si mesmo. Assim como uma corrente de água que, bloqueada, se revolve contra sí própria, juntando

espuma, resíduos e lama, assim a alma moderna (que careça dos objetivos ou canais do cristão) dobra-se sobre si mesma e, nesse estado de obstrução, recolhe todo o sedimento sub-racional, instintivo, escuro e inconsciente que nunca se teria acumulado, se existissem as saídas normais dos tempos normais.

O homem descobre então que está encerrado em si mesmo, que é prisioneiro de si próprio. Encarcerado por si mesmo, tenta então compensar a perda do universo tridimensional da fé, procurando três novas dimensões dentro do seu próprio cérebro. Por cima do seu *ego*, o seu nível consciente, descobre, em lugar do céu, um tirano inexorável a quem chama *super-ego*. Na sua consciência, no lugar do inferno, põe um mundo oculto de instintos e solicitações, desejos primitivos e necessidades biológicas, a que chama *id* ou *infra-ego*.

Essa concepção da natureza humana, composta de três camadas ou regiões, foi posta em relevo por Sigmund Freud. Constitui um elemento essencial na doutrina psicanalítica da natureza humana.

A característica mais importante dessa doutrina é a crença de que a vida mental consciente do homem, as suas experiências e a sua conduta, são determinadas, não pelo que ele conhece, sente ou pretende, mas por forças na sua maior parte ocultas da sua consciência.

O seu *ego* ou consciência é apenas o campo de batalha onde se trava uma guerra incessante entre as suas necessidades biológicas, primitivas e as potências representadas pelo super-ego. Estas potências ocupam o lugar da consciência e têm origem, não no conhecimento de uma lei natural e da obrigação do homem perante a lei divina, mas da pressão social, da influência do ambiente sobre a mente moldável da criança. Uma vez que a satisfação das necessidades primitivas é fiscalizada pela sociedade (como, por exemplo, no ensino do comportamento na casa de banho), elas ficam “frustadas”. Deste modo a criança adopta todas as leis, pontos de vista e valores do mundo adulto quando aceita todas essas normas como próprias… De modo que a criança apossa-se de todas as leis, pontos de vista e valores do mundo adulto, quando aceita esses padrões como próprios. Faz isto identificando-se com a pessoa a quem veria como um antagonista numa sociedade primitiva. Assim surge o *super-ego*, que

adquire os seus conteúdos – regras, tabus e ideais que pertencem ao mundo que rodeia a criança.

Segundo esta moderna concepção da vida subjetiva, aparece o homem como cativo dentro da sua própria mente e como uma vítima de forças que não pode reconhecer. Para libertar-se, se isso for possível, deve conhecer melhor a sua prisão. É essa uma das razões da grande popularidade de que goza hoje a psiquiatria. Esta ciência promete explicar o homem a si mesmo, capacitá-lo a ajustar-se melhor à sua trágica situação. Certo tipo de psiquiatria tenta explicar ao homem por meio duma teoria que afirma que a consciência carece de valores, que só através do inconsciente poderá o homem moderno abrigar a esperança de descobrir uma solução para a sua infelicidade. Segundo essa teoria, o consciente é ao mesmo tempo impelido de baixo pelo *id* e comprimido por cima pela pressão do *super-ego*. O homem consciente fica assim indefeso entre ambos. A psiquiatria torna-se então uma espécie de lima de ferro, por meio da qual espera evadir-se dessa prisão mental onde ele próprio se encerrou, agindo como guarda de si mesmo.

Esta teoria psicanalítica vê a explicação de toda a conduta humana encerrada *dentro* da mente dos indivíduos. Mas o paralelo entre as modernas teorias do mundo interior e do mundo exterior é notável. Ambos os sistemas de pensamento exaltam a tensão e a possibilidade de uma explosão. O profeta de um é Marx, cuja filosofia tem como centro o conflito social; o profeta do outro é Freud, cuja principal inquietação gira em torno dos conflitos individuais. Em ambas as concepções, afirma-se que o estado caótico e desafortunado dos assuntos do homem nasce da tensão existente entre as aspirações superficiais, por um lado, e, por outro, as forças escondidas, obscuras, irracionais, que, ainda que desconhecidas, são as verdadeiras determinantes de tudo o que ocorre.. Assim como no Marxismo o aparente estado social, político, cultural, não é mais que uma "superestrutura", erigida sobre as forças económicas subjacentes, da mesma maneira no sistema de Freud a conduta consciente é apenas um produto de forças localizadas no inconsciente. *"Em ambos, as situações humanas são vistas em termos de interesses antagónicos. A psicologia de Freud analisava as neuroses como um resultado de um choque entre o desejo e a lei. Ao mesmo tempo que Freud trata das contradições internas dos*

processos psíquicos, o seu método para explicar essas contradições segue uma estratégia materialista”. [2]

Quando o conflito entre as forças inconscientes e o ego consciente atinge certa intensidade, o efeito, segundo Freud, é um cataclismo, seguido de uma ruptura da vida e da conduta. Para Marx, de maneira análoga, a paz social é interrompida quando surge o proletariado, e isto ocorrerá quando as forças económicas inferiores forem bastante fortes para derrubar a ordem social, política e económica existente. Freud e Marx concordam ainda em que todos os acontecimentos, sociais e pessoais, são estritamente predeterminados. A liberdade espiritual é negada por ambos. O marxista defende que a história é determinada por forças económicas; o freudiano, que o destino pessoal do homem depende de forças instintivas. Ambos consideram a abolição das inibições como o meio de atingir um melhor estado de coisas. A própria existência deste paralelismo de pensamento indica como o homem moderno se entende, ou se entende mal, dentro do “clima” cultural, intelectual e filosófico geral dos tempos. O materialismo histórico — a filosofia de Marx— e o materialismo psicológico — filosofia de Freud — são filhos da mesma época e exprimem as mesmas atitudes básicas.

Os complexos, ansiedades e temores da alma moderna não existiam com tal extensão em gerações anteriores, porque foram arrancados e integrados no grande organismo sócio espiritual da Civilização Cristã. Formam, porém, tão grande parte do homem moderno que se pensaria estarem tatuados neles. Qualquer que seja a sua condição, o homem moderno deve ser reconduzido a Deus e à felicidade. Mas como? Deveria o cristão, com as suas verdades eternas, insistir em que o homem moderno deva regressar ao caminho tradicional, cujo argumento partiu da natureza? Deve insistir que deva aproximar-se de Deus por meio dos cinco argumentos de São Tomás? Seria um mundo mais são, se ele o pudesse fazer. Mas é objeto deste livro mostrar que devemos começar considerando o homem moderno como ele é e não como gostaríamos que fosse. Pelo facto de haver esquecido isto é que a nossa literatura apologética está atrasada cerca de cinquenta anos. Deixa fria a alma moderna, não porque os seus argumentos não sejam convincentes, mas porque a alma moderna está demasiadamente confusa para os entender.

Mas nós que somos herdeiros de vinte séculos de pensamento sensato não devemos lidar com o sobrenatural como um cachorro com um osso. Se a alma moderna quiser começar a sua procura de paz com a sua psicologia, em vez de o fazer com a nossa metafísica, começaremos pela psicologia.

A verdade de Deus teria poucas facetas, se não pudesse emparceirar-se com a natureza humana em qualquer grau de perfeição ou mesmo de degradação. Se o homem moderno quiser ir do demónio até Deus, então começaremos mesmo com o demónio? Foi por onde começou o Divino Mestre com Madalena e disse aos Seus discípulos que, com oração e jejum, também eles poderiam começar ali a sua obra evangélica.

A abordagem psicológica não nos oferece qualquer dificuldade, pois a teologia cristã é, em certo sentido, uma psicologia, uma vez que o seu principal interesse é a alma, a mais preciosa das coisas. Nosso Senhor pesou um mundo em confronto com uma alma e achou a alma mais digna de ser ganha do que o mundo. Estudar almas não é nada de novo. Em toda a gama da psicologia moderna nada há escrito a respeito de frustações, temores e ansiedades que possa comparar-se em profundidade ou amplitude, com o tratado de São Tomás sobre as Paixões, com as *Confissões* de Santo Agostinho ou com o tratado de Bossuet sobre a concupiscência.

Mas, poderia perguntar-se, não é a alma humana tão diferente da de épocas anteriores, que falte aos antigos escritores experiência de tal fenmeno e assim nem mesmo o Evangelho poderá oferecer remédio? Não. Não há nada de realmente novo no mundo. Há apenas os velhos problemas acontecendo a gente nova. Não há diferença, exceto a terminologia, entre a alma desiludidade de hoje e as almas desiludidas que se encontram no Evangelho. O homem moderno caracteriza-se por três alienações: está separado de si mesmo, do seu próximo e do seu Deus. São estas as mesmas características da juventude frustrada do país dos gerasenos.

SEPARAÇÃO DE SI MESMO – O homem moderno já não é uma unidade, mas um estado confuso de complexos e de nervos. Está tão desassociado, tão alienado de si mesmo que se vê cada vez menos como uma personalidade e mais como um campo de batalha, onde se trava uma guerra civil entre mil e uma lealdades em conflito. Não há um propósito único, na sua vida. A sua alma pode ser comparada a uma jaula na qual numerosas feras, cada qual

buscando a sua própria presa, se lançam umas contra as outras. Pode ser ainda comparado a um rádio ligado para várias estações. Em vez de ouvir claramente uma delas, recebe apenas um ruído estático intolerável.

Se a alma frustrada é educada, possui um verniz de desconexos pedaços de informação, sem a filosofia que os unifique. Por isso a alma frustrada pode dizer a si mesma: "Penso, às vezes, que há dois *eus* em mim: uma alma viva e um doutor em filosofia." Tal homem projeta a sua própria confusão mental no mundo exterior e conclui que, visto não conhecer a verdade, ninguém pode conhecê-la. O seu próprio cepticismo (que ele torna universal numa filosofia da vida) o lança cada vez, mas para aquelas forças que rastejam nas escuras e húmidas cavernas do seu inconsciente. Muda de filosofia, como muda de roupa. Na segunda-feira, segue os trilhos do materialismo; na terça, lê um livro afamado, arranca os velhos trilhos e assenta os novos de um idealista; na quarta, a sua nova estrada é comunista; na quinta, são colocados os novos trilhos do liberalismo ; na sexta, ouve uma transmissão de rádio e decide viajar por vias freudianas; no sábado, toma uma demorada bebida para esquecer as suas viagens e, no domingo, fica a matutar na tolice das pessoas em ir à Igreja. Cada dia tem um novo ídolo, cada semana um novo capricho. A sua autoridade é a opinião pública. Quando esta muda, a sua alma frustrada muda com ela. Não há nenhum ideal fixo, nenhuma grande paixão, mas apenas uma fria indiferença pelo resto do mundo. Vivendo num estado contínuo de referência a si próprio, os "Eu" da sua conversa repetem-se com crescente frequência, ao achar que todos os seus semelhantes se tornam cada vez mais enfadonhos por insistirem em falar a respeito de si mesmos, em vez de falar a respeito dele.

ISOLAMENTO DO PRÓXIMO – Esta característica revela-se não só pelas duas guerras mundiais, num espaço de vinte e um anos, e pela constante ameaça de uma terceira; não só pelo aumento do conflito de classes e do egoísmo no qual cada homem procura apenas a sua satisfação; mas também pelo seu afastamento da tradição e da herança acumulada através de séculos. A revolta da criança moderna contra os seus pais é uma miniatura da revolta do mundo moderno contra a memória dos 1900 anos de cultura cristã e das grandes culturas hebraica, grega e romana que a precederam. Qualquer respeito por essa tradição é considerado "reacionário", com o resultado da alma moderna ter desenvolvido uma mentalidade de

comentador, que julga o ontem pelo hoje e o hoje pelo amanhã. Nada é mais trágico do que a perda da memória num indivíduo outrora sábio, e nada é mais trágico para uma civilização do que a perda da sua tradição. A alma moderna, que não pode viver consigo mesma, não pode viver com os seus semelhantes. Um homem que não está em paz consigo mesmo, não estará em paz com o seu irmão. As guerras mundiais não passam de sinais macrocósmicos das guerras psíquicas que se travam no íntimo das confundidas almas microcósmicas. Quando um homem deixa de ser útil para o seu próximo, começa a ser um peso para este. E ao negar-se a viver com outros não há mais que um passo a viver para outros. Quando Adão pecou, acusou Eva, e quando Caim assassinou Abel formulou a pergunta antisocial: "¿Sou por acaso guardião do meu irmão?" (Gén. 4, 9). Quando Pedro pecou, saíu só e chorou amargamente. O pecado de orgulho de Babel terminou numa confusão de línguas que tornou impossível a manutenção da convivência.

O nosso ódio por nós mesmos sempre se converte em ódio ao próximo. Talvez seja esta uma das razões da atração básica do comunismo, com a sua filosofia da luta de classes. O comunismo possui especial afinidade com as almas que já têm uma luta travada dentro de si mesmas. Associada a este conflito íntimo, existe uma tendência a tornar-se hipercrítico: as almas infelizes quase sempre censuram os outros, que não a si mesmas, pelas suas misérias. Encerradas em si mesmas, estão necessariamente fechadas para os outros, excepto para criticá-los. Como a essência do pecado é a oposição à vontade de Deus, segue-se que o pecado de um individuo é forçado a opor-se a qualquer outro indivíduo, cuja vontade esteja em harmonia com a vontade de Deus. O afastamento do próximo que daí resulta é intensificado, quando se começa a viver só para este mundo. Então os bens do vizinho são olhados como algo de injustamente arrebatado a si próprio. No momento que essa vlsão se torna o alvo da vida, nasce um conflito social. Como disse Shelley: "*A acumulação de matéria da vida externa excede a quantidade de possibilidades para assimilá-la às leis internas da nossa natureza.* "

A matéria divide, assim como o espírito une. Divida-se uma maçã em quatro partes e sempre haverá possibilidade de uma questão para saber a quem deve caber a parte maior. Mas se quatro homens aprendem uma oração, nenhum deles priva o outro de possuí-la tornando-se a oração a base

da unidade dos quatro. Quando o objetivo de uma civilização consiste, não na união com o Pai Celestial, mas na aquisição de coisas materiais, há um aumento nas potencialidades da inveja, da cobiça e de guerra. Os homens divididos, procuram então um ditador que os una, não na unidade do amor, mas na falsa unidade dos três Pês – Poder, Polícia e Política.

AFASTAMENTO DE DEUS. – A alienação de si mesmo e do próximo tem as suas raízes na separação de Deus. Uma vez perdido o eixo da roda, que é Deus, os raios, que são os homens, separam-se. Deus parece bastante distante do homem moderno. Isto deve-se, em grande parte, à sua própria conduta ímpia. A bondade sempre aparece como uma censura àqueles que não vivem corretamente, e esta censura, por parte do pecador, expressa-se em ódio e perseguição. Existe raramente uma alma dilacerada e frustrada, a criticar e a invejar o seu próximo, que não seja ao mesmo tempo um homem anti-religioso. O ateísmo organizado da hora presente é assim uma projeção do ódio a si mesmo. Nenhum homem odeia Deus sem que primeiro se odeie a si mesmo. A perseguição à religião é um sinal da indefensibilidade da atitude anti-religiosa ou ateia, pois pela violência do ódio espera escapar à irracionalidade da impiedade. A forma final desse ódio à religião é um desejo de desafiar Deus e manter a seu própria maldade perante a Sua Bondade e o Seu Poder. Revoltando-se contra a existência inteira tal alma pensa que a refutou; começa a admirar o seu próprio tormento, como um protesto contra a vida. Tal alma não quererá ouvir falar de religião, com medo de que o consolo se torne uma condenação da sua própria arrogância. Pelo contrário, desafia-a. Sempre incapaz de dar sentido à sua própria vida, universaliza a sua discórdia íntima e vê o mundo como uma espécie de caos em face do qual desenvolve a filosofia de “viver perigosamente”. Funciona como um átomo enloquecido num caos crescente, empobrecido pela sua riqueza, esvaziado pela sua plenitude, reduzido à monotonia pelas suas mesmas oportunidades de variedade.” [3]

Existe nos evangelhos semelhante alma confundida? Estará a psicologia moderna a estudar um tipo de homem diferente daquele que o Divino Mestre veio redimir? Se consultamos S. Marcos, acharemos exatamente as mesmas três frustrações da alma moderna.

Estava afastado de si mesmo, pois quando Nosso Senhor perguntou: "*Qual é o teu nome? "* (São Marcos 5, 9), o jovem respondeu: "*O meu nome é Legião, porque somos muitos*" (São Marcos 5, 9) Notai o conflito de personalidade e a confusão entre "meu" e "somos muitos". Está claro que ele é um problema para si mesmo, um reflexo atordoado por mil e uma ansiedades em conflito. Por isso chamou-se a si mesmo "Legião". Nenhuma personalidade dividida é feliz. O Evangelho descreve esta infelicidade ao dizer que o jovem "*gritava e feria-se com pedras*." (São Marcos 5, 5) O homem confundido está sempre triste. É o seu próprio pior inimigo, uma vez que utiliza indevidamente o intento da natureza para a sua própria destruição.

O jovem estava também separado dos seus semelhantes, pois o Evangelho assim o descreve: "*E sempre de dia e de noite andava pelos sepulcros e pelos montes. "* (São Marcos 5,5) Era uma ameaça para os outros homens. "*Pois tendo sido muitas vezes atado com grilhões e cadeias, tinha quebrado as cadeias; despedaçado os grilhões e ninguém podia dominá-lo. "* (São Marcos 5,4). O isolamento é uma qualidade peculiar da impiedade, cujo "habitat" natural é afastado dos outros homens, entre os túmulos, na região da morte. Não há aglutinação no peca do. A sua natureza é centrifuga, divisiva e dilacerativa.

Estava separado de Deus, pois quando viu o Divino Salvador, gritou: "*Que tens tu comigo, Jesus Filho de Deus Altíssimo? Eu Te esconjuro por Deus que me não atormentes*." (São Marcos 5, 7). Quer isto dizer: "Que temos nós em comum? A tua presença é a minha destruição." É um interessante facto psicológico o ódio das almas frustradas contra a divindade e o seu desejo de separar-se dela. Todos os pecadores se ocultam de Deus. O primeiro assassino disse: E eu me esconderei da Tua face e serei ocioso e fugitivo na terra." (Gén. 4, 14).

Parece, afinal de contas, que a alma moderna não é assim tão moderna. Como o jovem de Gerasa, está afastada de si mesma, do seu próximo e do seu Deus. Mas há, não obstante, uma diferença: o jovem de Gerasa era pré-cristão, a alma moderna é pós-cristã. Embora seja fundamental a distinção, deixa ainda de pé o problema: Como tratar com o homem de hoje?

Uma coisa é certa: a alma moderna não conseguirá encontrar paz enquanto estiver encerrada em de si mesma, remoendo a escória e o sedimento do seu subconsciente, presa de forças inconscientes cuja natureza e existência glorifica. É interessante que Freud, que julgava tal solução de auto concentração a verdadeira, tenha tomado como epígrafe de um dos seus primeiros trabalhos, a frase: "*Se não puder curvar os deuses lá do alto, alvoroçarei todo o inferno*." Mas não é essa a solução! Destronando os valores conscientes do mundo, lança-se, de facto, a confusão no inferno e acaba-se em neuroses ainda mais complicadas.

A verdadeira resposta é libertar o homem da sua prisão intima. Ficará louco se tiver de contentar-se em perseguir a cauda do seu própria mente, sendo ao mesmo tempo perseguidor e perseguido, lebre e lebréu. A paz da alma não pode provir do próprio homem, da mesma maneira que não pode ele erguer-se puxando as suas próprias orelhas. O auxilio deve vir de fora e não deve ser auxilio meramente humano, mas divino. Nada, fora de uma invasão divina que restaure o homem na realidade ética, pode tornar o homem feliz quando está só e na escuridão.

O desiludido jovem de Gerasa só ficou curado, quando Nosso Senhor o restaurou para si mesmo, para os seus concidadãos e para Deus. Então recuperou o objetivo da vida. Já não se chamava "Legião" e o Evangelho descreve-o "*sentado, vestido e são do juízo*." (São Marcos 5, 15). Em vez de estar afastado da vida da comunidade, encontramo-lo devolvido à confraternidade por Nosso Senhor, "*Vai para tua casa, para os teus*." (São Marcos 5, 19). Finalmente, em vez de odiar a Deus, nós vemos que ele começa a "*publicar pela Decápole quão grandes coisas lhe tinha feito Jesus: e todos se admiravam*." (São Marcos 5, 20). O mesmo se dá com o homem de hoje. Se a alma moderna está demasiado acossada por temores e ansiedades para chegar a Deus, graças à beleza de uma estrela, poderá então chegar até Ele graças à solidão de um coração, dizendo com o Salmista: "*Desde o mais profundo clamei a Ti, Senhor*." (Salmo 129). Se não pode encontrar Deus por meio do argumento do movimento, pode alcançá-lo por meio dos seus próprios desgostos, e mesmo até graças aos seus pecados.

A pergunta mais importante não é: "O que será de nós?", mas "O que seremos nós?" A bomba atómica tirou-nos das mentes a existência e a sua

finalidade. Contudo, é ainda hoje verdadeiro que não é tão importante saber como sair do tempo, quanto saber como se estará na eternidade. A bomba atómica nas mãos de um Francisco de Assis seria menos perigosa do que uma pistola na mão de um assassino. O que faz a bomba perigosa não é a energia que ela contém, mas o homem que a utiliza. Por conseguinte, é o homem moderno quem deve ser refeito. A menos que consiga parar as explosões dentro da sua própria mente, provavelmente – armado com a bomba – prejudicará o próprio planeta, como advertiu Pio XII. O homem moderno aferrolhou-se na prisão da sua própria mente e somente Deus pode pô-lo em liberdade, como fez Pedro sair da prisão. Tudo quanto o próprio homem deve fazer é contribuir com o desejo de libertar-se. Deus não faltará. Só o nosso desejo humano é fraco. Não há razão para desencorajamento. Foi o cordeiro balindo nas moitas, mais do que o rebanho nas tranquilas pastagens, que atraiu o coração e a mão auxiliadora do Salvador. Mas a recuperação da paz por meio da Sua graça, implica uma compreensão da ansiedade, a grave enfermidade do homem aprisionado.

CAPÍTULO 2
A Filosofia da Ansiedade

Uma das características psicológicas favoritas do homem moderno é dizer que tem um complexo de ansiedade. A psicologia tem mais razão do que se suspeita, mas por motivos mais profundos do que se supõe. Não há dúvida que a ansiedade tem sido aumentada e complicada pela nossa civilização metropolitana e industrializada. Cada vez mais pessoas vêem-se afligidas por neuroses, complexos, temores, irritabilidades e úlceras. Talvez haja menos nelas esgotamento do que "tensão"; talvez sejam menos incendiadas pelas faíscas da vida diária, do que ardendo por combustação interna. Poucas dentre elas têm a dita da boa mulher negra que disse: "Quando trabalho, trabalho de verdade; quando me sento, sento-me à vontade e quando penso adormeço".

Mas a ansiedade moderna é diferente da ansiedade de épocas anteriores e mais normais. Noutros tempos os homens mostravam-se ansiosos pelas suas almas, mas a ansiedade moderna preocupa-se principalmente com o corpo. As maiores preocupações dos nossos dias são a segurança económica, a saúde, o bom aspecto, a riqueza, o prestígio social e o sexo. Quando se lêem anúncios modernos, é-se levado a pensar que a maior calamidade que poderia acontecer a um humano seria ter mãos estragadas por esfregar a panela da comida ou tosse na garganta. Esta excessiva preocupação pela segurança corporal não é saudável. Engendrou uma geração que se mostra muito mais preocupada com ter coletes salva-vidas para usar numa travessia marítima, do que pelo camarote que ocupará e de cujas comodidades disfrutará. A segunda característica da moderna ansiedade é que não se trata de um medo de perigos objetivos e naturais, como raios, feras, fome. É um temor subjetivo, vago, ao que seria perigoso se acontecesse. É por isso que se torna tão difícil lidar com gente que tem esses tipos atuais de ansiedade. Não adianta dizer-lhes que não há perigo externo, porque o perigo que eles temem está dentro deles e, por conseguinte, lhes parece anormalmente real. A sua condição agrava-se em virtude de uma sensação de impotência para evitar o perigo. Sentem constantemente uma desproporção entre as suas próprias forças e as de que dispõe aquilo que acreditam ser o inimigo. Essas pessoas tornam-se

semelhantes a peixes apanhados em redes e a pássaros apanhados numa armadilha, aumentando as suas próprias complicações e ansiedades pelo ardor dos esforços desordenados para combatê-las.

Os psicólogos modernos fizeram um serviço admirável estudando as ansiedades e revelando uma fase da natureza humana que até certo ponto nos era desconhecida. [4]

Mas a causa da ansiedade é mais profunda do que a psicológica. A ansiedade pode adquirir novas formas na nossa civilização desordenada, mas a própria ansiedade sempre esteve enraizada na natureza do homem. Nunca houve uma época, nunca houve um ser humano na história do mundo, sem um complexo de ansiedade. Em outras épocas, foi estudado em *todos* os planos da vida. O Antigo Testamento, por exemplo, tem um livro que se ocupa unicamente do problema da ansiedade: o livro de Job. O Sermão da Montanha é uma advertência contra a pior espécie de ansiedade. Os escritos de Santo Agostinho concentram-se em torno daquilo a que ele chamava a alma inquieta. Pascal escreveu a sobre a desventura humana. Um filósofo moderno, Kirkegaard, baseia a sua filosofia sobre o temor ou *Angst* e Heidegger disse-nos que *Dasein ist Sorge*, "a existência é preocupação".

Será importante indagar a razão básica e a razão da ansiedade, partindo da actual condição histórica do homem, da qual a psicológica é apenas uma manifestação superficial. A filosofia da ansiedade encara o facto de ser o homem uma criatura decaída composta de corpo e alma. Conservando-se a meio termo entre o animal e o anjo, vivendo num mundo finito e aspirando ao infinito, movendo-se no tempo e procurando o eterno, é atraído num momento para os prazeres do corpo e no outro para as alegrias do espírito. Acha-se em um constante estado de suspensão entre matéria e espírito e pode ser comparado a um alpinista que aspira a atingir o mais elevado pico e, contudo, quando olha para baixo receia cair no abismo. Este estado de indeterminação e de tensão entre o que deveria ser e o que realmente é, este impulso entre a sua capacidade de gozo e a sua escassa realização, esta consciência da distância entre o seu anelo de um amor estável, sem saciedade, e os seus amores individuais, com a sensação intermitente de "fastio" que lhe produzem, esta oscilação entre o sacrifício de valores menores para atingir ideais mais altos e a renúncia a esses ideiais, essa

solicitação do velho Adão e a formosa atracção do novo Adão, essa necessidade de escolha que lhe oferece dois caminhos… tudo isso torna o homem ansioso, quanto ao destino que o espera para além das estrelas e o torna receoso da sua queda nos abismos lá de baixo.

Em todo o ser humano, há uma dupla lei de gravitação, uma que o puxa para a terra, onde passa o seu tempo de provação, e outra que o arrasta para Deus, onde espera a sua felicidade. A ansiedade subjacente a todas as ansiedades do homem moderno provém do facto de que tenta ser ele mesmo, sem Deus, ou tentar ultrapassar-se a si próprio sem Deus. O exemplo do alpinista não é exato, pois não tem quem o ajude a chegar ao pico mais alto. O homem, porém, tem alguém que o ajuda: Deus, no mais alto cume da eternidade estende a Sua Mão Omnipotente para erguê-lo, mesmo antes do homem levantar a voz para pedir. É evidente que, mesmo se escapassemos a todas as ansiedades da vida económica moderna, mesmo que pudessemos evitar todas as tensões que a psicologia descobre no inconsciente e na consciência, ainda assim nos ficaria essa grande ansiedade básica, fundamental, que nasce da nossa condição de criaturas. A ansiedade brota fundamentalmente de desejos ilógicos, do querer a criatura algo que lhe é desnecessário, ou contrário à sua natureza, ou positivamente prejudicial à sua alma. A ansiedade aumenta na razão direta e na proporção em que o homem se afasta de Deus. Todos os homens no mundo têm um complexo de ansiedade, porque têm a capacidade de ser santos ou pecadores.

Não se acredite que o homem tem um complexo de ansiedade "porque conserva ainda vestígios da sua origem animal". A verdade é que os animais deixados a si mesmos nunca têm ansiedades. Têm temores naturais, que são bons, mas não têm angústias objetivas. Os pássaros não desenvolvem em si uma psicose, pelo facto de terem de fazer, no inverno, uma viagem para Califórnia ou para a Flórida. Um animal nunca se diminui ou deprime. Mas um homem pode fazê-lo, porque é um composto de espírito e matéria.

Quando vemos um macaco agindo tontamente, não lhe dizemos: "Não te portes como um idiota"; mas quando vemos um homem agindo estupidamente, dizemos-lhe: "Não faças macaquices". Porque um homem é

espírito, tanto como matéria, por isso pode descer ao nível dos animais (embora não tão completamente a ponto de destruir a imagem de Deus na sua alma). É esta possibilidade que cria a trágedia peculiar do homem. As vacas não têm psicoses, os porcos não têm neuroses e os galinhas não se sentem frustradas (a menos que essas frustrações sejam artificialmente produzidas pelo homem).

Tampouco o homem se sentiria frustrado, ou teria um complexo de ansiedade, se fosse um animal feito *apenas para este mundo*. É necessária a eternidade para fazer que um homem desespere." *O homem é ao mesmo tempo forte e fraco, ao mesmo tempo livre e escravo, cego e clarividente. Permanece na confluência da natureza e do espírito e acha-se envolvido ao mesmo tempo com a liberdade e a necessidade. Há sempre, em parte, um esforço para desprezar a sua cegueira superestimando o grau da sua visão e para encobrir a sua insegurança alargando o seu poder além dos seus limites”* . [5]

O temor surge quando o homem percebe, mesmo vagamente, a sua contingência e a sua limitação. Não é o absoluto, embora o deseje ser. Não é sequer tudo aquilo que é, ou tudo aquilo que poderia ser. Esta tensão entre possibilidade e facto, esta oscilação entre querer estar com Deus e querer ser Deus, é um aspecto profundo da sua ansiedade. Alfredo Adler sempre salientou que por detrás das neuroses está a luta do homem para tornar-se como Deus, esforço tão impotente como a impossibilidade do alvo. A raiz de toda a tensão psicológica é basicamente metafísica.

O desespero e a ansiedade só são possíveis porque existe uma alma racional. Pressupõem a capacidade de reflexão. Só um ser capaz de se contemplar a si próprio pode temer a aniquilação em face do infinito, pode desesperar, de si ou do seu destino. O desespero, diz-nos Kirkegaard, é duplo. É um desesperado desejo de ser ou não ser. O homem, ou quer transformar-se num ser absoluto, incondicionado, independente, auto-subsistente, ou quer desesperadamente libertar-se de si próprio, das suas limitaçõs, da sua contingência e da sua qualidade de ser finito. Ambas estas atitudes manifestam a eterna revolta do finito contra o infinito: *Nom serviam*. Com essa revolta o homem expõe-se a comprovar a sua nulidade e a sua solidão. Em vez de encontrar um apoio no conhecimento de que,

embora contingente, é mantido na existência por um Deus que o ama, procura confiança dentro de si mesmo e como necessariamente não a encontra, torna-se vítima do temor. Porque o temor está relacionado com algo desconhecido, dominante, omnipotente, que pode atacar não se sabe de onde nem quando. O temor está em toda a parte e em nenhuma parte, rodeia-nos, terrível e indefinido, ameaçando o homem com um aniquilamento que ele não pode imaginar ou mesmo conceber. Tal temor é exclusivo do homem. Porque os animais não têm alma capaz de conhecer o perfeito amor, nem têm de prestar contas da sua actuação para lá do túmulo, porque não se parecem com um pêndulo, oscilando entre a eternidade e o tempo, caracem dessas conexões eternas que o homem possui. Por conseguinte, podem ter apenas um corpo doente e nunca uma alma doente. Assim uma psicologia que nega a alma humana está em constante contradição consigo mesma. Considera o homem um mero animal e depois passa a descrever uma ansiedade humana que nunca se pode encontrar nos animais, privados de alma racional.

Uma vez que a causa básica da ansiedade do homem é a possibilidade de ser santo ou pecador, segue-se que há apenas duas alternativas para ele. O homem pode subir até o cume da eternidade, ou despenhar-se até aos abismos do desespero e da frustação. Contudo, há muitos que pensam haver ainda outra alternativa, isto é, a da indiferença. Pensam que, da mesma maneira que os ursos hibernam durante uma estação, num estado de vida latente, também eles podem dormir durante toda a vida, sem ter de escolher entre viver para Deus ou contra Ele. Mas a hibernação não é uma forma de escape. O inverno termina e é então forçado a tomar uma decisão - na realidade, a própria escolha da indiferença é de si uma decisão. Cercas brancas não permanecem cercas brancas, se nada faz para conservá-las assim; em breve se tornam cercas pretas. E como há em nós uma tendência que nos faz regredir à animalidade, o simples facto de não lhe opormos resistência trabalha para a nossa própria destruição. Justamente como a vida é a soma das forças que se opõem à morte, da mesma maneira a vontade do homem deve ser a soma das forças que se opõem à frustração. Um homem que introduziu veneno no seu organismo, pode ignorar o antídoto ou lançá-lo pela janela fora. Não faz diferença que ele assim proceda, pois, a morte já está próxima. São Paulo adverte-nos: "Como escaparemos se desprezarmos..." (Hebreus 2, 3). Pelo simples facto de não andarmos para

diante, andamos para trás. Não há planícies na vida espiritual. Ou vamos subindo, ou descemos. Além de que a posição de indiferença é apenas intelectual. A vontade *deve* escolher. E embora uma alma indiferente não rejeite positivamente o infinito, o infinito rejeita-a. Os talentos não utilizados são arrebatados e as Escrituras dizem-nos que: "Mas porque és morno e não frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca." (Apoc. 3, 16).

Voltando às alternativas supremas, o homem pode escolher entre um amor terreno, com exclusão do Divino Amor, e um Amor divino que inclua um amor terreno saudável e sacramental. Pode tornar a alma sujeita ao corpo, ou pode tornar o corpo sujeito à alma. Consideremos primeiro aqueles que resolvem a sua ansiedade a favor da impiedade. Invariavelmente acabam substituindo o verdadeiro Deus de amor por um dos falsos deuses.

Este deus pode ser o ego, o próprio eu. Acontece isto no ateísmo quando há uma negação de dependência do verdadeiro Deus, ou quando há uma afirmação dos desejos e prazeres pessoais como lei absoluta, ou quando a liberdade é interpretada como o direito de fazer aquilo que nos apraz. Quando um desses falsos deuses é adorado, a religião é rejeitada como uma racionalização ou uma fuga ou mesmo como um receio de afirmar a própria supremacia.

Os ateus cometem o pecado de *orgulho*, pelo qual o homem pretende ser aquilo que não é, isto é, um deus. O orgulho é o amor desordenado de si mesmo, uma exaltação do eu condicional e relativo para um eu absoluto. Tenta saciar a sede de infinito dando à própria limitação uma pretensão a divindade. Em alguns, o orgulho cega ao eu a sua debilidade e converte-se orgulho "ardente"; em outros, reconhece a sua própria debilidade e supera-a por meio duma auto-exaltação que se torna orgulho "frio". O orgulho mata a docilidade e torna um homem incapaz de ser auxiliado por Deus. O limitado conhecimento da mente insignificante pretende ser definitivo e absoluto. Perante outros intelectos recorre a duas técnicas: a da omnisciência, pela qual procura convencer os outros da vastidão do seu conhecimento, ou a da insciência, pela qual se tenta convencer os outros do seu pouco conhecimento. Quando tal orgulho é consciente, torna-se quase incurável, pois identifica a verdade com *a sua* verdade. O orgulho é uma confissão de

fraqueza. Teme secretamente qualquer competição e tem medo de todos os rivais. Raramente se cura, quando a própria pessoa é vertical, isto é, sã e próspera, mas pode ser curado quando o paciente é horizontal - doente e desiludido. É por isso que as catástrofes são necessárias numa época de orgulho para fazer os homens voltarem para Deus e para a salvação das suas almas.

O falso deus do ateu pode ser *outra* pessoa, adorada, não como detentora de valores humanos, mas como um objeto a ser devorado e usado para o prazer próprio. Em tal caso, o vocabulário da religião é invocado para rogar ao objeto: "adorar", "anjo", "culto", "deus" e "deusa". Daí nasce o pecado da luxúria, a adoração da vitalidade de outra pessoa como fim e meta da vida. Não é o resultado inevitável da carne, da mesma maneira que uma catarata não é diretamente causada pela vista; é antes devida à rebelião da carne contra o espírito e da pessoa contra Deus. Como diz Santo Agostinho:

"*Se algum homem diz que a carne é a causa da corrupção da alma, mostra-se ignorante da natureza humana. Esta corrupção, tão pesada para a alma, é o castigo do primeiro pecado, e não a sua causa. Não foi a carne corruptível que obrigou a alma a pecar, mas a alma pecadora é que tornou a carne corruptível; dessa corrupção, embora dela surjam alguns incitamentos ao pecado e alguns desejos viciosos, não derivam todos os pecados de uma vida perversa, que poderiam ser atribuídos à carne. Senão teríamos de admitir que o diabo, que não tem carne, não tem pecados*." [6]

A carne em revolta (ou luxúria) está relacionada com o orgulho. A conquista da pessoa desejada pode servir à necessidade que tem o indivíduo de excessiva auto-exaltação. Mas a luxúria consumada leva ao desespero (ou ao oposto da auto-exaltação) pela tensão interior ou loucura resultante de uma consciência inquieta. É este efeito que a divorcia de um fenómeno puramente biológico, pois em nenhuma criatura, a não ser no homem, existe qualquer ato que envolva tal interatividade de matéria e espírito, de corpo e de alma. É desnecessário observar que a luxúria não é o sexo, no sentido ordinário do termo, mas antes a sua desorientação – sinal de que o homem se tornou excêntrico, isolado de Deus e enamorado do fisicamente bem com

tal excesso que é como a serpente que devora a sua própria cauda e eventualmente se destrói a si própria.

O deus do incrédulo podem ser coisas por meio das quais busca remediar a sua própria sensação de nulidade. Alguns homens procuram essa compensação na riqueza, que lhes dá uma falsa sensação do poder. O luxo externo é procurado para ocultar a nudez da alma. Tal culto da riqueza leva à tirania e à injustiça para com os outros, do qual nasce o pecado da *avareza*.

A avareza é a expressão material da própria insuficiência pessoal e um desafio à sublime verdade que "a nossa suficiência vem de Deus". Enchendo o seu próprio vazio no armazém do terreno, a alma espera encontrar afinal uma fuga temporária da própria Divindade. Todo o intenso interesse pelo luxo é sinal de pobreza interior. Quanto menos graça existe na alma, tanto mais enfeite deve haver sobre o corpo. Foi somente depois da sua queda que Adão e Eva perceberam que estavam nus. Quando as suas almas eram ricas da justiça original, os seus corpos viviam tão inundados do seu reflexo que não sentiam necessidade de roupas. Mas, uma vez perdida a graça interior, procuraram uma compensação no material, no exterior.

A excessiva dedicação à segurança temporal é um dos meios pelos quais se manifesta a perda da segurança eterna de uma sociedade. A procura da riqueza e do luxo pode ser infinita e satisfaz por um momento as almas sem Deus. Um homem pode chegar a um ponto em que já não lhe interesa acumular mais objectos, mas não em acumular créditos, porque essas ambições são infinitas. E assim o homem trata de converter-se em Deus, satisfazendo ilimitados desejos de riquezas, quando se empobrece interiormente. "A vida quer segurar-se contra o vazio que se agita no íntimo. O perigo do eterno vazio deve ser compensado pelo prémio da segurança temporal: segurança social, pensões por velhice, etc. Surge não só o desespero metafisico como a angústia material." [7]

Orgulho, luxúria, avareza; o diabo, a carne e o mundo; o orgulho da vida; a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos – constituem a nova trindade profana em virtude da qual o homem é afastado da Santíssima Trindade e da descoberta da finalidade da vida. Foram estas três coisas que Nosso Senhor descreveu na parábola daqueles que ofereceram

desculpas por não ter comparecido ao banquete; um recusou, porque tinha comprado um campo, outro porque tinha adquirido uma junta de bois e o terceiro porque tinha casado. O amor de si próprio, o amor à pessoa e o amor à propriedade não são em si mesmos censuráveis, mas tornam-se maus quando se tornam fins, quando são desviados da sua verdadeira finalidade, que é conduzir-nos a Deus. Porque há alguns que abusam do amor a si próprios, do amor à pessoa e do amor à propriedade, encorajou a Igreja a fazer os três votos de obediência, castidade e pobreza, como reparação por aqueles que convertem em deuses as suas opiniões, a sua carne e o seu dinheiro. A ansiedade e a desilusão apresentam-se invariavelmente, quando os desejos do coração estão concentrados sobre algo menor que Deus, pois todos os prazeres da terra, perseguidos como fins definitivos, vêm a ser exatamente o oposto do que se esperava. A expectativa é jubilosa, a realização produz desgosto. Dessa desilusão nascem essas ansiedades menores que a moderna psicologia conhece tão bem. Mas a raiz delas todas é a falta de sentido da vida devido ao abandono da Vida Perfeita, da Verdade e do Amor, que é DEUS.

A alternativa para tais ansiedades consiste em abandonar-se, não por uma rendição do espírito ao mundo, à carne e ao demónio, mas por um ato de verdadeiro abandono, no qual o corpo seja disciplinado e submetido ao espírito e toda a personalidade dirigida para Deus. Então a ansiedade básica da vida é superada de três modos, cada um dos quais proporciona uma tranquilidade espiritual de que só gozam os que amam a Deus: 1. Domínando os desejos; 2) transferindo a ansiedade do corpo para a alma; 3) submetendo-se à *Vontada* de Deus.

1. Dominando os desejos: As ansiedades e frustações são devidas a desejos desordenados. Quando uma alma não consegue o que deseja, cai na melancolia e na angústia. Em outras gerações os desejos dos homens eram menos numerosos e mais dominados. Hoje até mesmo os luxos são considerados necessidades. A frustração aumenta na razão direta e na proporção do nosso fracasso em obter as coisas que acreditamos essenciais ao nosso prazer. Uma das maiores decepções de hoje é a crença de que a ociosidade e o dinheiro são essenciais à felicidade. A triste verdade da vida é que não há na terra pessoas mais desiludidas do que aquelas que nada têm que fazer e aquelas que têm dinheiro demais para o seu próprio bem-estar.

O trabalho nunca matou ninguém, mas a preocupação sim. Muitos reformadores supõem que a principal e maior causa da infelicidade é a insegurança económica, mas esta teoria esquece que há problemas económicos apenas porque os homens não resolveram o problema das suas próprias almas.

A desordem económica é um sintoma de desordem espiritual.

Dominar a ansiedade não significa eliminar os nossos desejos, mas antes dispô-los hierarquicamente, como Nosso Senhor nos recordou quando disse que a vida é mais do que o vestido. Esta pirâmide de valores coloca as coisas na parte inferior, e por coisas entende-se tudo que é material no universo, desde a estrela que inspira o poeta ao trigo transformado em pão pelo padeiro. Acima das coisas vem o homem e no vértice da pirâmide está Deus. Um homem religioso ordena a sua vida de acordo com o modelo da pirâmide. Domina a ansiedade, sujeitando todas as coisas materiais ao ser humano, disciplinando o corpo até sujeitá-lo ao espírito e submetendo toda a personalidade a Deus. “Porque tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.” (1 Cor. 3, 22-23). Enquanto a alma reconhece que está feita para Deus, abandona a ideia burguesa de que todas as pessoas devem ser julgadas pelo que possuem. Daí resulta não só uma renúncia ao mal, mas até mesmo uma voluntária entrega de algumas coisas lícitas, a fim de tornar o espírito mais livre para amar a Deus. Quando os sacrifícios de Nosso Senhor se tornam a inspiração de uma vida, então as suas cargas são levadas com algo mais do que resignação; são aceitas como apelos providenciais a uma maior intimidade com Ele.

Mas inteiramente à parte dos motivos cristãos, mesmo encarando-se de um ponto de vista puramente natural, é sábio da parte do homem renunciar a alguns desejos, simplesmente porque a alma não pode encontrar satisfação ao realizá-los. O desejo da riqueza é um deles. Há duas espécies de riqueza: a *natural*, que toma a forma do necessário (alimento, roupa e abrigo) para sustentar a vida do indivíduo ou da família; e a *artificial*, que é o dinheiro, o crédito, valores e ações. É possível a um homem satisfazer os seus desejos de riqueza natural, porque o seu estômago atinge facilmente um ponto em que não pode consumir mais alimentos. Mas não há limite para o desejo da riqueza artificial. Um homem que possui um milhão nunca está satisfeito

com esse milhão. Há certa infinidade falsa a respeito da riqueza artificial, porque um homem pode desejá-la sempre mais e mais. como a riqueza natural impõe os seus próprios limites, a agricultura e a jardinagem contam-se entre as mais satisfatórias experiências da vida humana.

Se desejamos riquezas, nunca nos cansamos delas. E sentimo-nos frustrados. Há uma diferença psicológica entre “frustração” e “renúncia”. A frustração só ocorre quando o homem se sente uma vítima passiva de forças extrínsecas, contra as quais é impotente; a renúncia brota da livre decisão do homem. Os pais reconhecem esta diferença; uma criança que se apoderou de uma coisa que lhe não é permitido ter, diz-se-lhe: “Dá-me, ou terei que tirá-la.” Muitas vezes a criança renunciará à coisa, em vez de ver-se dela privada à força. As palavras dirigidas à criança deixaram-lhe este meio de salvaguardar a sua dignidade e independência: faz aquilo que deveria fazer, mas pelo menos com uma certa aparência de liberdade. E essa liberdade é importantíssima. Se o homem pode convencer-se de que não necessita verdadeiramente disto ou daquilo (embora possa desejá-lo), ao abandonar esse desejo não se sentirá frustado. Só se sente frustrado, quando a renúncia é forçada.

Os desejos não dominados crescem como joios e sufocam o espírito. As riquezas materiais produzem relativo prazer por algum tempo, mas mais cedo ou mais tarde experimenta-se um mal-estar, uma sensação de vacuidade, um sentimento de que algo de errado se apodera da alma. É este o meio pelo qual Deus diz que a alma está faminta e que somente Ele pode satisfazê-la. E o Salvador estende o convite a essas almas modernas frustradas, famintas e ansiosas:: “*Vinde a mim todos os que estais fatigados e oprimidos, e eu vos aliviarei*.” (Mat. 11, 8)

2. A segunda forma em que o homem pode dominar a sua nociva ansiedade é a de transferir a sua preocupação do corpo para a alma, mostrando-se sabiamente ansioso. Pois há duas espécies de ansiedade, uma que se refere ao tempo, outra à eternidade. A maioria das almas mostram-se ansiosas justamente por coisas que não mereceriam ser objeto de preocupação. O Nosso Divino Mestre mencionou pelo menos nove coisas a respeito das quais não nos deveríamos preocupar: a morte corporal; o que deveremos dizer em dias de perseguição, quando formos intimados a

comparecer perante magistrados; se devemos ou não construir outro celeiro (ou outro arranha-céus); discussões de família por havermos aceitado a fé; problemas com a sogra; os nossos alimentos, as nossas bebidas, as nossas modas, a nossa aparência (Lucas 12). Disse-nos que deveríamos ficar bastante ansiosos a respeito de uma coisa e de uma só coisa – a nossa alma (Mat. 16, 24-28).

Nosso Senhor não quer significar que as atividades comuns são desnecessárias. Disse somente que se ficarmos ansiosos a respeito das nossas almas as ansiedades menores desaparecerão: "*Procurai em primeiro lugar* (e não somente) *o reino de Deus e a Sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo*." (Lucas 12, 31). Era comum ficar o verdadeiro cristão separado dos outros pela intensidade da sua saudável angústia a respeito da sua alma. Agora ele é diferenciado pelo simples facto de que acredita ter uma alma para salvar. A ansiedade está presente em todo o amor, e cada ser humano tem de amar, sob pena de enlouquecer, porque nenhum homem é suficiente por si mesmo. Dirigi o amor para Deus e a paz descerá sobre a alma. Desviai-o de Deus e o coração tornar-se-á uma fonte partida onde lagrimas caem "dos ansiosos ramos do cérebro." Quanto mais nobre for o coração que se parte, na sua recusa de mostrar-se ansioso a respeito do amor de Deus, tanto mais mesquinho se tornará na sua falta de amor e na sua impiedade. Mas há esperança: quanto maior a frustração, quanto mais complexa a ansiedade da alma irreligiosa, quanto mais capaz de ser metamorfoseada em santo.

Há esperança para todos. As coisas que alguém fez passam, quem as faz permanece responsável pelos seus atos futuros. E pode começar a cultivar agora uma sã ansiedade. Embora as almas modernas não saibam, as coisas pelas quais mais ansiosas se mostram são apenas meros substitutos de Aquele que unicamente pode acalmar os seus espíritos. Charlatões há que aconselham o homem a esquecer a eternidade e a satisfazer os seus desejos corporais; mas que homem quereria ser apenas uma vaca satisfeita? O caminho do Senhor para ser feliz é concentrar-se na porta estreita: "*Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz á perdição, e muitos são os que entram por ela. Que estreita é a porta e que apertado o caminho que conduz à vida, e quão poucos são os que acertam com ela.*" (Mat. 7, 13-14)

3. A terceira forma de superar as ansiedades consiste em aumentar a nossa confiança em Deus. O amor é recíproco, é recebido na proporção em que é dado. Geralmente confiamos apenas naqueles que confiam em nós. É por isso que há uma providência especial para aqueles que confiam em Deus. Compare-se duas crianças, uma de uma família feliz, bem alimentado, vestido e educado; a outra, um órfão sem lar, das ruas. A primeira criança vive num ambiente de amor; a segunda está longe desse ambiente e não goza de nenhum dos seus privilégios. Muitas almas preferem deliberadamente excluir-se da área de Amor do Pai Celestial, onde poderiam viver como Seus filhos. Confiam apenas no seu próprio engenho. na sua conta bancaria, nos seus recursos.. Isto é particularmente verdade a respeito de muitas famílias que consideram a educação das crianças apenas como um problema económico, e nunca invocam o Amor do Pai Celestial. São como um filho que em tempos de necessidade nunca se socorre do auxílio do seu pai rico. O resultado é perderem muitas das bênçãos reservadas àqueles que se lançam nos braços amorosos de Deus. Esta lei aplica-se tanto às nações quanto aos indivíduos:” *Porque tiveste confiança no rei da Síria e não no Senhor teu Deus, em consequência o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos.* ” (2 Cr. 16, 7). Muitos favores e bênçãos estão pendentes do Céu para aliviar as nossas ansiedades temporais, bastando apenas que as cortássemos com a espada da nossa confiança em Deus. O alívio de todas as nossas erradas ansiedades vem, não de nos darmos a Deus pela metade, mas em virtude de um amor abrangente, ao qual regressamos não com medo ao passado, ou com ansiedade pelo futuro, mas para descansar sossegadamente na Sua mão, não tendo outra vontade senão a d'Ele. Então as antigas sombras da vida são vistas como “A sombra da Sua Mão estendida acariciadoramente.”

Todos têm alguma vez ansiedade; afortunadamente, nem todos têm um complexo de ansiedade. Um complexo, de acordo com o uso da psicologia contemporânea, é um grupo de memórias e desejos dos quais não temos consciência, mas que, não obstante, afetam a nossa personalidade. Um complexo de ansiedade seria um sistema de memórias infelizes submersas no inconsciente e produzindo muitas espécies de sintomas. A diferença entre paz de alma e descontentamento vem da *espécie* de ansiedade que temos. A mais larga separação de todas está entre a ansiedade pelas coisas do tempo e a ansiedade pelos valores de eternidade. Das primeiras, disse

Nosso Senhor: “*Não vos preocupeis, pois o vosso Pai Celestial sabe o que vos é necessários*.” (Mat. 6, 8). A segunda espécie de ansiedade é normal porque está ligada à liberdade humana e é um resultado da nossa condição de criaturas. Esta ansiedade é uma inquietação por qualquer coisa que não seja a perfeita felicidade que é Deus.

Em definitiva, a ansiedade, ou temor, relaciona-se com a limitação do homem e com o seu vago conhecimento de um ser infinito, em comparação com o qual ele é quase nada. O homem, já se disse, pode tentar falsamente superar a sua limitação negando a sua condição de criatura (que é o orgulho), ou fugindo para uma idolatria da sensualidade. Porque o temor é uma reação a um perigo humano e, como diz São Tomás, está sempre misturado a certo grau de esperança. Mas o temor que desconhece toda a esperança exprime-se de maneiras despropositadas, pois não tem causa evidente e vem da sensação semiconsciente que o homem tem da precariedade do seu ser. Desta maneira o temor relaciona-se com a ideia de morte, a grande incógnita, a única coisa inevitável de que o homem não tem conhecimento experimental. Quando este temor se resolve devidamente reconhecendo a nossa dependência de Deus, torna-se o caminho para a paz da alma. Mas ninguém no mundo, mesmo neste caso, pode escapar à ansiedade ou deixar de lado a sensação de tensão entre o finito e o infinito. Tal ansiedade normal pode estar encoberta, mas surgirá em alguma parte, de algum modo. Alfredo Adler teve um vislumbre desta verdade, quando disse que os neuróticos são animados por uma ambição desregrada de ser “como Deus”. As várias tensões que a psicologia estuda são muitas vezes os reflexos das mais profunda tensões metafísicas, inerentes a todo o ser humano, entre o seu ser contingente e limitado e o Ser Absoluto e Infinito. Esta tensão não seria sentida, se o homem não fosse livre e não tivesse a responsabilidade de escolher entre a sua frustração e a auto-perfeição pelo uso das criaturas como um caminho para Deus.

A tranquilidade espiritual chega somente àqueles que têm uma ansiedade normal quanto a alcançar a perfeita felicidade que é Deus. Uma alma tem ansiedade porque o seu estado final e eterno ainda não foi decidido; está ainda e sempre nas encruzilhadas da vida. Esta ansiedade fundamental não pode ser curada por uma submissão às paixões e aos instintos. A causa básica da nossa ansiedade é uma inquietação dentro do

tempo, que sobrevém porque somos feitos para a eternidade. Se houvesse em alguma parte da terra um lugar de repouso que não fosse Deus, poderíamos estar bem certos de que a forma humana, na sua longa história, já o teria descoberto. Como disse Santo Agostinho: “Os nossos corações foram feitos para Ti e estarão intranquilos enquanto não repousarem em Ti, ó Deus.”

CAPÍTULO 3
A Origem dos Conflitos e a sua Redenção

O mundo intelectual descobriu subitamente que o homem é uma sede de conflitos. Marx descobriu o conflito na sociedade, Kierkegaard na alma, Heidegger no ser do homem e os psicólogos no pensamento. Para crédito de todos eles, deve ser dito que se aproximaram muito mais de uma compreensão do homem do que fizeram os liberais dos últimos séculos, que ensinavam que o homem era naturalmente bom e progressista e já ia a caminho de tornar-se um deus sem Deus. Quem quer que dissesse hoje que o homem moderno (que travou duas guerras mundiais em duas décadas) necessita apenas de evolução e educação para tornar-se uma divindade, seria menos observador do que um avestruz com a cabeça metida na areia. É evidente a todos que o homem sem-Deus do século XX conseguiu, de certo modo, pôr-se a si mesmo e à sociedade numa situação de desordem e de caos. Os psiquiatras, que têm investigado estes conflitos e tensões, descreveram-nos de várias maneiras. Para alguns deles, o conflito está entre a mente consciente e o inconsciente; para outros, é uma tensão entre o ego e o ambiente; para outros ainda, um duelo entre instintos e ideias, enquanto para alguns mais, uma guerra entre o *id* e o *super-ego*.

A causa da tensão é a maior parte das vezes atribuída à experiência pessoal. Censura-se, por exemplo, a maneira pela qual uma criança foi tratada pelos pais, ou o facto de terem sido negadas à criança certas oportunidades de satisfazer os seus desejos naturais e legítimos, ou a insuficiência de campos de recreio e de leite de boa qualidade na alimentação. Os defeitos físicos são também acusados de causar tensão e desordens de conduta. Em virtude das relações estabelecidas entre o temperamento e as glândulas de secreção interna, estas também foram tornadas responsáveis pelo nosso estado de tensão. Outros estudiosos lançam a culpa sobre certos conflitos que surgem inevitavelmente dentro de uma família. A psicanalise freudiana fala assim da situação de Édipo. Como o herói da lenda grega matou o seu pai e casou com a sua mãe, da mesma maneira se supõe que todos os meninos desejam a sua mãe e tem ciúmes do seu pai, a ponto de desejar-lhe a morte. Diz-se que uma filha desempenha o papel correspondente para com a sua mãe. Odeia a mãe e quereria, à

maneira de Electra, matá-la, a fim de se casar com o pai. Esta situação foi chamada a situação de Electra, ou o complexo da mãe. [8]

Outras escolas lançam a culpa do conflito e da tensão sobre algo parecido com uma memória racial, sobre a influência persistente de alguns eventos acontecidos no passado da raça. Podem ir mesmo mais adiante no passado e falam de um "inconsciente coletivo", que a evolução humana transmitiu a cada indivíduo como parte da sua equipagem psíquica inconsciente. Este inconsciente coletivo remontaria até "aos antepassados animais do homem." [9]

Comum a todas estas teorias é a ideia de que as influências exteriores ao individuo, comum à própria raça, condicionam-no presentemente e são a causa dos seus conflitos. Os psiquiatras têm insistido no conflito do homem, descrevendo-o no nível inconsciente, mas a raça humana sempre teve conhecimento dele. Platão, por exemplo, descreveu a personalidade como um carroceiro dirigindo dois cavalos indomáveis. Um dos corcéis é o apetite ou instinto; o outro é o espírito. O condutor é a razão, que tem a maior dificuldade em conservar ambos os cavalos conduzidos na mesma direção. Sófocles, o antigo dramaturgo grego, falou de algumas grandes desarmonias primitivas, mais cinzentas com a idade, que infectam todos os homens. Ovidio, o poeta latino, escreveu: "Vejo e aprovo as melhores coisas da vida e sigo as piores coisas da vida." São Paulo descreveu o conflito humano como travado entre a lei da mente e a lei dos membros.

Todos os seres humanos podem dar testemunho da experiência de que as vitórias não estão todas de um lado, quer do corpo, quer do espírito. As pessoas boas agem muitas vezes como gente ruim e a gente ruim às vezes pratica atos melhores que os das pessoas boas. Goethe lamentava que Deus tivesse feito dele apenas um homem, quando nele havia bastante material tanto para um velhaco como para um cavalheiro. O "Doutor Jekill e o Sr. Hyde", de Stevenson, é uma história bem conhecida do conflito interior de um homem e da sua possível dualidade, para que precisemos de recontá-la. O Pequeno Catecismo, sumariando a melhor sabedoria dos antigos e da cristandade, faz a pergunta: "De que deveremos cuidar mais: do corpo ou da alma?" – pergunta que admite que é possível para qualquer das partes ganhar a primazia ou o domínio da vida.

O facto do conflito na pessoa humana não é novo. Nova é somente a sua pormenorizada descrição no plano psicológico. A psiquiatria afirma que há alguma tendência primordial para o mal no inconsciente coletivo, que influência todos os membros da raça humana. Lançando nova luz sobre esta tensão acrescentou novo conhecimento ao que a humanidade já conhecia a respeito de si mesma, isto é, que não é tudo o que devia ser.

Pode muito bem ser que a nova apologética da alma humana comece com as contribuições da psicologia moderna sobre o tema do conflito, que será uma espécie de prefácio ao tratado, *De peccato originali*, relativamente o mais importante tratado de teologia para a mente moderna.

Estamos interessados aqui, não no conflito no plano inconsciente, mas na causa subjacente de todos os conflitos do corpo ou da alma, na vontade ou no coração, da sociedade ou do indivíduo, da qual a psicológica não é mais que uma manifestação superficial. Podemos eliminar imediatamente a ideia antiquada de que a pobreza é a causa da desarmonia interior, pois se assim fosse, todos os ricos seriam normais. Contudo, há mais anormalidade entre os ricos do que entre os pobres. Nem poderá ser encontrada a causa do conflito no fundo animal do homem, pois o homem marca uma completa ruptura com o animal, como se evidência pelo facto de que o homem pode rir e os animais não podem, que o homem pode criar arte, o que os animais não podem. A risada e a arte são impossíveis sem ideias, por uma parte, e ideais por outra. A causa do conflito não é o meio ambiente, porque o freio de ouro não torna melhor o cavalo. Judas, que teve o melhor ambiente da história, morreu na ignomínia e na vergonha. O conflito não é devido à ignorância, do contrário cada doutor em teologia seria um santo. O conflito não *é devido à pessoa*. Os pecados pessoais fazem intensificar os complexos de uma pessoa, mas o facto inelutável é que toda pessoa humana no mundo tem um conflito latente dentro de si. Desde que não sois vós, nem eu, ou ele, ou ela sozinha que tem uma tensão, deve deduzir-se que o conflito não tem uma origem pessoal, mas é devido à *própria natureza humana*. A fonte da desordem há de ser encontrada tanto no indivíduo como na própria humanidade. Uma psicologia que admitisse que todos os conflitos se devem a aberrações da própria pessoa falharia na explicação da universalidade do conflito. Desde que cada um é assim, nenhuma explicação individual ou pessoal pode ser a causa total. A causa pessoal é

um efeito da causa natural, já que o individuo peca porque pecou a natureza humana.

Se a verdadeira origem do conflito há de ser encontrada, não no indivíduo exclusivamente, mas na natureza humana, é bom examinar a natureza humana comum a todos nós. Dois factos ressaltam.

Primeiro, o homem não é um anjo, nem um demónio. Não é intrinsecamente corrupto (como os teólogos começaram a clamar há quatrocentos anos), nem intrinsecamente divino (como os filósofos começaram a dizer há cinquenta anos). O homem tem, antes, aspirações para o bem, que ele acha impossível realizar completamente por si mesmo. Ao mesmo tempo tem uma inclinação para o mal, que o atrai, afastando-o desses ideais. É como um homem que caíu dentro de um poço pela sua própria estupidez. Sabe que não deveria estar ali, mas não pode sair por si só. Ou, para mudar a imagem, é como um relógio de mola partida. Precisa de ser concertado por dentro, mas os materiais devem ser supridos de fora. Confuso, não sabe se é um otimista, que acredita que a evolução lhe dará uma mola, ou um pessimista, que acredita que ninguém pode consertá-lo. É uma criatura que pode continuar a trabalhar bem de novo, mas somente se algum relojoeiro tiver a bondade de repará-lo.

Segundo, este conflito tem todas as aparências de ser devido a um abuso da liberdade humana. Como o bêbedo é o que é, por causa de um ato de escolha, da mesma forma a natureza humana parece ter perdido a bondade original de que a dotou um Deus de Bondade, graças a um ato de escolha. Como disse Santo Agostinho: *"O que quer que sejamos, não somos aquilo que devíamos ser."* A origem deste conflito tem sido explicada pelos teólogos medievais e modernos por uma analogia com a música. Imaginai uma orquestra num palco, com um famoso dirigente regendo a bela sinfonia por ele mesmo composta. Cada membro da orquestra tem liberdade de acompanhar o dirigente e produzir assim a harmonia. Mas cada membro tem também liberdade de desobedecer ao dirigente. Suponde que um dos músicos, deliberadamente, toca uma nota falsa e depois induz um violinista a seu lado a fazer o mesmo. Tendo ouvido o desacorde, poderia o maestro fazer uma de duas coisas. Poderia, ou bater com a batuta e ordenar que o compasso fosse tocado de novo, ou ignorar o desacorde. Não faria diferença

o que ele fizesse, pois esse desacorde já teria desaparecido no espaço, numa certa temperatura, com a velocidade de cerca de 1100 pés por segundo. Continuaria a correr, afetando até mesmo as radiações infinitesimalmente pequenas do universo. Como uma pedra lançada num tanque produz uma ondulação que afeta a praia mais distante, da mesma maneira este desacorde afeta até mesmo as estrelas. Enquanto durar o tempo, em alguma parte do universo de Deus há uma desarmonia, introduzida pela livre vontade do homem.

Poderia esse desacorde ser detido? Não pelo próprio homem, pois o homem jamais poderia alcançá-lo. O tempo é irreversível e o homem está localizado no espaço. Poderia contudo ser detido pelo Eterno, saindo da Sua intemporalidade para o tempo, agarrado essa falsa nota, detendo-a no seu vôo. Mas seria ela ainda um desacorde mesmo nas Mãos de Deus? Não! Não, se Deus escrevesse nova sinfonia e fizesse dessa falsa nota a sua primeira nota! Então tudo seria harmonia de novo.

Há muito tempo passado, bem antes de Édipo e Electra, Deus escreveu uma bela sinfonia da criação. Produtos químicos, flores e animais estavam sujeitos ao homem, as paixões do homem achavam-se sob a direção da razão e a personalidade do homem em amor com o Amor, que é Deus. Deus dera esta sinfonia ao homem e à mulher para que a tocassem, com uma coleção completa de indicações sobre o que evitar, até o derradeiro pormenor. Sendo livres, o homem e a mulher podiam obedecer ao Regente Divino e produzir harmonia ou podiam desobedecer-Lhe. O demónio sugeriu que, havendo o Divino Regente marcado a partitura dizendo-lhes o que tocar e o que não tocar, estava destruindo a liberdade deles. A mulher foi a primeira a sucumbiu à ideia de que a liberdade é licença ou ausência de lei. Tocou um desacorde para provar a sua chamada “independência”. Foi uma coisa nada gentil da parte duma dama. Depois induziu o homem a fazer o mesmo – o que era uma coisa nada gentil da parte dum cavalheiro. Foi esse desacorde original passando sem cessar por toda a raça humana. Quando se dava a conjunção do homem e da mulher, afetava cada ser humano, exceto um, que jamais foi nascido, pois cada qual herdava os efeitos daquela desarmonia. O desacorde teve mesmo repercussões no universo material, uma vez que os cardos cresceram e os animais se tornaram selvagens. Assim como um rio poluído na sua fonte passa adiante

a poluição em todo o seu curso, da mesma maneira o pecado original foi transmitido à humanidade.

Esse desacorde original não podia ser detido pelo próprio homem, porque não lhe era dado reparar uma ofensa contra o infinito com o seu eu finito. Tinha contraído uma dívida maior do que podia pagar. A dívida só podia ser paga pelo Divino Maestro, saindo da Sua Eternidade para o tempo. Mas há um mundo de diferença entre parar uma nota discordante e um homem rebelado. Uma não tem liberdade, o outro tem. E Deus recusa ser um ditador totalitário, destruindo a liberdade humana, a fim de abolir o mal. Deus podia prender uma nota, mas não prender um homem. Em vez de recrutar o homem, Deus quis consultar a humanidade de novo para saber se queria ela ou não fazer mais uma vez parte da Divina orquestra.

Do grande e branco trono de luz, veio um anjo de luz, passando pelas planícies de Esdralon até a aldeiazinha de Nazaré, para ir ter com uma moça aldeã, chamada Maria. Uma vez que fora uma mulher que dera a primeira nota discordante, a uma mulher deveria ser dada a oportunidade de consertá-la. Esta mesma mulher estava livre da culpa original, graças aos méritos antecipados do Filho que iria mais tarde conceder. Era conveniente que Ele, Que é a própria Inocência, baixasse à terra pelos portais da carne não poluída pelo seu pecado comum. Este privilégio de Maria tem sido chamado a Imaculada Conceição. Desde que um anjo caído tentou a primeira mulher para que se rebelasse, Deus agora consulta, por meio de um anjo que não pecou, Gabriel, a nova Eva, Maria, e pergunta: “Queres dar-me um homem? Queres dar-me livremente uma nova nota dentre a humanidade, com a qual possa eu escrever uma nova sinfonia?” Este novo homem devia ser um homem. Do contrário Deus não estaria agindo em nome da humanidade. Mas também devia estar fora da corrente de infecção a que todos os homens estão sujeitos. Sendo nascido de uma mulher, seria Ele um homem; sendo nascido de uma Virgem, seria ele um homem sem pecado. A Virgem foi consultada se consentiria em ser Mãe. Uma vez que não pode haver nascimento sem amor, no caso da Bendita Virgem Maria, o Poder do Altíssimo, o Espírito de Amor, envolveu-a e O Que nasceu dela é o Filho de Deus, o Filho do homem e o seu nome é Jesus, porque salvou o mundo dos seus pecados.

A Imaculada Conceição e o Parto Virginal eram para o começo de uma nova humanidade, algo como o que é uma comporta para um canal, especialmente a Imaculada. Se um navio está navegando num canal poluído e deseja transferir-se para águas claras de mais alto nível, deve passar através de uma divisão que retenha as águas poluídas e erga o navio a uma posição mais elevada. Depois o outro portão da comporta é levantado e o navio continua a sua marcha nas águas novas e claras, nada levando consigo das águas poluídas. A Imaculada Conceição de Maria foi como essa comporta, considerando que, por meio dela, a humanidade passou do nível mais baixo de filhos de Adão para o mais alto de filhos de Deus.

Quando este plano foi apresentado a Maria, no maior contrato de liberdade que o mundo jamais conheceu, respondeu ela: "*Faça-se em mim segundo a Tua Palavra*." E Deus começou a tomar a forma de homem dentro do casto corpo dela. Nove meses mais tarde o Eterno estabeleceu o seu ponto de desembarque em Belém, uma vez que Ele Que é Eterno apareceu no tempo; o pássaro que construiu o ninho é chocado dentro dele; Aquele Que fez o mundo nasceu no mundo que não O recebeu. Porque é homem, pode Jesus Cristo agir em nome do homem e ser responsável como homem; porque é Deus, tudo quanto faça com essa natureza humana tem valor infinito. Por meio dessa Sua natureza Humana sem pecado, torna-se Ele mesmo responsável por todos os pecados do mundo e a tal ponto que, na forte linguagem de S. Paulo: "Fez-se pecado." Como um irmão rico toma a si a dívida do seu irmão arruinado, da mesma maneira Nosso Senhor toma sobre Si todas as discórdias e desarmonias, todos os pecados, culpas e blasfémias do homem, como se Ele próprio fosse culpado. Assim como o ouro é lançado na fornalha para que seja queimada a escória, da mesma maneira assume Ele a sua natureza humana e mergulha-a nas Labaredas do Calvário, para que os nossos pecados sejam consumidos pelo fogo. Mudando ainda uma vez de imagem: uma vez que o pecado está no sangue, derrama Ele o seu sangue em redenção, pois sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.

Depois, no Domingo de Páscoa, pelo poder de Deus, Ele se ergue de entre os mortos com a Sua natureza humana sem pecado glorificada, tornando-se a primeira nota da nova criação, o começo da nova sinfonia que será tocada de novo pelo Divino Regente, por intermédio de todos os que

livremente produzirão harmonias na nova harmonia de um mundo cristão. E como são acrescentadas novas notas a esta primeira nota? Pelo Sacramento do Batismo, por meio do qual cada homem morre para o velho Adão e de novo se levanta com Cristo. Esta unidade de notas em compassos e movimentos constitui a nova sinfonia. Para usar a linguagem de São Paulo, cada pessoa que livremente, como fez Maria, se dá ao Cristo, torna-se como que uma célula no seu novo corpo, que é a Igreja.

Ser um cristão significa, pois, ser elevado da velha humanidade de Adão à nova humanidade de Cristo. Como não se pode levar uma vida física, a menos que se seja nascido para ela, assim também não se pode levar uma vida espiritual a menos que se seja nascido para ela. Nenhum homem é forçado a aceitar esta vida cristã, como não o foi tampouco Maria. É livre e consultável. Desde que a Divina Vida nas nossas almas é uma simples dádiva de Deus, desde que não é causada por qualquer esforço humano ou merecida, em estrito sentido, por alguma coisa que tenhamos feito, pode-se dizer também que ela teve um Parto Virginal. Como nos conta São João: "*Ele estava no mundo e o mundo foi feito por Ele, mas o mundo não o conheceu. Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus àqueles que acreditam no seu nome: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.* " (São João 1, 10-13.)

Voltando ao caso dos conflitos, há duas causas, não relacionadas. Uma delas é pessoal e nasceu de alguma revolta pessoal contra a lei moral, com o seu consequente distúrbio do equilíbrio da mente, do corpo ou dos nervos. A outra pertence à natureza humana. Nós não a causamos pessoalmente, mas a nossa natureza humana está envolvida nela, da mesma maneira que nos vemos envolvidos numa guerra declarada pelo chefe do nosso governo, embora os cidadãos individualmente não hajam feito uma declaração individual de guerra. O que o chefe do governo humano fez, nós fizemos. Não fostes vós ou eu quem pecou em Adão, mas aquilo que nós somos. Cada pessoa é profundamente o que é, não por causa dos seus pais, ou avós ou bisavós, mas por causa dos seus primeiros pais. Cada pessoa é uma sede possível de psicoses ou neuroses, que obscurecem o intelecto e enfraquecem a vontade com paixões revoltadas contra a razão, com bons

instintos, tais como o sexo, transformando-se em luxúria, a fome transformando-se em intemperança e com o seu corpo misturando-se todo com a sua alma. Pois a natureza humana, perdendo a sua união com Deus, não caiu simplesmente em um nível natural, antes tornou-se um rei destronado, nunca satisfeito no exílio, sempre desejando a intimidade mais outra vez com Aquele que sozinho pode restaurar a harmonia e a paz, contanto que a vontade coopere com a sua graça salvadora.

O conflito está profundamente situado no homem. A psicologia toca apenas a parte mais superficial. Ele brota não só de uma revolta contra a lei moral, mas mais fundamentalmente, da má vontade do homem em aceitar a sua posição e papel na ordem do ser. O homem está certo, mesmo que não reflita sobre o facto, de que se acha colocado acima de todas as outras criaturas. Está também certo das suas quase infinitas potencialidades, de ter um intelecto bastante poderoso para resolver os enigmas da natureza e escravizar as suas forças, e de uma capacidade de conceber os mais espantosos planos e levá-los a cabo. O homem sabe-se capaz de criar coisas maravilhosas, cuja beleza jamais poderá perecer. Mas também verifica que a sua existência é limitada e que há barreiras ao seu poder. Pode empurrá-las o mais longe possível, mas por mais longe que o faça, nunca verá um fim. Não pode ter nunca esperança de tornar-se o senhor absoluto do seu ser e do seu destino.

As lendas de muitos povos falam-nos da sorte sucedida a homens que tentaram “ser como deuses”. No mito grego, Prometeu cai vítima da cólera do supremo Zeus. Nas “Mil e uma Noites”, há a história da Cidade de Bronze. A expedição que parte a descobrir essa misteriosa cidade chega a um castelo abandonado, belo, mas vazio. Uma inscrição fala do poder e da força do rei que outrora ali governara, dos seus tesouros e da imensidão do seu reino. Mas depois veio a morte e o ouro não valeu de nada.

Por maior que se torne um homem, há alguma coisa maior do que ele. Mas ele é bastante grande para sentir isto e revoltar-se contra o seu fado, que para sempre o condena a ser menos do que quer ser. Contudo revoltar-se contra a sua própria natureza e o seu próprio ser é uma empresa obviamente destinada ao fracasso e a terminar em catástrofe. E a própria razão humana vê que isto é destituído de sentido. Mas tão profundamente

enraizado está este orgulho e volúpia do poder e da grandeza que o homem sucumbe uma e mais vezes.

A revolta do homem contra a lei moral pode ser apenas uma manifestação dessa revolta mais profunda contra a sua finidade. A lei moral (e secundariamente qualquer lei) impõe restrições e isto convence o homem do facto de que não possui poder sem limites. Torna-o cliente, da maneira mais pungente, da sua finidade e da sua contingência. Para sempre soa nos lugares mais escuros e mais ocultos da alma de um homem a sedutora promessa da serpente: “Sereis como deuses.”

Há alguma verdade no dito paradoxal de que o orgulho vem depois da queda, porque, caído e privado da sua condição original, o homem tornou-se mais orgulhoso do que nunca. Mas por obscurecida que esteja a sua razão, vê com suficiente claridade que a revolta contra o Infinito equivale a revoltar-se contra a própria natureza. Este é o mais fundamental de todos os conflitos. A raiz de todos os pecados é o orgulho, diz Santo Agostinho. O orgulho está presente no começo, domina a presença do homem e cria para ele um futuro ilusório. Dilacerado entre o orgulho e a fraqueza, procurando alcançar o Infinito com a consciência da finidade, é o homem lançado no torvelinho de um conflito que jamais findará a menos que, de todo o coração e plenamente, aceite ele a sua verdadeira situação. Somente quando tiver assegurado a si mesmo, com tal aceitação e submissão, uma base firme onde permanecer, poderá ele progredir na direção do seu glorioso fim. Enquanto se conservar na atitude de revolta, é a vítima de conflitos insolúveis, cujas formas numerosas são apenas disfarces da única revolta básica.

Plutarco conta a história de um homem que tentou fazer um cadáver ficar de pé. Experimentou vários planos de equilíbrio, em diferentes posições. Finalmente desistiu, dizendo: “Está faltando alguma coisa dentro.” Esta é a história de todo o Homem. Um psiquiatra, um médico e um professor podem ser capazes de aliviar certos complexos e conflitos superficiais, mas ninguém é capaz de remover a causa básica de todos os complexos, exceto o próprio Deus. Faz Ele isto trazendo ao homem algo que o homem não pode produzir de si e por si mesmo. Está faltando alguma

coisa no interior do homem e essa coisa é a graça de Deus. S. Paulo descreve esta tensão e o seu relaxamento final pela graça, quando escreve:

"Assim, o que realizo, não o entendo; pois não é o que quero que pratico, mas o que eu odeio é que faço. Ora, se o que eu não quero é que faço, estou de acordo com a lei, reconheço que ela é boa. Mas então já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim. Sim, eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita coisa boa; pois o querer está ao meu alcance, mas realizar o bem, isso não. É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero, isso é que pratico. Ora, se o que eu não quero é que faço, então já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim. Deparo, pois, com esta lei: em mim, que quero fazer o bem, só o mal está ao meu alcance. Sim, eu sinto gosto pela lei de Deus, enquanto homem interior. Mas noto que há outra lei nos meus membros a lutar contra a lei da minha razão e a reter-me prisioneiro na lei do pecado que está nos meus membros. Que homem miserável sou eu! Quem me há-de libertar deste corpo que pertence à morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo, Senhor nosso! Concluindo: eu sou o mesmo que, com o espírito, sirvo a lei de Deus e, com a carne, a lei do pecado."." (Rom. 7, 15-25.)

As doenças físicas podem ser curadas por médicos e as doenças mentais por psiquiatras; mas nenhum bom psiquiatra partirá da afirmativa de que todas as desordens mentais e todos os conflitos estão enraizados naqueles instintos que o homem compartilha com os animais. Verificará que os problemas devem ser tomados seriamente se são problemas sérios. Mesmo uma pessoa neurótica precipita-se dentro de problemas que exigem ser tratados por meio de análise racional e não por meio de uma análise que busca apenas causas instintivas. [10] O Dr. Karen Horney adverte: "*A rejeição dos valores morais por Freud tem contribuído para tornar o analista justamente tão cego como o paciente.* " [11]

E o Dr. Fritz Kundel escreve: "As doenças físicas e mentais pertencem realmente ao domínio da medicina e, por conseguinte, a avaliação ética desses casos deve ser evitada. Mas se os vícios são doenças, cessam de ser vícios e a teologia, enviando o bêbado ou o jogador ao médico, abandona a sua derradeira conexão com a realidade: a tarefa ética." [12]

Se uma pessoa tem uma doença moral que é o pecado, então a cura só pode vir pelos meios que Deus divinamente instituiu para restaurar o homem na paz espiritual. É por vezes verdade que o corpo e o espírito são afetados porque a consciência é afetada. Neste caso a paz de consciência trará a paz tanto ao espírito como ao corpo. A resolução final de todos os conflitos não será levada a cabo senão depois da Ressurreição do Corpo, quando os corpos dos justos que morreram em estado de graça refletirão e gozarão as belezas da alma.

Quando uma pessoa está tentada a praticar o mal, não deve pensar que há algo de anormal a seu respeito. Um homem é tentado, não porque é intrinsecamente mau, mas porque é um homem decaído. Nenhum indivíduo tem um monopólio de tentação. Todos são tentados. Os santos não acharam fácil ser santos, e os diabos não são felizes por serem diabos. Nem todos são tentados da mesma maneira. Alguns são tentados a perverter o bom instinto da preservação de si mesmo em egoísmo e soberba; outros a perverter o bom instinto da perpetuação de si mesmo pelo sexo em luxúria; outros são tentados a perverter o bom instinto da extensão de si mesmo pela propriedade privada em avareza. E se alguém é tentado em qualquer um destes três modos ou por meio da intemperança, da cólera, da inveja, do ciúme, da gula, não é porque é um doente. É porque, desde a queda, a bondade “não vem naturalmente”, mas com dificuldade e só é inteiramente conquistada graças ao sobrenatural.

As pessoas estariam numa situação menos infeliz se verificassem que entre os filhos de Adão não se pode escapar ao conflito, à luta, ao esforço. A tentação não é o mal, mas apenas o consentimento na tentação e desde que somos da maneira que somos, porque rejeitamos o auxílio de Deus, só poderemos ser felizes de novo aceitando-O. Ninguém pode compreender a natureza humana e ninguém pode tratá-la adequadamente, se pensar que um conflito é exclusivamente individual, ou se pensar que o conflito básico pode ser curado pela própria natureza humana. Os conflitos superficiais por vezes cedem às curas naturais, mas mesmo alguns deles só podem ser remediados pelo Médico Divino. Toda a teoria que desacredita a verdadeira natureza do homem, ou nega a necessidade de um Remédio Divino está apenas intensificando a doença que tenta curar. As desordens psicopáticas

em que muitos caem são devidas a uma falta de conhecimento da natureza humana ou a uma falta de genuína religião.

O Dr. J. A. Hadfield, um dos maiores psiquiatras da Inglaterra, escreve: “Falando como um estudante de psicoterapia que, como tal, não tem relações com a teologia, estou convencido de que a religião cristã é uma das influências mais valiosas e mais poderosas para produzir aquela harmonia, aquela paz de espírito e aquela confiança da alma necessárias para produzir saúde e vigor a vasta proporção de doentes nervosos.” O Dr. William Brown Wilde, professor de filosofia mental da Universidade de Oxford e psicoterapista do King’s College Hospital, diz: “Tornei-me mais convencido do que nunca de que a religião é a coisa mais importante na vida e que é essencial para a saúde mental.”

O Dr. C. G. Jung, que rompeu com Freud por causa da exagerada importância dada por este ao sexo, escreveu: “Durante os últimos trinta anos, pessoas de todos os países civilizados tem vindo consultar-me. Tenho tratado de muitas centenas de pacientes, sendo o maior número de protestantes, pequeno número de judeus e não mais de cinco ou seis católicos práticos. Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida, isto é, com mais de trinta e cinco anos, nem um só tem havido cujo problema como último recurso não fosse o de encontrar uma perspectiva religiosa da vida. Pode-se afirmar com segurança que cada um deles caiu doente, porque havia perdido aquilo que as religiões vivas de todos os tempos têm dado aos seus seguidores, e nenhum deles ficou realmente curado senão quando recuperou a sua fé religiosa.” [13]

Se há um temor nascido do mal-fazer, ainda mesmo que a culpa seja negada; se falta a alguém uma intima serenidade de alma e se despreza aqueles que moralmente o censuram; se há uma furna de rancores e alguém tem três escárnios para todos e três vivas para ninguém; se alguém “fica louco” todas as vezes que ouve o nome de Deus; se alguém, que não as compreende, chama de “mitos” as grandes verdades cristãs; e se alguém acusa o seu próximo de hipocrisia para acobertar a sua presunção, o seu orgulho e a sua “afetação”; se alguém pensa que deve obter divórcio porque descobriu pastos mais verdes e que, portanto, a sua esposa atual é “incompatível”; se alguém é dado a excessos, sob o disfarce de auto-

expressão; se alguém gosta de lançar a responsabilidade da sua desdita sobre as condições económicas, então é certo que nenhuma extensão de horas, semanas ou anos gastos em cima de sofás, a ouvir que aquele seu temor da justiça de Deus provém do complexo de um pai, não servirá de nada, como tampouco o conselho místico de um padre servirá de alívio a um maníaco, porque a cura, em nenhum dos casos, não é apropriada à causa da doença.

Não é isto crítica àqueles que estudam as manifestações psíquicas do conflito do homem, mas é crítica aqueles que negam que um conflito humano ou uma ansiedade pode provir de qualquer outra causa que não seja um instinto comum a todos os animais. Não são fáceis para o homem a recuperação da paz da sua alma e o apaziguamento do seu conflito.

Só conseguimos ter o nosso eu verdadeiramente integrado em virtude de duros esforços e em cooperação com os recursos que nos são proporcionados de fora. William James disse certa vez que a maioria de nós vive habitualmente bem abaixo do máximo das suas energias e isto é particularmente verdade no que se refere àquelas forças postas à nossa disposição pela Encarnação. Curam-se as mais sérias doenças da natureza humana na presença de Deus. Se o homem não pode confiar na sua própria “bondade” para descobrir Deus, então talvez o seu cansaço o lance no Seu Seio.

CAPÍTULO 4
Será Deus Difícil de Encontrar?

Deus não é difícil de encontrar, porque pode ser rapidamente descoberto pela razão, ou pelas nossas tentativas, ou pelo seu próprio dom.

S. Tomás diz-nos que a nossa razão, contemplando a ordem do universo, conclui imediatamente pela existência de alguém que o governa. Assim como o espírito conclui pela existência do relojoeiro vendo o relógio, da mesma maneira também conclui por um Divino Espírito, ao ver a ordem do cosmos. Este conhecimento imediato de Deus, porém, não é claro e distinto. Por esse motivo é que se faz necessário um estudo mais completo para pôr em relevo a natureza de Deus. A distinção entre este confuso conhecimento de Deus e o completo e refletido conhecimento produzido pelas provas formais em favor da Sua existência é bastante semelhante à diferença entre o conhecimento que a maior parte das pessoas têm da água e o conhecimento que o químico tem dela, como composta de dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio. A razão claramente utilizada pode provar que há um Poder por trás do universo, que o fez, uma Sabedoria dirigindo as suas leis e uma Vontade para fazer que todas as coisas alcancem o seu objetivo. Deus está mais perto de nós do que sabemos, "*pois n'Ele vivemos, nos movemos, existimos*" (Atos 17, 28) Santa Teresa disse certa vez: "*Alguns homens ignorantes costumavam dizer-me que Deus estava presente somente pela Sua Graça. Não podia acreditar nisso porque, como estava dizendo, a mim me parecia que Ele próprio estivesse presente. Finalmente um homem sábio libertou-me desta dúvida, pois me disse que Ele estava presente no mundo e em nós e como comunga connosco, tendo sido isto grande conforto para mim*."

Francis Thompson, o poeta, baseando-se na ideia de S. Tomás de que Deus está em todas as coisas intimamente, escreveu:

"Ó mundo invisível, nós te vemos,

Ó mundo intangível, nós te tocamos,

Ó mundo incognoscível, nós te conhecemos,

Mundo inapreensível, nós te agarramos!” [14]

Deus é fácil de descobrir de uma maneira pelo menos confusa e primitiva, por meio do esforço e aspiração da nossa vontade e do nosso coração. Pois a grande diferença entre um animal e um homem está em que um animal pode ter os seus desejos satisfeitos, enquanto que o homem não pode. Tudo quanto qualquer animal quer é ter satisfeitas as suas necessidades imediatas. Com o homem nunca se dá esse caso. O homem é animado por uma necessidade, um desejo insaciável de alargar a sua visão e de conhecer o último significado das coisas. Se fosse apenas um animal, nunca usaria símbolos, pois o que são esses se não tentativas de transceder o visível? Não, ele é um “animal metafísico”, um ser sempre ansiando pelas respostas à derradeira questão.

A tendência natural da inteligência para a verdade e da vontade para o amor só significaria que há no homem um desejo natural de Deus. Não há uma única tentativa, esforço ou anseio do coração humano, mesmo em meio dos prazeres mais sensuais, que não seja uma confusa luta em busca do Infinito. Da mesma maneira que o estômago pede comida, o olhar luz e o ouvido harmonia, assim também a alma anseia por Deus.

Há muitos que se enganaram a respeito da natureza deste Infinito e buscam satisfazer o anseio em outra parte que não em Deus, justamente como há aqueles que sabem que o alimento é necessário para o estômago e, não obstante, arruínam os seus estômagos ingerindo constantemente genebra. Muitas almas são semelhantes a uma agulha magnética que se agita primeiro aqui, depois ali, buscando pela manhã quando evita de noite, depois ao descobrir que todos os outros pontos da bússola não passam de uma fraude, vem repousar afinal somente em Deus.

Deus nunca é difícil de encontrar, porque Ele se dá a nós como Divino Dom, A própria vida natural é um dom. A alma tem de aceitar o corpo exteriormente, como uma dádiva das mãos de Deus. E a vida sobrenatural também nos é dada de fora. Todo o significado do cristianismo está contida na simples frase do credo: “*Desceu do Céu*.” A cada alma particular, Nosso Senhor dirige as palavras que pronunciou, junto ao poço, para a samaritana: “*Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dai-me de beber, talvez lhe houvesse pedido e ele te daria uma água viva.* ” (João 4,10.)

Como São Paulo disse aos romanos: “*A graça de Deus, a vida eterna, em Jesus Cristo Nosso Senhor*.” (Rom. 6,23) E mais tarde aos Efésios: “*É pela graça que fostes salvos mediante a fé e isto não vem de vós, porque é um dom de Deus*.” (Efésios 2,8)

Deus é apresentado simultaneamente através das Escrituras como ao mesmo tempo, a Dádiva e o doador, pois tal é a natureza do amor. Ninguém pode comprar a Dádiva Divina (embora possa vendê-la, depois de recebida, como Judas fez.) Se a dádiva de Deus fosse a verdade apenas, alguns espíritos fracos poderiam fugir de procurá-la. Se a dádiva fosse apenas a justiça, os nossos pecados poderiam erguer-se e atemorizar a dádiva, afugentando-a. Mas quando a dádiva de Deus é o amor, então não deveria haver ninguém que não tomasse o Coração d'Ele como seu.

Se, pois, Deus é fácil de encontrar e pode ser descoberto, quer por meio da beleza das estrelas quer em qualquer pequenino prazer da terra, o qual como uma concha marinha fala do oceano, por que é que tão poucas almas vêm para Ele? A culpa está na nossa parte não em Deus. A maior parte das almas são como homens vivendo num quarto escuro, durante o dia, lamentando que a luz seja difícil de encontrar, quando tudo quanto eles necessitariam fazer para descobri-la seria abrir as janelas.

Deus é o facto mais evidente da experiência humana. Se não estamos certos d'Ele, é porque somos demasiado complicados e porque os nossos narizes estão bem arrebitados de orgulho, eis aí! Ele encontra-se aqui junto dos nossos pés.

Necessitamos apenas “mover uma pedra e deslocar uma asa.” A graça de Deus chega ao homem justamente no mesmo grau em que o homem abre a sua alma para ela. O único limite é a capacidade do homem em recebê-la é a sua vontade de assim fazer. Alguns corações sedentos abrem apenas uma brecha enquanto outros, num abandono completo, entregam todas as suas cisternas vazias para serem cheias com as águas da Vida. Algumas almas sufocam, aferrolhadas nos seus próprios espíritos inconscientes, com as suas pesadas frustrações e temores, recusando abrir a porta para deixar entrar o ar refrescante da graça de Deus. “*Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei nele, cearei com ele, e ele comigo*.” (Apoc. 3,20) O ferrolho está do nosso lado e não no de Deus,

pois Deus não derruba portas. Nós barramos-Lhe a entrada. Por vezes nós fugimos mesmo d'Ele, como os pintainhos fugindo da mãe galinha. “*Quantas vezes eu quis juntar os teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não quisestes*!” (Mat. 23,37)

Por que agimos assim? É difícil acreditar, mas temos a divina garantia de que alguns “homens amam as trevas em vez da luz.” A tragédia aumentada do pecado é que depois de praticarmos o mal não podemos deixar que Deus nos ajude a fazer o que é correto e bom. Quebramos o arco para que ele não possa tocar o nosso violino. Conservamo-Lo distante, porque recusamos ser amados. Estamos naufragando e não nos agarramos á Sua Mão misericordiosa, porque no nosso orgulho dizemos que devemos “fazer isto por nós mesmos.” A verdade da questão não é que Deus seja difícil de encontrar, mas antes que o homem tem medo de ser encontrado. É por isso que nós tantas vezes ouvimos na Sagrada Escritura as palavras: “Não temais.” Bem no começo da vida de Deus em Belém, os anjos acharam necessário advertir os pastores: “Não temais.” No meio da vida pública de Nosso Senhor teve Ele de dizer aos seus atemorizados apóstolos: “Não temais.” E depois da Sua Ressurreição, teve de prefaciar as suas palavras sobre a paz com a mesma injunção: ‘’Não temais.’’

Nosso Senhor acha necessário advertir-nos de que não tenhamos medo, porque há três falsos medos que nos conservam afastados de Deus: 1 - Queremos ser salvos, mas não privados dos nossos pecados; 2 - Queremos ser salvos, mas não a muito grande custo.; 3 - Queremos ser salvos ao nosso modo e não ao Dele.

1. Queremos ser salvos, mas não privados dos nossos pecados. O grande temor que muitas almas têm de Nosso Divino Senhor é apenas o de que Ele venha a fazer justamente aquilo que o seu nome “Jesus” implica — ser Aquele que nos salva dos nossos pecados. Estamos querendo ser salvos da pobreza, da guerra, da ignorância, da doença, da insegurança e da insegurança económica. Tais tipos de salvação deixam intactas as nossas extravagâncias individuais, as nossas paixões e concupiscências. É esta uma das razões pelas quais o cristianismo social seja tão popular, havendo muitos que sustentam que a obrigação do cristianismo é não fazer outra

coisa se não ajudar o saneamento das favelas ou desenvolvimento da amizade internacional.

Está espécie de religião é de facto, bastante confortável. Pois deixa a consciência individual sozinha. É mesmo possível que algumas pessoas estajam prontas a reformas corajosas das injustiças sociais por causa da verdadeira inquietação e mal-estar das suas consciências individuais: sabendo que algo está errado do lado de dentro, tentam compensar isso consertando o torto do exterior. É esse também é o mecanismo daqueles homens que, tendo acumulado grandes fortunas, tentam aliviar as suas consciências subsidiando movimentos revolucionários. A primeira tentação de Satanás no monte foi tentar induzir Nosso Senhor a abandonar a salvação das almas e a concentrar-se na salvação social, transformando pedras em pão, na falsa pressuposição de que eram os estômagos famintos e não os corações corrompidos que tornam infelizes uma civilização. Porque muitos homens pensam que o primeiro objetivo da Divindade é avaliar a adversidade económica, vão para Ele, no momento da provação e depois se revoltam contra Deus porque Ele não lhes enche as bolsas. Sentindo uma maior necessidade de religião, outros estão desejosos a ingressar numa seita cristã, sempre que esta se dedique ao “progresso” social ou à eliminação da dor, mas deixando intacta a necessidade individual de expiar o pecado. Na típica mesa de jantar os homens não fazem objeção a que seja introduzido na conversa o tema religioso, contando que a religião não tenha nada a ver com a expiação do pecado e da culpa. De modo que muitas almas atemorizadas permanecem trémulas diante da porta da felicidade e não ousam aventurar-se a entrar, “com medo de que, tendo-O, não terem nada mais além disso."

2. Queremos ser salvos, mas não a muito grande custo. O Deus que estruma os seus campos com sacrifício para produzir o Vinho da Vida sempre amedronta os tímidos. O moço rico afastou-se triste do Salvador, porque tinha grandíssimas posses. Felix estava querendo apenas ouvir Paulo “noutra ocasião”, quando Paulo falava do julgamento e do abandono do mal. A maior parte das almas tem medo de Deus precisamente por causa da Sua Divindade, que o faz ficar insatisfeito com qualquer coisa imperfeita. O nosso maior temor não é que Deus não possa amar-nos bastante, mas que possa amar-nos demasiadamente. Assim como o amante quer ver a pessoa

amada perfeita em maneiras e comportamentos da mesma forma também Deus, amando-nos, deseja que sejamos perfeitos como Seu Pai Celeste é perfeito. Assim como o músico ama o violino e aperta as cordas com uma torcedura sacrifical, a fim de que possam produzir melhor som, da mesma forma Deus nos submete ao sacrifício para tornar-nos santos.

Este temor de que o amor de Deus nos faça exorbitantes exigentes explica por que muitos homens de saber, que chegaram ao conhecimento de Deus, se tenham contudo recusado a aventurar-se no Seu rebanho. O mundo esta cheio de sábios que falam de estender as fronteiras de conhecimento, mas que nunca usam o conhecimento que já foi adquirido: que gostam de bater à porta da verdade, mas que tombariam mortos se esta porta se abrisse alguma vez para eles. Porque a verdade implica responsabilidade. Todo o dom de Deus, tanto na ordem natural como na ordem sobrenatural, exige uma retribuição da parte da alma. Na ordem natural, os homens recusam-se a aceitar a dádiva da amizade porque cria uma obrigação. A dádiva de Deus implica igualmente um momento de decisão. É porque aceitando-O exige uma submissão daquilo que é básico, muitos se tornam caçadores de pechinchas em religião e diletantes em moral, recusando quebrar os falsos ídolos dos seus próprios corações. Querem ser salvos, mas não ao preço de uma cruz. Ecoa através das suas vidas o desafio de outrora: “Desce dessa cruz e nós acreditaremos.”

3. Queremos ser salvos, segundo o nosso modo e não o de Deus. Muitas vezes ouvimos dizer que os homens devem ter liberdade de adorar a Deus, cada qual ao seu modo. Isto de facto é verdade, até aonde implica a liberdade de consciência e o dever de cada homem de viver com as luzes especiais que Deus lhe deu. Mas pode estar muito errado, se significa que adoramos a Deus do nosso modo e não ao d'Ele. Considerai uma analogia: a situação do tráfego seria confusa e desesperante se disséssemos que o modo de vida americano permite que cada indivíduo dirija o seu carro a seu modo e não de acordo com as regras de trânsito. Catástrofes resultariam, se os doentes começassem a dizer ao médico: “Quero ser curado a meu modo, mas não ao do senhor”, ou se os cidadãos dissessem ao governo: “Quero pagar os meus impostos, mas a meu modo e não ao vosso.” Similarmente, há um tremendo egoísmo e presunção naqueles artigos populares e conferências intitulados: “A minha ideia de religião” ou “A minha ideia de

Deus.” Uma religião individual pode ser tão desencaminhadora e ignorante como uma astronomia individual ou uma matemática individual. Indivíduos que dizem: “Servirei a Deus a meu modo e o senhor servirá a Deus ao seu”, deveriam indagar-se se não seria aconselhável servir a Deus ao modo d'Ele. Mas é precisamente esta perspectiva de uma religião estável e universalmente verdadeira que amedronta a alma moderna. Pois se a sua consciência está inquieta, deseja uma religião que deixasse de fora o inferno. Se já se casou de novo, contra a lei de Deus, quer uma religião que não condene o divórcio. Tal reserva significa que o homem quer ser salvo, mas não ao modo de Deus, mas a seu modo. Nesta recusa de mudar as penas dos seus vãos desejos, perde o voo para aquele “Amor que deixa todas as outras belezas penar.”

Se muitas almas deixam de encontrar Deus, porque querem uma religião que refaça a sociedade, sem se refazer a si próprias, ou porque querem um Salvador sem uma coroa de espinhos e uma cruz, ou porque querem as suas próprias cópias e não as de Deus, resta indagar o que acontece a uma alma quando responde a Deus. Entre muitos outros efeitos, vários podem ser mencionados.

Primeiro tal alma passa do estado de especulação ao de submissão. Não mais se vê perturbada com o *porquê* da religião, mas com o *deve*. Quer agradar e não somente analisar a Divindade. Há um mundo de diferença entre conhecer Deus por meio do estudo e conhecê-Lo pelo amor, tão grande como a diferença entre um amor por correspondência e outro por contato pessoal. Muitos professores céticos conhecem as provas das evidências de Deus melhor do que alguns que rezam as suas orações; mas porque os professores nunca agiram de acordo com o conhecimento que tiveram, porque nunca amaram o Deus a Quem conheciam pelo estudo, nenhum novo conhecimento de Deus lhes foi dado. Gostam de conversar a respeito da religião, mas nada fazem a seu respeito e em resultado o seu conhecimento permanece estéril.

Com a alma que responde a Deus, pelo contrário, um pouco de conhecimento de Deus foi recebido com amor; em resultado, novos portões de sabedoria foram abertos. Em tais almas, o amor de Deus traz um conhecimento de Deus que na sua certeza e realidade ultrapassa a

informação teorética do professor. Esta verdade sublime vem expressa na Sagrada Escritura: “*Se alguém ama a Deus, esse é conhecido d'Ele* ” (1 Cor. 8,3). A mulher do poço foi precocemente cética ; querendo manter a religião num nível puramente especulativo, levantou a questão de saber se se deveria praticar o culto em Jerusalém ou na Samaria. Nosso Bendito Senhor retirou a questão do campo da teoria, falando-lhe a respeito dos seus cinco maridos, lembrando-lhe que ela havia evitado fazer as correções morais que a verdadeira religião exige.

A alma que responde a Deus pensa na religião em termos de submissão à vontade de Deus. Não olha para o infinito esperando que Ele o auxilie nos seus interesses finitos, mas pelo contrário, busca submeter os seus interesses finitos ao infinito. A sua oração é: “*Não a minha, mas a Tua vontade seja feita, ó Senhor*.” Não mais interessada em utilizar-se de Deus, quer que Deus se utilize dela. Diz, como Maria: “*Faça-se em mim segundo a Tua Palavra*”, ou pergunta como São Paulo: “*Que queres que eu faça, ó Senhor*?” ou diz como São João Batista: “*Eu devo diminuir, Ele deve crescer*.” A destruição do egoísmo e do orgulho, de modo que toda a mente possa assim estar sujeita à Divina Pessoa, não impõe desinteresse pela vida ativa. Produz um interesse maior porque o homem agora compreende a vida do ponto de vista de Deus. Por causa desta unidade com a Divina Fonte de energia, tem maior poder para fazer o bem, como um soldado é mais forte às ordens de um grande general do que às ordens de um menos competente. “*Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e ser-vos-á concedido. Nisto é glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto.* ”(São João 15,7-8) É difícil para criaturas reconcentradas compreender que haja almas que são verdadeira e realmente apaixonadas de amor por Deus. Mas isto não deveria ser tão difícil de entender. O que ama a luz e o calor da vela deveria por certo amar a luz do sol ainda muito mais.

A vida para as almas que respondem a Deus começa agora a mover-se duma circunferência para um centro. As coisas exteriores da vida, tais como a política, a economia da sua rotina diária, importam menos, enquanto que Deus importa mais. Isto não significa que a humanidade passa a ser desamada, mas somente que é mais amada em Deus. O momento agora torna-se servo do momento Eterno. O desinteressante, o irreal passa a ser

agora aquilo que não é usado ou não pode ser usado para os fins de Deus. Não há dardo na aljava duma alma religiosa para outra coisa que não seja o Divino Alvo.

Todas as censuras que os egoístas atiram contra os santos são ardis para acobertar as censuras feitas a si mesmos. Suspeitam que deveriam compreender. Contudo escarnecem, como dizem muitas vezes as pessoas a respeito de amantes humanos: “Não posso compreender o que ele vê nela”. Sem dúvida que não – porque o amor é cego! É cego não só para os defeitos do amado; é também cego para tudo que não seja o amado. O amor tem os seus olhos próprios. Todos os outros que não o amante só vêm com os olhos do corpo e perguntam a si mesmos o que há para ser amado. Mas o amante vê através dos olhos do coração e descobre no outro uma doçura e um amor que corações cegos não percebem. Erguei esta analogia ao nível divino e compreendereis porque as almas não convertidas pensam que o Divino Amor é loucura. Não podem ver o que um santo pode ver em Deus, “O homem-animal não discerne.”

O segredo da felicidade é a centralização. A alma que responde a Deus torna-se surda às instigações dos sentidos, pois para ela Deus é tudo. Como grandes dínamos cósmicos estas almas geram energia, graças à qual outras almas na circunferência podem viver. Falando das almas contemplativas, disse Pio XI:

“É fácil compreender como aqueles que assiduamente cumprem o dever da oração e da penitência contribuem muito mais para o progresso da Igreja e o bem-estar da humanidade do que aqueles que trabalham no cultivo do campo do Senhor. Porque se aqueles não atraíssem do céu uma chuva de graças divinas para aguar o campo que está sendo lavrado, os trabalhadores evangélicos só colheriam de facto do seu trabalho uma messe mais escassa.” [15]

A alma verdadeiramente centralizada em Deus não é governada apenas pelos seus próprios hábitos de bondade ou mesmo pelas suas virtudes. É movida diretamente pelo Espírito de Deus. Há uma diferença entre um homem remando num bote e o mesmo homem sendo conduzido por uma vela cheia de vento. A alma que vive pelos Dons do Espírito é a própria razão. Tal alma tem uma sabedoria que sobrepassa todo o saber livresco.

Como no caso da jovem Catarina de Alexandria, que confundiu os filósofos. É dotada duma prudência e dum parecer mais sábios do que qualquer coisa derivada da sua própria experiência.

A filosofia explica isto duma maneira mais clara. Toda a inteligência tem dois lados, um especulativo, que estuda a teoria e um lado prático, que dirige e guia os negócios humanos. Uma vida de pecado não destrói o primeiro. É por isso que o homem mau pode ser tão bom matemático como um santo. Mas uma vida de pecado arruína a inteligência prática. Daí, um sábio matemático que se mete a escrever sobre moral e religião muitas vezes não passa dum feixe de confusão. A pessoa dirigida por Deus, é capaz de guiar e dirigir outras melhores do que os homens que sabem mais, mas de maneira puramente teórica.

Nem todos podem ser guias. O divorciado não pode guiar o casado; o professor ou o psicólogo, cujo coração não esteja purificado, não pode guiar o jovem. "*Se um cego guia outro cego, ambos caem na fossa.*" (Mat. 15,14)

Um parecer que envolve o certo e o errado nunca deveria ser procurado num homem que não reza as suas orações, embora pudesse saber mil vezes mais a respeito dum gânglio ou duma tiróide do que o homem de oração. Assim como o olho munido do telescópio pode ver as estrelas melhor do que a olho nu, da mesma forma a razão iluminada pela fé compreende a realidade melhor do que a razão nua.

Mesmo julgando um assunto secular como o comunismo, vale a pena apontar que o homem de fé, que viu o comunismo como intrinsecamente mau, mesmo quando os seus líderes eram os aliados da democracia, era melhor juiz do que iria acontecer num mundo pós-guerra do que o político. Pelo facto de ser a crise do mundo atual também moral e espiritual, não pode ser compreendida pelo homem animal. O homem concentrado em Deus vê isto plenamente, e o vê como Lincoln viu a Guerra Civil, como um justo castigo mandado por Deus por causa dos nossos pecados.

As almas divinamente sábias causam muitas vezes furor nas mundanamente sábias, porque sempre vêm as coisas do ponto de vista divino. As almas mundanas acham bem que cada qual acredite no Deus que lhe agradar, mas, somente sob condição de que uma crença em Deus não

signifique mais de que uma crença em outra coisa mais. Permitirão Deus, contanto que Deus não importe. Mas tomar Deus a sério é precisamente o que faz o santo. Como expôs Santa Teresa: "*Nada é para mim aquilo que não seja Deus.* " Esta paixão é chamada fingida, intolerante, estúpida e uma intrusão injustificável. Contudo aqueles que a sentem profundamente desejam em seus corações possuir a paz interior e a felicidade do santo.

E assim essa questão de saber se Deus é difícil de encontrar, só em nós tem a resposta. A maior parte de nós é como o homem que havia trinta e oito anos se colocava ao lado do Poço da Piscina Probática e ainda não estava curado. A sua desculpa era que, quando as águas eram agitadas, não havia ninguém que o pusesse lá dentro. Necessitava de cura mas na realidade não a queria. Há muitos homens como ele, que ficam justamente como são, inculpando a outrem pela sua situação. Mas quando Nosso Senhor apareceu, disse àquele homem que fizesse precisamente aquilo que pensava fosse impossível, isto é, levasse a sua cama. O que lhe estivera faltando era vontade, estava moribundo porque não queria estar melhor. Muitos fracassos na vida são, como o dele, evitáveis, desnecessários. Persistem somente porque nenhum esforço é feito para remediar a condição. O homem de hoje diz que não quer guerra, mas quer as coisas que causam guerra. Do mesmo modo, há muitos que dizem que querem ser felizes, mas recusam querer aquilo que lhes trará a felicidade. "*Vós me procurareis e me achareis, quando me procurardes de todo o vosso coração*" (Jer. 29, 13) A razão básica pela qual os homens são infelizes nesta vida é que eles não desejam verdadeiramente a felicidade.

Em toda a literatura, nada há tão expressivo da inescapabilidade de Deus como o salmo 138. O argumento parece ser que nós podemos escapar de qualquer coisa que seja finita: espaço e tempo são o ambiente de toda a fuga, mas o inescapável é o Infinito. Tirar a própria vida não oferece escapatória, pois o suicida cai nas mãos do Deus vivo. A destruição de si mesmo só é possível porque alguém pode contemplar outro "estado" preferível a este, mesmo se o chama não-existência, A morte mediante qualquer outra causa não é ainda escapatória, pois Ele, de cujas mãos viemos, espera para receber-nos de volta, carregando connosco a responsabilidade de todas as nossas ações. O ateísmo, que rejeita este facto majestoso, não é o conhecimento de que Deus não existe, mas apenas a

vontade de que ele não exista, a fim de se poder pecar sem censura, ou exaltar o seu eu sem brado de alerta. Os pilares sobre os quais monta o ateísmo são a sensualidade e o orgulho. Um ateu pode ser moral, na acepção popular do termo, mas não é humilde. Como diz Franz Werfel: *"O ateu em primeiro lugar e sempre denuncia a sua própria psicologia, quando pensa que está desvendando o mistério e a sua negação torna-se involuntariamente a prova de Deus confirmando, contra a sua própria vontade perturbada da percepção"*. [16]

Como o ateísmo não oferece escapatória de Deus, não o faz a escuridão duma adega ou do nosso próprio inconsciente. Podemos tirá-lo para fora das nossas mentes, argumentar contra ele, mas sabemos que se Ele não existisse, seria na verdade estúpido gastar a nossa energia combatendo contra o inexistente. "*Para onde poderei ir para ocultar-me de Tua Face?* " implica ser o homem um escapista. Jamais procuraria fugir de um Deus Que aprovasse o seu modo de pensar, de viver e de agir. Tal Deus seria à imagem e semelhança do homem e, por conseguinte, seria algo digno de abraçar.

Se fugimos de Deus, é porque a Sua Divindade constitui censura para nós e porque a união com Ele exige desunião e divórcio com o mal. Não podemos por muito tempo suportar um Deus que olha dentro da nossa alma e vê a sua fealdade, sem cair de joelhos. Mesmo a fuga de Deus testemunha a nossa necessidade de beleza, o nosso amor ao Belo. Como a luz revela todas as coisas e contudo não é uma parte daquilo sobre o qual brilha, da mesma maneira o Poder, a Sabedoria e o Amor de Deus nos inundam, pois Nele vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser. Nós O conhecemos, mas poucos querem ser conhecidos por Ele. Nós amamos as coisas criadas por Ele porque pôs algo do Seu amor nelas; doutra forma não poderiam elas ser amadas. Contudo poucos querem amá-Lo, porque Ele ama demais. Ele quer que sejamos perfeitos e nós não queremos ser perfeitos. Mas mesmo na nossa fuga ao perfeito, somos arrastados de volta para Ele no nosso descontentamento pela mediocridade, no nosso desgosto pelo ordinário. Deus é omnisciente; por conseguinte a nossa condição é revelada. Deus é omnipresente: portanto os nossos pecados ocultos são vistos. Não há escapatória de Deus.

Estas ideias são apenas um fraco comentário do salmo acima mencionado:

“Senhor, permaneço aberto à Tua investigação; Tu me conheces, sabes quando me sento e quando me levanto de novo, desde longe podes ler o meu pensamento. Desperte ou durma, podes dizê-lo; nenhum há movimento meu que não o vigies. Antes que as palavras se formem nos meus lábios, todo o meu pensamento é já conhecido de Ti. Tu me cercaste pela retaguarda e pela vanguarda e a Tua mão ainda descansa sobre mim. Sabedoria como a Tua está bem além do meu alcance, nenhum pensamento meu pode alcançar-Te.

Para onde poderei ir, pois, a fim de me subtrair ao Teu espírito e ocultar-me da tua vista? Se subo ao céu Tu lá estás; se desço ao abismo, nele te encontras ainda presente. Se eu pudesse tomar asas voando para o nascente, ou encontrar um abrigo para além do mar ocidental, ainda ali Te encontraria acenando-me, com a tua mão direita me sustendo. Ou talvez pensasse em enterrar-me na escuridão: a noite me cercaria, mais amiga do que o dia: mas não, a escuridão não é esconderijo para Ti, contigo a noite brilha clara como o próprio dia; luz e trevas são uma só coisa.

Teus são os meus mais íntimos pensamentos. Não me formaste no ventre de minha mãe? Eu te glorificarei pela minha maravilhosa formação, por todas as smaravilhas de tua criação. Da minha alma tens pleno conhecimento e esta minha mortal estrutura não tem mistérios para ti, que a formaste em segredo, ideaste o seu modelo, ali no recesso negro da terra. Teus olhos viram todos os meus atos, todos já estão anotados no teu livro. Os meus dias já foram contados antes mesmo de existirem.

Um enigma, ó meu Deus, os teus modos de proceder para comigo, tão vastos os seus propósitos! Tentar contá-los o mesmo seria que tentar contar os grãos de areia e se minha fosse essa habilidade, o teu próprio ser é ainda quem está diante de mim. Não acabarás ó Deus, com os pecadores? Assassinos, conservai-vos distantes de mim! Traiçoeiramente revoltam-se contra Ti, infielmente desconfiam de ti, Senhor, porventura não odeio eu os homens que te odeiam e não sinto horror pelas suas sedições? Com ódio transcendente eu os suporto e os conto como meus inimigos jurados. Sonda-me, ó Deus, à tua verdade, e lê no meu coração. Submete-me à

prova e examina os meus pensamentos inquietos. Vê se o meu coração enveredou por algum falso caminho e tu mesmo conduze-me pelos caminhos eternos.”

Contudo, sempre desde os dias de Adão, o homem vem-se ocultando de Deus e dizendo: “Deus é difícil de encontrar.” A verdade é que, em cada coração, há um jardim secreto que Deus fez unicamente para Si Mesmo. Esse jardim está trancado, como uma adega para depósitos de segurança, e tem duas chaves. Deus fica com uma. Por isso a alma não pode deixar entrar ninguém mais senão Deus. O coração humano tem a outra chave. Por isso nem mesmo Deus pode nele entrar sem o consentimento do homem. Quando as duas chaves do Amor de Deus e da liberdade humana, da Vocação Divina e da resposta humana se acham juntas, então o Paraíso volta a um coração humano. Deus está sempre no Portão daquele Jardim com a Sua chave. Nós pretendemos procurar a nossa chave, tê-la perdido, ter desistido da procura, mas durante todo o tempo está na nossa mão, se quiséssemos mesmo vê-la. A razão de não sermos tão felizes como os santos está em que não querermos ser santos.

CAPÍTULO 5
Mobirdez e Negação da Culpa

Nenhuma influência única tem feito mais para impedir o homem de descobrir Deus e reconstruir o seu caráter, tem feito mais para baixar o tom moral da sociedade, do que a negação da culpa pessoal. Este repúdio da responsabilidade pessoal do homem pela sua ação é falsamente justificado de dois modos: admitindo que o homem é apenas um animal e dando ao senso de culpa o estigma de “mórbido”.

As desculpas novas – mas é antigo o esforço para escapar à responsabilidade dos nossos atos maus. Através das idades, o homem tem sempre tentado descobrir alguma coisa que censurar além de si próprio, isto é, a pobreza, o ambiente, os sistemas económicos, políticos e financeiros, ou a sociedade em geral. Mas todas essas coisas deixam inteiramente de convencer. Estavam claramente por demais relacionadas com a pessoa, embora todas sejam extrínsecas. Recentemente, os materialistas descobriram um novo bode expiatório, não na natureza, não na sociedade, mas dentro do próprio homem, isto é, o seu inconsciente. A culpa estava agora, não nas estrelas, mas naquela parte de nós mesmos que não podia ser tomada como responsável. Além disso, proclamou-se que a perturbação só podia ser controlada elevando-se o inconsciente desviado ao nível do consciente, por meio da psicanálise.

Para evitar mal-entendidos, fique logo aqui estabelecido inequivocamente: não há nada de errado, há mesmo alguma coisa de recomendável num método psicológico que cura as desordens mentais, tornando o inconsciente consciente. E, mesmo fora de verdadeiros desarranjos, os homens podem sofrer certos distúrbios em virtude dum complexo sem causa moral ou ética. Tratando de tais casos tem a ciência médica vasta área em que pode legitimamente operar. Estamos interessados e interessados somente nos métodos de tratamento que negam toda a responsabilidade moral e atacam o facto de admitir o paciente o seu pecado e as suas culpas pessoais, dizendo-lhe que a ideia de pecado induz à morbidez ou a um complexo de culpa, tornando-o anormal.

Tais psiquiatras fariam de toda a gente, gente "bem", complacente, com liberdade de culpa ou pecado. Graças a um toque mágico, o mundo ficaria livre da gente sórdida, ou daqueles que reconhecem que são pecadores. Esta concepção revela uma chocante ignorância da natureza humana. A verdade é que há um aumento das desordens mentais em grande escala, porque muitas pessoas pensam que são decentes, quando realmente são imundas. Foi esta a mensagem que Nosso Senhor apresentou na parábola dos dois homens que foram ao templo rezar. Parafraseando a história do fariseu (que era um homem muito decente), podemos imaginá-lo a rezar diante do altar da maneira seguinte: “Agradeço-te, ó Senhor, o ter meu conselheiro freudista dito que não há isso que se chama culpa que o pecado é um mito e que Tu ó Pai, és apenas uma projeção do meu complexo paterno. Talvez haja algo de desviado em meus instintos recalcados, mas com a minha alma tudo está em ordem. Contribuo com 10 por cento das minhas rendas para a Sociedade de Eliminação das Superstições Religiosas, e faço regime, para conservar a minha linha, três vezes por semana. Oh! Agradeço-te não ser eu como o resto dos homens, essa gente imunda, como aquele cristão ali na parte de trás do templo, que pensa que é um pecador, que a sua alma precisa de graça, que a sua consciência está sobrecarregada de violência e que o seu coração verga ao peso de um crime de injustiça. Posso ter um complexo de Édipo, mas pecados não tenho.”

Enquanto isso, lá no fundo do templo, um indivíduo imundo de vez em quando bate nos peitos e diz, “*Ó Deus, tende misericórdia de mim que soupecador.* ” (Lucas, 18,13) Nosso Senhor nos diz que ele voltou para casa justificado.

O fariseu que subiu ao templo para rezar tem milhões de descendentes em linha reta nesta nossa geração, que dizem: “Não tenho necessidade de um código ou de um credo.” Nisto são eles semelhantes à criancinha de cinco anos tocando piano, que faz soar a notas, batendo-as umas após outras. Como não tem regra fixa, jamais poderá merecer censura por bater uma “nota falsa”. Não professando ideal em moralidade essa gente "bem" jamais pode ser acusada de não viver de acordo com o seu credo. É esta a grande vantagem que tem sobre os cristãos, cujo credo é tão elevado que eles podem muitas vezes e com toda a razão ser acusados de não ir ao encontro das suas exigências.

Efeitos bastante danosos podem decorrer da aceitação da filosofia que nega a culpa ou o pecado pessoal e, portanto, torna todos decentes. Negando o pecado, a gente decente torna a cura impossível. O pecado é muito sério e a tragédia aprofunda-se pela negação de que somos pecadores. Se os cegos negam que são cegos, como chegarão alguma vez a ver? O pecado realmente imperdoável é a negação do pecado, porque, pela sua natureza, não há nada agora a ser perdoado. Recusando-se a admitir a culpa pessoal, a gente "bem" transforma-se em difamadora, boateira, mexeriqueira e supercrítica, pois devem projetar a sua culpa real, embora não reconhecida, sobre os outros. Isto, novamente, lhes dá uma nova ilusão de bondade: o aumento dos detratores está na razão direta e na proporção da negação do pecado. (A gente sórdida não gosta de mexericar a respeito das faltas alheias, porque tem consciência apenas das suas próprias culpas.)

É facto de humana experiência que quanto mais experiência temos do pecado – do nosso próprio pecado – tanto menos temos consciência dele. Em todas as outras coisas aprendemos pela experiência; no pecado, desaprendemos pela experiência. O pecado invade o sangue, as células nervosas, o cérebro, os hábitos, a mente e quanto mais penetra ele um homem, tanto menos percebe este a existência do pecado. O pecador torna-se tão acostumado ao pecado que deixa de reconhecer a sua gravidade. Era esta a sinistra ideia que havia por trás da tentação de Satanás a Eva. Satanás disse-lhe que se ela possuísse o conhecimento do bem e do mal, seria como Deus. Satanás não lhe disse a verdade real; que Deus conhece o mal apenas negativamente, intelectualmente, como um médico que nunca teve pneumonia a conhece como a negação da saúde. Mas um ser humano, conhecendo o mal inteiramente, deve conhecê-lo experimentalmente, isto é, o mal penetraria no seu sistema e tornar-se-ia parte dele. Como a catarata no olho cega a visão, da mesma forma o pecado sempre escurece o intelecto e enfraquece a vontade, deixando um viés para a prática de outro pecado. Cada pecado torna o outro mais fácil, a consciência menos censuradora, a virtude mais detestável e a atitude para com a moralidade mais desprezadora. Em algumas pessoas, o pecado age como um cancro, minando e destruindo o caráter por longo tempo, sem quaisquer efeitos visíveis. Quando a doença se torna manifesta, já progrediu tanto que quase se perdeu a esperança de uma cura.

Kierkegaard, com a sua habitual penetração, mostrou que há um desespero que o homem não pode facilmente compreender. Prevalece no pecador que se coloca contra Deus, que quer ser o seu próprio deus e legislador e, portanto, quer ser mais do que a natureza de qualquer homem pode permitir. Quer desesperadamente ser ele mesmo (possuir uma plenitude de ser que só tem por igual a de Deus) e de maneira igualmente desesperada não ser ele mesmo (não ser criatura finita, que não pode deixar de saber que é, por mais que tente ocultar este facto à sua própria consciência).

Raras vezes se revoltará um homem abertamente contra o Infinito. Se o homem sabe que se revoltou e pecou e ainda assim não aceita as consequências, tenta minimizar o pecado com desculpas, como fez Caim. Mas o homem moderno perdeu a compreensão do próprio nome de "pecado". Quando peca e, de certo modo, sente os efeitos (como todos os homens devem sentir), procura alívio em cultos escapistas, ou em hábitos escapistas de beber ou tomar drogas. Atribui também a culpa da sua doença à esposa, ao seu trabalho, aos seus amigos, ou à ordem económica, social e política. Muitas vezes se lamentará de excesso de trabalho e "tensão", desenvolverá sintomas de fraqueza física, tudo esforços inventados para evitar encarar o facto de haver pecado. Pode – e frequentemente – torna-se um neurótico. Se a sua neurose já se adiantou o bastante, ouvirá da boca de algum psicanalista que não é plenamente responsável pelas suas ações porque é "um doente". Isto lhe dá um pretexto adicional para não reconhecer os seus pecados.

Se permanecermos no pecado pela negação do pecado, o desespero toma conta das nossas almas. Um pecador pode pecar tanto que não reconheça o caráter totalitário do seu pecar. Nunca considera o seu pecado atual como uma unidade a mais somada a milhares de outros pecados. Viajar a setenta milhas à hora num automóvel já é excessivo. Mas se acrescentarmos vinte milhas mais, o perigo aumenta. Os pecados de que não nos arrependemos geram novos pecados e o vertiginoso total provoca desespero. A alma diz então: "Avancei demasiado". O ébrio amedronta-se com um dia sóbrio por causa da clareza de visão do seu próprio estado que ele acarreta. Quanto maior a depressão, tanto mais um pecador necessita de

escapar a ela, por meio de outros pecados, até que se põe a gritar com Macbeth, no seu desespero:

“Vivi um tempo abençoado;

Mas a partir daquele instante,

Nada há de sério entre os mortais,

Tudo não passa de brinquedos:

Mortos estão renome e glória...”

A condição de desespero produzida pelo pecado sem arrependimento atinge muitas vezes um ponto em que há um positivo fanatismo contra a religião e a moralidade. Aquele que decaiu da ordem espiritual odiá-la-á, porque a religião lhe lembra a sua culpa. Maridos infiéis baterão nas suas fiéis esposas. Mulheres infiéis acusarão os seus maridos de infidelidade. Tais almas atingem finalmente um ponto em que, como Nietzsche, querem aumentar o mal, até que toda a distinção entre o mal e o bem seja apagada; então podem pecar impunemente e dizer com Nietzsche: “Mal, sê o meu bem”. A conveniência pode então substituir a moralidade, a crueldade torna-se justiça, a luxúria amor. O pecado multiplica-se em tal alma até que ela se torna residência permanente de Satanás, amaldiçoada por Cristo como um dos sepulcros caiados de branco deste mundo.

Tal é a história de uma pessoa "bem”, que acredita que nunca peca.

A gente "bem" não se aproxima de Deus, porque pensa que é boa, graças aos seus próprios méritos, ou má, graças a instintos herdados. Se praticam o bem, acreditam que devem merecer crédito por isso; se praticam o mal, negam que seja culpa deles próprios. São bons graças à bondade do seu próprio coração, dizem eles; mas são maus porque são infelizes, quer na sua vida económica, quer em virtude de uma herança de um genes maus dos seus avós. A gente "bem" raramente se aproxima de Deus. O tom da sua moral é tirado da sociedade que vivem. Como o fariseu diante do altar, acreditam que são cidadãos respeitabilíssimos. A elegância é a sua prova de virtude. Para eles a moral é a estética, o mal é o feio. Cada movimento que

fazem é ditado, não por um amor da bondade, mas pela influência da sua época. As suas inteligências são cultivadas no conhecimento dos acontecimentos correntes. Leem somente os “best-sellers”, mas os seus corações são indisciplinados. Dizem que iriam à Igreja, se a Igreja fosse um pouco melhor, mas nunca nos dizem quão melhor a Igreja deveria ser, antes que eles a ela se juntassem. Condenam muitas vezes os grandes pecados da sociedade, tais como um assassinato. Não são tentados a pecados dessa natureza, porque receiam o opróbrio que sobrevém àqueles que os cometem. Evitando os pecados que a sociedade condena, escapam à censura, consideram-se bons por excelência.

Contudo o que levou o nosso Bendito Senhor a censurar não foi a maldade, mas justamente uma bondade semidireita como essa. Não encontramos palavras de condenação proferidas contra Madalena, que vivia dominada pelo problema sexual, ou contra o ladrão arrependido, que achava difícil respeitar os bens alheios, mas O vemos censurando contra os escribas e os fariseus, que eram homens decentes e semidireitos. Contra eles, proferiu as suas maldições: “*Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas.. .*” (Mat. 23,15) “*Condutores cegos que filtrais o mosquito e engulis o camelo*.” (Mat. 23,24) “*Serpentes, raças de víboras como escapareis da condenação ao inferno? ”* (Mat. 23,33) “*Ai de vós,escribas e fariseus hipócritas: porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que por fora parecem formosos aos homens, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a podridão. ”* (Mat. 23,27) Disse que as meretrizes e os traidores entrariam no Reino dos Céus antes dos cheios de si próprios e dos presumidos. A respeito de todos aqueles homens que fazem doações a hospitais, bibliotecas e obras públicas, para terem os seus nomes gravados em pedra, lembrando-os aos seus semelhantes, disse: “*Em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa*.” (Mat 6,2) Queriam apenas a glória humana e obtiveram-na. Nem uma vez sequer Nosso Bendito Senhor se mostra indignado contra aqueles que já estão, aos olhos da sociedade, abaixo do nível da lei e da respeitabilidade. Atacou apenas a fingida indignação daqueles que vivem mais no pecado do que o pecador e que se sentem agradavelmente virtuosos, porque descobriram alguém mais vicioso do que eles. Não condenava aqueles a quem a sociedade condenou; as suas palavras severas foram poupadas para aqueles que tinham pecado e cujos pecados não tinham sido descobertos. Foi por isso que Ele disse à mulher

apanhada em pecado: “*O que de vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra*”. (João 8,7) Somente a inocência tem direito a condenar. Não queria Ele acrescentar a Sua carga de acusação àquela que já tinha sido lançada contra os borrachos e os ladrões, os revolucionários baratos, as mulheres de má vida e os traidores. Eram o alvo de todos e todos sabiam que eles estavam errados.

E as pessoas que preferiram fazer guerra contra Nosso Senhor nunca foram aquelas a quem a sociedade condenara como pecadores. Daqueles que O sentenciaram à morte, nenhum jamais tivera ficha na polícia, jamais fora detido, jamais se soubera que houvessem caído ou fraquejado. Mas entre os Seus amigos que choraram a Sua morte, achavam-se convertidos dentre ladrões e prostitutas. Os que estavam alinhados contra Ele eram a gente decente, altamente colocada na sociedade, a gente mundana e próspera, os homens dos grandes negócios, os juízes dos tribunais que governam por conveniência, os indivíduos de “mentalidade cívica”, cujo autêntico amor próprio era supervenerado com pública generosidade.

Por que O odiavam? Porque, durante toda a Sua vida, estivera a rasgar as máscaras de falsa bondade da gente decente, expondo o mal de homens e mulheres que viviam de acordo com os padrões convencionais do Seu tempo.

Finalmente chegou uma ocasião em que os acusados não puderam tolerar por mais tempo as Suas censuras àquilo que eles eram. Nosso Senhor foi crucificado pela gente decente que afirmava que a religião estava muito bem no seu lugar, enquanto o seu lugar não fosse aqui, onde pudesse exigir deles uma mudança de coração. A Cruz do Calvário ergue-se na encruzilhada de três prósperas civilizações, como eloquente testemunho da incómoda verdade de que a gente bem sucedida, os líderes sociais, aqueles que são rotulados de “decentes” são os mais capazes de crucificar a verdade Divina e o Amor Eterno.

O erro mais grave da gente decente em todas as eras é a negação do pecado.

Contudo é a negação do pecado. Contudo é esta uma atitude desesperada e ilógica que qualquer homem possa tomar. Mesmo na ordem

natural, as leis não podem ser infringidas sem desastrosas consequências. A lei da gravidade auxiliará um homem que construir o lado da sua casa direito e a prumo; mas a lei da gravidade estará contra ele e fará a sua casa vir abaixo se ele construir fora de prumo. A desobediência às leis naturais acarreta punição. A astronomia revela que, de vez em quando, certas estrelas saem das suas órbitas. Como castigo dessa desordem, desfazem-se a si mesmas em chamas no espaço.

É lei da natureza que o mais alto objeto controlará o mais baixo em toda a hierarquia de Deus. Na ordem biológica, a morte é o domínio de uma ordem mais baixa sobre uma ordem mais alta. Pois a morte sucede quando as forças vitais não mais podem integrar, nos interesses do ser total, aqueles processos físicos e químicos que se passam continuamente nas células do organismo. A vida tem sido definida como a soma das forças que resistem à morte, que impedem esta revolta da ameba. Gradativamente, à medida que envelhecemos, o processo da vida consome a substância das células e diminui o poder das nossas várias funções vitais. Os nossos processos químicos tornam-se cada vez mais independentes das forças vitais controladoras, e a sua rebelião torna crescentemente mais difícil ao organismo harmonizar as suas atividades com os interesses do homem total. Nesse preciso ponto, em que há um equilíbrio de forças a favor dos processos puramente químicos em contraposição aos poderes controladores vitais, a morte ocorre. Tendo realizado a sua plena independência, os processos químicos tornaram-se capazes de quebrar a integridade do organismo. Tal é a história de todos os seres terrestres.

Na vida humana a hierarquia estende-se mais alto, há uma superestrutura acima do físico e a mesma grande lei se aplica aqui também. Pois o homem é feito de tal maneira, que, quando tudo está em ordem, a ordem moral assume a supremacia sobre o instintivo e o físico. No momento em que num homem o carnal passa a dominar o espiritual, quando o ego triunfa dos impulsos sociais, quando o material domina o ético, um domínio de uma ordem mais baixa sobre uma ordem mais alta acaba de ocorrer. De novo isto resulta em morte – a morte chamada pecado. “*Porque o preço do pecado é a morte.* ” (Rom. 6,23.)

Não pode o homem romper impunemente as leis da sua própria natureza. O castigo que invariavelmente se segue a tais tentativas de rebelião pode ser mais aparente na ordem psicológica. Por exemplo, é claro que toda a pessoa concentrada em si mesma é uma pessoa frustrada. Por que deve ser assim? Porque a frustração se produz, quando um anseio natural encontra um obstáculo insuperável. Para encontrar satisfação necessita de todo o anseio natural de estar voltado para um objeto; até que isso ocorra, permanece ele um anseio, uma inclinação para certa espécie de realização. Mas a realização do anseio só pode ocorrer por meio de alguma coisa que seja ela própria real. Sendo o anseio, como tal, mera potência, não pode procurar a sua própria satisfação. O que a produz é o objeto para o qual a potência está ordenada. Enquanto estiver a pessoa interessada exclusivamente em si mesma, em vez de entregar-se ao mundo objetivo dos encargos e deveres, tal realização não pode efetuar-se e produz-se a frustração. Violando a lei da natureza, atrai assim o homem sobre si mesmo a frustração e o descontentamento.

Todo o homem e toda a mulher vivos experimentam um senso de culpa quando violam uma lei natural. Como disse Séneca: "*Toda a pessoa culpada é o seu próprio carrasco*". Toda a pessoa culpada está também cheia de temor, pois "a consciência faz covardes a todos nós". Em vez de chamar o pecado uma ficção, seria mais verdadeiro chamá-lo de fricção, uma "coceira irritante". O senso de culpa de pecado que não se quer admitir explica muitas das doenças psicológicas do homem moderno. Contudo seria erróneo dizer que o factor moral está sempre por trás das desordens mentais, pois não é assim. As doenças mentais, usando a frase no estrito sentido do termo, podem ter causas físicas, tais como orgânicas alterações do cérebro, distúrbios nas glândulas endócrinas, malformações no sistema nervoso central e outras coisas semelhantes. Aqui abstraímo-nos inteiramente de todas as teorias a respeito da origem da esquizofrenia, tais como aquela que afirma ser ela devida a anormalidades do "nível molecular" e a teoria das causas psicogenéticas da "loucura maníaco-depressiva". Estamos aqui tratando da filosofia da frustração. Criticamos apenas aqueles psiquiatras que, agindo como filósofos, vão além da sua própria esfera médica ou científica, para negar a possibilidade de culpa ou pecado.

Mesmo para médicos que não traduzem as suas descobertas em termos morais, está-se tornando crescentemente evidente que as perturbações mentais estão muitas vezes enraizadas em violações de uma lei natural, tendo por conseguinte uma base moral. Os doutores Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg inculpam os crescentes distúrbios mentais das mulheres ao facto de fugirem elas às responsabilidades da maternidade. Afirmam que a mulher sem filho, mesmo embora dotada de muito talento, jamais se pôde aproximar em força pura e objetiva das mães dos homens... e mulheres. As mulheres casadas com um só filho ou sem nenhum, exceto aquelas de condições orgânicas desfavoráveis (existentes em poucos casos).

"*... estão, com exceções ocasionais, emocionalmente desorientadas. Quer isto dizer que são mulheres infelizes, qualquer que possa ser o testemunho consciente delas em contrário. O abrupto declínio da natalidade, portanto, é um índice importante no aumento da desordem emocional e da felicidade, afetando tanto os homens como as mulheres, mas afetando particularmente as mulheres*". [17]

Usar de uma navalha para arrasar uma montanha, dirigir as nossas vidas para qualquer outra estrada que não aquela que termina na nossa derradeira perfeição, é não somente prejudicar as nossas mentes, mas também perder a felicidade que vem da vida direita.

Contudo, é muitas vezes afirmado pelos psiquiatras e sociólogos que o pecado nada mais é do que um desvio dos ideais aceitos pela sociedade em algum dado momento. Ora, não há dúvida que o código ético de um homem é até certo ponto determinado pela sociedade em que ele vive. Isto porém não quer dizer que o pecado e a culpa são produtos de um "instinto de manada" ou das decisões ambientais da sociedade. Se isto fosse verdade, como poderia a consciência individual muitas vezes acusar-se de erro e saber-se errada mesmo quando a sociedade diz que está direita? A consciência sabe que o direito consiste muitas vezes no repúdio dos padrões sociais duma dada época (tal como a de 1938 na Alemanha nazista). Se um homem pode estar certo quando age contra a manada, e errado, quando age com a manada, ou com a sociedade, segue-se então que há algo mais para o pecado do que a desaprovação social.

A negação da existência da culpa objetiva pelos psicólogos materialistas é devida a uma falsa compreensão da natureza humana. Há cerca de quatrocentos anos passados, alguns teólogos errados disseram que o homem era intrinsecamente corrupto e, portanto, incapaz de justificação pelas obras. Disto derivou a ideia de que o homem é justificado pela fé em Cristo, cujos méritos são imputados ao homem corrupto. Mais tarde, outros teólogos errados disseram que, uma vez que o homem é intrisecamente corrupto, é incapaz de ser justificado quer pela fé, quer pelas obras. A sua redenção seria dependente da predestinação, ou da Vontade Soberana de Deus que elege ou condena. A falsa concepção espalhou-se e muito fez para destruir a crença do homem na liberdade humana. Finalmente, entrou em cena o totalitarismo para dizer que, uma vez que o homem é intrisecamente corrupto não pode ser justificado pela fé, pelas obras ou pela Soberana Vontade de Deus, mas somente pela coletividade que absorve o homem. Isto, nos dizem, desviaria a depravação humana, substituindo-se a consciência individual pela consciência de estado e Deus por um ditador.

Rebelando-se contra esta noção de depravação total comum a esta tradição, estavam direitos os psicólogos materialistas. O homem não é inteiramente depravado. Mas os psicólogos muitas vezes erraram, não investigando o conceito tradicional do homem, que permanece no meio, entre o falso otimismo que promete torná-lo um santo pela evolução e pela educação e o falso pessimismo que vai longe, querendo torná-lo um demónio por meio do totalitarismo comunista.

O sentido do pecado é uma realidade que todos os homens conhecem. É mais do que justamente uma violação da lei. A sua pungência não estaria presente, senão pela intuição do homem de que o pecado também envolveu uma quebra de relação e de pessoas. Algumas pessoas que roubam de uma grande corporação não acham que tenham feito algo de muito errado (embora realmente tenham), porque não podem pensar na corporação senão como uma coisa impessoal. Têm uma intuição fugitiva de uma verdade, que a essência do pecado não é uma negação de um código, mas uma rejeição de uma pessoa a quem a gente se sente ligado por meio da sua bondade e do seu amor. O pecado é uma afronta feita por um espírito contra outro, um ultraje feito ao amor; é por isto que não há senso do pecado sem a consciência de um Deus pessoal. Isaías teve o profundo senso de culpa

quando viu Deus e disse: “*Ai de mim, que me calei porque sou um homem de lábios impuros e eu vi com meus olhos o Rei, o Senhor dos exércitos*.” (Isaías 6,5) “*Eu já te ouvi com os meus ouvidos, mas agora os meus próprios olhos te vêem. Por isso acuso-me a mim mesmo e faço penitências no pó e na cinza*.” (Job. 42, 5-6.) “*Afasta-te de mim porque sou um homem pecador, ó Senhor.* ” (Lucas 5,8.)

Porque o pecado é a quebra de uma relação com o Amor, segue-se que não pode ser tratado exclusivamente pela psiquiatra. (Não estamos aqui dizendo que todas as desordens mentais são devidas a um senso de pecado. Não são. Mas há algumas que são e quando psiquiatras materialistas afirmam que a angústia devida ao pecado pode ser tratada do mesmo modo que outras doenças nervosas e psíquicas, sem referências a recursos espirituais, estão acrescentando às complexidades, desordem e frustração da vida do paciente.) Não basta analisar o pecado, a fim de destruir a consciência do pecado ou curá-lo. Se o dentista sabe que a cárie no dente é devida ao uso do açúcar, não se segue daí imediatamente que o doente fique curado. Cavando-se ao redor dum carvalho para descobrir a podridão da bolota da qual ele originalmente proveio, não quer dizer que se esteja fortalecendo a própria árvore. Descobrir os motivos do pecado, pelo estudo do passado do paciente, não é curá-lo. O pecado não está somente na compreensão, nem nos instintos; o pecado está na vontade. Daí não pode ser ele desfeito, como pode ser desfeito qualquer outro complexo pelo facto de ser trazido a lume no consciente. As doenças psíquicas podem brotar de complexos recalcados. Mas o pecado deve ser encarado como um ato da vontade que implica a personalidade inteira. A simples compreensão intelectual não destruirá os seus efeitos ou restaurará a saúde do paciente.

Não é verdade que o conhecimento dos nossos pecados como pecados induza a um complexo de culpa ou morbidez. Pelo facto de ir uma criança à escola, desenvolve-se nela um complexo de ignorância? Pelo facto de ir o doente ao médico, passa ele a sofrer um complexo de doença? O estudante se concentra, não sobre a sua própria ignorância, mas sobre a sabedoria do mestre; os doentes se concentram, não sobre as suas doenças, mas sobre os poderes curativos do médico e o pecador, vendo os seus pecados como pecados que são, concentra-se, não sobre a sua própria culpa, mas sobre os poderes redentores do Médico-Divino. Não há prova alguma que sustente a

posição de alguns psiquiatras modernos quando afirmam que a consciência do pecado tende a tornar mórbida uma pessoa. Chamar de escapista a um homem porque pede perdão a Deus, é o mesmo que chamar de escapista um proprietário cuja casa está em chamas, porque pede socorro ao corpo de bombeiros. Se há alguma coisa de mórbido em admitir o pecador a sua responsabilidade pela violação da sua amizade com o Divino Amor, pode-se dizer que é uma saúde jovial, comparada com a verdadeira e terrível morbidez que sobrevém àqueles que estão doentes e recusam admitir a sua doença. O maior refinamento de orgulho, a mais desprezível forma de escapismo é impedir-se de examinar a si mesmo, no temor de descobrir dentro de si o pecado.

Assim como um bêbado algumas vezes se tornará consciente da gravidade da sua intemperança, somente por meio da assustadora visão de quanto ele desgraçou o seu lar e a mulher que o ama, da mesma forma, os pecadores podem chegar a uma compreensão da sua miséria, quando tiverem compreendido o que fizeram ao nosso Divino Senhor. É por isso que a Cruz tem sempre desempenhado um papel central na pintura cristão. Ressalta o que há de pior em nós, revelando o que o pecado pode fazer à bondade e ao amor. Ressalta o que há de melhor em nós, revelando o que a bondade pode fazer pelo pecado – perdoar e reparar no momento da maior crueldade do pecado. A Cruz de Cristo faz algo por nós que nós não podemos fazer por nós mesmos. Em toda a parte do mundo somos espectadores, mas diante da visão da Cruz, passamos da condição de espectadores à de participantes. Se alguém pensa que a confissão da sua culpa é escapismo, deixai-o ajoelhar-se, uma vez que seja, aos pés do Crucifixo. Não poderá deixar de sentir-se envolvido. Um olhar para Cristo pregado na Cruz e a crosta será arrancada das profundezas ulceradas do pecado, ao ser ele revelado em toda a sua hediondez. Um raio apenas daquela Luz do Mundo anula toda a cegueira que os pecados produziram e faz arder dentro da alma a verdade da nossa amizade a Deus. Aqueles que se têm recusado a subir ao Calvário são os que não choraram pelos seus pecados. Uma vez que uma alma tenha subido ali, não pode por mais tempo dizer que o pecado não tem importância.

Se o senso da culpa é um afastamento de Deus e tristeza por haver ferido alguém que amamos, se a dor da auto-censura é um sintoma da nossa

rejeição do convite de amor, então devemos acentuar não a sensação da culpa, mas o meio de removê-la e encontrar a paz. É preciso amor para ver que o amor foi magoado. O Divino Amor sempre recompensa esse reconhecimento pelo perdão e uma vez dado o perdão, uma união se restaura de maneira muito mais íntima do que fora antes. Há mais alegria, disse Nosso Senhor, entre os Anjos do Céu por um pecador que se arrepende do que pelos noventa e nove justos que não necessitam de penitência.

Quando o amor é compreendido com acerto, não nos sentimos tristes pelo pecado, a fim de que Deus possa perdoar-nos; antes, sentimo-nos tristes por aceitar esse perdão. Deus se oferece a perdoar-nos antes de nos arrependermos. É a tristeza da nossa parte que torna eficaz esse perdão. O pai não começou a perdoar o filho pródigo, quando o viu vindo lá pela estrada. O pai já havia perdoado o filho desde o começo. O perdão só podia torna-se efetivo no momento em que o filho se sentiu triste, por ter quebrado a amizade com o pai e pensou em restaurá-la. Justamente como sempre tem havido música no ar que nós não ouvimos, a menos que o rádio esteja sintonizado, da mesma forma há sempre perdão disponível, mas não o recebemos enquanto falta tristeza à nossa alma e propósito de emenda. Só descobrimos aquilo que procuramos. A natureza tem muitos segredos para dar-nos, mas não no-los entregará enquanto não estivermos pacientemente diante dela e obedecermos às suas leis. Somente com tal submissão, receberemos. Enquanto não houver vontade implorativa de uma relação diferente com Deus, que não aquela distante e medrosa causada pelo pecado, não poderá o pecado ser perdoado. Ser pecador é a nossa desgraça, mas saber que o somos é a nossa esperança.

As pessoas decentes deveriam ver-se como pessoas más para que possam encontrar a paz. Quando mudarem a sua crença orgulhosa e diabólica de que nunca fizeram nada de errado em esperança de um Remédio Divino para os seus erros, terão atingido a condição de normalidade, paz e felicidade. Em contraste com o orgulho daqueles que negam a sua culpa, para escapar à autocrítica, está a humildade de Deus, que fez o mundo que nada acrescentou à Sua glória e depois fez o homem para criticá-Lo. As pessoas sórdidas são as conversíveis. Conscientes das suas próprias imperfeições, sentem dentro de si um vácuo. Pode parecer-

lhes um vácuo sem sentido, como o Grand Canyon, mas na realidade o seu vazio é mais semelhante ao de um cesto que pode ser enchido. Têm fome e sede de alguma coisa que não de si mesmos. Este senso do pecado neles produz um desespero absoluto, mas um desespero criador, quando alguma vez sabem que podem para além de si mesmos buscar o alivío amorável.

O nosso Bendito Senhor gostava imensamente das pessoas pecadoras. Contou muitas história a respeito delas Uma das acusações que os seus inimigos fizeram contra Ele era a de que comia na companhia de gente sórdida e de pecadores. Um dos maiores apóstolos veio a Nosso Bendito Senhor através do ódio. É o pródigo colocado à frente do seu irmão virtuoso; o filho rebelado e arrependido foi preferido ao que jurou fidelidade e depois desobedeceu. A ovelha desgarrada foi posta nos ombros do Bom Pastor, enquanto as noventa e novena ficavam no campo. A moeda perdida foi encontrada e isto constituiu motivo de regozijo, mas nunca houve qualquer reunião para celebrar as outras nove. O Salvador expulsa os compradores e vendedores do Templo e depois toma nos Seus joelhos uma criança e diz que ela entrará no Reino dos Céus antes dos sábio professores universitários. Lava os pés dos discípulos que buscam os primeiros lugares na mesa, fala livremente às mulheres a quem toda a nação odeia e intervém para proteger uma adúltera de lapidação por aqueles cujo adultério ainda não havia vindo a público. O anúncio da sua Encarnação foi feita a uma Virgem, mas o anúncio da Sua ressureição dentre os mortos foi feita a uma pecadora convertida.

Porque o Nosso Bendito Senhor preferiu a gente pecadora à gente descente, é bem provável que, se pudessemos entrar no Céu, teríamos diante dos olhos certos espetáculos que nos escandalizariam. Diríamos: “Ora esta, como entrou aquela mulher ali?” ou “Como conseguiu ele entrar? Conheci-o quando...” Haverá no Céu muitos a quem nunca esperariamos encontrar lá. As surpresas serão numerosas. Mas a maior surpresa de todas será descobrir que nós mesmos estamos lá.

A gente sórdida pode alcançar a felicidade deste lado do Céu, também. A sua humildade torna isto possível. Muitos dos que chegaram à plenitude do Cristo, quando interrogados por que abraçaram a Igreja, responderam: “Juntei-me à Igreja para livrar-me dos meus pecados.” Aqueles que se

recusam a admitir os seus pecados, que negam que são pecadores, descobrirão esta completa dificuldade de compreender. De facto, é difícil à gente descente compreender, porque deixa de verificar que há duas coisas bastante devastadoras que acontecem àqueles que entram em contato com Nosso Senhor: um opressivo sentimento de vergonha e uma gloriosa sensação de libertação.

Não há ninguém que negue a culpa pessoal que seja feliz, mas não há ninguém que a haja admitido, sido perdoado e viva no amor de Deus, que seja infeliz. Um senso de indignidade moral jamais entristeceu uma alma, mas muitas almas se tornaram tristes e frustradas por causa do seu amor próprio.

Quanto maior a consciência da nossa própria miséria, tanto maior a nossa confiança na bondade e na miserircórdia de Deus. Deus não podia revelar o atributo da misericórdia, se não houvesse miséria. Deus teria sido Bondade Infinita, se nunca houvesse feito o mundo; mas sem a existência da gente sórdida Ele nunca teria podido mostrar a Sua doce Misericórdia pelos nossos pecados.

CAPÍTULO 6
Exame de Consciência

Durante séculos muitas almas acreditaram, como algumas ainda hoje acreditam, no exame de consciência. Este grande exercício espiritual foi afastado a pontapé da porta da frente pelos materialistas modernos na base de que é inútil examinar a consciência. Ofereciam três argumentos: que não há pecado, que a consciência é apenas o facto de reconhecermos convenções sociais e tabus e que cada homem é o único determinante do que é certo e errado para ele. Aquilo que esses materialistas afastaram da porta da frente, alguns psiquiatras agora introduzem um disfarce pela porta do fundo, sob o rótulo de novo exame: exame do inconsciente - mas com esta diferença: com eles não há Deus, não há lei moral, não há julgamento final.

Chama-se comumente psicanálise este exame do inconsciente. [18] Por causa duma confusão generalizada sobre o assunto, é importante indicar aqui, entre parentesis, a diferença entre psiquiatria e psicanálise. Psiquiatria é uma ciência que trata das doenças mentais; só pode ser praticada por doutores em medicina. Psicanálise é um método particular de tratamento de alguns males, aliviando de um mal embaraçoso e trazendo o inconsciente ao consciente. Pode-se estar em oposição a certa escola de psicanálise, como a freudiana, sem por isso ser contrário à psicanálise em geral, como se pode ser contrário ao “jazz”, sem ser inimigo da música. A psiquiatria como termo cobre mesmo um território mais amplo. Além de todas as formas de psicanálise, inclui uma dúzia de métodos diferentes. A psiquiatria, como um ramo da medicina, é não somente uma ciência perfeitamente válida, mas uma real necessidade hoje. Nos últimos cem anos, enquanto a população dos Estados Unidos aumentou apenas 6,71 por cento, a porcentagem de pacientes mentais institucionalizados aumentou de 23,328 por cento. Médicos qualificados para tratar, curar e prevenir tais doenças são uma desesperada necessidade moderna. Muitos dos psiquiatras que exercem hoje tão necessária tarefa não são psicanalistas.

Mas a psicanálise mesma, compreendida como exploração mental e tratamento, pode ser um método perfeitamente válido. Até certo ponto, poderia ser encarada como uma aplicação da doutrina cristã do exame de

consciência ao exame do inconsciente. A fé cristã e a moral não podem naturalmente ter quaisquer objeções a um tratamento mental, cujo alvo é a restauração do espírito doente ao seu fim humano. Mas “a psicanálise” se torna, na verdade, bastante errada quando cessa de ser um método de tratamento e pretende ser uma filosofia. Caminha fora da sua legítima área com um ramo da medicina e torna-se perigosa, quando é transformada na base de uma concepção filosófica da natureza humana, com afirmativas tais como a de que o homem é um animal e não tem liberdade de vontade, ou que “ as doutrinas religiosas são ilusões”. [19]

A psicanálise (usando ainda este nome num sentido vasto) não pode ser inteiramente independente de uma visão filosófica da natureza humana. Mas uma filosofia profunda não se derivou das descobertas da psicanálise; antes, a interpretação filosófica precede a teoria psicológica e determina o seu objetivo particular. Se uma escola psicanalítica assevera que o homem é um animal apenas, esse dogma não é algo que o seu fundador tenha concluído dos factos descobertos pelo estudo psicológico. Foi uma suposição que ele aceitou, antes de toda a investigação e construiu como bases que sustentam a teoria. Se uma escola psicanalítica proclama que essas desordens mentais, não causadas por uma doença orgânica do cérebro, se originam de instintos, sexuais e outros, tal afirmação de novo ultrapassa o que é justificado pelos factos observados e deles deduzido. Pertence às pressuposições que os psicanalistas aceitaram como verdade, antes de haverem procedido ao desenvolvimento da sua teoria. Quando Freud escreveu o seguinte, impôs a uma teoria um preconceito irracional: “ A máscara caiu: a psicanálise leva a uma negação de Deus e de um ideal ético”. [20]

A escola psicanalítica de Freud faz isto justamente muitas vezes. Mas há outras escolas. E repito, não há objeção a fazer à psicanálise como tal, enquanto se mantém ela como simples método e não acarreta influências ou ideias contrárias à verdade (embora a psicanálise, no melhor dos casos, não seja uma panacéia aplicável tão amplamente como querem os seus mais estimados crentes). Mas uma vez que a psicanálise afirma que “o homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles” [21], ou que o pecado é um mito, a religião uma ilusão e Deus “ uma imagem do pai”, então cessa de ser ciência ou um método e começa a ser um preconceito.

Através de todas as eras tem havido alguma espécie de psicanálise - uma análise da “psyche” ou alma, de passo com a procura das causas mentais de todas as espécies de perturbações humanas..

Pensavam os gregos antigos que a base da vida normal, da sabedoria e da sanidade era o “conhecer - te a ti mesmo”. Sócrates falava da necessidade de “tomar cuidado da sua alma” e as palavras gregas que dizem isto são precisamente “terapia da alma”

As curas mentais eram aplicadas, como meios de curar certas desordens físicas, nos santuários do deus Esculápio. Os estoicos da era pré-cristã, e de modo particular Séneca, recomendavam um exame de alma todas as noites na suposição de que, quanto mais o homem moral entra em si mesmo, tanto maior é a sua paz. Marco Aurélio escreveu uma série de meditações nas quais conversa intimamente com a sua alma, discute os problemas do certo e do errado, e, geralmente falando, examina a sua consciência, dando conta a si mesmo de quão distante tem vivido dos seus princípios. Mais tarde, disse Santo Agostinho: “*Não saias de ti mesmo; antes, volta-te para dentro de ti mesmo e te transcenderás*”. E também disse que a verdade reside no homem interior. Santo Agostinho é retamente considerado o pai da auto-análise em psicologia, embora a psicologia científica, ou a ciência dos fenómenos mentais, se haja originado com Aristóteles.

Há outras passagens nos escritos de muitos autores medievais e posteriores que fortemente anteciparam concepções psicológicas ou psicanalíticas modernas. A análise do sonho desempenha grande papel das várias escolas psicanalíticas modernas: mas isto não é uma ideia nova, como Freud admitiu, embora proclamasse haver ido bastante além do que tinha sido feito antes, dando a esse método uma significação totalmente nova. O próprio S. Tomás observa que: “*Há alguns doutores que estão habituados a examinar sonhos, afim de determinar as disposições das pessoas*”. [22]

O problema dos factores mentais em todas as espécies de desordens foi um que interessou particularmente os românticos germânicos, na primeira parte do século XIX. Entre os escritores que o próprio Freud alista, como seus predecessores, há um Schubert que escreveu extensivamente a respeito de sonhos e do que ele chamava o “lado noturno” da alma.

A hipnose e a sua influência foi outro tópico que atraiu aqueles românticos, sob o nome de “influência magnética”. W. Grimm (que se estava pelo menos aproximando do Romantismo, mesmo que não pertencesse estreitamente ao grupo mais estreito, e cujo nome é famoso como um dos pais da linguística moderna) escreveu um ensaio sobre o inconsciente. Há também uma história, “O santo” entre os contos fantásticos de E. T. Holfmann. Trata-se duma moça que perdeu a voz por causa de um sentimento de culpa e a recupera quando ouve uma amiga explicar a seu pai a origem mental e o mecanismo de todo o processo.

No Evangelho, verificamos que o Nosso Bendito Senhor analisa os motivos das pessoas, usando não a mera psicanálise, mas a Análise Divina.

Olhando para dentro das almas, via os fariseus como sepulcros caiados de branco, dizendo que estavam limpos por fora, mas cheios por dentro dos ossos dos cadáveres. Penetrou por sob os fingimentos e hipocrisias das suas orações e das suas dádivas de esmolas, dizendo que eles faziam estas coisas para serem vistos pelos homens.

Analisou a alma hipócrita que foi para a dianteira do templo para rezar, revelando quão orgulhoso era no íntimo do seu coração. Quando uma mulher entrou sem ser convidada na casa de Simão e se lançou aos pés de Nosso Bendito Senhor, Simão pensou no seu íntimo: “Se Ele soubesse somente que espécie de mulher é ela!” - o que nos faz perguntar: “ como sabia ele?” Mas Nosso Senhor então analisou a alma de Simão e contou-lhe a história de dois devedores, um que devia quinhentos dinheiros e o outro cinquenta, e disso tirou ele a lição de que muito pecados eram perdoados à mulher porque amava muito. S. Paulo disse aos Coríntios: “*Examine-se pois a si mesmo o homem*.” (I Cor. 11,28) e novamente: “*Examinai-vos a vós mesmos, se estais firmes na fé*.” (II Cor. 13,5.) Estas palavras fazem lembrar Jeremias falando à sua própria gente: “*Examinemos e investiguemos os nossos passos e voltemos ao Senhor*.” (Lam. 3,40.)

O Nosso Bendito Senhor lembrou-nos que o mundo acabará com uma grande “psicanálise”, na qual os pecados secretos e ocultos de cada homem serão revelados e ninguém sairá até que tenha pago o derradeiro vintém. Por causa desta relação básica entre a alma humana e Deus, através de toda a história humana uma das práticas espirituais mais universais de toda a alma

Santa tem sido o que se conhece como o exame noturno de consciência. Os pensamentos, as palavras e os atos do dia são trazidos à superfície e examinados para se considerar se estão ou não em conformidade com a lei moral de Deus. Depois deste exame, segue-se uma resolução de emendar a nossa vida, de fazer penitência das faltas, e de entrar numa maior união com o amor que é Deus. Tal auto psicanálise é coisa séria.

Há, porém, uma profunda diferença entre psicanálise freudiana e o exame cristão de consciência, pois supõe-se que a psicanálise revele ou desvele algo que nem mesmo o mais escarniçado exame de consciência poderia descobrir. Freud proclama que o que está oculto no inconsciente é inacessível ao consciente; é proibido de emergir para a nossa visão consciente; é mantido retirado no inconsciente por uma poderosa força chamada o “censor”. Desde que não há meio para o espírito de sondar a sua própria consciência e descobrir o que está oculto e fechar-se ali, uma técnica peculiar tem de ser empregada para trazer a lume o conteúdo. Está técnica, conhecida como “associação livre” e “interpretação” é usada pela psicanálise freudista.

Todos os psicanalistas concordam em que o exame de consciência (ou narração sincera que um homem faz a si mesmo das suas ações e intenções) fará muito para libertar a mente de inibições e preocupações. Mas consideram o auto-exame um processo um tanto superficial. Sustentam que as causas reais das dificuldades mentais, dos conflitos íntimos e inibições poderão ser descobertas somente se o inconsciente for obrigado a devolver à consciência aquilo que outrora fora exilado e reprimido.

Mesmo se as pressuposições da psicanálise freudista fossem aceitas - o que não poderão ser - é discutível se esta noção da inacessibilidade total do “inconsciente” ao nosso exame normal pode ser mantida. É concebível que a mente, quando usando do contato certo, possa realizar quase tanto pela análise sozinha, como sob a guia de uma terceira pessoa. Para esta asserção a psicanálise freudista - pelos menos a do ramo “ortodoxo” - tem, sem dúvida, uma resposta pronta. A presença da terceira pessoa (ou do analista) é encarada como uma condição indispensável para o desencargo. É ela quem, por algum tempo, se torna o objeto dos anseios instintivos recalcados, por meio do chamado processo de “transferência”. Pensam os

freudistas ser isto um elo necessário no processo de arranjar e redistribuir as “energias instintivas”. Mas este argumento parece menos conclusivo do que acreditam os analistas que seja. Não há razão convincente para afirmar a indisponibilidade do próprio mecanismo da transferência. Se o analista é encarado como indispensável, só o é em virtude da teoria característica de Freud - teoria sem substância aliás - da natureza do inconsciente. De facto, tem-se notado recentemente uma tendência entre mesmo alguns seguidores de Freud a abandonar um ou outro dos dogmas da teoria original. Um desses dogmas suspeitos é o da necessidade da transferência ou da intervenção do analista. Tal nome só tem sentido se se concede que o pensamento humano pode obter acesso ao seu próprio inconsciente.

Até o ponto em que a psicanálise no século XX toma interesse pelo íntimo da alma humana, representa um grande progresso sobre as sociologias do século XIX, que pensavam que tudo quanto está errado no mundo era devido às pobreza, às más condições s, ao comércio livre, às altas tarifas, ou à política. Além disso, na extensão em que a psicanálise revelou os efeitos dos nossos pensamentos - mesmo da mente inconsciente - sobre a nossa saúde física e a nossa conduta, confirmou a grande verdade cristã de um pensamento desordenado (ou mesmo um inconsciente desordenado) leva à anormalidade.

Encontram-se em S. Tomás muitas passagens em que deplora, como deploram os psicanalistas, justamente tal repressão. A humanidade sempre reconheceu a relação entre consciente e inconsciente, como algo semelhante a de um piloto dum navio para com a casa das máquinas e o leme. (Não usamos aqui o inconsciente no sentido técnico de Freud.) O piloto na ponte pode ver à frente. Estabelece a direção e o curso a ser seguido. Estas direções são transmitidas à casa das máquinas lá embaixo e, finalmente, ao leme e em seguida à água. Da mesma maneira, é a consciência e, mais propriamente, a consciência e a vontade que dizem ao homem qual o rumo a seguir. Mas às vezes, quando as direções são comunicadas ao inconsciente, aos instintos, aos sentidos e às paixões, há uma espécie de revolta, uma desconfiança. O resultado é que, lá embaixo, no inconsciente da casa de máquinas, ou no inconsciente do leme, há um descaminho de ordens, uma revolta, destinada a deixar as suas cicatrizes na mente do homem. Pelo facto de poderem estar ainda ali os traços de tais passadas

revoltas, irreconhecíveis, não há negar haver por vezes vantagem em analisar mesmo o inconsciente, justamente como é útil limpar os numerosos objetos de uma adega de casa. Um caso de emergência pode tornar tal limpeza uma necessidade imediata; se um gato se insinua ao cano de uma fornalha, encherá de mau cheiro uma casa, tornando necessário examinar as partes digamos inconscientes da casa, a fim de que se possa ter ar mais puro lá em cima. (Se, porém, o psicanalista continua a dizer que os que vivem lá em cima podem eximir-se de toda a responsabilidade, quer pelo mofo da adega ou pela presença do gato no cano da fornalha, deve ser lembrado a eles que porão e gato que abriram caminho para os canos eram ambos propriedade deles mesmos.)

A psicanálise tem, pois, uma tarefa respeitável mais limitada, a executar. Opomo-nos aqui somente àqueles determinados psicanalistas que neguem qualquer validade ao exame de consciência, na base de que o exame do inconsciente lhe toma o lugar. O cristão não contende com o psicanalista que diz que a mente de um homem é bastante semelhante a uma flor, que tem as suas raízes na lama, no lodo e na imundície da terra, mas discutirá com o psicanalista que, concentrando-se nas raízes, nega a existência do caule, ou a beleza da flor. Como não é a raiz a flor inteira, assim também o homem não deve ser compreendido inteiramente em termos do seu inconsciente. Se estamos sempre tão doentes, que necessitamos do auxílio de um psicanalista para o exame do inconsciente, nem por isso seja dispensado o exame de consciência. Aquele é por vezes necessário, mas nunca é um substituto deste.

Um médico pode muitas vezes dar-nos um remédio para curar a anemia do sangue. Isto não dispensa a maior e mais constante necessidade que temos de limpar o sangue pela respiração. Similarmente pode haver vezes em que é necessário analisar o inconsciente para descobrir se uma ideia foi recalcada ou suprimida. Mas é necessário para nós examinar a consciência para descobrir se o motivo que moveu uma ação era certo ou errado. E, descobrindo isto, pode-se também encontrar a razão da repressão. Às vezes é útil analisar atitudes e condições de pensamento, mas é sempre necessário analisar a vontade e reconhecer a sua culpa, se houver. É este um processo mais penoso que costuma ser a psicanálise: uma pessoa pode ter orgulho das suas atitudes mentais, pode vangloriar-se do seu cepticismo, do seu

ateísmo, do seu agnosticismo e da sua perversão; mas a sua consciência nunca se vangloriará da sua culpa, da sua vergonha, ou da sua miséria. Mesmo isolada, uma consciência culposa sente-se perturbada.Deseja com veemência escapar à dor do autoconhecimento, lançando a responsabilidade a qualquer outra parte. Às vezes a censura por uma condição mental anormal vem a ser lançada sobre avós e avôs, sobre pais cruéis e grosseiras mestras de jardim de infância. Mas não se deve nunca esquecer que muitíssimas mais vezes a censura deve ser mais justamente lançada contra si mesmo, ao confessar, batendo no peito: "*Por minha culpa, minha culpa, por minha máxima culpa*." Às vezes pode ser útil ter alguém o seu inconsciente examinado, estendido num divã, mas a menos que queira abdicar da sua inteira personalidade a outrem, é sempre necessário reservar-se o direito da escavação da sua propriedade mental, de cavar na sua própria alma. Ninguém jamais se tornou melhor por ter alguém a dizer-lhe o grau da sua podridão; mas muitos se tornaram melhores confessando eles próprios as suas culpas.

Dá-se muitas vezes o caso de, quando o inconsciente se torna consciente, desaparecerem as dificuldades mentais. (Mas isto não é um substituto para consertar uma falta cometida contra alguma regra objetiva.) Há vezes em que é moralmente útil trazer à luz da consciência o conteúdo do que se oculta no inconsciente. Se o indivíduo conhece esse conteúdo, torna-se capaz de lidar com ele e desviar para melhor uso a compreensão de si mesmo que acaba de adquirir, dirigindo as suas energias para alvos mais razoáveis. [23]

Ninguém haverá de negar que a eficácia da análise depende da técnica; mas a técnica não substitui o arrependimento. Nem tampouco penetra uma psicologia bastante profundamente nos problemas humanos, se interpreta o homem inteiramente em termos de instintos e de conflitos de instintos, ou se atribui todos os conflitos às fontes dos instintos, afirmando que não há outros elementos na pessoa humana. No animal há apenas instintos, mas não no homem. Os instintos de um animal estão tão bem ajustados às suas possíveis situações que entram em jogo automaticamente. Como mostra São Tomás, não pode haver qualquer deliberação num ser sub-racional (mesmo embora possamos ter a impressão de que haja); há apenas um entrejogo de forças, revelando-se a imagem mais atrativa, mais forte e

tornando-se uma determinante da conduta. Os instintos nos animais parecem operar de acordo com o padrão das forças físicas, em que a mais forte sempre prevalece, pois ao animais estão totalmente desprovidos da liberdade que caracteriza o homem. [24]

Porque é livre, pode o homem pecar, o que não acontece com os animais. O pecador pode necessitar de auto-análise, mas com certeza necessita de auxílio de fora de si mesmo, para que se torne bom. Profunda diferença entre exame do inconsciente e exame de consciência é a de que o primeiro permanece subjetivo e pode encerrar o paciente dentro do seu próprio e apertado ego, como um esquilo numa gaiola. Como disse um psicólogo: “Não podeis ver o que estais procurando, porque permaneceis na vossa própria luz”, − estais procurando a vós mesmo, buscando aquela mesma coisa que também busca. Tal processo é bastante semelhante ao de quem tenta observar o seu próprio sono. Mas no exame de consciência a gente sai de si mesmo tão depressa quanto é possível, para deixar que a luz de Deus brilhe em nós. É Cristo Quem olha dentro da alma e Quem perscruta a consciência. Por isso a Sagrada Escritura está cheia da ideia: “Procura a minha alma, ó Deus.” E quando a Divina Luz olha dentro da mente, afasta-o de si mesmo, evitando as muitas misérias que brotam da extrema introspecção. [25] É por isso que Nosso Bendito Senhor nos incita a esquecer as nossas condições mentais, quando tal coisa é possível. “Ninguém que, depois de ter metido a sua mão ao arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus.” (Lucas 9, 62.) “Segue-me, e deixa que os mortos sepultem os seus mortos.” (Mat. 8,22.)

Algumas desordens mentais, porém, recusam ser ignoradas, mesmo depois que a culpa como causa e o exame de consciência como remédio foram aplicados.

Muitas doenças mentais que têm base puramente psicológica e nervosa, ou mesmo fisiológica, persistem. Essas, somente um bom psiquiatra pode curá-las. Mas é importante para efetuar uma cura, certificar-se de que ele é um bom psiquiatra. Um sistema de psicanálise que parte da negação da vontade, da responsabilidade humana e da culpa torna os seus seguidores incapazes de compreender a natureza humana sobre a qual operam e aumenta, em muitos casos, a própria doença que tentam curar. Almas

doentes que até então têm negado a possibilidade do pecado e da culpa deveriam reexaminar as suas consciências em vez dos seus inconscientes e considerar a possibilidade de que talvez muitas das suas perturbações mentais são devidas a um senso irreconhecido de culpa humana. Há muitas almas estendidas sobre divãs psicanalíticos hoje, que estariam bem melhores se levassem as suas consciências a um confessionário. Há milhares de pacientes deitados de costas que estariam hoje melhor se se pusessem de joelhos. A própria passividade simbolizada na posição ressupina em um divã é símbolo de irresponsabilidade do paciente, asseverada pela teoria inteira de Freud. Está em chocante contraste com a humildade do homem que, de joelhos, diz não "Oh! Que louco tenho sido", mas "Meu Deus, tende misericórdia de mim que sou um pecador".

Aquelas almas que negam a possibilidade da sua própria culpa assim o fazem usualmente, porque são demasiado complacentes para consigo mesmas, ou demasiado pretensiosas para encarar os factos. São "escapistas" que procuram varrer a sua sujeira moral para debaixo de tapetes freudianos. Em vez de admitir os seus pecados como seus mesmos, projetam-nos para cima de outrem. Muitas das perturbações de hoje se formam, porque cada qual está procurando alguém a quem possa censurar pelos seus malfeitos. Alguns do bodes expiatórios favoritos são uma mãe que amou por demais o pecador, ou um pai que não amou bastante. Para os nazistas, o bode expiatório eram os judeus; para os comunistas são os cristãos; para os freudistas, chama-se muitas vezes uma repressão devida a "totens e tabus".

Todos os bodes expiatórios são o resultado de esforços para eliminar tudo quanto se refira ao eu mais elevado, e assim atrofiam o senso moral.

Põem também a dormir o juízo crítico que deveria ser o ilógico dessa teoria, pois se o insconciente é a causa dos estados mentais anormais e consequentes desordens devemos perguntar: "Que é que faz o inconsciente produzir essas psicoses e essas desordens? E se a repressão é a causa, então por que a consciência quer reprimir aquilo que está errado?" [26] O psicanalista amoral, recusando admitir "certo" ou "errado", tem dificuldade em responder. A explicação, sem dúvida, deve ser encontrada na ordem natural moral, na existência de um *ethos* ao qual todo o homem está sujeito e contra o qual o homem muitas vezes se rebela. Tal ordem moral é

universal e tem sido universalmente reconhecida. É difícil de encontrar em qualquer literatura a asserção de que a única diferença entre um homem são e um insano reside no conteúdo da sua inconsciência, mas é bastante fácil de encontrar, através das idades, uma distinção entre o que um homem parece ser ao seu vizinho e o que ele é realmente em si mesmo, ou entre o que ele é e o que deveria ser. O homem tem de facto dois aspectos, muitas vezes percebidos por poetas e filósofos. Como Browning disse:

"Louvado seja Deus, o seu mais íntimo ser

Bifronte se apresenta: um rosto encara o mundo,

O outro só à mulher amada se revela."

Estes dois lados da natureza humana relacionam-se com anseios por um bem maior do que podemos concretizar na nossa vida diária. Há sempre um ideal a atingir.

A tentativa freudiana de varrer fora a nossa consciência moral como versão disfarçada de algo mais, tem sido geralmente repudiada na Europa. Mais recentemente, mesmo na América, está perdendo a sua força. Os comediantes estão fazendo dela o alvo das suas pilhérias. Têm aparecido álbuns de caricatura ridicularizando-a. Quando se pensa a respeito do assunto calmamente, torna-se claro que poucas teorias mais ridículas do que essa têm sido inventadas, teoria que deriva o sentimento de culpa de uma pessoa da inibição de um desejo potencial de matar o pai e casar com a mãe (complexo de Édipo) ou matar a mãe e casar com o pai (complexo de Electra). Tal teoria não afirma erro objetivo acerca de qualquer dos desejos, mas faz somente a afirmativa calva e sem prova de que eu sou feito para sentir a culpabilidade, por causa do meu desejo recalcado de matar o pai ou de matar a mãe. [27]

C. E. M. Joad, comentando esta teoria, escreve:

Uma vez mais a explicação foge ao problema com uma petição de principio. Por que me sinto culpado agora? Porque nos disseram que eu ou possívelmente os meus antepassados remotos desejaram cometer parricídio ou incesto. E por conseguinte? Por conseguinte, presumivelmente, eu ou os

meus remotos antepassados porque assim desejamos, temos um senso de culpa. Ora, ou parricídio e o incesto eram coisas que eles pensavam que não deviam fazer, ou não eram. Se eram, então a sensação de culpa, que a teoria busca explicar fora, será encontrada ligada àquilo que é invocado como sua explicação. Se não eram, é impossível ver como o processo que leva ao senso da culpa moral pode derivar de um passado remoto, no qual os homens não sentiam moralmente, do mesmo modo que os sentimentos do temor e reverência não podem derivar de um universo em que nada é sagrado ou temível, ou o sentimento de apreciação estética de um universo no qual nada é belo. [28]

O Dr. Edmundo Bergler no seu estudo psiquiátrico The Battle of Conscience (A Batalha da Consciência) [29] rompe com aqueles que consideram a consciência uma ilusão. "Todos têm uma consciência interior, todos estão constantemente sob a influência daquele departamento intimo da personalidade. O cínico que ridiculariza a consciência esquece-se de que o seu próprio cinismo tem a sua razão relacionada com a sua consciência. A violenta conduta do cínico é a expressão da guerra defensiva contra o seu "inimigo interno". Golpeia outros, mas está atingindo-se a si mesmo". "O velho adágio que diz que uma consciência tranquila é o melhor travesseiro para dormir, é hoje confirmado por aqueles que dormem − ou passam noites sem dormir – sobre o duro travesseiro do materialismo. Desde que essa filosofia nega a própria possibilidade de culpa, fecha-lhes as possibilidades de cura.

Silencia-se a voz da consciência de quatro modos: matando-a, negando-a, afogando-a ou fugindo dela. Nietzsche é o inspirador daqueles que matam a consciência. Este filósofo advoga francamente o pecado, até ao ponto em que a consciência se perde completamente e não há mais distinção entre bem e mal. Como disse um antigo poeta:

"Por que férias não dar à consciência,

Como aos outros humanos tribunais?

O poder de adiar uma audiência

E de ultrapassar casos fatais?" [30]

Nietzsche solicita o que ele chama uma “transvalia de valores”, a qual faz do bem mal e do mal bem. Se tal abuso é continuado bastante tempo, a consciência pode ser morta. Quando alguém vai trabalhar numa fábrica a vapor, o barulho é ensurdecedor nos primeiros poucos meses. Depois, isto não é mais ouvido. Da mesma maneira, a consciência pode ser afogada de modo que não a notamos mais, até às últimas horas de vida, quando ela regressa.

Outro modo de escapar à consciência é negá-la.

“Não deixemos que à nossa alma atemorizem

Sonhos falazes; para os fortes conservar

Em temor, inventou-se outrora essa palavra

Consciência, que vis covardes utilizam”. [31]

Esta fuga toma geralmente a forma de uma racionalização, por meio da qual há um ajustamento da nossa consciência ao modo em que vivemos. Negando qualquer derradeira norma fora de si mesmo, pode-se escapar a toda a auto-censura e atravessar a vida numa perpetua missão de manter as aparências. O marxismo é uma forma de negação da consciência, porque atribui o nosso senso de tensão intima às condições económicas.

Outras ideologias ligam a existência da consciência à influência do rebanho. Tais filosofias todas afirmam que o homem é extradeterminado e não interdeterminado. Negam que o homem seja livre e no entanto habitualmente exigem para cada homem um direito de escolher livremente as suas próprias opiniões.

A terceira fuga é pelo afogamento da consciência.

“Ó consciência, a que abismo me levastes

De terrores e medo; sem saída

Nele vou me afundando mais e mais”. [32]

Quando se verifica que nos Estados Unido se vendem por dia seis milhões de doses de comprimidos para a insónia e que o consumo de álcool per capita foi recentemente estimado em mais de mil cruzeiros por homem, mulher ou criança; quando se conta por 700.000 o número de alcoólatras confirmados e por 3 milhões o número de casos fronteiriços, há nisso na verdade um forte indicio de que muita gente há na nossa população preocupada em afogar todo o sentido da própria responsabilidade, da sua liberdade e de eliminar a dificuldade da escolha.

Não é para desprezar é o quarto método de fuga – a fuga da consciência. Este motivo é também aparente entre os que são dão às drogas e os alcoólatras. Perderam a capacidade de suportar o que quer que seja de desagradável.

"É o vício monstro tal, de fera catadura

Que somente de vê-lo a ira logo se apura;

Mas se frequentemente o rosto lhe fitamos

Temos dó, compaixão e depois o abraçamos." [33]

Fugitivos das exigências da consciência desanimaram diante do esforço de tomar qualquer decisão ou de superar a sua condição. Encarar dificuldades implica demasiadas incomodidades. A sua inquietação já foi chamada de "idolatria do conforto". É uma queixa comum. O homem de hoje sente que a vida deveria correr suavemente, que nada deveria incomodá-lo, que tudo deveria funcionar tão perfeitamente, como as máquinas de que gosta de cercar-se e das quais depende. Somente na certeza de recompensas especiais aceitaria de boa vontade um trabalho pesado. Muitas pessoas são ainda capazes de suportar certa quantidade de incómodos por coisas que acreditam que valem a pena. Farão grandes esforços para garantir-se uma renda mais elevada ou prestígio social. Mas há entre nós alguns outros que não podem suportar nem mesmo os pequenos e inevitáveis sofrimentos da vida cotidiana. Buscam libertar-se dessas coisas pelo álcool, ou por meio de qualquer das outras fugas à responsabilidade. Nessa tentativa de fuga a todo o esforço justificam o

conceito do Livro do Génesis de que o trabalho é um castigo que o homem não pode aceitar com prazer.

Poder-se-ia mostrar que todas as quatro formas de repressão da culpa humana produzem os seus efeitos sobre o inconsciente e sobre o corpo humano. Qualquer negação da consciência como a voz de Deus pode ser momentaneamente eficaz, mas um dia virá em que a consciência enganada voltar-se-á com fúria e hostilizará a sua vítima, atormentando-lhe a vida desperta e tornando os seus sonhos um veneno e a sua treva um pesadelo. Quando a noite dá desafogo à nossa visão interior, a consciência culpada permanece desperta, temerosa de ser conhecida em toda a sua fealdade. Não há nada que tanto desperte o medo doentio como uma culpa oculta.

Este medo evidencia-se de muitos modos: quando uma pessoa não está bem por dentro, nada pode estar bem nas suas atividades exteriores. Projetará nos outros o seu próprio descontentamento. O que deveria ser uma autocrítrica não revelada expressar-se-á em críticas e exigências contraditórias. Se tal homem é rico, pode tentar obter compensação – talvez por causa de bens mal adquiridos – esposando uma causa comunista, ou fundando jornais esquerdistas. Se faz parte dos intelectuais (o que significa que foi educado muito além da sua inteligência), tentará aliviar a sua consciência por um pretenso interesse pela justiça social ou zombando da religião. O homem culpado procura ajustar-se ao seu ambiente, embora saiba que a causa da sua perturbação é o desajustamento consigo mesmo. (Pode estar bastante errado isto de procurarem as pessoas ajustar-se ao seu ambiente, enquanto não estejam certas de que esse ambiente é o que lhes convém perfeitamente). Essa alma consome-se até à morte, enquanto corre dum psicanalista para outro, lutando com o problema do eu doente. A despeito desse esforços aparentes para encontrar uma cura está fugindo à verdade a respeito de si mesmo, como um homem pode ter medo de abrir as suas cartas julgando-as memorandos das suas contas não pagas.

Os psicólogos sensatos revelam que certas emoções têm repercussões sobre a natureza física do homem, como a medicina psico-somática testemunha. Assim poderiam também mostrar que as repressões imorais da consciência podem ter efeitos ainda mais sérios. Não somente destroem o caráter, mas criam também desordens no pensamento inconsciente. Assim

como um galo cantou, quando Pedro negou Nosso Senhor, da mesma forma a natureza levanta-se em rebeldia contra nós, quando praticamos um pecado. Um médico tratando 100 casos de artritismo e colite descobriu que 68 por cento dos pacientes sofriam um sentimento oculto de culpa. Há um caso registado em Inglaterra de uma mãe cujo leite envenenou o seu filhinho, por causa dum intenso ódio que votava ao seu marido: o estado espiritual doentio da sua alma havia prejudicado não só o seu próprio espírito mas o corpo do seu filho.

Numa das histórias do Evangelho, quando um paralítico foi descido pelo teto, o Nosso Bendito Senhor disse-lhe: “Os teus pecados estão perdoados.” Aconteceu estarem presentes numerosos escapistas que riam diante da culpa e da ordem moral, e escarneceram dessa importância dada publicamente a pecados. O nosso Bendito Senhor encolerizou-se contra eles e disse: “Que é mais fácil dizer: “Teus pecados te são perdoados” ou “Levanta-te e caminha?” (Mat. 9,5.) E o homem imediatamente caminhou. Mas notai a ordem: primeiro os pecados do homem foram perdoados e depois pôde ser curado. Na actualidade existe uma considerável quantidade de testemunhos médicos que demonstramn que recordações de culpabilidade podem aumentar a probabilidade de fracturas, que os pacientes depois atribuem à sua “má sorte”. Os “propensos a acidentes” estão sempre quebrando pratos e braços, perdendo coisas, caindo de escadas, mas estes acidentes são menos “acidentais” do que parecem – podem ser secretos esforços para escapar às exigências do dever, podem ser uma “autopunição” por uma culpa que cometeu. A autodestruição torna-se um caso extremo de atitude que incita um homem a dizer: “Merecia bater em mim mesmo por fazer isto.” Alguns suicídios são claramente expressões de tais impulsos inconscientes.

Uma consciência desprezada pode vingar-se de vários modos tortuosos. Há muitos homens que sofrem desordens físicas, achando difícil manter relações normais uns com os outros, nervosos e descontrolados em casa e no escritório, simplesmente porque têm uma culpa reprimida. Ou esta não foi trazida à superfície de modo algum, ou tiveram-na explicada por aqueles charlatões sem ciência que não vêm na natureza do homem nenhuma diferença ou transcendência sobre a de uma barata. Mas não há escapatória à lei da natureza humana. Como é lembrado na Escritura: “Os vossos

pecados vos descobrirão.” Justamente como uma recusa ao estudo na meninice produz uma ignorância que nos é revelada na vida madura, quando nos descobrimos incapazes de lutar contra as dificuldades económicas, assim também aqueles pecados que nós pensamos que não têm importância, que pusemos de parte pelo raciocínio, ou negámos, ou lançámos no nosso inconsciente, far-se-ão de certo modo sentir nos seus efeitos sobre a nossa saúde, a nossa atitude de pensamento e a nossa visão geral da vida. O pecado reside primariamente na alma, mas secundariamente reside em cada nervo, em cada célula e em cada fibra do nosso ser e em cada canto do nosso cérebro. Numerosos indivíduos que vivem em casamentos inválidos não estão gozando do aspecto físico do seu casamento simplesmente porque tem de viver com consciências que não lhes darão nem mesmo descanso do seu corpo. Isto é particularmente verdade a respeito daqueles que tiveram outrora fé e a perderam. Depois de morto o primeiro ardor da excitação do namoro, a consciência começa a reafirmar-se. Descobrem que não se entregaram completamente um ao outro, porque não estão de posse de si mesmos, uma vez que cometeram uma clara e consciente violação de uma amizade com o Pai Celestial.

Há muitos homens que cumprem os seus deveres à luz do dia com uma aparente paz de espírito, mas que, à noite, por causa dum não reconhecido sentido de culpa, sentem aqueles tormentos que os tornam, como ateus, medrosos do escuro. Como um homem pode ter uma mente limpa e um pensamento ativo, mas também pode ter uma doença do cérebro que mais tarde se revelará, da mesma maneira muito homem pode aparentar retidão e espírito nobre, generosidade e tolerância, embora vá sendo gradualmente devorado interiormente por uma culpa oculta. Por isso é que os homens espiritualistas de outrora exclamavam: “*Limpa-me das minhas faltas ocultas, ó Senhor*.”

Como poderemos evitar estes modernos sofrimentos que brotam da culpa oculta? Muitos deles cederiam a um exame de consciência à noite.

Não há que negar que a análise do inconsciente é muito mais popular do que um exame de consciência. Como substituto, parece muito mais atraente no princípio. Ninguém faz questão de examinar o seu inconsciente ou mesmo de deixá-lo ser examinado; mas quem é que não se incomoda com

examinar a sua própria consciência ou deixá-la ser examinada? Um escapista não tem coração, nervo ou estômago para encarar a sua própria consciência, pois ao longo de cada um deles existem três poços que produzem três reflexões diferente. Olhamos para dentro de um poço e ficamos satisfeitos connosco, porque neste poço nos vemos como somos aos nossos próprios olhos. No segundo poço, vemo-nos como o nosso próximo nos vê. Mas no terceiro poço vemo-nos como Deus nos vê, isto é, como realmente somos. É esse terceiro poço que o exame de consciência nos leva ao findar de cada dia. Da mesma maneira que um homem de negócios ao fim do dia retira da sua caixa registadora a relação de dívidas e créditos, assim também ao fim de cada dia, cada alma deveria examinar a sua consciência, não fazendo de si mesma modelo, mas vendo-a como aparece à luz de Deus, o seu Criador e seu Juiz.

O exame de consciência traz à superfície as faltas ocultas do dia. Busca descobrir as cizânias que estão sufocando a seara da graça de Deus destruindo a paz da alma. Diz respeito a pensamentos, palavras e obras, a pecados de omissão e a pecados de comissão. Por omissão queremos dizer o bem que não é praticado, o deixar-se sem auxílio o próximo necessitado, a recusa de oferecer uma palavra de consolo àqueles que estão sobrecarregados de tristeza. Os pecados de comissão implicam observações maliciosas, mentiras, atos de desonestidade e aqueles sete pecados que são os sete carregadores de enterro da alma: a soberba, o amor desordenado do dinheiro, as relações sexuais ilícitas, o ódio, a extrema complacência, a inveja, a preguiça. Em acréscimo a tudo isto, há o exame para aquilo que os escritores místicos chamam o nosso “defeito predominante”. Cada pessoa no mundo tem um pecado que comete mais que os outros. Os diretores espirituais dizem que se riscássemos um grande pecado durante um ano, dentro de pouco tempo seríamos perfeitos.

Pelo facto de se relacionar com a culpa, como uma ofensa contra o amor a Deus ou ao próximo, o exame de consciência é completamente distinto das tentativas de cura das formas patológicas de culpa, que obcecam alguns espíritos conturbados. Aquela nunca poderá ser obliterada por qualquer forma de análise ou psiquiatria; estas últimas podem ser incluídas naquele campo e podem igualmente pertencer ao domínio espiritual. Daí, devermos distinguir entre culpa, no estrito sentido do termo. O sentimento de culpa

implica sempre a certeza de ter deixado de cumprir algum dever: as diferenças nas duas formas de culpa surgem dos deveres reconhecidos pelo indivíduo. A culpa, no sentido lato do termo, não necessita de ser relacionada a uma falta de obediência às leis morais; lei infringidas ou tarefas não realizadas podem ser de outra espécie e ainda causar-nos remorsos. Se um homem estabelece para si mesmo um alto padrão para todas as suas realizações e, por sua própria culpa ou por causa de circunstâncias adversas, deixa de viver segundo ele, pode sentir-se culpado. Na verdade, um homem pode sentir-se culpado porque não deu a resposta certa num programa de perguntas e respostas; um cavalheiro pode sentir-se culpado porque manchou a reputação da família; um cavaleiro medieval sentia-se culpado porque tinha deixado de observar o código de *noblesse oblige*. Contudo em nenhum desses casos estava o pecado necessariamente envolvido.

Há um sentimento de culpa que se prende ao orgulho. Algumas pessoas, porque não vivem de conformidade com as suas próprias expectativas, sentem-se culpadas. É difícil saber se este factor desempenha determinado papel no desenvolvimento da melancolia, com o seu excessivo sentimento de culpa. Pierre Janet pensava que cada ataque de melancolia patológica era precedido por uma experiência de derrota. Acrescentou, porém, que tais disposições de ânimo podem ter longo período de incubação e que a experiência de abandono pode ter ocorrido vários meses antes de haver-se a depressão melancólica desenvolvido. Em casos em que os sentimentos de culpa parecem ser infundados, uma pesquisa mais indagadora no passado da pessoa aflita muitas vezes revela que há, na verdade, uma boa razão para que ela tenha uma má consciência. Não é preciso regredir a uma meninice remota ou postular uma situação edipiana para descobrir isto. Todos os homens praticam coisas que prefeririam nunca ter praticado. Nietzsche, bem antes de Freud, observou: “Fizeste isto”, diz a memória. “Não posso ter feito isto”, diz o orgulho. E a memória dá-se por vencida.

Alguns psicanalistas afirmam que o simples rastejar retrospectivo do sentimento de culpa até as raízes instintivas do inconsciente libertará o paciente deste sentimento. Quando não se segue este efeito, diz-se ao paciente que o que quer que ele tenha trazido a lume até agora não é a memória correta – o “trauma” – e que pode não encontrá-la, a menos que

retrograde às suas verdadeiramente primeiras experiências. O seu sentimento de culpa é explicado como o efeito de forças inconscientes apagando toda a ação que ele pode preferir não se lembrar de ter feito. Mas isto equivale a dizer que o sentido de culpa do paciente despertou num período da sua vida em que não somos responsáveis: na infância. Seria esta crença confortadora se não violasse a experiência humana universal de que a culpa e a liberdade são inseparáveis; somente seres livres podem pecar. Somente o homem pode escolher entre obedecer ou desafiar as leis da sua natureza. O gelo nunca peca por derreter, nem o fogo comete falta por apagar-se.

Este afastamento dos nossos erros para a nossa meninice irresponsável, é mais um exemplo da forma curiosa e prejudicial de pensar, comum à moderna psicologia com base freudiana. Não pode encarar o facto de que o homem possa ter um sentimento de culpa, porque se reconhece culpado de haver feito algo mau. O freudiano não considerará nem mesmo a possibilidade de que o sentimento de culpa possa desaparecer, uma vez que as suas raízes verdadeiras (e não o seu "inconsciente") sejam revelados, contanto que a pessoa culpada expie e torne em bem o mal que havia feito. Tal psicanalista não considerará esta possibilidade, porque está convencido de que somente a pesquisa inconsciente pode acarretar melhora – o que significa, para ele, fazer desaparecer o "sintoma". Tal psicanalista não está, naturalmente, em condições de sentenciar sobre a eficácia ou não eficácia da confissão e da penitência.

O freudiano por vezes argumenta que a confissão não faz bem em curar complexos, quer se originem eles de uma ofensa contra a lei moral ou não. Usualmente define erradamente a confissão como um simples "desabafo". Esquece-se de que a confissão implica reparação. O dinheiro roubado deve ser restituído. O equilíbrio da justiça deve ser restaurado. Quando a culpa deriva de um pecado verdadeiro, há um poder curativo neste desandar de passos falsos. Na prática, vê-se muitas vezes um mórbido sentimento de culpa desaparecer quando a sua causa real – o maldizer – é reconhecida primeiro por nós mesmos, depois admitida perante outrem e finalmente compensada por uma adequada expiação. Mesmo pondo de parte o caráter sacramental da confissão, há o conforto psicológico em "fazer penitência", de modo que o mal praticado no passado possa ser compensado por algum

bem feito agora. (Por esta razão, poderia ser bom para a Igreja restaurar algumas das rigorosas penitências impostas aos penitentes na sua história primeva.)

Os sentimentos de culpa têm, muitas vezes uma causa razoável e profunda nas recordações que o homem sente de um pecado não admitido. Aqui uma prestadia distinção feita pelos Escolásticos deve ser relembrada. Há duas espécies de mal: *malum culpae*, ato executado com liberdade, responsabilidade e repúdio de Deus; e *malum poena*, que é algo que nos acontece fora da nossa deliberada escolha – algo como uma dor no pescoço. Uma é um mal moral; a outra um mal físico ou mental. O Sacramento da Penitência só tem que ver com a primeira; a psiquiatria, propriamente, lida com os males mentais resultantes originalmente de causa não morais.

Às vezes há repercussões mentais ou físicas por causa do pecado; nestes casos, devia haver paz de alma antes de poder haver paz de espírito. As duas não são a mesma coisa: a paz de alma implica tranquilidade de ordem, com coisas materiais ordenadas ao corpo, o corpo à alma, a pessoa ao próximo e a Deus. Paz de espírito é tranquilidade subjetiva – uma coisa mais limitada. Requer-se grande esforço moral para atingir a paz de alma, mas mesmo aqueles que são indiferentes ao bem e ao mal, muitas vezes logram realizar a paz de espírito (o que Escrituras chamam de “falsa paz”). Por outro lado, pode ser que as desordens mentais impeçam o progresso moral e espiritual. Neste caso um profundo exame psiquiátrico é preciso preliminarmente para o auxílio esclarecedor ao padre. O psiquiatra profundo e o diretor espiritual podem contribuir, mutuamente, em auxílio um do outro. Isto e tão óbvio que desenvolvê-lo seria tão vão como criar uma sociedade de admiração mútua.

Mas o nosso primeiro interesse aqui é mostrar a diferença entre culpa e doença, protestar contra a redução de uma a outra e indicar algumas vantagens de auto-exame nos casos em que ele é exigido.

Todas as pessoas têm um cantinho no coração aonde nunca querem que alguém se aventure, mesmo com uma vela. É por isso que podemos iludir-nos a nós mesmos e que os nossos vizinhos nos conhecem melhor do que nos conhecemos. O exame do inconsciente, se usado como substituto do exame da consciência, somente intensifica esta ilusão. Nós muitas vezes

nos justificamos dizendo que estamos seguindo as nossas consciências, quando estamos apenas seguindo os nossos desejos. Acomodamos um credo ao modo em que vivemos, em vez de acomodarmos o modo em que vivemos a um credo; ajustamos a religião às nossas ações, em vez de ajustarmos as ações à religião. Tentamos conservar a religião numa base especulativa a fim de evitar censuras morais à nossa conduta. Sentamo-nos ao piano da vida e insistimos que cada nota que tocamos está certa... porque a tocamos. Justificamos falta de fé dizendo: "Não vou à Igreja, mas sou melhor que aqueles que ali vão", como se se pudesse dizer: "Não pago impostos, nem sirvo a nação, mas sou melhor que aqueles que o fazem." Se cada homem é o seu próprio juiz e modelo, então quem poderá dizer que ele está errado?

Não somente o exame de consciência nos curará de tal auto-engano, mas também nos curará da depressão. A depressão origina-se, não do facto de ter culpas, mas da recusa em enfrentá-las. Há dezenas de milhares de pessoas hoje sofrendo de temores que, na realidade, nada são senão os efeitos de pecados ocultos. A consciência depravada é sempre uma consciência medrosa. As maiores conturbações nos vêm do nosso fracasso no encarar a realidade. (É por isso que uma dor que está presente é mais suportável do que uma preocupação igual que ainda está por vir.) A morbidez aumenta com a negação da culpa, com a sua modificação ou a ocultação da parte ulcerada. [34] Donde vem a depressão da autopiedade, se não de uma total indiferença pelos interesses de outros, o que é um pecado? Um soldado num campo de batalha ignora a ferida se ama a sua causa e a alma que pode lançar a sua ansiedade e a sua angústia sobre um Deus todo amor está a salvo da autopiedade.

Muitas almas são como pessoas com furúnculos, que poderiam ser curadas lancetando-os, o que permitiria ao pus sair. Os seus pecados reprimidos dão origem a esta forma de tristeza. [35] Nunca houve na história da Igreja um santo que não fosse alegre: tem havido muitos santos que foram pecadores, como Agostinho, mas nunca houve santos tristes. Isto é compreensível: talvez não pudesse haver uma coisa na vida mais deprimente do que o conhecimento que se tem de que se foi culpado dum grave pecado, sem a sorte de que gozam os cristãos de recomeçar de novo do ponto de partida. S. Paulo, sabiamente distingue entre a tristeza da culpa

que conhece a Redenção e a depressão daqueles que negam tanto a sua culpa como a possibilidade do perdão. “Porque a tristeza, que é segundo Deus, produz uma penitência estável para a salvação; mas a tristeza do século produz a morte.” (2 Cor. 7, 10.) “Pois sabei que, desejando ele ainda depois herdar a benção, foi rejeitado, porque não lhe foi possível fazer com que mudasse de resolução, posto que lhe pedisse com lágrimas.” (Hebreus, 12, 17) O exame de consciência não somente alivia a nossa tristeza, não somente nos dá uma segunda oportunidade quando perdoados, também nos restaura no Amor.

No exame de consciência, uma pessoa concentra-se menos no seu próprio pecado que na Misericórdia de Deus – como o ferido se concentra menos nas suas feridas do que no poder do médico que trata e cura as feridas. O exame de consciência não desenvolve complexos porque é feito à luz da justiça de Deus. O eu não é o modelo, nem a fonte da esperança. Toda a fragilidade humana e toda a humana fraqueza são vistas à luz da infinita bondade de Deus e nem uma só vez uma falta é separada do conhecimento da Divina Misericórdia. O exame de consciência apresenta o pecado, não como a violação da lei, mas como a ruptura de uma relação. Gera pena, não porque um código foi violado, mas porque o amor foi ferido. Assim como a despensa vazia leva a dona de casa à padaria, da mesma forma a alma vazia é levada ao Pão da Vida.

O arrependimento não é o olhar para si mesmo, mas olhar para Deus. Não é auto-censura, mas amor a Deus. O cristianismo manda-nos que nos aceitemos tais como realmente somos, com todas as nossas faltas, as nossas quedas e os nossos pecados. Em todas as outras religiões, a pessoa tem que ser boa para chegar a Deus. No cristianismo, não. O cristianismo pode ser descrito como uma “reunião venha-como-está”. Manda que paremos de nos preocupar connosco, de nos concentrar nas nossas faltas e nas nossas quedas e confiá-las ao Salvador com um firme propósito de emenda. O exame de consciência nunca induz desespero, mas esperança. Alguns psicólogos, pelo próprio uso do seu método, têm levado a paz mental a indivíduos, mas somente porque descobriram uma válvula de salvação da pressão mental. Deixaram sair o vapor, mas não repararam a caldeira. É esta a tarefa da Igreja.

Pelo facto de ser o exame de consciência feito à luz do amor de Deus, começa com uma oração ao Espírito Santo para iluminar a nossa mente. Uma alma age então para com o Espírito de Deus como para com um relojoeiro que acertará o nosso relógio. Pomos um relógio nas suas mãos porque sabemos que ele não o forçará, e pomos a nossa alma nas mãos de Deus porque sabemos que, se Ele a inspecionar regularmente, funcionará como é devido.

É verdade que quanto mais perto estamos de Deus, mais vemos os nossos defeitos. Uma pintura revela poucos defeitos à luz duma vela, mas a luz do sol pode revelar que não passa de uma borradela. Os verdadeiramente bons nunca acreditam que são bastante bons, porque se estão julgando em comparação com o Ideal. Em perfeita inocência cada alma, como os Apóstolos na Última Ceia, exclama: "Porventura sou eu, Senhor?" (Mat. 26,22.)

O exame de consciência é principalmente uma concentração sobre a bondade e o amor de Deus. Toda a alma que se examina a si mesma olha para um Crucifixo e vê uma relação pessoal entre si mesma e o Nosso Divino Senhor. Admite que a Coroa de Espinhos teria sido menos dolorosa se ela houvesse sido menos orgulhosa e vã e que se tivesse sido menos ligeira em despenhar-se pelos atalhos do pecado os Divinos Pés teriam sido menos perfurados pelos cravos. Se houvesse sido menos avarenta, as mãos não teriam sido tão fundamente pregadas pelo aço e se houvesse sido menos carnal, o Salvador não teria sido despojado das Suas vestes.

Essa figura sobre a Cruz não é um agente da MVD ou um inquisidor da Gestapo, mas um Médico Divino, que somente pede que Lhe levemos as nossas feridas, a fim de que as possa curar. Se os nossos pecados forem escarlates, ficarão brancos como a neve, e se forem vermelhos como carmesim, ficarão brancos como a lã. Não foi Ele Quem nos disse: "Digo-vos que do mesmo modo haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência"? (Lucas 15,7.) Na história do filho pródigo, não descreveu Ele o Pai como dizendo: "Comamos e banqueteemo-nos: porque este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi encontrado"? (Lucas 15, 23-24.)

Por que há mais alegria no céu pelo pecador arrependido do que pelo homem reto? Porque a atitude de Deus não é julgamento, mas amor. No julgamento, não nos sentimos tão jubilosos depois de cometer o mal como antes; mas no amor, há alegria porque o perigo e a preocupação de perder aquela alma já passou. O que está doente é mais amado do que aquele que está são, porque necessita mais. Alguns fingem-se doentes para receber amor e pretextarão feridas para que o amado possa curá-las.

Aqueles que negam a culpa e o pecado são como os fariseus de outrora que pensavam que o Nosso Salvador tinha um "complexo de culpa", porque os acusou de serem sepulcros caiados, limpos por fora, e por dentro cheios de ossos de mortos. Aqueles que admitem que são culpados assemelham-se aos pecadores públicos e aos publicanos de quem disse Nosso Senhor: "Na verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos levarão a dianteira no reino de Deus." (Mat. 21, 31) Aqueles que pensam que são saudáveis, mas têm um cancro moral oculto, são incuráveis; os doentes que querem ser curados têm uma oportunidade. Toda a negação de culpa mantém as pessoas fora da área do amor e, gerando o orgulho, impede a cura.

Os dois factos de cura na ordem física são estes: um médico não pode curar-nos a menos que nos entreguemos nas suas mãos e não nos entregaremos nas suas mãos a menos que saibamos que estamos doentes. Da mesma maneira, a certeza que tem do pecado um pecador é um requisito para a sua cura; o outro requisito é o seu anseio por Deus. Quando ansiamos por Deus, agimos não como pecadores, mas como amantes.

É verdade que, depois do nosso exame de consciência, descobrimos que somos indignos de ser amados, mas é precisamente isto que nos faz desejar Deus, porque Ele é o Único que ama os indignos de serem amados. "Quem encontrarás que te ame, indigno, salvo Eu, somente Eu?"" [36]

CAPÍTULO 7
Psicanálise e Confissão

Há algumas décadas passadas ninguém acreditava na confissão dos pecados, a não ser a Igreja. Hoje toda a gente acredita na confissão, com esta diferença: alguns acreditam na confissão dos seus próprios pecados; outros acreditam na confissão dos pecados alheios. A popularidade da psicanálise já quase convenceu todos da necessidade de alguma espécie de confissão para a paz de espírito. Este é um outro exemplo de como o mundo, que lançou as verdades cristãs ao cesta dos papéis, no século XIX, está tirando-as para fora, de forma isolada e secular no século XX, enquanto se ilude acreditando que fez uma grande descoberta. O mundo descobriu que não poderia continuar mais sem algum alívio para a sua infelicidade interior. Uma vez que havia rejeitado a confissão e negado tanto Deus como a culpa, tinha de descobrir um substituto.

O nosso objetivo particular aqui, como de costume, não é nem a psiquiatria, nem o método psicanalítico, ambos os quais são válidos nas suas esferas. Limitamos a discussão somente àquele simples grupo psicanalítico que afirma coisas como estas: o homem é um animal; não há responsabilidade pessoal e, portanto, não há culpa; o método psicanalítico é um substituto da confissão.

Comecemos de maneira positiva: o Sacramento da Penitência, ou confissão, foi instituído pelo Nosso Divino Senhor e satisfaz as mais profundas aspirações da alma humana. A experiência revela estas três aspirações: quando um homem age mal, não o dirá a qualquer um que encontre, mas somente a algum representante da ordem moral, pois o que busca é perdão. E, para regressar á trilha direita, o homem deseja algum ideal mais alto do que ele próprio, ou mesmo do que o seu companheiro, algum modelo infalível e absoluto, com um interlocutor desejoso de ajudá-lo a atingir aquele ideal.

1. CONFISSÃO. Nenhum ser humano se sente satisfeito com a intranquilidade no coração, a inflamá-lo e ulcerá-lo. A natureza inteira fala a favor do alívio e a consciência alega as suas reclamações. Uma substância estranha, que o estômago não pode assimilar, nele penetra. O estômago

revolta-se e vomita fora a causa do distúrbio. Um argueiro cai no olho, e, entre dores e lágrimas, o olho exige que o cisco seja removido. A consciência não é diferente: todo o pecado busca alívio.

A consciência de algo errado - de um pecado clamando para ser expulso - pode ser recalcada e muitos homens e mulheres usam de tal ocultação para escapar à auto-censura. Quer do ponto de vista psicológico, quer do ponto de vista espiritual, esta repressão é bastante perigosa, afetando a saúde tanto do corpo como do espírito. Alguns tentam escapar às suas consciências inquietas pela negação da culpa, enquanto outros acreditam que, se abandonarem a alma e esquecerem todos os totens e tabus morais, alcançarão satisfação. Mas estão grosseiramente enganados: nada em todo o domínio da psicologia é mais destrutivo da personalidade do que a noção de que as proibições morais causam recalques doentios, por impedirem a libertação de instintos animais e necessidades primitivas. Os impulsos destrutivos é que devem ser recalcados e não o conhecimento das nossas faltas. Os indivíduos que inverteram esta regra saudável têm invariavelmente agravado muitas vezes mais o seu anterior estado nervoso. De facto, a supressão do eu ético para permitir a tolerância sem freios do eu animal é uma das principais causas das desordens mentais no homem moderno. A repressão difundida da culpa (em vez da justa repressão da cólera, do ódio e da luxúria) tem tido tão sérias consequências que o mundo moderno chegou finalmente a perceber a necessidade de declarar ou confessar algumas das causas ocultas dos casos de distúrbios mentais.

A igreja opõe-se à repressão em todos os níveis. “Sempre tem dito: “Confessai os vossos pecados; dizei-os, libertai-os deles, contai-os francamente.” A psicologia moderna verificou afinal a sabedoria da doutrina cristã e agora diz:” Não reprimais os vossos complexos. A repressão de uma desordem física é perigosa para o corpo, como a repressão de uma desordem moral é perigosa para a alma. Se um pedaço de vidro entra na mão, a mão primeiro tentará expeli-lo, sangrando; quando não se pode livrar do vidro, então passas a cercar o vidro de tecido fibroso para evitar que ele prejudique o resto do corpo. [37] Quando o médico mais tarde opera e retira o pedaço de vidro para evitar a infecção, está fazendo o que a natureza primeiro tentou, isto é, evitando a repressão e sua consequente irritação. Na ordem moral, o Nosso Divino Senhor disse que a

repressão dos pecados era perigosa; se os acobertarmos, causarão uma irritação com consequências eternas. Assim foi que ordenou aos Seus apóstolos que se espalhassem pelo mundo, evitando a repressão ouvindo confissões e perdoando os pecados. Agora a psiquiatria viu a sabedoria de fazer em favor do espírito doente o que os médicos sempre fizeram em favor do corpo e o que a religião tem feito pela alma desde tempos imemoriais - obter alívio numa confissão.

Mas conservar o pecado para si mesmo é pior do que conservar uma doença para si mesmo. Um paciente confia a sua doença física ou mental ao médico. Por que não confia também o pecado ao seu confidente? A memória do pecado, guardada para si próprio, fará uma de duas coisas: ou tornar-se-á uma tentação para repetir o pecado, ou o seu remorso paralisará os nossos esforços morais de melhoria, com palavras tão desesperadoras como “Oh! Para que serve?” O que é a mão para o olho, providenciando alívio do argueiro, deveria ser a língua para o coração, providenciando alívio do pecado.

“Minha boca dirá a cólera do peito

Ou ele estourará se contê-la quiser;

Neste caso prefiro a extrema liberdade,

De dizer, como gosto, o que bem me aprouver.” [38]

É neste ponto de declaração que aparece a primeira diferença entre psicanálise e confissão. A psicanálise é uma declaração de atitudes da mente no estado inconsciente. A confissão é uma afirmação sincera de culpa no estado consciente. A psicanálise é a sondagem de pensamento por pensamento; a confissão é a comunhão entre a consciência e Deus. A revelação de atitudes mentais nada exige do nosso orgulho e nunca aspira pelo perdão: na realidade, pode-se ter orgulho de um estado de espírito doentio. Alguns homens deleitam-se em vangloriar-se do seu ateísmo, do seu agnosticismo, das suas perversões, mas nenhuma consciência jamais se vangloriou da sua culpa. Mesmo isolado, o pecador envergonha-se. [39]

Se a ordem moral é negada, o reconhecimento torna-se somente na admissão de um erro ou de uma desgraça. A culpa é moral, não fisiológica ou animal; portanto, não pode ser conhecida objetivamente e cientificamente, da mesma maneira que um poema não pode ser conhecido somente por um estudo da sua metrificação. Assim contra o escapismo de algumas análises que tornam o eu sem culpa, a confissão a um padre supõe que o ego possa estar em falta, que a lava fervente da intranquilidade sob a superfície é devida à repressão de uma desordem voluntária e que somente reconhecendo-a como sua própria pode-se ser restaurado numa comunhão consigo mesmo, com a natureza, com o próximo e com Deus. Não é preciso coragem para se admitir que se é isento de culpa; mas é preciso um heroísmo de que poucos são capazes para levar o fardo das próprias culpas ao Calvário e dizer ao Cristo na Cruz: "Esta Coroa de Espinhos foi o meu orgulho que a pôs aí; esses cravos foram pregados pelo martelo da minha avareza; os açoites que caíram sobre a tua carne foram vibrados pela minha lascívia e pela minha cupidez." A culpa só é culpa quando é subjetivamente sentida como própria. Se um homem não se reconhece no seu íntimo, duro, desdenhoso ou soberbo, é que não se conhece a si mesmo. A Agonia do Horto foi o supremo conhecimento subjetivo que Nosso Senhor Se permitiu para sentir a culpa devida aos pecados do homem. E a Agonia produziu o Suor de Sangue.

Uma outra diferença é esta: ninguém gosta de ter a mente revolvida, de acordo com uma teoria fantástica e não científica, que afirma que o sexo deve estar no fundo de todos os seus problemas. Foi esta uma das queixas mais gerais dos soldados, durante a Segunda Guerra Mundial, contra os exames mentais. Alguns médicos do Exército asseveraram que a contingência era coisa anormal. Mesmo no caso eventual em que os conflitos sexuais merecem realmente censura, ninguém se torna melhor pelo facto de ter alguém a dizer-lhe quão excêntrico ele é ou quão apodrecido está. Todos querem fazer a sua própria narração, pois sabem que só poderão tornar-se melhores confessando eles próprios a sua culpa. "Deixem-me dizê-lo" exprime um direito primário do coração humano. Só o indivíduo tem o direito de repudiar uma parte de si mesmo, como condição de melhoria. Ressente-se da sondagem e da análise feitas por espíritos alheios. Deseja escancarar os portais da sua própria consciência; não quer que ninguém os derrube de fora. A verdadeira unicidade da

personalidade dá-lhe o direito de expor o seu próprio caso com as suas próprias palavras. Nenhuma alma gosta de ser estudada como um besouro. Nenhum julgamento é completo, a menos que o defensor tenha a sorte de tomar o lugar da testemunha para testemunhar no seu próprio caso. O pior no eu, por meio da autoconfissão, contribui para a sua melhoria e paz. Mas cada pessoa quer ser a sua própria testemunha - conduzir o seu caso contra si mesmo, não para que possa ser condenado, mas para não o ser.

No confessionário, é o seu próprio acusador e o seu próprio advogado de defesa. Aquele que se acusa é perdoado. Os homens sempre têm reconhecido que uma confissão espontânea é uma forma de expiação, merecedora de perdão. Vemos isto em muitos planos: a mãe, que deseja que o seu filho admita francamente a sua falta diz: “Diz-me e eu não te castigarei”; nos sistemas de honra nos nossos colégios, os jovens são convidados a “erguer-se” e reconhecer a sua culpa; até mesmo o juiz que interroga o criminoso lá no seu banco partilha o sentimento que diz que a punição deverá ser temperada, quando um homem se confessa culpado. O penitente analisa as suas próprias faltas admitindo-as. Não depende de um psicanalista para fazer que o significado das mesmas seja entendido.

E há outras diferenças. Na confissão a narração dos pecados é breve e abstrata; na psicanálise, é geralmente longa, complicada e bastante precisa. A diferença de tempo é largamente devida ao facto de que a pessoa normal, indo confessar-se, já tem um padrão fixo de conduta e julga-se em relação a esse padrão; o paciente anormal, não tendo um propósito bem definido na vida, requer mais tempo para juntar as peças. E porque não há humilhação em confessar estranhezas mentais- como há em lapsos morais- o paciente pode gostar de prolongar a história dos seus “sintomas” e dizer empavonado, ao fim de uma prolongada introdução: “Doutor, jamais ouviu o senhor coisa semelhante a isto?” Há também pacientes que gostam de conversar a respeito de si mesmos acima de tudo o mais. Isto permite a analistas inescrupulosos -particularmente os que dão ênfase ao sexualismo- insistirem com os seus pacientes para que voltem repetidas vezes, a fim de que toda a sua vida seja analisada (se têm dinheiro). Ser analisado não é um processo inteiramente desagradável. Um homem a quem se disse que tudo é um sintoma, nunca necessita acusar-se, ou julgar-se ou pedir para ser julgado. Pode vir a olhar-se como um fenómeno curioso que precisa de ser

investigado, não para melhorar ou tirar proveito do conhecimento que o analista lhe proporciona, mas apenas para satisfazer a sua curiosidade.

O espírito da confissão não é o de encontrar factos, mas misericórdia. Se o próprio homem concede perdão a outros que humildemente confessam as suas culpas, por que não faria Deus o mesmo? Foi precisamente isso que o Nosso Bendito Senhor fez. Tomou a confissão natural das faltas- o que já tem uma força expiatória- e elevou-a à dignidade de um Sacramento. A confissão é apenas humana, mas Ele divinizou-a. O que é natural foi por Ele feito sobrenatural. A condição indispensável para receber o perdão humano -o sincero reconhecimento da culpa- é a condição mediante a qual Deus Todopoderoso concede o Seu perdão no Sacramento da Misericórdia. Com infinita ternura, contou Ele a história do filho pródigo que voltou a seu pai, reconheceu a sua culpa e foi recompensado com o abraço e o beijo do seu pai. Tal é a alegria de Deus pelo regresso dum pecador, pois “do mesmo modo haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência.” (Lucas 15:7)

Não deixeis ninguém dizer que o homem instituiu o Sacramento da Penitência. Nenhum homem jamais lhe teria dado tal forma. Um homem não é por natureza tão reverente ou tão cordial para com outro que, voluntariamente, escancare toda a sua alma mesmo a um estranho, como milhões de cristãos fazem todas as semanas. Não deixeis ninguém dizer que membros da Igreja inventaram este Sacramento de Misericórdia, pois, se tal aconteceu humanos como são, ter-se-iam por certo excluído a si mesmos das suas humilhações. Contudo, nenhum padre, nenhum bispo, nenhum cardeal, nem mesmo o próprio Santo Padre estão imunes da necessidade da confissão. Deixai que aqueles que dizem que o confessionário foi instituído por um padre se sentem no abafado compartimento dum confessionário das nossas igrejas durante cinco ou seis horas, nos sábados e nas vésperas dos dias de festa e das Primeiras Sexta-Feiras, ouvindo os rotineiros temores e fraquezas da natureza humana, pois assim ficariam conhecendo qual é o mais penoso de todos os labores do padre- muito embora belo porque sabe e sente que está sendo o veículo das abençoadas mercês de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

2. O OUVINTE IDÓNEO. Outra diferença entre psicanálise e confissão diz respeito à pessoa a quem as confissões são feitas. Através dos séculos, a confissão do pecado tem sido sempre feita a um representante da ordem moral, de modo que a alma doente possa ser restaurada na saúde moral e na união com Deus. Na análise há uma narração de sintomas ao analista; no Sacramento, há confissão de pecados a um padre. É essa uma diferença notável.

Demais, o analista não representa a ordem moral, mas a emocional. É o recipiente do amor e do ódio do cliente de cada vez. Alguns analistas chamaram este processo de "transferência"; por meio dele, as emoções (líbido) do cliente são desligadas dos seus antigos objetos e transferidas para novos. (É evidente que este mecanismo está polarmente oposto à confissão, onde por meio da penitência, da fé, da graça e da emenda há uma transferência do centro de gravidade da alma da criatura para o Criador, do eu para Cristo). A fim de compreender o papel do analista, deve ser a psicanálise entendida nos seus próprios termos. Assim encarada, é um processo por meio do qual a energia mental- brotando de fontes instintivas e libidinosas e impedida de verdadeira eficácia pelo facto de serem dirigidos para fins irrealizados e irrealizáveis- é libertada para atingir alvos realizáveis. Quando este resultado foi atingido, o homem, diz o analista, está curado e a piedade por si mesmo cede lugar ao altruísmo, e a apatia à realização. A pessoa do analista desempenha o papel de um intermediário na realização desta mudança. Bem cedo, numa análise, os anseios reprimidos do cliente que o superego lhe proíbe conhecer (os seus anseios incestuosos) são libertados e passam a ficar ligados à pessoa do analista. Substitui temporariamente o parente que era o alvo primordial desses desejos.

A transferência para o analista não depende da fé. É considerada antes como o primeiro passo necessário para uma reorganização amadurecida da energia mental. Antes que esta energia seja ainda capaz de estar dirigida para fins aceitáveis, descobre no analista um objeto apropriado e temporário. A fé no analista resulta da transferência. E porque o analista se tornou um "objeto" de profundos anseios libidinosos, é muitas vezes creditado com todas as qualidades que o cliente admira e ama. Freud sabia que era perigoso tornar o analista, mesmo temporariamente, objeto da

descarga emocional. “A transferência, disse ele, especialmente nas mãos de um médico inescrupuloso, é um instrumento perigoso.” Há uma tendência para que o cliente “desencantado” das primeiras sessões se torne “encantado”; e se o analista é do sexo oposto e não de todo sem atrativos, poderá haver o perigo de tornar a transferência permanente em vez de temporária, da física em vez de mental. Ninguém familiarizado com os analistas sexuais desconhece este perigo. Mas mesmo quando não há verdadeira transferência para o analista, pode haver uma dependência do analista que pode chegar a ser quase escravidão, com o paciente recusando-se a fazer qualquer coisa sem que antes consulte esse conselheiro.

Não precisamos afirmar um universal desejo reprimido de incesto, para explicar porque muitos clientes desenvolvem em si mesmo uma profunda dependência do seu analista. Quase todo o neurótico quer atenção; sente-se sozinho, isolado da realidade e de outras pessoas por causa da sua intranquilidade interior. Está preocupado consigo mesmo e receoso de fracasso.

Exatamente, tem-se tornado muitas vezes um autêntico suplício- as suas queixas aborrecem os outros, a sua conduta irrita-os. Perde ele desse modo contato com os seus iguais. Não é de admirar que, quando encontre um analista ou psicoterapeuta propenso a ouvir, cuja tarefa é ouvir, comece essa pessoa a desempenhar um grande papel na vida do paciente. O terapeuta torna-se a primeira pessoa com quem o neurótico retoma uma relação humana. É de valor inestimável para o neurótico, valor extremamente fora de proporção com o seu mérito real. Nesta circunstância, não deve ser esquecido que a mentalidade neurótica retém muitos traços da adolescência. Os sentimentos amorosos do cliente assemelham-se, em mais de um aspecto às “paixões” da mocinha de colégio.

Na confissão, porém, as relações entre o confessor e o penitente são inteiramente impessoais. A própria estrutura do confessionário protege o penitente da revelação da sua identidade. Há um anteparo e um véu através dos quais o padre não pode ver. Tão impessoal é a relação que o penitente pode ir ter indiferentemente, até o ponto que está relacionado à validez da confissão, com qualquer padre; nada há de pessoal no Sacramento. A psiquiatria pode aprender muito do Sacramento da Penitência. Descobrirá

também que quanto mais impessoais as relações entre paciente e psicoterapeuta, tanto maiores as probabilidades de cura.

Pode parecer paradoxal que uma relação impessoal seja mais favorável do que uma pessoal, na efetuação duma transferência. Isto não é difícil de compreender. Permanecendo impessoal, e por assim dizer fora de toda a relação verdadeiramente humana, o psiquiatra tornar-se-ia uma figura misteriosa e, portanto um objeto adequado a uma transformação imaginária. Um homem que se conhece bem é menos facilmente idealizado, do que aquele que se conhece um pouco ou é de todo desconhecido. A transferência é precisamente tal idealização, afastada de toda a realidade. Pois gostar de uma pessoa pelas suas qualidades humanas e transferência são duas experiências diferentes. Da primeira, pode um homem dar uma explicação racional; da segunda, não. Se a transferência é de qualquer modo desejável, será mais efetivamente adquirida pelo padre desconhecido, do que pelo psicanalista com quem se está familiarizado.

3. O PADRÃO OBJETIVO. Mais importante que as outras diferenças é o facto de que, na confissão, a narração e libertação do pecado são feitas no plano moral; na análise, pela sua mesma natureza, não pode sê-lo. Se um pecado fosse simplesmente um engano que um homem cometeu, poderia ele de facto, confiá-lo ao seu analista ou a qualquer outra pessoa que desejasse ouvi-lo. Vivemos desejosos de descarregar as nossas dificuldades mentais nos ouvidos de quem queira ouvir-nos. Mas quem é que se interessa em conversar indiscriminadamente a respeito da sua culpa? E desde que é a consciência quem se acha a maior parte das vezes perturbada, o alívio deve ser feito naquele nível. Uma vez que é a bondade de Deus que o pecado renega, uma alma recusa-se a fazer a confissão do seu pecado a um ouvinte não moral. Quer que a sua confissão seja ouvida por um representante da ordem moral que ele violou. Esse representante deve estar em lugar de Deus, a quem somente a consciência concede autoridade. A confissão da culpa deve estar sujeita não a caprichos individuais, a teorias, idiossincrasias e esquisitices daquele que a ouve, mas somente à Lei universal, à Ordem e à Bondade.

Não estamos falando aqui das vantagens da confissão sobre a psiquiatria. O que estamos é discordando daqueles que oferecem a

psiquiatria como substituta do Sacramento da Penitência. E nisto a diferença entre o padre e o analista é fundamental. Como o expôs o Dr. William Ernest Hocking:

"A análise exige que o psiquiatra seja o recipiente da autoconfissão sem reserva. O psiquiatra supõe que os seus conhecimentos científicos justifiquem este pedido da sua participação. Não suscita a questão da sua adequação pessoal à recepção desta confidência. Mas se deixa de reconhecer a pertinência desta questão, demonstra em consequência a sua inadequação a essa função. Pois aqui o fim moral não pode ser absorvido pelo problema científico. Não é nem desejável nem possível confessar todas as coisas a todos os homens; é ainda menos desejável de tudo expor os seus sentimentos diante dum olhar fixo que não é senão científico, de cuja exposição eles só podem emergir desnaturados, porque a pura ciência é indiferente ao sentimento... "

A confissão é um ato em que a gente escancara a sua vida aos olhos de um verdadeiro juizo da vida. Se a ciência é o verdadeiro juiz da vida, então é possível a confissão a alguém que representa a ciência. Se a ciência é um juiz parcial da vida, se a ciência, ao omitir o ingrediente moral omite uma parte essencial do verdadeiro julgamento, então a confissão ao cientista deve der, pela sua própria lógica, incompleta. A confissão existe porque no fundo os homens querem conhecer-se como são diante de julgamento de completa compreensão e de completa justiça. Confessam-se àqueles que mais de perto atingem aquele ideal, ou que podem mais de perto representá-lo. O confessor válido deve estar *in loco Dei*, onde Deus significa toda a moralidade, assim como toda a ciência. O centro inflamado da doença moral consiste em procurarmos encobrir de nós mesmos aquilo que não podemos ocultar ao universo. É esse tumor que deve ser lancetado, antes que se forme de todo e requer um olho e uma mão mais generosos para fazer isso do que os de uma casualidade complacente.

...Não podemos dizer que Deus é a lei da vida mental normal? Significaríamos com isto que uma vida vivida no plano de processar-se sem Deus, sem um sentido da exigência cósmica, já está, quer o saiba ou não, doente, fora do normal, com os seus valores infetados pelo caruncho da mortalidade, intrinsecamente infeliz porque irreal arrastada

subconscientemente por uma necessidade que algum dia estará obrigada a reconhecer e definir. Essa atração, que psicologicamente pode ser chamada a auto-afirmação da natureza humana normal, é, na sua verdadeira natureza, o trabalho de uma lei que é Deus. “Se for este o caso, podemos dizer de Deus que ele é uma atividade incessante, que de modo algum interfere na observação científica, mas que é não obstante indispensável a qualquer relatório psicológico completo do que é a vida de um homem.” [40]

Quando, por outro lado, aquele a quem é feita a confissão é um analista sexual, as probabilidades são de uma degradação das derradeiras condições do cliente em comparação com as primeiras. (Quando ataco a análise sexual, não me refiro à teoria de Freud, [41] mas antes aos seus partidários fanáticos que tomaram Freud demasiado a sério e que explicam todas as neuroses como sexualidade recalcada.)

Se aquele a quem a confidência é feita tem como equipamento uma simples teoria a respeito da origem das condições mentais infelizes (por ex. que são devidas a instintos libidinosos recalcados), não há certeza de que a interpretação que ele der seja a certa. A consciência culpada quer confessar a sua culpa, não a um teórico de um determinado sistema, mas a um mediador da Divindade. É por isso que a Igreja exige que um padre que absolve um penitente esteja em estado de graça, participante ele próprio da Vida Divina. (Isto não quer dizer, porém, que um padre em estado de pecado mortal não possua o poder de perdoar pecados, ou quando o exercendo, não seja eficaz para o penitente; o padre estaria moralmente responsável por semelhante falha.) Todo o padre que se senta no confessionário deve receber autoridade do seu Bispo ou Superior. A menos que seja sábio e prudente, a permissão não será dada. Por trás dele, ao tempo das primeiras confissões que vai ouvir, estão seis anos de preparação em moral, em ascética e em teologia dogmática. Anualmente, e durante seis a dez anos após a sua ordenação, é reexaminado. Além disso, deve assistir a conferências sobre teologia moral para conservar sempre vivos os seus conhecimentos. O próprio padre é aconselhado a confessar-se uma vez por semana.

A psicanálise nunca levanta a questão da adequação moral do analista, mas a Igreja levanta a questão todas as vezes que um dos seus ministros

entra para um confessionário. O penitente, ao confessar-lhe os seus pecados, sabe que o padre é outro ser humano, mas que foi dotado do Divino Poder de perdoar. É lógico que um homem possa administrar este sacramento. O Filho de Deus perdoava pecados através da Sua natureza humana. Transmitiu também o poder de perdoar à Sua Igreja: “Os pecados que perdoardes, serão perdoados; os pecados que retiverdes, serão retidos.” (Estas palavras implicam a audição da confissão, pois como poderia alguém saber que pecados perdoar e que pecados não perdoar a menos que eles sejam ouvidos?)

Há outra razão pelo qual um confessor humano é uma necessidade razoável: todo o pecado é uma ofensa, não contra Deus apenas, mas também contra o nosso próximo. Isso é mais evidente em pecados de injustiça; também existe nos mais secretos e ocultos dos nossos pecados, porque cada um deles diminui a quantidade de caridade e de amor que deveria existir entre os vários membros do Corpo Místico de Cristo. Justamente como uma dor de cabeça diminui o bem-estar geral de todo o corpo, da mesma forma o pecado de um indivíduo afeta a irmandade de todos os crentes em Cristo. E desde que cada pecado é uma ofensa contra o amor de Deus e a irmandade de Cristo, segue-se que um representante dessa camaradagem espiritual deveria, em nome de Deus e pelo poder de Deus, receber o regresso individual à fraternidade.

Finalmente, desde que cada pecado é uma ofensa de orgulho e rebelião, Nosso Senhor ordenou que houvesse uma humilhação correspondente no pedido de absolvição. Seria bastante bom enfiar a cabeça num lenço e dizer a Deus que estamos tristes, mas sabemos muito bem que se cometermos um crime contra o Estado, este não aceitaria tal forma de reparação. Nem mesmo nos tribunais divinos pode o criminoso ser ao mesmo tempo juiz e jurado. Isto seria por demais confortável. E sabemos, no íntimo dos nossos corações, que os pecados de que somos culpados deveriam ser repudiados perante outra pessoa que, em nome de Deus, possa libertar-nos da tirania do nosso ego. Como observou o Dr. John Rathbone Oliver:

“*... o pastor entra quase em contato com o desenvolvimento de hábitos mentais defeituosos; ele muito mais do que o psiquiatra, possui a chave da confiança do paciente; ele, num sentido muito mais profundo do que pode*

jamais ser aplicado ao médico, é um médico da alma. Permanece, por assim dizer, como um vigia no portão, no portão que leva ao hospital para doentes mentais. Pode, se quiser, fazer que voltem centenas de enfermos que, se não fosse ele, teriam de passar por aquele mesmo portão, muitos homens e mulheres infelizes que não seriam capazes de sair de novo por ele, até que tivessem "pago até ao derradeiro vintém" de tormento mental e de desespero. Pode mostrar, ao homem ou à mulher que se chega a ele, na doença mental ou em dificuldade, fontes de socorro que os mais hábeis psiquiatras não podem dar. O padre pode não ser capaz de oferecer ao seu paroquiano um curso de tratamento psicanalítico, mas pode oferecer-lhe o Sacramento da Penitência e o Sacramento do Altar. Pode estabelecer a famosa "transferência" do psicanalista, não para si mesmo, mas para Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Pode mostrar ao seu paroquiano, por meio do Sacramento da Penitência, uma "Catharsis" infinitamente mais poderosa do que qualquer purificação emocional do mais aperfeiçoado sanatório de doenças mentais. Pode não ser capaz de ensinar o seu doente mental a fazer cestos e a encadernar livros, mas pode ensiná-lo a rezar. Que sabemos nós a respeito do real valor da prece — do relaxamento mental na presença de Deus — quando aplicado a casos mentais? Muito pouco. Mas aqui de novo temos um tipo de terapia ocupacional digno de ser experimentado. Porque, acima de tudo o mais, o doente mental necessita primeiro de uma mão humana que se lhe estenda; em segundo lugar, de uma paciente compreensão e de uma apreciação das suas dificuldades; e em terceiro, uma fonte de energia e de socorro a que aquela mão humana e aquela simpática compreensão possam levá-lo. Ensinai-o a descobrir Deus depois de o ter encontrado a si. Pois ele está muito só. É este o tormento da maior parte das doenças mentais. Parecem separar o paciente do contato com o mundo amigo, familiar e normal. Ele fica muitas vezes horrivelmente só." [42]

A grande vantagem do confessionário está em que a confissão é absolutamente mantida em segredo. Cada padre está ligado pelo *sigillum*, ou selo, que lhe proíbe sob pena de morte, revelar a confissão de uma pessoa até mesmo da maneira mais geral. O saber disto é grande consolação para um penitente, que reconhece que a sua personalidade tem o direito ao segredo e não deseja ver as suas confidências reveladas num livro de "casos clínicos ".

Nada prejudica mais a confiança de alguém do que a descoberta de haver divulgado os seus segredos a quem não devia. Dessa traição e prostituição nova vergonha nasce, que torna as futuras confidências impossíveis para ele. E desde que as ofensas que cometemos são contra Deus, não pertence a qualquer homem as pôr por escrito numa coluna de mexericos ou num livro. A culpa humana pode chegar ao conhecimento do homem, mas não para ser utilizada pelo homem. Pertence a Deus e por isso os nossos pecados nunca devem ser revelados ao julgamento dos homens. De algum modo, em alguma parte, nestes dias de boatos, manchetes e articulistas, há de haver ouvidos escutantes para agir como os ouvidos de Deus, como há mãos que agem como as mãos de Deus, derramando as águas batismais. Porque os ouvidos do confessor são os ouvidos de Deus, a sua língua nunca pode falar aquilo que Deus ouviu por meio dele. O padre está à mercê do penitente no confessionário; não pode recusar-se a aceitar a confissão, ainda mesmo que esta o coloque em perigo ou em grave embaraço. Não lhe é nem mesmo permitido dizer que determinada pessoa tenha estado a confessar-se com ele, se assim o fazendo pode sugerir que o penitente tivesse necessidade de confessar-se, como resultado dum pecado grave.

Mas no confessionário o penitente procura mais do que aliviar-se em segredo. Uma alma que confessou a sua culpa quer um ideal pelo qual se empenhe — e um ideal mais inspirador do que “aquele que todos aprovam” na nossa sociedade. Isto o confessionário oferece no Supremo Exemplo da Pessoa de Nosso Senhor, que nos dá a sua graça para que emendemos as nossas vidas, por meio da tristeza e do arrependimento. Uma autoridade, reconhecendo a necessidade de um ideal mais alto do que qualquer outro que o analista sozinho pode dar escreveu:

“O psiquiatra murmura alguma coisa a respeito da necessidade de “integração”.

A alma replica: “Verifico esta necessidade, mas não posso integrar-me. Estou tentando ser moderna e a modernidade parece-me interiormente contraditória e lançada à deriva. Como pode um pote quebrado remendar-se a si mesmo?”

O psiquiatra responde: "Refugia-te na sociedade. Estás introvertida, preocupada contigo e reservada. Por isso és uma pessoa dividida. Confessa o que ocultas; confessa-te a mim que represento a Sociedade. Esse ato devolverá a tua objetividade para contigo mesmo. Portanto socializa os teus impulsos.

A alma: "Não estou certa de que a Sociedade seja tão digna de respeito. Parece-me ser ela a fonte de dificuldade e não a sua cura. Não sabe para onde vai."

O psiquiatra: "Se tens essa dúvida, deves refugiar-te não em ti mesma, nem na Sociedade, mas nos teus objetivos ideais. Todos possuem tais objetivos. Utiliza a tua imaginação para fundi-los numa unidade. Entrega-te ao serviço dessa unidade e serás reintegrada. Serás de novo uma alma."

A alma: "Ensinaram-me que os objetivos ideais não passam de mitos."

O psiquiatra: "Não posso garantir-te que não sejam. Mas até mesmo as ficções têm poder curativo. Todos são ajudados por alguma espécie de mito em que acreditam. Entrega-te à ficção curativa."

A alma: "Entendo a tua dificuldade. Não acreditas em nada e não podes curar-me sem uma crença. A ficção podia curar-me, se eu não soubesse que era uma ficção. Sabendo isto, não me posso entregar a ela. Mas vejo que fizestes o que pudestes. Adeus."

A alma doente e o psiquiatra são aspectos gémeos, aspectos peculiares deste fim da era moderna. O psiquiatra é a encarnação da ciência aplicada, tentando curar com os estragos produzidos pelos erros da ciência. E descobre que mais ciência não é o bastante." [43]

Em contraste com esse estéril esforço para ajudar, temos o Cristianismo, cuja Personalidade ideal não é simplesmente um Exemplo a ser seguido, mas também uma vida a ser vivida. Quando a Vida Divina que Nosso Senhor comprou para nós no Calvário se verte na nossa alma, não somente suprime o pecado, mas também perdoa algumas ou todas as penas temporais devidas ao pecado. Graças aos seus conselhos morais, essa graça tem um tremendo valor educacional. Dá-nos um aumento de

autoconhecimento, aperfeiçoa-nos na humildade, dá mais compreensão pelas deficiências e debilidades alheias e dirige-se a Deus como consolo e Salvador, e não como um ideal distante; expulsa da alma a presunção, o egoísmo, a vaidade; revigora a vontade e, portanto, aumenta o autodomínio. As pessoas cantam muitas vezes no banho por causa da alegria da purificação; um pecador arrependido sente o mesmo desejo de cantar, depois da alegria de uma boa confissão. A graça lá de cima tornou-o alegre e confortado.

Mas se negarmos que existe um Poder Divino fora do homem, só resta um pecador humano e um especialista humano, tal como o psicanalista, como fonte de cura. (O ateísmo, coisa bastante natural, é muitas vezes a crença daqueles analistas que tratam os pecados como doenças mentais.) [44]

Mas qualquer das duas posições é ilógica; esperar que o paciente eleve a sua consciência puxando pelos cordões dos sapatos da sua própria inconsciência é querer o impossível. Um analista ateu como este diz ao cliente, em determinado momento, que ele foi determinado a agir da maneira porque agiu por impulsos infantis ou pelo instinto do rebanho, de modo que não é responsável pelos seus delitos. No momento seguinte, diz-lhe que ele agora é responsável pela sua situação futura. Isto chama-se ludibriar um homem, dizendo-lhe ao mesmo tempo que é livre e que não é livre. Pedir ao cliente que se ajuste ao seu ambiente não é curá-lo, mesmo que ele pudesse obedecer, pois o ambiente do mundo de hoje acha-se ele próprio num estado de considerável inadaptação. É concebível que alguns pacientes estejam demasiados bem ajustados ao seu ambiente; necessitam, como sugeriu Nosso Senhor, “de ir para o deserto e descansar um pouco”.

Como pode ser o próprio psicanalista a fonte do novo e necessário poder de curar, particularmente se ele mesmo tem tido necessidade de ser psicanalisado? Como disse Nosso Senhor, se o cego conduz o cego, então ambos cairão dentro do poço. E quem foi que estabeleceu o psicanalista como protótipo de normalidade para qualquer homem? A psicanálise baseada numa filosofia materialista não pode oferecer norma, ideal, motivação, dinamismo, objetivo na vida. Não tem nada disto para dar. Contudo deve haver um ideal. Cada pessoa não pode ser o seu próprio

modelo, doutra forma qual de nós é louco, qual de nós é são? E se um homem rebaixa os seus ideais às exigências dos seus instintos inconscientes, se na linguagem psicanalista, exige que o *id* deva afirmar-se contra o superego, acaba na estagnação e na degenerescência. Nem o pessoal, nem o coletivo, nem o analista pode oferecer ao cliente o modelo que ele reclama, o ideal pelo qual se empenha. Só pode haver um ideal para numerosos eus diferentes, se houver uma pessoa perfeita de quem esta pessoa e aquela pessoa participem e sejam o reflexo. No desenvolvimento pessoal, como na arte, não podemos progredir se não tivermos o ideal da beleza perfeita.

Quando Humpty Dumpty [*] caiu do muro, nem todos os cavalos do rei nem todos os homens do rei puderam voltar a juntar os cacos de Humpty Dumpty. Mas se tivesse havido um ovo-modelo, não somente teria Humpty Dumpty sabido quanto se tinha ele próprio desorganizado, mas teria tido também um modelo, um padrão com o qual poderia conformar-se e assim tornar-se normal.

O cristianismo oferece tal possibilidade apresentando a Pessoa Ideal do Cristo, que oferece poder e recursos a todos os ovos partidos para que se tornem normais de novo: “Dei-vos um Exemplo” significa “Sou o Modelo, o Protótipo de uma Personalidade”. O repúdio à norma que está em Cristo Jesus é a fonte das anormalidades; a integração naquela imagem é a fonte de toda a paz e de toda a alegria. A pré-condição de uma perfeita vida humana e de uma psicologia que tenha sentido é uma Imagem Divina refletida em Cristo, Nosso Senhor. Não é o ego ideal, mas o Cristo Ideal, que pode tornar o eu mais do que ele é. Quando os psicólogos falam de uma personalidade integrada, é esse o Exemplar que eles procuram. Onde há uma deficiente perfeição de objetivos, existe alguma desintegração.

Há numerosas diferenças entre análise e confissão. Algumas delas foram apontadas pelo padre Victor White:

“Mas a “confissão” exigida ao penitente e a “confissão” exigida ao analisando são duas coisas bem diferentes; e a diferença jaz na diferença de “matéria remota” que já referimos. O que se espera que um penitente confesse está bastante definido e restrito aos pecados cometidos desde o seu batismo, ou desde a sua anterior confissão. Tal limitação não pode prender o

analisando. Embora nenhum analista que conheça o seu oficio queira excluir tal material, ainda menos buscará limitar as “confissões” do seu paciente os seus erros reais ou supostos. E terá de interessar-se por eles, não precisamente como ofensas morais, mas como causas ou sintomas de neurose e como fornecedores — juntamente com as atitudes conscientes ou inconscientes do paciente — de elementos importantes para o retrato total da personalidade que ele tem que traçar. As “boas ações” do paciente o interessarão não menos do que as “más” (os confessores mostram-se notória e retamente impacientes com as narrações das “virtudes do penitente”), ao passo que os sonhos, as livres associações, as reações espontâneas e outras manifestações do inconsciente o interessarão ainda muito mais. O seu negócio é menos com o que o paciente faz, do que com o porquê ele o faz. Somente deste ponto de vista totalmente diferente pode haver alguma superposição, mas nunca identidade completa, entre “confissão” sacramental e analítica. Os processos psicológicos por qualquer delas exigidos diferem correspondentemente: a primeira requer certa concentração da memória consciente e a recitação ordenada de uma seleção do seu conteúdo; a segunda, pelo contrário, um relaxamento físico e mental que permita a livre fluência da fantasia desenfreada e a suspensão da atividade mental regular “dirigida”. O confessionário sem conforto, com o seu duro genuflexório, e o sofá ou poltrona do gabinete do analista, admiravelmente exprimem e provocam as duas diferentes espécies de “confissão” que cada qual se propõe.

A análise psicológica nada sabe de contrição ou satisfação, como atos pré-determinados a exigir-se do paciente; seria fracassar inteiramente no seu propósito assentar de antemão a atitude consciente que o analisando iria adotar com o seu material. Tanto quanto o próprio material não pode essa atitude ser pré-determinada.

Ainda há menos equivalência na análise psicológica à forma do sacramento da penitência. Esta “forma” são as palavras de perdão pronunciadas pelo padre. É o elemento especificante e determinante que faz o sacramento da penitência ser o que é. É o sinal eficaz da reconciliação com Deus e assim o verdadeiro remédio para o mal, que é a “matéria remota” do sacramento. Nada desta espécie pode ser encontrado na análise psicológica.

Alguma semelhança bastante superficial pode ser suspeitada em certos casos em que a reconciliação é efetuada com alguma imagem projetada sobre o analista; mas não haverá “remédio”, exceto até o ponto em que a transferência estiver resolvida, a projeção retirada e assimilada ao próprio ego consciente do paciente. Há ainda considerável desacordo entre analistas a respeito do que deverá ser o seu próprio e preciso papel na análise. Mas poucos, mesmo entre aqueles que mais fortemente advogam a sua intervenção “ativa” no processo, sustentariam que o derradeiro remédio venha do analista, em vez de vir do analisando e da sua própria réplica ao seu próprio material. Nenhum por certo invocaria poder e autoridade divinos para perdoar pecados.

Assim as diferenças entre a confissão sacramental, como é compreendida e praticada na Igreja Católica e a análise psicológica, como conhecida e praticada hoje em dia, são consideráveis e profundas...” [45]

O mundo moderno está cheio de gente mentalmente normal, mas fatigada, que busca a paz em qualquer lugar onde saiba que ela é oferecida, até das mãos de homens que foram preparados para tratar com insanos. Mas são bastante equilibrados. Para eles, o mundo necessita de uma revivescência dos Direitos Sagrados. Durante as épocas de fé, um fugitivo da justiça era considerado imune de perseguição pela lei civil se conseguisse agarrar o grande anel de ferro que estava preso à porta da frente duma igreja. Por este símbolo, encomendava-se à mercê das leis da Igreja. Semelhante asilo seguro e solitário é necessário hoje para as pobres almas que anseiam por confessar a sua culpa, na esperança de perdão, de reparação e de paz. E a Igreja tem tal asilo no confessionário, onde a Divina Misericórdia de Nosso Senhor, outorgada através da sua natureza humana a um ladrão penitente, a Madalena e à mulher adúltera, é posta à disposição dos nossos corações igualmente destroçados. Não é fácil caminhar até àquele confessionário, mas ao sair experimenta-se uma sensação maravilhosa!

Mais do que de qualquer forma de psicanálise, o mundo precisa de psicosíntese. Alguns psicólogos reconheceram tal necessidade: Jung, com a sua ideia de “renascimento”, e alguns seguidores de Freud que deram às suas teorias o nome de “psicanálise ativa”. O que mais necessitam os seres

humanos é que se unam, não que se os analise. O pecado divide-nos contra nós mesmos; a absolvição restaura a nossa unidade. A maior parte das pessoas de hoje tem um peso na mente, porque tem um peso na consciência. O Divino Psicólogo sabia quão miseráveis seríamos, se não pudéssemos livrar-nos daquele peso.

Constroem-se hospitais porque os homens têm corpos doentes e a Igreja constrói confessionários porque os homens também têm almas doentes. A confissão regular impede que os nossos pecados, as nossas preocupações, os nossos temores, as nossas ansiedades se infiltrem no inconsciente e degenerem em melancolia, psicoses e neuroses. O tumor é lancetado antes que o pus possa espalhar-se pelo inconsciente. O Divino Mestre sabia o que há no homem; assim instituiu este Sacramento, não para as suas necessidades, mas para as nossas. Foi o seu meio de dar ao homem um coração feliz. O lado esquerdo o lado direito do coração físico não têm comunicação direta um com o outro; unem-se por meio do sangue que circula no corpo. Da mesma forma os nossos corações tornam-se também felizes pela comunicação com o Corpo Místico de Cristo e com o Seu Sangue. Não nos tornamos piores quando admitimos a necessidade de absolvição. Nem pioramos quando admitimos que temos o coração destroçado; porque a menos que o nosso coração esteja destroçado, como poderia Deus entrar nele?

CAPÍTULO 8
Sexo e Amor a Deus

O sexo tornou-se um dos assuntos mais discutidos nos tempos modernos. Os vitorianos fingiam que não existia; os modernos pretendem crer que nada existe além dele. Alguns críticos lançam toda a culpa disto sobre Freud. Emil Ludwig, no seu livro, *Dr. Freud*, afirma que toda a popularidade de Freud se deve ao facto de ele ter tornado possível que as pessoas falem de sexo sob o disfarce da ciência.

"*... O rótulo científico de Freud permite que a mais recatada menina discuta os mais íntimos pormenores sexuais com qualquer homem, estimulando-se ambos eroticamente durante a conversa, embora conservando as faces imuperturbáves; isto prova que se é, simultaneamente, culto e despido de preconceitos. Que coisa tão conveniente na puritana América!* " [46]

Não é esta, sem dúvida a explicação total. O freudismo jamais se teria tornado popular numa civilização mais normal. Marx e Freud não teriam escrito no século XIII e não teriam tido um público frívolo na era elizabethiana. A actual atração por eles deve-se ao facto de ser mais favorável a tal filosofia o clima do mundo. Teria de haver uma preparação materialista para o Sexualismo. Lewis Munford afirma acertadamenteo: "A despeito do alcance que Freud deu teoricamente aos mais profundos impulsos subjetivos do homem, cria que a ciência era a única que podia realizar a melhoria do homem. Inconscientemente, aceitou, como revelação final da verdade, a ideologia formulada no século XVIII, a de Locke, Hume, Diderot, Voltaire". [47] O Dr. Reinhold Niebuhr relaciona Freud, com uma reação contra o falso otimismo: "O pessimismo romântico, que culminou em Freud, pode ser considerado como símbolo do desespero que invade o homem quando se dissipam as suas ilusões otimístas; pois sob o perpétuo sorriso do modernismo há um esgar de desilusão e de cinismo." [48] Thomas Mann encontra a fonte em Schopenhauer: "Schopenhauer, como psicólogo da vontade, é o pai de toda a psicologia moderna. Dele parte diretamente a linha, por intermédio do radicalismo psicológico de Nietzsche, até Freud e aos homens que construíram a psicologia do inconsciente e a aplicaram à ciência mental". [49]

Não é histórico e psicologicamente correto culpar Freud do excessivo ênfase actual sobre o tema. Em vez de ser o criador da popularidade do sexo, foi antes a sua expressão e o seu afecto. Longe de ser fundador de uma época, foi o seu pós-escrito. Há ainda alguns fiéis discípulos escrevendo que consideram o método de Freud e a sua filosofia como a verdade absoluta. Ressentem-se amarga e instantaneamente de qualquer crítica, chamando-a "reacionária" ou "obscurantista". Mas muitos outros já mudaram ou abandonaram as ideias fundamentais de Freud. Entre estes contam-se Karen Horney e Teodoro Reik. [50]

As razões desse exagerado interesse pelo sexo encontram-se profundamente enraizados na nossa civilização:

"*Com Marte se entender; com almas conversar;*

Relatar o que faz o monstro lá no mar;

O horóscopo dizer; a bola de cristal

Consultar; a doença, em letras descobrir;

Biografias fazer, pelas rugas da mão;

Nos dedos encontrar tragédias; e presságios

Proferir, por bruxedo ou por folhas de chá adivinhar o inevitável

Com cartas de jogar, brincar com pentagramas

Ou ácidos barbitúricos; ou dissecar

A imagem recorrente dos terrores preconscientes…

Dissecar e sondar o ventre, a tumba, os sonhos,

São estes usuais passatempos e drogas

De que faz propaganda a imprensa em nossos dias.

E sempre assim será, sempre que hesitação

E desgraças houver, atormentando o mundo.” [51]

A principal razão dessa deificação do sexo está na perda da fé em Deus. Uma vez perdido Deus, perdem os homens a finalidade da vida e quando se esquece a finalidade da vida, torna-se o universo sem significado. Tenta então o homem esquecer o seu vazio pela intensidade de uma experiência de momento. Este esforço por vezes vai tão além que o homem converte em deus a carne de outra pessoa: há idolatria e adoração, as quais, em consequência, terminam em desilusão, quando o chamado “anjo” se revela apenas um anjo decaído e sem grande atração. Por vezes a *própria* carne é transformada em deus. Então tende-se à tirania sobre as outras pessoas e, finalmente, à crueldade.

Não há fórmula mais segura de descontentamento que tentar satisfazer os nossos anseios pelo oceano do Amor Infinito bebendo da chávena de chá das satisfações finitas. Nada material, físico ou carnal poderá jamais satisfazer completamente o homem. Este tem uma alma imortal que necessita de um Amor Eterno. “Não só de pão vive o homem.” A necessidade que tem o homem do Amor Divino, uma vez pervertida, impele-o a ir em busca do Amor Infinito em seres finitos, nunca o encontrando e, contudo, nunca podendo dar fim às buscas, a despeito das suas desilusões. Então surge o cinismo, o aborrecimento, o fastio, e por fim o desespero. Tendo perdido o oxigénio espiritual, o homem asfixia-se. A vida deixa de significar algo de preciso para ele e pensa em suicidar-se, como acto final e definitivo de rebelião contra o Senhor da Vida. Como observa E. I. Watkin a respeito de tais homens modernos:

“*... O racionalismo roubou-lhes a fé em Deus e a vida de amor espiritual em união com Ele. Sendo homens e não máquinas de calcular ou vegetais, necessitam ter vida, concreta, intensa, apaixonada. Voltam-se, então, para o sexo, a imagem biológica da vida espiritual, a sua paixão e união… não pelo que o sexo possa realmente dar-lhes, e tem dado em todos os tempos, mas pelo conteúdo daquela outra e suprema vida de amor que ele reflete. Ficam sem dúvida desapontados, e continuarão a sentir-se desapontados. Mas a sua procura é um juízo, um testemunho e um chamamento. É, em primeiro lugar, um julgamento...*

O raciocínio humano não pode alcançar o claro e completo sistema de verdades sobre o qual só poderia ser construída uma estável ordem mundial de natureza puramente racional. Ele (o homem) é devorado pelo monstro submarino da vida biológica, emboscado nos seus instintos irracionais, a baleia do sexo. Pois, como a baleia, o sexo deveria alimentar as necessidades do homem e não o engolir. Mas o monstro marinho pode tornar-se o instrumento da sua libertação. No seu ventre, escuro e fechado, o homem aprende a conhecer, como o profeta, a *impotência de seus poderes naturais para satisfazer as exigências de seu espirito, a sua necessidade de iluminação divina e de graça. Assim o julgamento do sexo na sua moderna idolatria torna-se um testemunho da necessidade para o homem da vida e do amor que só Deus pode conferir, um testemunho da realidade que prefigura e reflete."* [52]

Uma segunda razão para o culto do sexo é o desejo de escapar à responsabilidade de viver e à voz intolerável de uma consciência inquieta. Pela concentração sobre áreas inconscientes animais, primitivas, os indivíduos dominados pela culpa sentem que não mais precisam de afligir-se a respeito do significado da vida. Uma vez negado Deus, então tudo se torna permitido para eles. Negando o ético da vida, substituíram a liberdade pela licença.

"*Aqueles que estão conscientes das provas apresentadas pela moderna psicologia referentes ao importante papel representado pela força consciente ou inconsciente da sexualidade nas opiniões e na conduta do homem, podem muito bem inclinar-se a adoptar o ponto de vista de que a vontade de subverter a ordem social não é devida inteiramente ao amor absoluto da justiça, ou à necessidade de alimento e bens entre os famintos e os que nada possuem. O desejo mais ou menos franco de libertar-se das restrições sociais em matéria de atividade sexual é um factor frequente e importante*." [53]

É por isso que uma época de licença carnal é sempre uma época de anarquia política. Os fundamentos da vida social são abalados no mesmo instante em que os fundamentos da vida familiar são destruídos. A rebelião das massas contra a ordem social que Marx advogou, é acompanhada pela rebelião da líbido e dos instintos animais, que os sexualistas advogam no

íntimo do indivíduo. Ambos os sistemas negam a responsabilidade, quer porque se acredita que a história é determinada pela economia, quer porque se afirma que o homem é determinado pela biologia. Contudo, os próprios indivíduos que negam toda a responsabilidade humana e a liberdade em teoria, censuram livremente os seus cozinheiros porque queimaram o toucinho de manhã e dizem “muito obrigado” de noite ao amigo que louva o seu derradeiro livro: Não há liberdade.

Uma terceira razão para a super-ênfase do sexo é a negação moderna da imortalidade. Uma vez negado o Eterno, o "agora" torna-se importantíssimo. Quando os homens acreditam na imortalidade, não somente buscam a continuidade do seu espírito na eternidade, mas também a continuidade da sua carne, por meio da criação de famílias que lhes sobreviverão e aceitam por outra parte o desafio que a morte lhes apresenta. A negação da imortalidade dá assim à morte duplo domínio: primeiro sobre a pessoa, que nega a sobrevivência, embora tenha que morrer; depois leva-o a repudiar a vida familiar, que é agora olhada como simples obstáculo aos prazeres da breve hora da vida. É facto histórico que, em tempos de desastre, epidemia, bombardeamentos, etc., alguns indivíduos que não possuem valores eternos a sustentá-los, vendo extinguir-se em torno de si a duração da vida, mergulham em orgias de deboche. A concentração em torno das coisas perecíveis da terra tende a secar o entusiasmo moral e a estimular ânsias de satisfação bestial, quando tais homens vêm o seu fim aproximar-se. Mas tais catástrofes não são necessárias. Sempre que o tempo na terra é visto como totalmente importante, os mais velhos falam a respeito “do futuro que está nas mãos dos jovens”. Cada qual tem receio de falar da sua idade e o assunto velhice é tratado de uma maneira entre insultuosa e escarnecedora. Como animais acuados, não em jaulas, mas no tempo, tais homens encolerizam-se contra a passagem do tempo. Os anos apressados diminuem o prazer e lançam uma sombra que se tenta não ver. Mas desde que se não tem esperança de escapar a ela para sempre, o medo da morte cresce a toda a pressa. Não é por acaso que a atual civilizacão que deu ênfase ao sexo como nenhuma outra época na história da Cristandade o faz viver no temor constante da morte. Beaudelaire pintou muito bem o amor moderno dizendo-o sentado sobre um crânio. Quando se dá à carne um valor moral, ela produz vida; quando o sexo frustra a moralidade, termina em morte.

Uma criança a quem se deu uma bola e se disse que será a única bola que jamais terá na vida, não pode gozar muito dela porque é dominada pelo medo de perdê -la. Outra criança, a quem se disse que se for boa ganhará outra bola, não precisa de ter medo de perder a primeira. O mesmo se dá com o homem que tem somente um mundo, em contraste com o cristão. Mesmo em pleno gozo da vida, o primeiro homem caminha com medo do seu fim. Os seus prazeres são todos ensombrados pela morte. Mas o homem que acredita numa vida futura, condicionada pela moralidade, tem a grande vantagem de ser feliz neste mundo, bem como no outro.

A predileção pelo sexo é característica de uma época profundamente naturalística. Mesmo antes de conceber-se a psicanálise, podiam-se observar sinais notáveis de tal desenvolvimento. A escola literária naturalística da França, que veio a ter tremenda influência, começando com Flaubert, Guy de Maupassant e Zola, deu ênfase ao sexo. Nenhum daqueles escritores era um “imoralista”, mas partilhavam a ideia de que a “natureza” devia ser discutida francamente e sem restrições. Há pouca licenciosidade nos seus escritos, mas acontecia que aquelas obras, na intenção de descrever as coisas humanas como são, foram acolhidas por leitores que buscavam bem outro efeito nelas. A escola naturalista tornou-se assim, involuntariamente, uma preparação para uma libertinagem crescente. O êxito da psicanálise na América - não entre os psiquiatras, mas entre o público - tem a mesma origem que o êxito de certos romancistas do sexo, como D. H. Lawrence.

Uma quarta razão da super-ênfase do sexo é a *negação da alma racional* e a equiparação do homem ao animal. Isto implica o abandono completo da ética nas relações humanas. Agora não é a a vontade que reina, mas o instinto, à medida que os padrões de moralidade deram lugar às práticas de curral. A tragédia moderna não está em que os seres humanos dão muitas vezes mais expansão às suas paixões agora do que em épocas passadas, mas em negarem, abandonando o caminho recto, negam a existência desse mesmo caminho. Os homens revoltaram-se contra Deus em outras épocas, mas reconheciam-se rebeldes. Pecavam, mas sabiam que pecavam. Viam claramente que estavam na estrada errada. Hoje os homens atiram fora o mapa.

A identificação do homem com o animal é uma grande falácia. O sexo no homem não é a mesma coisa que o sexo nos animais. [54] Um animal sente, mas nenhum animal ama. No animal, não há conflito entre corpo e espírito. No homem, há. No animal, o sexo é mecânico, uma questão de estímulo e de reação. No homem, está ligado ao mistério e à liberdade. No animal, é apenas um relaxamento de tensão. No homem, a sua ocorrência não é determinada por nenhum ritmo natural, mas pela vontade. O sexo pode causar solidão e tristeza no homem, o que não causa num animal. O animal pode satisfazer todos os seus baixos desejos. O homem não pode fazer isto e a sua tensão vem do facto de tentar substituir o pão da vida pela palha do sexo. Como disse Prinzhorn, ao falar de certo tipo de freudismo: "Dá às pessoas excessivamente intelectualizadas, fora de contato com a terra viva , nas garras de uma sexualidade degradante, uma falsa religião, admiravelmente adequada à sua condição."

Um aspecto totalmente esquecido do problema sexual no homem é o papel que o pecado original tem desempenhado na sua origem, embora deve ser dito em abono da psicologia moderna que esta ratificou implicitamente o facto, sob o nome de "tensão". A natureza do homem não é intrinsecamente corrupta, mas fraca. Como resultado, as emoções muitas vezes conseguem supremacia sobre a razão. Com profunda penetração, escreve Berdiaeff:

"*Há dois tipos diferentes de gozo: um que nos lembra o pecado original e sempre contém veneno; o outro que nos lembra o paraíso. Quando um homem está gozando o prazer da paixão sensual ou o prazer de comer, deveria sentir a presença do veneno e lembrar-se do pecado original. Esta é a natureza de todos os prazeres relacionados com a luxúria. É perpétuo testemunha da pobreza, não da riqueza, da nossa natureza. Mas quando experimentamos o deleite de respirar a brisa marítima ou o ar da montanha, ou a fragrância das matas e prados, lembramo-nos do paraíso. Não há luxúria nisto.*

Estamos comparando aqui prazeres que têm caráter fisiológico. Mas a mesma comparação pode ser feita no reino do espírito. Quando um homem está gozando o prazer da sua avareza ou vaidade, deveria sentir o veneno e lembrar-se do pecado original. Mas quando está gozando um ato que

revela a verdade, ou a beleza ou irradia amor sobre o seu semelhante, lembra-se do paraíso. Todo o deleite ligado à luxúria está envenenado e relembra o pecado original. Todo o deleite livre de luxúria e ligado a um amor de valores objetivos é uma lembrança ou pré-gozo do paraíso e liberta-nos dos liames do pecado. A sublimação ou transfiguração das paixões significa que uma paixão fica purificada da lascívia e que um livre elemento criador nela penetra. Este é um ponto de importância fundamental para a ética. O homem deve esforçar-se, primeiro e antes de tudo, por libertar-se da escravidão. Todos os estados compatíveis com a liberdade espiritual e a ela hostis são malignos. A luxúria é ao mesmo tempo insaciável e perecível. Não pode ser satisfeita, porque é o mal infinito dos apetites. Existe outra espécie diferente de desejo, que também se estende para o infinito, por ex., a fome de justiça absoluta. Os que têm fome e sede de justiça são bem-aventurados porque se interessam pela eternidade e não pelo mal infinito. A divina realidade que enche a nossa vida é o contrário do tédio e do vazio que enchem a perversa luxúria da vida. A luxúria, pela sua própria natureza, opõe-se à criação, é a negação da criação. O impulso criador é generoso e disposto a sacrifícios, representa a entrega das próprias energias, ao passo que a concupiscência quer tudo para si mesma, é gananciosa, insaciável e vampiresca. O verdadeiro amor dá força à pessoa amada, ao passo que o amor luxurioso, como um vampiro, absorve a força da outra pessoa. Daí haver oposição tanto entre luxúria e liberdade, como entre luxúria e criatividade. A luxúria é uma paixão pervertida e interiormente debilitada. O poder é uma força criadora, mas também existe a volúpia do poder. O amor é uma força com espírito de sacrifício, mas há também a volúpia do amor." [55]

Quaisquer que sejam as razões primitivas do atual excesso de ênfase que se põe no sexo, não devem ser atribuídas ao próprio Freud. Uma distinção justa deve ser feita entre Freud e freudismo, espécie de pansexualismo que reduz tudo ao sexo de um modo que o próprio Freud nunca entendeu. Os que levaram as suas teorias de análise ao extremo de tudo interpretar em termos de sexo tem sido submetido a sátiras tremendas. O exemplo mais interessante apareceu no G. K. 'S Weekly, que traduziu a vida em termos de cerveja, em vez de sexo. Lê-se nele:

“É já um facto estabelecido que todos os motivos e ações humanos são devidos à Cerveja, não simplesmente entre adultos, mas também entre crianças…

A vida inteira de uma criança (de qualquer sexo) é movida pela Cerveja. A primeira ação de que é capaz uma criança é um grito de desejo. Estabelecemos que este não é outro senão um grito que pede Cerveja ou, pelo menos, alguma espécie de bebida. O ato seguinte da criança é beber. Se não bebe cerveja é porque o seu organismo ainda não é capaz de bebê-la. Mas por detrás do prazer que sente bebendo leite, está o desejo de beber cerveja. Chamamos a isto instintos primários. Os instintos secundários hão de ser encontrados no gosto pelas rolhas que saltam, pelas cores amarelo-castanhas, pelas substâncias espumosas (como o sabão) e assim por diante. A criança chama instintivamente Papá ao pai (o que representa o pipocar da rolha a saltar da garrafa) e Mamã à mãe (o que lembra o ruído do líquido que está sendo derramado num copo). Todos os ruídos gorgolejantes da infância demonstram a potência do instinto…

A maior parte dos nossos conhecimentos baseia-se em sonhos o que aceitamos como a demonstração cientifíca mais digna de confiança. Sabemos (graças a meios demasiado complicados e extensos para serem detalhados aqui) que mesmo criancinhas muito novas sonham com cerveja; não só, porém mais ainda, não sonham com outra coisa mais. Quando uma criança sonha com um bote sobre um lago, que é isso senão um símbolo da cerveja? Com uma chuva, um rio, um mar? Tudo quanto é amarelo ou castanho é cerveja. Tudo quanto é espumoso ou cintilante é cerveja. Tudo em alguma coisa mais é cerveja (uma noz na sua casca, por exemplo, representa evidentemente a cerveja na garrafa). Tudo que se move é cerveja, particularmente os movimentos rápidos e saltitantes, que lembram o lúpulo. De facto, podemos dizer que a criança não pode sonhar com outra coisa senão cerveja. Não há sonho possível senão cerveja...

Eis um exemplo. A paciente era a senhora X. Veio ter connosco, extremamente perturbada. “Os meus nervos estão destroçados”, disse ela. “Desejo que o senhor me ajude.” O professor Bosh interrogou-a e conservou-a sob observação. Descobriu que antes de ir deitar-se tinha ela o costume de escovar o cabelo. “A escova era cor de âmbar e transparente.

A paciente levantava-a lentamente até os lábios, parava, e depois continuava a escovar o cabelo. Isto era uma coisa completamente inconsciente. Em resposta às minhas perguntas deixou transparecer que muitos anos antes o médico da família a havia proibido de beber qualquer coisa alcoólica. Ela estivera acostumada a tomar um copo de cerveja todas as noites à hora da ceia." O professor Bosh explicou isto e imediatamente ficou convencida da verdade disto. Submeteu-se a tratamento e dentro em breve estava perfeitamente bem e forte. " [56]

Diferentemente do freudismo extremo , o cristianismo não tem a mentalidade tão estreita a ponto de fazer do sexo o instinto mais importante da vida ou de atribuir exclusivamente à sua repressão as desordens mentais. Se o recalque dos seus impulsos errantes e desgovernados é a causa das anomalias mentais, por que é que aqueles que se abandonam mais à licença carnal são os mais anormais, ao passo que aqueles que acreditam na religião e na moralidade são os mais normais dos homens? Usando uma vigilância mais compreensiva e mais sadia sobre a vida, o cristianismo investiga não uma, mas várias raízes de desordens mentais no mundo não físico e moral. Há sexo, é certo; mas há também seis outras causas possíveis: orgulho, cobiça, cólera, inveja, gula e preguiça.

A fim de compreender o papel próprio do instinto sexual, consideremos a verdadeira natureza do homem. Todo o homem procura a perfeição. Está constantemente tentando transcender-se a si mesmo, sair fora de si mesmo, de certo modo expandir-se, escapar às suas limitações. Há uma espécie de sagrada impaciência em todos nós. O "eu", o "mim" em cada um de nós sente-se limitado. Anseia por expansão, acha a terra demasiado pequena e até as estrelas demasiado perto. A posse, quanto mais prospera mais nos deixa famintos. Queremos ser perfeitos, mas estamos apenas num processo de realização. Não sendo capazes de encontrar a paz dentro de nós mesmos, procuramos compensar as nossas limitações, estendendo-nos em uma de três direções: através da mente, através do corpo ou através das coisas.

A auto- preservação é uma das primeiras leis da natureza e implica um legítimo amor de si mesmo, pois se nós não nos amarmos a nós mesmos não poderemos continuar a viver. O nosso Divino Senhor lembra-nos que devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos. O amor de si mesmo,

sabendo que não pode existir por si, da mesma maneira que não pode o estômago resistir sem o alimento, estende-se em uma direção pela aquisição do saber e quanto mais conhecemos a verdade, tanto mais se desenvolve a nossa personalidade. A busca da perfeição do eu atinge até o infinito. Ninguém jamais disse: “conheço bastante.” É por isso que odiamos que haja segredos ocultos de nós (os homens odeiam tanto isso quanto as mulheres). Somos incuravelmente curiosos. Fomos feitos para conhecer.

Escapamos às limitações do corpo, em outra direção, pela expansão da nossa carne na procriação de outras pessoas. O amor tende sempre a uma encarnação. A fim de que a vida humana pudesse ser preservada e continuada, implantou Deus no homem dois grandes apetites e prazeres. Um é o prazer do alimento, para preservar a vida corporal do indivíduo; o outro é o prazer do casamento, para preservar a vida da raça.

O terceiro meio de aperfeiçoar-nos é pela posse das coisas. Justamente como somos livres no íntimo, porque podemos chamar nossa à nossa alma, assim também queremos ter liberdade exterior de chamar nossas as coisas que possuímos. A propriedade pessoal ou privada é natural ao homem. É a garantia económica da liberdade, como a alma é a garantia espiritual.

A Igreja ensina que a pessoa humana está constantemente lutando pela perfeição e se sente inquieta enquanto não aperfeiçoa o seu espírito no saber, ou gera a sua espécie no casamento, ou assegura a sua garantia económica com a posse de bens. Cada uma dessas ânsias, desejos e instintos é correta e conferida por Deus. Em cada um desses casos, o “eu” está tentando encontrar outro “eu”. Porque o “eu” ama-se a si próprio, ama também a sabedoria, ama a carne, e ama a propriedade.

Donde pois surge a anormalia, se essas buscas são naturais? Como poderiam elas causar uma psicose, ansiedade ou um complexo, como tampouco não o causam o olho vendo e o ouvido ouvindo? Se fossemos animais, estas procuras da perfeição nunca haveriam de causar, de facto, perturbações, pois o desejo de um animal pode ser plenamente satisfeito, mas o do homem não pode. Nenhum animal tem curiosidade a respeito de clorofila, quando vê uma planta, não tem um esquilo um complexo de ansiedade a respeito da possibilidade de haver uma carestia de nozes daí a dez anos. Mas os impulsos e paixões do homem estão submetidos à sua

vontade. Não sendo mecanicamente ordenadas como meios para salvação da sua alma, ele pode fazer mau uso das suas paixões, torná-las fins em si mesmas, tentar descobrir o absoluto na relatividade delas.

O amor próprio que é bom, pode ser pervertido em auto-adoração, na qual se diz: “Sou a minha própria lei, a minha própria verdade, o meu próprio modelo. Ninguém pode dizer-me coisa alguma. Tudo quanto considero bom, é bom; o que acho mau, é mau. Portanto, sou Deus”. Esse é o pecado do orgulho, a perversão do amor próprio em egoísmo. Tal indevida inflação de si mesmo é uma das principais causas de infelicidade. Quanto mais um balão se enche, mais facilmente pode ser furado. O egoísta move-se com cautela, no constante perigo de ver destruídos os seus falsos valores.

O instinto sexual, que é bom, também pode ser pervertido. Nos tempos da Roma pagã alguns indivíduos corruptos compareciam a banquetes, empanturravam-se de comida, faziam "cócegas" na garganta para vomitar os alimentos e depois voltavam a comer mais. Isto era mau, porque, como lhes dizia a razão, come-se para viver e o prazer não deve ser separado da sua função. Da mesma maneira, quando os fogos da vida são deliberadamente despertados, não para acender novas tochas de luz, mas para queimar a carne, há o pecado da luxúria. Esta é uma perversão que os animais não podem cometer porque não podem articular e centralizar artificialmente os seus instintos.

Em terceiro lugar, o legitimo desejo do homem de expansão própria por meio da propriedade pode ser pervertido numa paixão desordenada de riqueza, sem consideração quer ao seu uso social, quer às necessidades do próximo. Este é o pecado da avareza, no qual um homem não possui uma fortuna, mas é uma fortuna que o possui.

Como a vontade do homem pode perverter as suas boas paixões, instintos, anseios e aspirações, e transformá-las em orgulho, luxúria e avareza, a Igreja impõe mortificação, por meio da prece que torna humilde a alma orgulhosa, por meio do jejum, que doma os impulsos errantes do corpo, e por meio de esmolas, que nos desprendem do amor desordenado das coisas. Em plano mais elevado, a Igreja permite que algumas almas escolhidas prestem: voto de obediência, para expiar pelo orgulhoso; voto de

castidade, para redimir os licenciosos; e voto de pobreza, para compensar os codiciosos. Estes votos são prestados não porque o gozo do espírito, da carne ou da propriedade seja erróneo, mas porque alguns membros da sociedade abusam deles e os pervertem. Essas almas sagradas, curvando-se, humildes, compensam, por assim dizer, os excessos de outras, em proveito destas. Assim é a reta ordem dos bens preservada no universo de Deus.

À luz do que fica dito acima, não há tolice mais excelsa do que dizer que a Igreja se opõe ao sexo. Não é mais oposta do se vá à escola ou se possua uma casa. A natureza não é corrupta. Como disse Aristóteles, "A natureza não mente". É o falso uso da natureza pelo homem que obscurece a face do mundo. Nem acredita a Igreja como um monomaníaco que o sexo é o único instinto que o homem tem, ou que todos os outros instintos hão de ser interpretados em termos de sexo. Pelo contrário, com uma compreensão mais profunda da natureza humana, diz ela que o anseio de perfeição é básico e que o sexo é apenas um dos três meios pelos quais se realiza nesta vida uma relativa perfeição.

Donde pois tiraram os fanáticos do sexo a ideia de que a Igreja é a inimiga do sexo? Tiraram-na da sua inabilidade em fazer uma distinção: uma distinção entre uso e abuso. Pelo facto de condenar a Igreja o abuso da natureza, os fanáticos do sexo pensam que a Igreja condena a própria natureza. Isto não é verdade. Longe de desprezar o valor do corpo humano, a Igreja dignifica-o. É seguramente mais nobre dizer, como um cristão, que o corpo é um Templo de Deus, do que dizer, com algumas mentalidades modernas, que o homem é simplesmente uma besta. Como disse Clemente de Alexandria: "Não devíamos ter vergonha de mencionar aquilo que Deus não teve vergonha de criar". Não há pecado no reto uso da carne; mesmo sem a Queda do Homem, a imagem do homem deveria ter sido continuada por meio da procriação. E S. Tomás diz-nos que havia mais prazer no casamento antes da Queda do que agora, por causa da maior harmonia e paz na alma do homem. Santo Agostinho disse: "Faríamos, portanto, injúria ao nosso Criador imputando os nossos votos à nossa carne; a carne é boa, mas abandonar o Criador e viver de acordo com este bem criado é que é erróneo. " [57]

A Igreja fala, sem dúvida, do pecado no domínio do sexo, como fala do pecado no domínio da propriedade, ou do pecado na área do amor-próprio. Mas o pecado não jaz no instinto ou na própria paixão. Os nossos instintos e as nossas paixões são dons de Deus; o pecado jaz na perversão deles. O pecado não está na fome, mas na gula. O pecado não está em procurar a segurança económica, mas na avareza. O pecado não está na bebida, mas na embriaguez. O pecado não está no recreio, mas na ociosidade. O pecado não está no amor ou no uso da carne, mas na luxúria, que é a sua perversão. Justamente como o sujo é a matéria no lugar errado, da mesma maneira o sexo pode ser carne fora do lugar devido.

Uma concentração indevida em torno de uma única das atividades da vida tende a tornar um homem anormal, devido à unilateralidade dos seus interesses. Isso é especialmente verdade quando se trata duma preocupação excessiva com o carnal. Tende a tornar psíquico o que é físico, fazendo retroceder tudo a um único instinto. O sexo em outras idades era físico; produzia nova vida. Hoje, porque muitas vezes impede a vida, é também psíquico. Pensa-se no sexo como um meio de prazer, a tal ponto que ele se tornou uma obsessão. Justamente como um cantor ficaria louco se se concentrasse em seu tórax, em vez de concentrar-se na sua canção, e um regente de orquestra tornar-se ia um neurótico concentrando-se na sua batuta, em vez de se concentrar na sua partitura, da mesma maneira o homem moderno pode enlouquecer em pensar no sexo, em vez de pensar na vida.

Pois é o *isolamento* do factor sexual da totalidade da vida humana, o hábito de olhá-lo como idêntico à paixão que um elefante pudesse sentir, a ignorância da tensão corpo-alma no homem, que causa tantas anomalias e desordens mentais. O falso isolamento de uma parte, que pertence ao todo, é uma característica comum no pensamento contemporâneo. A vida do homem hoje em dia está dividida em muitos compartimentos que permanecem desunidos e desintegrados. O negócio de um homem de negócios não tem conexão com a sua vida em família - a tal ponto que a sua mulher (sua “mulherzinha”) é mantida na ignorância dos rendimentos do seu marido. Como não há conexão entre a profissão de um homem e o resto da sua existência diária, não há tampouco uma conexão entre a sua vida diária e a sua religião. Esta separação da vida em compartimentos estanques

torna-se mais desastrosa quando a ocupação e o trabalho estão cada vez menos ligados a um ideal estritamente humano; a mecanização desempenha um papel catastrófico.

Sérios efeitos resultam dessa mecanização e da tendência total à superespecialização na vida moderna. Estes dois fenómenos dos nossos tempos estão ambos relacionados com o hábito analítico da mente, imposto pela moda de uma aproximação predominantemente científica no mundo intelectual. Tudo é encarado isoladamente pelo homem moderno, porque este método é o processo legítimo da ciência. Mas há campos em que o estudo da unidade arrancada do seu contexto deixa de ser adequado. O estudo da própria vida começou a sofrer por causa de um uso excessivo da análise; daí a reação do "totalismo" em psicologia e biologia.

O impulso sexual no homem não é *em momento algum* um instinto isolado. O desejo desde o seu começo, é informado pelo espírito e nunca um é experimentado separado sem o outro. O psíquico e o físico se inter-actuam. Justamente como os idealistas, que negam a existência da matéria, pecam contra a carne, da mesma forma os sensualistas e carnalistas pecam contra o espírito. Mas trair qualquer dos aspectos é atrair a vingança. "O nosso corpo é parte da ordem universal criada e preservada por Deus. Retamente encarado, é ele próprio um universo suficiente em si mesmo, que nos foi confiado como uma propriedade limitada, mas sagrada. O pecado mais substancial é aquele que cometemos contra nós mesmos e especialmente contra o nosso próprio corpo. A ofensa contra o nosso próprio corpo inclui o pecado contra o Criador. [58]

O instinto sexual num porco e o amor numa pessoa não são a mesma coisa, precisamente porque o amor se funda na vontade e não nas glândulas, e a vontade não existe num porco. O desejo sexual numa pessoa é diferente do sexo numa cobra porque, no ser humano, promete alguma coisa que não pode completamente suprir, pois o espírito no homem antecipa, o que uma cobra não faz. O homem sempre deseja alguma coisa mais do que tem. O próprio facto de que nenhuma das paixões do homem pelo saber, pelo amor e pela segurança pode ser aqui na Terra completamente satisfeita, sugere que ele podia ter sido feito para alguma coisa mais.

A existência da vergonha (que não existe noutra criatura senão no homem), de novo mostra como este instinto, acima de todos os outros, implica a alma. A vergonha corre um véu sobre o mais profundo mistério da vida e preserva-o do uso impaciente, contendo-o até que possa servir a vida como um todo, e assim satisfazer tanto o corpo como a alma. Não haveria tal desgosto no homem, se cada um de nós não sentisse que o corpo tem uma santidade peculiar, não só pela sua potência em continuar o ato criador de Deus, mas também pela sua possibilidade de tornar-se um verdadeiro Templo de Deus.

A pessoa está em busca do absoluto, isto é, da perfeita felicidade. Usar o sexo como um substituto do absoluto é uma tentativa vã de transformar a cópia no original, de fazer a sombra tornar-se substância e o condicional absoluto. Os anseios infinitos de uma alma não podem ser satisfeitos apenas pela carne. O amor, não nos esqueçamos, não está no instinto; está na vontade. Se o amor fosse puramente orgânico, não mais significativo do que qualquer outro ato físico, tal como respirar e digerir, não estaria cercado tantas vezes de sentimentos de desgosto. Mas o amor adulto é muito mais do que isto, não é um eco da fantasia proibida de uma criança, como alguns nos dizem. Todas as almas sentem uma inquietação, um anseio, um vazio, um desejo que é uma lembrança de algo que foi perdido – o nosso paraíso. Todos somos reis exilados. Este vazio só pode ser preenchido pelo Amor Divino e nada mais! Tendo perdido Deus (ou tendo sido d'Ele despojada por falsos mestres e charlatães sexualistas) a pessoa tenta encher o vácuo pelos promíscuos “casos de amor”. Mas o amor, tanto humano como divino, fugirá daquele que pensa que ele é meramente fisiológico: somente pode amar nobremente quem vive uma nobre vida.

É errado dizer que o profundo amor espiritual dos santos por Deus é uma sublimação do instinto sexual, como alguns espíritos perversos têm realmente sugerido. Isso é o mesmo que dizer que o amor da pátria deriva do amor do elefante pela horda. A ideia de que a religião teve a sua origem no instinto sexual é por demais estúpida para ser refutada, pois as maiores influências religiosas da história têm sido as mais destacadas no sexualismo. Quanto mais uma pessoa vive na presença de Deus, tanto mais desenvolve um reflexo contra o mau uso do sexo, tão automático como a maneira pela qual um olho pisca, quando a poeira o fere. Por outro lado, os

fanáticos do sexo não são apenas pessoas sem religião, mas, em geral, pessoas anti-religiosas. É curioso ouvir tais homens insistirem em que devemos repudiar a moralidade cristã e desenvolver uma nova ética que se adeque às vidas imorais de uns poucos milhares de indivíduos que eles registaram. Porque os estatísticos puderam descobrir cinco mil pessoas vivendo vidas carnais, sugere-se que o ideal delas deverá tornar-se o ideal universal. Igual número de casos de contração dos músculos do queixo pode ser encontrado nos Estados Unidos. Imaginaria alguém que o endurecimento do queixo fosse tido em consequência como um modelo de saúde física? Os pecados não se tornam virtudes por serem largamente praticados. O direito é ainda direito se ninguém é direito, e o errado é errado, se toda gente é errada. Muitos têm argumentado que as aberrações sexuais são tão comuns como o resfriado comum, mas ninguém tem até agora pedido que consideremos o resfriado normal e desejável.

Do lado positivo, a posição do cristão é que o instinto sexual é o reflexo do amor na ordem espiritual. O sol aparece primeiro, depois os seus reflexos no tanque. A voz não é uma sublimação do eco e nem a crença em Deus uma sublimação dum instinto carnal. Todo o amor, toda a perfeição e toda a felicidade estão primeiro em Deus, depois nas coisas. Quanto mais perto de Deus estão as criaturas, como os anjos e os santos, tanto mais felizes são; quanto mais longe se acham, menos podem revelar as obras da divindade.

"Há cinco aspectos do amor pelos quais a natureza do homem é elevada e completada: O amor do homem e da mulher um pelo outro; o amor dos pais pelos filhos e dos filhos pelos pais; o amor dos homens e das mulheres pela pátria ou pela comunidade; e o amor dos homens e das mulheres pela excelência em alguma atividade criadora, na arte, na literatura ou na filosofia. Não são estas cinco maneiras ou espécies de amor dadas para enobrecer os homens, mas cinco aspectos do amor que é um, mesmo quando pensamos nele como fluindo entre Deus e o homem. Em cada criancinha que jaz no regaço materno, há algo da Encarnação; o mistério da humanidade torna-se a revelação do Céu; e em tal encarnação do Divino Amor podemos distinguir,carregado em cada aspecto do amor humano, o Verbo Encarnado de Aquele em cuja vontade está a nossa paz. " [59]

Uma vez que a importância do sexo é devida a um esquecimento da verdadeira natureza do homem como corpo e espírito, segue-se que a cura de ansiedades, tensões e infelicidades (criadas pela identificação do homem com uma besta) depende de uma restauração do significado do amor. O amor inclui a carne, mas o sexo, compreendido como instinto animal, não inclui o amor. O amor humano sempre implica o Perfeito Amor.

Há um duplo amor em cada um de nós: um amor que é a realização de si mesmo e tem em vista o nosso próprio bem, e um amor que é a anulação de si mesmo e tem em vista o bem de outrem. [60]

Ambos os amores estão incluídos no Mandamento Divino: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Mat. 22:39). Um deles afirma-se a si mesmo e é possesivo, faz-nos comer, beber e trabalhar para sustentar a nossa vida. O outro é sacrificial ou possuído e busca não possuir, mas ser possuído, não ter mas ser tido. O primeiro bebe água para que possa viver. O outro partilha dessa água ou mesmo abre mão dela, para que o próximo possa viver.

Os dois amores são correctos e bons e estão destinados a actuar, um como travão do outro.

Se o “eu” fosse inteiramente negligenciado, não somente perderíamos todo o respeito por nós mesmos, mas seríamos consumidos, como uma mariposa na chama. Nenhum de nós deseja isto. Não desejamos ver as nossas pessoas extintas ou dissolvidas em algum grande Nirvana do inconsciente. Mas o amor sem egoísmo também é essencial. Se for negligenciado teremos egoísmo, soberba, presunção, vaidade e carnalidade.

Para exprimir esta tensão entre os dois amores, por outras palavras, há em cada coração um impulso entre o romance e o casamento, entre o namoro e a união, a caça e a captura. Amor terreno que seja somente a busca é incompleto; amor que seja apenas obtenção é inerte. Se o amor se limita à posse, o amado é absorvido e destruído; se o amor se limita apenas ao desejo, é uma força inútil que se queima a si mesma, como uma estrela que se extingue. Este fracasso tanto da busca como da satisfação em proporcionar prazer causa o mistério e por vezes o sofrimento de amor.

Como prossecução apenas, o amor é a morte pela fome; como satisfação apenas, o amor é a morte pela saciedade e pelo seu próprio enfartamento. Se o amor não pudesse atingir nível mais alto do que a terra, seria como o pêndulo de um relógio alternando e tiquetaqueando entre caça e captura, captura e caça, infindavelmente. Mas os nossos corações anseiam por algo mais. Ansiamos por uma fuga dessa fatigante interação de caça e captura; não queremos emular no amor com o caçador que parte para uma presa porque já matou a antiga.

E há uma escapatória. Reside no momento eterno em que se unem busca e achado. No Céu capturaremos o Amor Eterno, mas uma infinidade de caça não será bastante para sondar as suas profundezas. Este é o amor no qual vós afinal podeis ter a vós mesmos e perder a vós mesmos num e mesmo agora eterno. Aqui a tensão entre romance e casamento reconcilia-se num instante eterno agora é erguer-se a mais alta bem-aventurança do Amor. Este é o amor de que "carecemos em todo o amor, a Beleza que deixa toda outra beleza padecer, o não possuído que torna a posse vã". O mais perto que podemos chegar de tal experiência na nossa imaginação terrena é pensar no momento mais extasiantemente feliz das nossas vidas e depois viver esse momento eternamente. Esta espécie de amor seria mudo e inefável; não poderia haver expressão adequada para os seus êxtases. É por isso que o Amor de Deus se chama o Espirito Santo, o Hálito Sagrado, algo demasiado profundo para se exprimir em palavras.

Não bastam dois, mas três para se tornar perfeito o Amor quer seja na carne (marido, mulher e filho), no espírito (amante, amado e amor) ou na Natureza Divina (Pai, Filho e Espirito Santo). O sexo é dualidade; o amor é sempre trindade.

É esta plenitude do Amor que todo o coração no universo deseja. Alguns não o suspeitam, porque nunca tiraram a venda dos seus negros corações para deixar entrar a luz de Deus. Outros foram despojados da esperança por aqueles que não podem pensar no amor em outros termos se não o da união de dois macacos. Outros dele se afastaram no louco temor de que tendo as Chamas do Amor Divino, possam perder as brasas moribundas dos seus atuais desejos pervertidos. Mas outros vêm que, assim como os raios dourados que cruzam as águas do lago são reflexos da lua lá no alto,

da mesma maneira o amor humano é apenas o reflexo apagado do Divino Coração. Somente em Deus se encontra satisfação de todos os desejos.

À mulher junto ao poço que tivera cinco maridos e estava vivendo com um homem que não era seu marido, disse Nosso Senhor: “Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede” (João 4, 13). Não há poços humanos bastante profundos para estancar a sede insaciável da alma humana, mas este desejo pode ser satisfeito: “Mas o que beber da água que eu lhe der, jamais terá sede; mas a água que eu lhe der, virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna. ” (João 4, 13, 14). A religião enobrece o amor e aqueles que despojam o homem de Deus despojam a sua natureza. Somente uma religião divina pode proteger o espiritual contra o físico, ou impedir que o animal em nós existente conquiste o espírito, tornando o homem mais brutal do que o bruto.

Como muda o sentido da vida quando vemos o amor da carne como o reflexo da Eterna Luz lançada através do prisma do tempo! Os que desejariam separar o som terreno da harpa celestial poderão não ter música; os que acreditam que o amor é apenas o hálito do corpo logo descobrirão que o amor lança o seu derradeiro hálito e que fizeram um pacto com a morte. Mas os que vêm em toda a beleza humana a débil cópia do amor divino, os que vêm a fidelidade em cada voto, mesmo quando o outro é infiel; os que vêem nisso a prova de que Deus nos ama, a nós que somos tão pouco amáveis; os que em face de suas provações vêm que o amor de Deus terminou numa cruz; os que permitem que o rio do seu êxtase alargue os canais unidos da oração e do culto, estes, mesmo na terra, saberão que o Amor foi feito carne e habitou entre nós. Assim, o Amor torna-se uma ascensão para aquele abençoado dia em que as profundezas limitadas das nossas almas serão preenchidas com o dom sem limites, em um eterno agora, em que o amor é a eternidade da vida e Deus é o Amor.

CAPÍTULO 9
Recalque e Expressão Pessoal

Há cerca de setecentos anos, um dos homens mais instruídos que já existiram, Tomás de Aquino, escreveu um tratado sobre as paixões, que até hoje jamais foi ultrapassado. Tratando de ansiedades, disse ele: "*Qualquer ideia que seja nociva ao espírito causa prejuízo na justa proporção em que é recalcada. A razão é esta: o espírito está mais atento a uma ideia recalcada do que se a tivesse trazido à superfície e permitido a sua libertação.*"

Não era esta uma ideia completamente nova, mesmo quando ele a escreveu, pois já estava implícita no Sacramento da Confissão, que descobre ansiedades ocultas, servindo assim a dois propósitos no plano psicológico: evita que elas se infiltrem no inconsciente e causem um complexo e também as desperta porque, quando são trazidas ao nível da vontade, podem ser controladas ou mesmo dominadas.

O século XIX (que já estava quatro séculos distante da prática cristã da confissão e do arrependimento) começou a ver os terríveis efeitos da repressão geral das ansiedades, da culpa, do pecado e das preocupações. Mas os novos escritores deram um jeito levemente diferente à velha ideia de que as repressões são perigosas. Como se fossem Deus, a moralidade e a possibilidade da culpa pessoal eram negados, a nova filosofia afirmava que a repressão das paixões e instintos estava errada. (Era a ideia recalcada, contra a qual lançara Tomás de Aquino a sua advertência.) A nova opinião dizia que o *id* de um homem e os seus instintos animais deviam ter livre-expansão contra os totens e tabus das velhas superstições de moralidade, Deus e religião. Esta psicologia afirmava: "*Exprime-te a ti mesmo. A religião e a moralidade estão destruindo a tua personalidade.*" Toda a restrição, autoridade e disciplina foram encaradas como danosas ao caráter. Tal filosofia não podia manter-se contra a razão certa.

Se realmente um homem se torna melhor e mais sadio porque dá liberdade aos seus instintos sexuais e não sofre inibições provenientes da lei cristã do matrimônio vitalício, por que não se tornaria melhor em virtude de dar liberdade a outros instintos, tais como o instinto de caçada? Porque não

organizar uma caça “ao inimigo para matá-lo”, sem a inibição do tabu moral do quinto mandamento? Se fossemos lógicos em permitir a mesma livre-expansão ao instinto do medo como ao instinto sexual, então deveríamos louvar um soldado que, no meio da batalha, deserta do seu posto, justamente como alguns escritores agora louvam um marido quando abandona a sua mulher. Se o instinto sexual não deve estar preso por tabus morais, por que manter ligado o instinto da pugnacidade? Por que não permitir que uma agressão se afirme, punindo a pessoa que toma a nossa dianteira num balcão de comércio – especialmente se essa pessoa é menor do que nós? Se a prisão se seguir a esta demonstração, porque não alegar em defesa que a lei civil é apenas um tabu moral, originário de tribos africanas de caçadores de cabeças e, portanto, destrutivo da personalidade humana, sem força obrigatória neste iluminado século XX.

Na psicologia o recalque é uma defesa automática e inconsciente com que são repelidas do consciente as ideias que são penosas ou perigosas.

Esta teoria da licença funda-se na falsa asserção que um complexo *psicológico* pode ser sempre curado dando-se lhe uma saída *fisiológica*. Isto é tão estúpido como dizer que o meio de curar uma preocupação a respeito das nossas dívidas é drenar o sangue para fora do coração. O mental e o físico, o espiritual e o carnal, não estão no mesmo nível. Podia-se então muito bem dizer que o impulso psicológico que algumas pessoas têm para matar outras poderia ser curado dando-se lhes uma metralhadora, ou que o impulso mental para se suicidar poderia ser cuidado com um mergulho do alto da ponte de Brooklyn. No que tange ao instinto sexual, a livre-expansão dificilmente pode ser o remédio que se diz ser, pois aqueles que mais se abandonam à satisfação desses instintos são não somente os mais anormais, mas também as criaturas mais infelizes, constituindo a maior ameaça à sociedade.

A teoria da licença afirma que os “totens” e “tabus” ditos religiosos têm sido responsáveis pelo recalque e, portanto, são as causas das desordens mentais. Mas por que, podemos indagar, têm estes totens e tabus religiosos tamanha atração, senão porque já coincidiram com a reta razão e as mais altas aspirações da raça humana? Por que momentos de degeneração social e de caos mundial, tais como a queda de Roma e como nos dos nossos

próprios tempos, teriam sido também os períodos da maior licença e irreligião?

Mas há uma objeção mais profunda a este programa para o homem. Se, pois, a livre-expansão de seu instinto carnal contra o seu instinto moral está certa, então por certo a repressão do instinto moral deve criar um problema de recalque ainda maior. Haverá sempre alguma coisa que é recalcada. Dar aos instintos animais livre jogo, causa um recalque de ideias morais. Os comunistas dizem que a democracia está errada porque reprime os instintos revolucionários dos comunistas; mas se fosse permitida aos comunistas a livre-expansão de seus instintos revolucionários, haveria uma repressão dos direitos democráticos. Tudo quanto faz esta falsa teoria da licença é substituir uma forma de recalque por outra. Os factos da história e a experiência individual provam que nada tem contribuído mais para os desenvolvimentos das desordens mentais, especialmente das neuroses, do que o recalque do senso moral por aqueles que não queriam uma ética mais elevada do que a da cavalariça.

Finalmente, a teoria funda-se numa falsa ideia do significado da expansão pessoal. Todas as coisas deveriam expandir-se livremente de acordo com a sua natureza. Mas a natureza do homem não é igual à natureza de um bode. Dotado duma alma imortal, bem como de um corpo, expande-se mais livremente, não quando acompanha os seus instintos animais, mas quando é comandado pela natureza racional que Deus lhe deu. Quando o homem se exprime contrariamente à sua natureza, gera o pecado na sua alma, tendências más nos seus ossos, jeitos estranhos e anomalias no seu inconsciente, para não falar do remorso na sua consciência. Todo o seu ser se revolta contra a má direção que lhe deu a vontade depravada. Um combóio é a coisa da mais livre-expansão, quando segue pelos trilhos assentados pelo engenheiro; se a sua livre-expansão consistisse em repudiar os trilhos (porque foram assentado por um engenheiro com psicose religiosa), descobriria que não teria mais liberdade de ser um combóio. Se um triângulo buscasse o poder de expandir-se em quatro lados, descobriria que não teria mais liberdade de ser um triângulo. Uma caldeira que se revolta contra a limitação dogmática de suportar apenas certo número de libras de pressão por polegada quadrada e por isso explode, descobre que a sua expansão não passa de autodestruição.

O Dr. C. E. M. Joad disse que a teoria da livre-expansão é tão ridícula que ninguém realmente acredita nela.

"*O que acreditamos é que algumas formas de livre expansão são boas, outras não; que a expansão de si mesmo em simpatia é boa; em inveja, má; em bondade, boa; em crueldade, má; em generosidade e auxílio, boa; em malícia e engrandecimento próperio, má. Contudo – e isto também sabemos – quanto mais a expansão se dá àquilo que é mau, tanto pior se torna. Por exemplo: se quando sóbrio sou de bom génio e bondoso, mas sou também um dipsomaníaco congénito, com tendência a bater na mulher quando embriagado, é claro quequanto mais me expandir nos termos dos meus característicos de sobriedade, bondade e bom génio, e menos me expandir nos termos das minhas característicos congénitas de raiva e de violência, melhor*." [61]

Efeitos bastante sérios acompanham o abandono aos instintos biológicos e animais. Aumentam o desespero e morbidez. O indivíduo é apanhado na ratoeira da licença a que se submete. A liberdade é destruída quando a vítima se torna um escravo de alguma coisa externa. A Escritura diz-nos que aquele que peca se torna um escravo do pecado. Esta espécie de livre-expansão, em vez de permitir que uma pessoa se torne senhora de si, acaba por fazê-la perder o domínio sobre si e ser dominada por outrem, que é a nova forma da escravidão moderna. Finalmente, porque repudia o senso moral, tal livre-expansão diminui a responsabilidade e leva assim à destruição do caráter do homem. À medida que o tempo passa, sobrevêm pesar e desespero, pois se o abandono às paixões e à luxúria animal é caminho para a livre-expansão, então que consolação buscará um indivíduo na velhice? Tal filosofia pode satisfazer animais jovens, mas não animais velhos.

Realmente, para o desenvolvimento do homem são precisas duas espécies de atividades ou expressões: a imanente e a transcendente. Uma permanece dentro da pessoa; a outra atua fora. A falsa filosofia da livre-expansão só admite a segunda espécie, e disso resulta um homem completamente exteriorizado.

Uma verdadeira livre-expansão aperfeiçoa primeiro o espírito e depois o concretiza, produzindo cultura. A cultura sempre perece quando se perde a

interioridade do espírito no “ativismo” das exterioridades. Disso resulta a escravidão – uma nova servidão completamente diversa da escuridão das antigas eras, pois na antiga variedade o homem estava sujeito a uma força externa contra a sua vontade; na nova escravidão, um homem está sujeito à exterioridade por meio da sua própria vontade egoística e vaidosa.

Marx e Freud estavam certos ao tratar a escravidão como um dos problemas periódicos do homem, mas nenhum deles lhe compreendeu a natureza. Ambos aceitaram como provada a escravidão interior; ambos com razão afirmaram que o egoísmo é normal, um deles estudando-o no campo coletivo, o outro no individual. Tal egoísmo é a falha do homem caído, reconhecida por todos quantos admitem uma Fonte Transcendente, donde provém o homem e para a qual ele tende. Algum dia, algum historiador de profunda visão interior nos mostrará como a escravidão externa é sempre a produção maciça da escravidão interior, e como o homem, na escravidão à sua própria natureza inferior, tentou tornar normal a sua condição, escravizando os outros.

A devassidão é outro efeito do pecado pessoal que busca expressão externa pela corrupção, neste caso, dos outros, pois o que é intimamente vazio não pode suportar a sua carga sozinho: tende a esvaziar a sociedade de quaisquer valores que ela possua. A solidão da alma cria a sua própria atmosfera e forma um mundo solitário. A livre-expansão, compreendida como a expressão do eu animal, cujas satisfações são externas, gera assim não somente a sua própria destruição, mas também a dissolução da sociedade pacífica. As restrições tradicionais e as sanções morais da sociedade vêm a ser olhadas mais e mais como tabus e sem valor, ou como cruéis embaraços opostos ao egoísmo individual, que agora anda com o nome de liberdade. Um estágio acaba sendo eventualmente alcançado em que não há limite conhecido para a livre-expansão. As ações mais traidoras são defendidas como direitos civis; a defesa mesmo da lei natural é ridicularizada como “medieval”. Essa ilegalidade, se difundida, cria tal confusão na sociedade que um tirano logo surge para organizar o caos por meio da força. Assim se cumpre o que disse Dostoievski, que “a liberdade sem limites conduz à tirania sem limites.”

Isto nos traz à contrastante filosofia cristã da livre-expansão. O cristianismo, como o paganismo moderno, acredita que a repressão é danosa, mas faz uma distinção necessária. O cristianismo diz que a repressão de maus pensamentos, de maus desejos e atos, tais como o impulso de matar, de despojar, de caluniar, de roubar, de injuriar, de cobiçar, de odiar, é boa para a alma. Deplora a repressão da culpa ou do pecado pela negação da necessidade da confissão. E afirma que o recalque de graças reais, de inspirações para uma boa vida e da necessidade de sacrificar-se pelo próximo é má para a alma.

O cristianismo não acredita que o recalque do instintos sexual seja bom. Mas acredita na pressão do abuso destes instintos, de modo a impedir a luxúria num caso, e a glutonaria no outro. A Igreja nunca ensinou que o homem é composto principalmente de dois planos, o consciente e o insconciente: afirma que há três planos: corpo, alma e o desejo de Deus. O homem não é precisamente um animal, sujeito às exigências dos seus instintos animais; tem também “eus” éticos e espirituais que exigem expressão de acordo com as suas próprias naturezas. Mas isto não é sempre fácil.

A Igreja afirma que não há uma subordinação automática do corpo humano à alma e da personalidade inteira a Deus – ideal de vida ordenada que constitui para o cristão a essência da livre-expansão. Tanto o homem como a natureza parecem ter-se afastado de algum modo de seu modelo original ou essência. Algo aconteceu para danificar a natureza humana e todas as provas apontam para o facto de que isto se realizou, porque o próprio homem de algum modo abusou da sua liberdade. Tanto o mundo como o homem parecem ter decaído. Estão num nível mais baixo do que aquele a que estavam destinados, e a responsabilidade desta queda não pode ser atribuída a Deus. Deve ser atribuída ao homem. Por causa desta queda, há no homem um desvio para o mal. Em resultado, o corpo não se submete sempre à alma, nem a alma, pelos seus mandamentos, olha sempre para Deus. Às vezes o corpo faz exigências muito imperativas, embora contra os melhores interesses da alma. Às vezes a alma, por sua vez, se compraz em conceder primazia a essas líbidos, na suposição de que a compensação será muito mais imediata do que as compensações do espírito.

Pelo facto de haver três e não dois elemento envoltos na personalidade humana, segue-se que a doutrina cristã do abandono de si mesmo é radicalmente diferente da filosofia do abandono aos instintos animais. Aqueles que acreditam na realização carnal de si mesmos “não parecem capazes de aprender o facto de que aceitar toda e qualquer experiência é a coisa mais fácil do mundo, ao passo que recusar algumas experiências para possuir outras é o método infinitamente mais difícil, porém mais verdadeiro, de atingir a realização de si mesmo. Além disso, é fatal falar ligeiramente da necessidade da auto-realização sem a mais leve ideia da espécie de eu que deve ser realizada”. [62]

A psicologia materialista acredita num abandono passivo da alma, no qual a parte mais elevada da personalidade dá rédia solta à parte inferior e aos seus apetites espontâneos. Acredita falsamente que, vivendo de acordo com a sua herança animal, a personalidade receberá de volta, das misteriosas forças animais, aqueles dons de criatividade que a alma doente perdeu. O cristão, pelo contrário, acredita, não num abandono passivo, mas num abandono ativo que consiste num esforço de domínio de si mesmo. A alma toma a si mesma pela mão, disciplina as mais baixas e errantes paixões para fazê-las tender a objetivos mais altos. Da mesma maneira que o fazendeiro não pode viver, a menos que domestique os animais e os torne sujeitos a si, assim também não pode o homem viver consigo mesmo, a menos que adestre os animais selvagens que traz dentro de si, os sujeite ao seu domínio e depois, por sua vez, submeta toda a sua personalidade a Deus.

A felicidade consiste em superar a tendência para o mal, realizando a nossa divina vocação, em dominar o impulso da natureza, e isto não se leva a cabo por meio da liberação orgíaca das forças primitivas, mas antes através de uma *ascesis* que representa quase violência. Era isto o que o Nosso Bendito Senhor tinha em mente, quando disse que o Reino dos Céus sofria violência e somente os violentos o levariam avante. Para o cristão, o meio da perfeição é o meio da disciplina, porque compreende a perfeição como a satisfação da personalidade nos seus mais altos alcances, isto é, a obtenção da vida, da verdade e do amor, que é Deus. Se o homem se abandona passivamente, está destinado a morrer na sua condição atual. Para recobrar a saúde, deve tomar um remédio amargo e submeter-se a uma

espécie de operação. Quando o Nosso Bendito Senhor falou da Sua doutrina como sendo um jugo, pediu a Seus acompanhantes que fossem puros num mundo cheio de freudianos; que fossem pobres de espírito num mundo de capitalismo competitivo; que fossem mansos entre os fabricantes de armamentos; que andassem de luto entre os buscadores de prazer; que fossem famintos e sedentos de justiça entre os pragmatistas; que fossem misericordiosos entre os que buscam vingar-se. Quem quer que fizer estas coisas será odiado por um mundo que não quer Deus.

Esta lei cristã de disciplina é bastante diferente dos meios de perfeição tanto hindu como grego, baseados numa espécie de indiferença auto-induzida. Em geral o hindu era indiferente à personalidade e o antigo grego indiferente ao mundo. O cristão rejeita a ideia de que um homem deve trabalhar, quer pela extinção da sua alma ou por um completo afastamento da ordem universal. A Sua Igreja diz-Lhe que a livre-expansão é inseperável da salvação do mundo e da alma individual. É por isso que a essência do sistema cristão se vê nos sacramentos que utilizam os elementos desordenados do universo santificando-os, de modo que são preparados para servir ao objetivo da alma e ao progresso da personalidade humana. Aceitando a suprema importância, tanto do mundo como do homem, diz a Igreja que a finalidade do homem ao salvar-se é, ao mesmo tempo a de salvar o mundo.

Um ponto adicional esquecido a respeito do ascetismo cristão é que a auto-disciplina, condição da livre-expansão, é vista não como um fim, mas como um meio. O fim de toda a auto-disciplina é o amor. Portanto, quem quer que faça da domesticação dos impulsos animais o fim e primordial propósito da sua vida, - como fazem alguns dos místicos orientais, - realiza a negação da carne, mas não a afirmação do espírito. São Paulo disse aos coríntios que, se um homem entregasse o seu corpo para ser queimado, de nada lhe aproveitaria, a menos que possuisse o Divino Amor. O cristão usa a mortificação para liberta-se da escravidão da sua natureza decaída, libertando-se para viver no amor de Deus. O nosso Bendito Senhor nunca disse que os desejos carnais em si mesmos fossem maus. Disse apenas que não devemos permitir que eles sobrecarreguem a alma de tal ansiedade pela sua satisfação que cheguemos a perder os tesouros maiores. O fim da vida cristã é a conquista do amor e há um mandamento duplo a respeito deste

amor: um, amar a Deus; o outro, amar o próximo. Para realizar qualquer dos dois aspectos, requer-se algum ascetismo. O único meio de poder auxiliar-nos para amar a Deus é dominar o nosso egoísmo e o único meio de poder dominar o mal que provém do nosso próximo é fazer-lhe sentir o benéfico poder do nosso amor.

Este amor pode ser sufocado e quase destruído por outros joios além das luxúrias. A mundanidade é um deles. Verdade quase esquecida, mesmo entre alguns cristãos praticantes, é que nunca é o mundo físico mas somente o espírito do mundo que é o mal; por conseguinte, a alma deve destacar-se do mundo. "*Não ameis o mundo, nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não há nEle o amor do Pai*." (1 João 2, 15) Este mundo que São João castiga não é o mundo da nossa existência quotidiana, mas antes aquele espírito secular que encara o tempo e o espaço como um sistema fechado de que Deus está excluído. Política e economia divorciadas da lei moral, educação sem religião, são algumas das manifestações do espírito do mundo e todas elas prejudiciais.

Mas o desprendimento do mundo, como um idela digno de ser procurado por si mesmo, não é a resposta. Não podemos dizer, com Aldous Huxley "*O homem ideal é o homem desprendido. Desprendido das suas sensações e concupiscências corporais. Desprendido das suas ânsias de poder e de posse. Desprendido mesmo da ciência, da especulação e da filantropia*." [63] O desprendimento do budismo ou do taoísmo não é o ideal cristão, embora soe muito nobremente dizer que os que possuem são possuídos, são escravos das ilusões da vida. O desprendimento e a falta de espírito mundano são vãos, a menos que sejam olhados como secundários, como simples meios para atingir o alvo primário, que é o amor a Deus e ao próximo.

Mas não é esta uma época em que o ascetismo, como um fim, ofereça tão grande tentação à maior parte dos homens, para que eles necessitem desta advertência. A indulgência consigo próprio é, hoje, um erro muito mais comum. E mais fatal, também. Nada há tão perigoso para uma civilização como a brandura, e nada tão destrutivo da personalidade como a falta de disciplina. O historiador Arnold Toynbee diz-nos que, de vinte e uma civilizações que desaparecem, dezasseis extinguiram-se em virtude da

decadência interior. As nações não são frequentamente assassinadas; suicidam-se. É este o sinistro significado da nossa actual atracção pelo egoísmo e pelo prazer, a nossa difundida recusa de disciplinar o eu. Embora duas guerras mundiais nos tenham imposto muitos sacrifícios que aceitámos voluntariamente, mesmo estes não foram suficientes para fazer-nos cumprir o maior sacrifício de todos: o de abandonar a ilusão de que o homem realiza mais livremente a sua personalidade, quando permite que o animal ganhe ascendente sobre o espírito.

Ficamos escandalizados ao ver quanto a submissão do homem atingiu por parte dos fascistas, dos nazistas e dos comunistas. Contudo não aprendemos que os mesmos efeitos deletérios podem estar presentes no individuo que, partindo da filosofia de que é apenas um animal, imediatamente passa a agir como tal. A partir do momento em que o homem não se mortifica nas suas paixões egoistas, torna-se necessário que alguma autoridade externa domine e subjugue essas paixões. É por isso que a morte da moralidade, da religião e do ascetismo na vida política é inevitavelmente seguida por um estado policial, que tenta organizar o caos produzido por aquele egoísmo. A lei dá lugar à força; a ética é substituída pela polícia secreta. “Não há correlação entre o grau de conforto usufruído e a perfeita realização da civilização. Pelo contrário, a absorção pelo lazer é um dos mais seguros sinais de decadência presente ou iminente.” [64]

Os regimes totalitários são sintomáticos de uma doença que também atacou os homens e as mulheres em países livres. É a doença da desordem interior do homem. Poucos percebem as terríveis dimensões da catástrofe atual; ficam cegos pelo facto de que o homem realizou grandes progressos materiais. A verdade é, porém, que perdeu o domínio sobre si próprio no momento mesmo em que ganhou o domínio sobre a natureza. Pelo facto de ter o homem perdido o autodomínio e negado a finalidade espiritual na vida, utiliza para fins destrutivos as forças da natureza que dominou. A bomba atómica é o perfeito símbolo da desintegração da personalidade moderna. Cada conquista no domínio das forças da natureza converte-se num perigo potencial, a não ser que seja contrabalançado por uma igual conquista do domínio do homem sobre os seus impulsos animais.

Na medida em que um psicólogo materialista interpreta a livre expansão pessoal como a libertação dos instintos animais, nessa mesma medida contribui para o presente sofrimento e desordem no mundo. Homens guiados pela animalidade não podem conduzir uma civilização. Sentem-se mais à vontade na guerra do que na paz. Nós os homens de agora, conseguimos estar unidos contra um inimigo comum pelo ódio; é necessário espírito e um propósito comum para unir-nos quando chega a paz. A paz vinha naturalmente com a vitória, quando as guerras costumavam ser difíceis de vencer. Hoje a situação inverteu-se; no mundo moderno os poderes de destruição são maiores do que os poderes de construção.

A paz é fruto do amor e o amor desenvolve-se no homem orientado para Deus. O maior privilégio que possa sobrevir ao homem é ter a sua vida dirigida por Deus. Isto acontece quando ele desde cedo pavimentou o seu caminho com a direção pessoal disciplinada. Deus ama-nos o suficiente para ordenar as nossas vidas – e isso é a prova mais forte de amor que ele poderia dar-nos. É um facto da experiência humana, que não temos especial interesse pelos pormenores das vidas de outras pessoas, a não ser que as amemos.

Não estamos particularmente interessados em ouvir notícias sobre as pessoas com quem nos cruzamos no metro, na rua ou na estrada. Mas assim que começamos a conhecer e amar qualquer uma delas, então tornamo-nos cada vez mais interessados na sua vida, temos muito mais carinho por elas. Ao atraí-las para a área do nosso amor, aumentam tanto o nosso interesse como a felicidade delas. É o mesmo que acontece, quando nos colocamos no domínio do amor de Deus: há um aumento da direção de Deus sobre os pormenores da nossa vida, e vamos ficando cada vez mais certos da profundidade e da realidade do Seu Amor. Quanto mais nos abandonar-mos a Ele, mais Ele influenciará a nossa vontade e agirá em nós, por quase imperceptíveis moções que brotam do nosso íntimo. Sentimo-nos como se tivéssemos querido durante todo o tempo fazer aquelas coisas que Ele nos sugere; jamais temos a sensação de estarmos a obedecer a ordens. Assim, o nosso serviço a Deus converte-se na forma mais elevada de liberdade, pois é sempre fácil fazer algo por quem amamos.

E Deus, sem dúvida, deseja que busquemos a felicidade que Ele pode dar, se consentirmos que o faça. Uma mãe que tem uma filha indócil nada mais deseja que penetrar-lhe a mente, para inspirar-lhe a sua vontade; a sua maior tristeza é a sua incapacidade para o fazer. A felicidade de ambas está condicionada pela permissão da filha para que o amor da mãe opere, pois nenhum pai poderá jamais guiar uma criança que combate contra a vontade paterna. Nem poderá Deus guiar-nos se permitirmos que o animal que existe em nós dirija a nossa vontade, dando satisfação a cada uma das nossas exigências revoltadas. Assim como toda a ordem do universo repousa na subordinação das substâncias químicas às plantas, das plantas aos animais, dos animais ao homem, da mesma maneira a paz do homem só sobrevém na entrega de si próprio a Deus. Os psicólogos que ensinam que as necessidades do *id* são mais importantes do que os ideais do super-ego, que uma disciplina do sexo termina em tensão e neurose, somente curáveis pelo relaxamento carnal, aumentam a soberba, o egoísmo e a crueldade do mundo.

A causa principal de toda a infelicidade é o desejo desregrado, querendo mais do que é necessário, ou querendo aquilo que é prejudicial ao espírito. O mundo moderno está aparelhado para aumentar os nossos desejos e as nossas ânsias por meio da publicidade, mas nunca poderá satisfazê-los. Os nossos desejos são infinitos; a satisfação de qualquer bem na terra é finita. Daí a nossa infelicidade e as nossas ansiedades, os nossos desapontamentos e a nossa tristeza. A única saída desse estado é o domínio dos sentidos pela mortificação. Era isto que Nosso Senhor tinha em vista, quando disse: "*Se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o e lança-o fora de ti. E se teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o fora de ti*." (Mat. 18, 8-9). Porquer na nossa moderna civilização o biológico está divorciado do espiritual; porque a liberdade está isolada da dependência de Deus, como um pêndulo arrancada dum relógio; porque a liberdade é interpretada unicamente como libertação *de* algo e não como liberdade *para* algo, é especialmente necessário restaurar a prática cristã da auto-disciplina.

Como Rom Landau justamente observa:

"Nada a não ser a religião poderá inspirar o desprendimento de si mesmo. Um homem recusar-se-á, por causa de si mesmo, como finito

animal humano, a suportar a disciplina a que de boa vontade se submeteria, se estivesse numa relação consciente com Deus. É este o ponto crucial de *todo o problema*. Separai um homem da sua natureza espiritual, deixai que fale de si mesmo como se fosse apenas um organismo físico, e o respeito por si mesmo não será bastante para o induzir a sacrificar qualquer coisa que ele considere essencial ao seu bem-estar ou ao seu prazer material. Uma vez que se ponha perante Deus e se torne consciente da natureza divina da sua personalidade, reconhecerá que há no mundo coisas muito mais importantes do que o que constitui o seu ser físico. Fará por si mesmo, enquanto relacionado com Deus, o que não sonharia fazer em outro caso." [65]

A auto-disciplina cristã é, na realidade, expansão pessoal - expansão de tudo quanto é mais elevado e melhor em si. O lavrador cava por baixo da cizânia, procurando facilitar o crescimento do trigo. O auto-domínio, por meio da mortificação ou ascetismo, não é a rejeição dos nossos instintos, paixões e emoções, nem o envio para o inconsciente dos impulsos dados por Deus, como os materialistas acusam os cristãos de fazer. As nossas paixões, os nossos instintos e emoções são *bons* e não maus. O auto-domínio significa apenas travar os excessos desordenados. Tomar um pouco de vinho para o bem do estômago, como S. Paulo, recomendou a Timóteo, é obedecer a um instinto; mas beber tanto vinho que se venha a esquecer que se tem uma cabeça ou um estômago é abusar do vinho como uma criatura de Deus.

Enquanto submetidos à vontade,e os instintos e paixões podem ser controlados e guiados. A Igreja não *reprime* as paixões quando modera a sua expansão ilegítima. Não *nega* as emoções, da mesma maneira que não nega a fome; a Igreja só pede que quando um homem se sente à mesa, não coma como um porco. Nosso Senhor não reprimiu o intenso zelo emocional de Paulo; simplesmente deu-lhe outra direção, do ódio para o amor. Nosso Senhor não reprimiu a vitalidade biológica de uma Madalena; simplesmente desviou a sua paixão do amor do vício para o amor da virtude. Tal conversão de energias explica por que os maiores pecadores, como Agostinho, se tornam muitas vezes os maiores santos. Não é porque amem a Deus com especial intensidade porque foram pecadores, mas porque têm

fortes premências,, paixões violentas, emoções plenas que, dirigidas para finalidades santas, fazem agora tanto bem como tinham feito antes mal.

Este princípio pode aplicar-se também às nações. Poderá haver maior potencialidade para o apostolado cristão na Rússia revolucionária, do que é aparente na indiferença e na falsa tolerância dos liberais, nem quentes, nem frios, da Civilização Ocidental. Deus pode fazer mais com o fogo do que com a água morna. E queira Deus, que estes fogos russos, que estão agora cobertos com as cinzas sufocantes do comunismo, possam um dia, com o auxílio da graça, erguer-se em labaredas que iluminem e aqueçam o mundo pelo seu amor, apaixonado, violento e todo abrangente a Deus e ao Seu Divino Filho.

As paixões fortes são o precioso material novo da santidade. Os indivíduos que levaram o seu pecado aos extremos não deveriam desesperar, ou dizer: “Sou por demais pecador para mudar”, ou “Deus não me quereria. ” Deus receberá quem quer que tenha vontade de amar, não com um gesto ocasional, mas com uma “paixão desapaixonada”, uma “violenta tranquilidade”. Um pecador que não se arrepende não pode amar a Deus, da mesma maneira que não pode um homem nadar em terra seca; mas logo que dirija as suas energias errantes para Deus e solicite uma redireção, tornar-se-á feliz, como nunca foi antes. Não são as coisas erradas que alguém já praticou que o conservam afastado de Deus, mas a sua atual persistência nesses erros.

Alguém que se volte para Deus, como Madalena e Paulo, acolhe de boa vontade a disciplina que o tornará capaz de modificar as suas tendências anteriores. A mortificação é boa, mas somente quando é feita pelo amor a Deus. Um “santo” que passasse a vida chamuscando-se em cima de brasas, ou reclinado em cravos de ferro, nunca seria canonizado pela Igreja. O ascetismo pelo ascetismo é realmente uma forma de egoísmo, pois a auto-disciplina é apenas um meio, cujo fim é maior amor a Deus. Qualquer forma de ascetismo que destruísse a caridade seria errada. Foi este o erro do monge que decidiu viver somente de crostas de pão e perturbou todo o mosteiro, convertendo-o numa vasta caçada de crostas para satisfazer a sua idiosincrasia. O ascetismo que prejudica o nosso próximo, não agrada a Deus.

As verdadeiras mortificações aperfeiçoam a nossa natureza humana. O jardineiro corta os brotos verdes da raiz da planta, não para matar a rosa, mas para fazê-la florescer mais belamente. Assim como a perfeição da rosa e não a destruição do roseiral é a finalidade da poda, assim, a finalidade da auto-disciplina é a união com Deus. As boas ações praticadas com fins humanos, tais como a perpetuação do seu nome, só recebem uma recompensa humana. Somente as ações de mortificação, feitas por amor a Deus, aperfeiçoam a alma. Mas devem ser praticadas pelo motivo certo e devem sacrificar as próprias coisas a que mais desejaríamos prender-nos. São Paulo lembra-nos vigorosamente que a mais intensa mortificação feita sem amor de Deus é inútil: "E, ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada me aproveita." (1 Cor. 13, 3) O Arcebispo Francisco Fénelon mostra-nos como as reservas na nossa voluntariedade em aceitar a auto-disciplina impedem o progresso espiritual.

"*As pessoas muitas vezes rondam em torno de tais reservas, fazendo crer que não as vêem, com receito da auto-censura, tendo por elas cuidados como às meninas de seus olhos. Se tivésseis de derrubar uma dessas reservas, seríeis ferido ao vivo... Verdadeira prova da presença do mal. Quanto mais temerdes abrir mão de tal ponto reservado, tanto mais certo é que ele necessita de ser abandonado. Se não estivésseis tão fortemente ligados por ele, nunca faríeis tantos esforços para vos convencerdes de que estais livres. Por que é que o navio não anda? Falta de vento? De modo algum. O espírito da Graça sopra nele, mas o navio está preso por âncoras invisíveis nas profundezas do mar. A falta não é de Deus. É inteiramente nossa. Se quisermos procurar completamente, logo veremos os liames ocultos que nos detêm. Este ponto em que menos desconfiamos de nós mesmos é precisamente aquele em que mais necessitamos de desconfiar*." [66]

A mortificação está baseada, não no ódio, mas na preferência. A mãe sacrifica o rosado das suas faces para que ele apareça nas faces da filha criança. O erudito cede toda a esperança que tenha no desenvolvimento dos seus músculos. A vida moral exige que digamos "Não." a falsos ideais que glorificam o poder e o egoísmo. É uma coisa completamente errada, portanto, dizer que "renunciastes" a alguma coisa durante a Quaresma.

Nosso Senhor nunca nos pediu que renunciássemos a alguma coisa; pediu-nos que trocássemos: “Que dará um homem em troca da sua alma?” Quando alguém se acha no amor de Deus, descobre que há algumas coisas sem as quais pode viver (os seus próprios prazeres) e algumas outras sem as quais não pode viver, por exemplo, a paz da alma que vem da obediência à vontade de Deus. De modo que troca umas por outras, cede as menos boas para ganhar um Reino. Faz uma série de trocas tão proveitosas cada dia da sua vida.

O amor de Deus torna-se assim a paixão dominante da vida. Como cada outro amor que valha a pena, exige e inspira sacrifício. Mas o amor entre Deus e o homem, como um ideal, tem sido ultimamente substituído pelo novo ideal da tolerância que não inspira sacrifícios. Por que deveria qualquer criatura humana no mundo ser simplesmente tolerada? Que homem jamais fez algum sacrifício em nome da tolerância? Leva os homens, em vez, a exprimir o seu próprio egoísmo num livro ou numa conferência que advoga a proteção ao grupo espezinhado.. Uma das coisas mais cruéis que pode acontecer a um ser humano é ser tolerado. Nem uma vez sequer disse Nosso Senhor: “Tolerai os vossos inimigos.” Mas disse: “Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam.” (Mat. 5, 44) Tal amor só se pode realizar se deliberadamente reprimirmos as animosidades da nossa natureza decaída.

A auto-disciplina, porém, faz mais do que isso por nós. Proporciona à nossa vida um objectivo constante. A forma mais valiosa de auto-disciplina para auxiliar-nos a saber para onde vamos é a meditação, que nos dará finalmente o auto-domínio por meio da auto-realização. A mais trágica de todas as almas modernas é a que se aprisionou a si mesma na sua própria mente. Só a meditação pode quebrar esse enlouquecedor círculo centrado em si, por meio de uma "invasão" da Divindade.

Há actualmente muitos homens e mulheres que nunca meditam ou se disciplinam de qualquer outro modo. Descobrem que ficam enfastiados com aquilo que pensavam que os satisfaria. Tentam compensar cada nova desilusão com nova relação.

Tentam exorcisar os velhos desgostos e vergonhas com novos e febris excitamentos. Mudam de parceiros no amor, mas o aborrecimento e o tédio

persistem. As suas desordens tornam-se hábito e aparente necessidade. Permitem que haja feridas abertas nas suas almas, porque negam que existam as feridas ou mesmo as almas. Forjam-se as cadeias da sua escravidão ao desespero. Os seus sofrimentos passados ainda persistem nos seus arrependimentos, o futuro fica escuro de temores; os seus prazeres são menos intensos que antes, as suas ansiedades mais permanentes; as suas excitações sucedem-se mais rapidamente e a sua consciência tem menos repouso; os seus minutos no pecado convertem-se em noites de terror. São um fardo para si mesmos, um aborrecimento para os seus amigos, desgostosos mas nunca saciados, sempre mais famintos, mas nunca satisfeitos. Eventualmente pagam a charlatães bons honorários para que lhes digam que o pecado não existe e que a sua sensação de culpa é devido a um complexo paterno. Mas o cancro moral permanece, mesmo assim, e sentem-no roer-lhes o coração.

Que deverão fazer estes milhões de pobres pessoas neuróticas, frustradas, psicopáticas que entre nós existem, para escapar à crescente insanidade e à loucura crescente? A única solução para eles é entrar em si mesmas, elevar os seus olhos para o Médico Divino e gritar: “Tem compaixão de mim, ó Deus!” Se o soubessem… uma simples confissão os salvaria, auxiliando-os a que os seus pecados lhes fossem perdoados. Poupar-lhes-ia também a pequena fortuna gasta para eliminar os seus pecados através de explicações teóricas.

Deus prometeu aos homens o perdão se eles se arrependessem, mas não se eles o adiassem. O pecado deteriora a mente, o coração e a alma, mas não se esgota a si mesmo. Terá de ser purgado. O segredo da paz da alma está em combinar o desprendimento do mal com o apego a Deus, em abandonar o egoísmo como o elemento ordenador e determinante da vida para substituí-lo pelo Nosso Divino Senhor, como mestre das nossas ações. O que é contra Deus deve ser reprimido, o que é Divino deve ser expresso. Então não mais se despertará com um gosto amargo na boa ou com a sensação de miséria. Em vez de acolher cada dia com a queixa: “Que dia, meu Deus!”, dir-se-á, com a felicidade de uma alma que ama: “Bom dia, meu Deus!”

CAPÍTULO 10
Remorso e Perdão

A negação do pecado ou o esforço para reduzir a ética à psiquiatria, é um erro tão pouco sólido e anti-científico como o de negar que há perturbações genuinamente mentais, ou a redução da psiquiatria à ética e à teologia moral. Na realidade, nenhum teólogo moral nega a validez e necessidade da psiquiatria, mas, uma vez que muitos analistas negam os domínios da moral, do divino e do sobrenatural, é importante continuar a insistir na diferença existente entre ambos.

Mesmo quando um cliente tem o apoio de seu psicanalista para zombar da possibilidade do mal moral ou de um senso de culpa, como causa das suas precupações, essa rejeição dos padrões éticos é ainda uma forma de escapismo. Em tais casos, é inútil que a alma frustrada diga que resolverá o problema "por si mesmo", pois a alma que conta consigo mesma está fora da realidade. A cura é condicionada à realidade de dois factos básicos: há algum mal na alma; e a perfeição e a cura não hão de ser procuradas na própria pessoa. Justamente como o medicamento deve vir de fora do corpo, da mesma maneira a cura moral deve provir de fora da alma. Contudo, muitos homens modernos correm até aos confins da terra para escapar à única fonte de saúde e de recuperação.

Os escapistas recusam-se a encarar o facto de que as suas próprias vidas estão desordenadas, ou então tentam um meio "fácil" de sair da sua miséria, que os faz encontrar uma confusão ainda mais confusa. Alguns dos meios "fáceis" de saída são o escapismo baseado no escândalo, que procura encontrar outros que sejam piores do que eu, fazendo com que eu pareça bom com eles comparados; o escapismo do ridículo, que zomba dos virtuosos e dos religiosos, para evitar a censura em comparação com a bondade destes; o escapismo do barulho, que mergulha na excitação, nas multidões, nos arrebatamentos coletivos, de modo que a voz mansa e suave da consciência, por meio da qual Deus fala, nunca seja ouvida; o escapismo do comunismo, revolução anárquica por meio da qual se encobre a própria necessidade de regeneração pessoal, interior e espiritual, revolucionando os outros, pois revelando as imperfeições alheias evita a necessidade de se corrigir a si próprio; difundindo a ideologia da luta de classes cria a ilusão

de que o mal que ele odeia não está em si, mas no sistema social. A consciência social dispensa, assim, muitos homens de hoje de qualquer obrigação para endireitar as suas consciências individuais. Há também o escapismo de chamar “escapismo” à religião: esta subtileza ateísta é a mais disparatada de todas: aconselhá-la a um amigo perturbado é o mesmo que dizer a um homem cuja casa está a arder, que ele é um “escapista”, se for chamar o corpo de bombeiros.

O verdadeiro escapista segue caminhos bem diversos, mas nenhum deles é bastante humilde para admitir que exista algum mal que necessitam auxilio de fora para curar a sua miséria. Negando a culpa, mostrando que são covardes; negando qualquer perfeição fora de si mesmos, tornam-se presunçosos. O derradeiro e desesperado grau de escapismo é a perseguição religiosa. O ódio à religião é a projecção do ódio de si mesmo. Não é fácil para pessoas normais compreender como a bondade e a verdade possam ser odiadas, mas são. A verdade pode ser odiada, porque implica responsabilidade, porque constitui uma censura. Se o Nosso Bendito Senhor tivesse sido tolerante, nunca teria sido crucificado. Foi a perfeição da Sua virtude que constituiu um julgamento para os perversos.

Mas desde que aqueles que perseguem a religião como uma forma de escapismo devem constantemente pensar em Deus e na Sua Igreja, segue-se que eles estão muitas vêzes mais perto da conversão, do que o homem indiferente duma Civilização Liberal Ocidental, que jamais perturba o seu espírito com cogitações relativas a qualquer questão fundamental. A Rússia, no seu ódio à religião, prova indiretamente a sua influência, a fôrça da sua oposição.

O escapismo nunca é bem sucedido. Em cada pecador, cujas frustrações e neuroses são devidas a uma consciência sobrecarregada, há uma contradição latente. É empurrado em duas direções. Não fica muito à vontade com o pecado, a ponto de o tornar a sua vocação definida, nem, por outro lado, está amando a Deus a ponto de renegar as suas faltas. O dualismo surge dum desejo de Deus, por um lado, e de um abandono de Deus, por outro. Tais homens não têm a suficiente energia moral para ser maus ou bons; não têm bastante religião para descobrir a paz da alma, mas

o suficiente dela para sentir intensificar-se o sentimento da frustração depois de haverem pecado.

Os homens que vivem neste crepúsculo moral, entre a fé e a falta de fé, têm realmente uma clara noção da finalidade da vida. Contudo, um homem deve ter um objetivo pelo qual possa viver. Ao fazer uma viagem, a gente decide primeiro qual o seu destino e depois os passos intermediários a dar. É isto o que significavam os escolásticos ao dizerem: “O primeiro na intenção é o último na execução.” A escolha de Paris para umas férias é o primeiro passo numa longa série de preparativos para a viagem, mas Paris é o último lugar a que se chega na viagem. As pessoas que perdem de vista a finalidade do viver, isto é, atingir a felicidade perfeita, começam por concentrar-se nos meios. Como os fanáticos, já uma vez definidos, elas “redobram os seus esforços, depois de haverem perdido de vista o seu objetivo”. A suas ações tornam-se destacadas, salteadas, uma louca colcha de retalhos desiguais. A possibilidade, no sentido de progressivo desenvolvimento e enriquecimento da personalidade, desaparece. Quando a possibilidade está perdida, acontece uma de duas coisas ao espírito: ou mergulha em trivialidades, com um cinismo, petulância e superficialidade concomitantes, ou tenta evitar a responsabilidade pela inanidade e loucura de sua vida, negando a existência da liberdade humana e da responsabilidade e anuindo ao determinismo, seja darwinista, freudista ou marxista.

Mas há alguns homens e mulheres que, admitindo os seus pecados e faltas, ainda são infelizes. Onde existe um senso de culpa genuíno, o alívio só pode provir da Misericórdia Divina em face da miséria humana. A menos que estejamos prontos a pedir a Deus o perdão de nossos pecados, o exame de consciência só pode ser uma forma vã de introspecção, que pode piorar o estado de uma alma se acaba em remorso, em vez de acabar em pesar, pois as duas coisas são inteiramente distintas: Judas teve remorsos. Pedro teve pesar. Judas “arrependeu-se para consigo mesmo” , como diz a Escritura; Pedro, para com Deus. Assim como uma doença psíquica resulta muitas vêzes duma falha de ajustamento da pessoa ao ambiente certo, da mesma maneira um mal moral resulta duma falha da alma em ajustar-se a Deus. O desespero é uma falha dessa espécie. Judas desesperou. O

desespero provém da discordância, da recusa de uma alma em voltar-se para Deus. Uma alma assim opõe-se à ordem da natureza.

Quando há sete pessoas numa sala, poucas jamais se referem ao fato de que há catorze braços presentes. Mas se descobrirmos um braço arrancado, caído a um canto, causaria isto consternação; só constitui um problema porque está desprendido. Uma alma isolada de Deus é como aquele braço. A sua consciência (para citar outro exemplo) é como um osso partido. Magoa porque não está onde deveria estar. O estágio final deste pesar resultante da desligação entre o homem e Deus é um desejo de morrer, combinado com um temor da morte, pois "a consciência faz covardes a todos nós".

Mas se o remorso é um sentimento de culpa não relacionado com Deus, é bom considerar outros estados de espírito e consciência por esse simples aspecto. Descobrimos que há várias classes de almas, ordenadas de acordo com o grau de suas relações com Deus. Há aquelas que matam a sua consciência pelo pecado e pela mundanidade e que se recusam obstinadamente a cooperar com a Ação Divina sôbre a alma, a fim de emendar o seu modo de viver, confessar os seus pecados e fazer penitência. Há aquelas que despertaram dum estado de pecado. Há aquelas que seguem a consciência e as leis de Deus por algum tempo e depois se afastam de Deus. E finalmente, há aquelas que conservam a inocência batismal e nunca profanaram a sua consciência. A segunda e a quarta classes são bem queridas de Deus. Há assim dois meios de saber quando Deus é bom: um, nunca O perdendo, e o outro, perdendo-O e achando-O de novo. As almas que se transviaram e tornaram a voltar, disse Nosso Senhor, alegram os Anjos do Céu mais do que as que ficaram firmemente fiéis. Isto não é difícil de compreender. Uma mãe de dez filhos regozija-se mais com a recuperação da saúde de um só dos filhos, doente, do que com a contínua posse de saúde dos outros nove.

Para que o pecador se sinta bem, portanto, são necessários confissão e pesar. [67]

E o pesar deve ter em si um apelo à misericórdia de Deus para distingui-lo do remorso. São Paulo faz a distinção, quando escreve aos coríntios: "Porque a tristeza que é segundo Deus produz uma penitência estável para a

salvação; mas a tristeza do século produz a morte” (2 Cor. 7, 10). O remorso, ou “a tristeza do século” resulta em preocupação, inveja, ciúme, indignação; mas a tristeza ligada a Deus resulta em expiação e esperança. A tristeza perfeita provém dum sentimento da ofensa a Deus, Que é merecedor de todo o nosso amor. Esta tristeza ou contrição, sentida na confissão, nunca é uma tristeza vexatória, irritante, que deprime, mas é uma tristeza da qual brota grande consolação. Como o expôs Santo Agostinho: “O penitente sempre se aflige, e sempre se rejubila com o seu pesar.”

A experiência por que passa um pecador arrependido ao receber o sacramento do perdão foi muito bem descrita pela Bem-aventurada Angela de Foligno. Fala-nos ela da ocasião em que pela primeira vez teve conhecimento dos seus pecados.

“*Resolvi fazer a minha confissão a ele. Confessei plenamente os meus pecados. Recebi absolvição. Não sentia amor, mas apenas amargura, vergonha e tristeza. Depois procurei pela primeira vez a Misericórdia Divina. Travei conhecimento com aquela Misericórdia que me afastou do inferno, que me concedeu graça. Uma inspiração me fez ver a medida dos meus pecados. Em consequência, compreendi que, ofendendo o Criador, tinha ofendido todas as criaturas.*

…Por intermédio da Abençoada Virgem Maria e de todos os santos invoquei a misericórdia de Deus e, de joelhos, pedi vida. De súbito, acreditei que sentia a piedade de todas as criaturas e de todos os santos. E então recebi um dom. Um grande amor abrasador e o poder de orar, como nunca tinha orado… Deus escreveu o Padre Nosso no meu coração com tal acentuação da Sua Bondade e da minha indignidade, que me faltam palavras para exprimi-lo.”

É bem difícil para o mundo compreender tal tristeza como a dela, mas somente porque não sente tal amor. Quanto mais se ama, tanto mais se evita ferir o amado e tanto mais pesar se sente de haver feito isso. Mas este pesar não deve tornar-nos obstinados e concentrados, com aqueles que dizem: “Jamais me poderei perdoar a mim mesmo por haver feito isto.” Isto é o inferno, quando a alma se recusa a aceitar o perdão por haver ferido o Divino Amor.

A diferença de padrões entre o pagão, antigo ou novo, e o crente, resultando em remorso de uma parte e em tristeza da outra, evidencia-se pelas seis afirmativas do Senhor, que começam por “Eu vos digo”. Contradizem os seis preceitos da sabedoria do mundo, que começam por “Ouviste”.

NORMA PAGÃ

Não deixeis que ele leve a melhor. Excitai a inimizade de classes, A fim de conquistardes o poder.

NORMA CRISTÃ

Ouviste que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar será condenado em juízo. Pois eu vos digo que todo aquele que se irar contra o seu irmão será condenado em juízo. E o que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena. (. 5, 21-22.)

NORMA PAGÃ

Dai livre-expansão a vós mesmos. A repressão dos instintos sexuais causa frustração. A liberdade significa o direito de fazerdes o que quer que vos agrade no domínio da carne.

NORMA CRISTÃ

Eu porém vos digo que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração. E se o teu olho direito te serve de escândalo arranca-o e lança-o para longe de ti; porque é melhor para ti que se perca um de teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. (Mat. 5, 28-29)

NORMA PAGÃ

Obtende divórcio! Casai-vos de novo.

NORMA CRISTÃ

Eu porém vos digo: Todo aquele que repudiar a sua mulher, a não ser por causa de fornicação, a faz ser adúltera; e o que tomar a mulher repudiada, comete adultério. (Mat. 5, 32.)

NORMA PAGÃ

Resolvei vós mesmos as questões. Dizei: Que eu me dane, se não o fizer.

NORMA CRISTÃ

Eu porém vos digo que não jurareis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra porque é o escabelo dos seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei; nem jurarás pela tua cabeça, pois não podes fazer branco ou negro um dos teus cabelos. Mas seja o vosso falar: sim, sim; não, não; porque tudo o que daqui passa, procede do mal. (Mat. 5, 34-37.)

NORMA PAGÃ

Batei-lhe em troca. Liquidai-o. O perdão é fraqueza.

NORMA CRISTÃ

Eu porém vos digo que não resistais ao mal; mas se alguém te ferir na tua face direita, apresenta-lhe também a outra e ao que quer chamar-te a juízo e tirar-te a tua túnica, cede-lhe também a capa; e se alguém te obrigar a dar mil passos, vai com ele mais outros dois mil. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes (Mat. 5, 39-42.)

NORMA PAGÃ

Odiai-o, se ele vos odiar. Processai-o! Matai-o!

NORMA CRISTÃ

Eu porém vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus e manda a chuva sobre justos e injustos. Porque se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de especial? Não fazem também assim os gentios? Sede pois perfeitos, como o vosso Pai Celestial é perfeito. (Mat. 5, 44-48.)

***

Desde que o cristão está tentando fazer algo de bastante difícil, aspirando a seguir os preceitos de Nosso Senhor, falha muitas vezes. A sua tristeza é maior do que o remorso do pagão, pois é o resultado de ter presenteado com uma afronta Aquele a quem ama.

A tristeza profunda não provém do facto de haver alguém violado uma lei, mas somente porque sabe que rompeu as suas relações com o Divino Amor. Mas ainda se exige outro elemento para a regeneração, o elemento do arrependimento e da reparação. O arrependimento é antes um negócio a olho seco. As lágrimas correm na tristeza, mas o suor destila-se no arrependimento. Não basta dizer a Deus que estamos tristes e depois esquecermo-nos inteiramente disso. Se quebrarmos a janela de um vizinho, não somente pediremos desculpas, mas também deveremos ter o trabalho de colocar nova vidraça. Uma vez que o pecado perturba o equilíbrio e o balanço da justiça e do amor, deve haver uma restauração implicando trabalho e esforço.

Para ver porque isto deve ser, suponhamos que toda a pessoa que comete uma falta lhe ordenem que pregue um prego na parede na sua sala de visitas e que sempre que for perdoada lhe mandem arrancá-lo. Os buracos ficarão ainda mesmo depois do perdão. Assim cada pecado (quer atual, quer original), depois de ter sido perdoado, deixa “buracos”, ou “feridas” na nossa natureza humana e o preenchimento desses buracos faz-

se pela penitência. Um ladrão que furta um relógio, pode ter o furto perdoado, mas somente se restituir o relógio.

A diferença entre perdão e reparação está indicada na Sagrada Escritura. Quando Moisés pecou por ter duvidado, Deus perdoou-lhe, mas impôs ainda uma penitência a Moisés: "Tu não passarás este Jordão." (*Deut*. 3,27.) David arrependeu-se de seu adultério e Natan, o profeta, absolveu-o: "O Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás." (*2 Reis* 12,13.) Mas Deus exigiu satisfação. "Morrerá irremissivelmente o filho que te nasceu." (*II Reis* 12,14.) É o mesmo hoje: o perdão de Deus no sacramento recoloca-nos na Sua Amizade, mas a dívida para com a Justiça Divina permanece no tempo ou na eternidade.

A expiação temporal para muitos pecados é necessariamente considerável e requer considerável auto-disciplina da parte do penitente. A fé somente nos méritos de Cristo não é suficiente para a remissão dos pecados; na realidade, a fé sem penitência é sempre insuficiente.

"Os méritos e satisfações infinitos de Cristo são e não são bastantes, porque Deus não nos tratará como "robots" ou autómatos. Os protestantes acusam-nos muitas vezes de atribuir efeitos mágicos aos sacramentos. Replicamos que são eles os culpados, atribuindo poder mágico à Redenção, ao passo que afirmamos que não há magia nem nos Sacramentos, nem na Redenção. Deus respeita a nossa livre vontade e sem cooperação da nossa livre vontade nada fará. A sua operação fica dependente da nossa cooperação, da mesma maneira que a corrente elétrica depende da lâmpada para produzir a luz. A confissão tem o poder inato de remover todos os traços do pecado, mas antes que isso se realize, deve haver perfeita cooperação, isto é, perfeita retificação da vontade. A livre vontade é o âmago da dificuldade.

Um exemplo ilustrativo pode ajudar a clarificar a questão. Suponde que dois homens tiveram uma zanga e um deles se deixou dominar por uma cólera incontrolável e bateu com tamanha violência no seu companheiro que acabou por magoar a sua própria mão e o pulso. Depois, o agressor pediu desculpa e a sua desculpa foi aceita. Acharíeis que a questão terminou com isto? "Não", diríeis, "e a mão?" A aceitação das desculpas não cura a mão.

O mesmo acontece connosco. Pelo pecado, danificamos a nossa vontade e o dano não é necessariamente reparado pelo decreto de perdão de Deus. Às vezes, quando pecamos, voltamo-nos para a criatura com grande intensidade. Para retificar completamente a nossa vontade, devemos voltar para Deus com igual intensidade. Isto frequentemente deixamos de o fazer, com o resultado de ficar a nossa vontade com cicatrizes e torta. A vontade deve ser retificada, antes de podermos estar prontos para o céu.

Se voltarmos para Deus com uma intensidade igual à nossa intensidade no pecado ou maior do que ela, a Confissão retira tanto a culpa do pecado como o castigo temporal merecido pelo pecado.

Se voltarmos para Deus, com menos, embora com suficiente intensidade, a vontade ainda permanece danificada e outras boas obras serão exigidas para completar a sua retificação.

Temos aqui a explicação dos pesados castigos impostos na Igreja primitiva. Os primeiros cristãos não duvidavam da eficácia do Sacramento da Penitência, mas da adequação do seu próprio arrependimento. É esta também a explicação da própria insistência de Cristo no castigo." [68]

Agora considerai o pecado como uma viagem que afasta de Deus. Imaginai que A é um filho menor, obrigado a respeitar a vontade de seu pai. Está em Chicago. Seu pai, B, lhe diz que vá para a esquerda do mapa, para S. Francisco. Mas, em vez disso, A segue para a direita, para Nova York. Quando A chega a Nova York telefona para B, dizendo "Perdoa-me, sim, por favor? Sinto tê-lo ofendido, que tanto merece o meu amor." B perdoa A. Mas vede onde A está! Encontra-se a quase novecentas milhas de seu ponto de partida, Chicago. A fim de começar a satisfazer a vontade de B, A tem de voltar a Chicago antes de poder seguir para S. Francisco; ou podeis dizer que as novecentas milhas que A viajou em pecado devem ser viajadas de volta como castigo. A não pode começar a ser bom enquanto não estiver repercorrido os seus caminhos do mal.

Mas como todos os exemplos, este claudica, pois o facto é que A não precisa de *caminhar* de volta aquelas 900 milhas. Quando A parte, pode dirigir-se à Igreja para que o auxilie com um aeroplano cheio dos méritos de

Nosso Senhor, da Bendita Mãe e dos Santos. O avião leva-o de volta no resto do caminho.

Tal remissão em todo ou em parte do castigo devido aos pecados de A é efetuada por meio das indulgências. Por meio delas, a Igreja proporciona aos seus penitentes um robusto ponto de partida. E a Igreja tem um imenso capital espiritual, ganho através de séculos de penitência, de perseguição e de martírio. Muitos dos seus filhos rezaram, sofreram e mereceram, mais do que necessitavam para a sua própria salvação individual. A Igreja tomou estes méritos superabundantes e colocou-os no tesouro espiritual, do qual os pecadores arrependidos podem sacar em tempos de depressão espiritual. Ora, este capital espiritual pode assemelhar-se a um banco de sangue. Quando qualquer dos seus membros está sofrendo de anemia espiritual ou das profundas feridas do pecado, a Igreja fornece-lhe uma transfusão de sangue. Não poderá nunca fazer isto por nós, se estivermos espiritualmente mortos pelo pecado. Uma transfusão não valerá de nada a um cadáver. De modo que para obter as indulgências ou remissão das penalidades do pecado, o recipiente deve estar em estado de graça, deve ter a intenção de ganhar as indulgências e deve executar as obras prescritas.

O pecador fará voluntariamente penitência. Sabe que todos os pecados custam alguma coisa ao homem Deus— A Sua Cruz— e portanto devem custar-nos alguma coisa. Além disso, não quer ser “perdoado”, mas antes “reparar” por causa dos seus pecados. Nas eras cristãs, os homens que morriam continuavam o seu arrependimento, mesmo depois da morte, deixando dinheiro ou dotando hospitais, Igrejas e escolas em nome de Cristo. (O homem moderno, a maior parte das vezes, dota um laboratório científico em seu próprio nome.)

A penitência é o reconhecimento de que temos um “passado”. Não é mórbido reconhecer tal facto. Pelo contrário, mórbido é pretender que ele não existe. O passado afetará o nosso futuro. Não somos apenas aquilo que comemos; somos também aquilo que os nossos pecados fizeram de nós. Se não nos emendarmos do nosso passado, estamos adiando e aumentando a nossa punição eterna. A única razão de nos ser dado tempo é para que possamos fazer penitência. O verdadeiro amante de Deus, cônscio de ter ferido o Amor, renunciará voluntariamente aos seus privilégios e conduzir-

se-á de tal maneira a ser identificado com Cristo, que traz cinco horríveis feridas nas mãos, nos pés e no flanco.

Neste mundo, a maior parte de nós dá mais valor à dor do que ao pecado. De facto, acreditamos muitas vezes que seja a dor o maior mal. A penitência ajuda-nos a pôr estas desordens na sua reta perspectiva. Quando um homem encontra alegria na penitência, verifica que nenhum outro mal pode afetá-lo mais do que o pecado. A menos que haja amor, o sacrifício e a penitência serão sentidos como um mal, mas não quando o amor existe. Compreendemos, quando aceitamos a penitência, que o próprio egoísmo que causou o nosso pecado faz para muitos tal sacrifício necessário, como uma condição para domar os impulsos errantes que causaram a perturbação. E quando a plena luz do Amor de Cristo brilha numa alma, começa ela a incorporar, não apenas penitências impostas pela Igreja, mas todas as provações da vida na hora maior da Redenção. Em vez de romper em amargas queixas contra os reveses da fortuna e as provações da vida, recebe-os num espírito de resignação, como a justa paga do pecado. Graças a esta paciente aceitação, muitos pecados são expiados.

Há *três* maneiras gerais de fazer penitência: orações, esmolas e jejum. Na oração, pedimos a misericórdia de Deus para as nossas almas. Pelas esmolas, retribuímos a Deus alguns dos dons que Ele nos concedeu, para que possamos justificar as nossas posses. “Redime-te de teus pecados com esmolas.” (*Dn*. 4,24.) Pelo jejum, mortificamos a raiz de todas as ânsias de caráter sexual. O conforto crescente da vida moderna proporciona várias ocasiões de mortificação. Se uma pessoa não pode punir-se quanto a comida, outros prazeres dentro de seu alcance– artísticos, convencionais, mecânicos e sociais – facultarão muita ocasião dum real jejum.

Mas as penitências não são feitas por nós sozinhos. O penitente é auxiliado por outros que participam do Corpo de Cristo. Isto não poderia dar-se, se fossemos indivíduos isolados, mas pode realizar-se se pertencemos a um Corpo Místico em que todos são um, governados por uma Cabeça, vivificados por uma Alma e professando a mesma Fé. Da mesma maneira que é possível enxertar pele duma parte do corpo em outra e da mesma maneira que é possível transfundir sangue de um membro da sociedade para outro, assim também, no organismo espiritual da Igreja, é

possível enxertar oração e transfundir sacrifícios. Esta verdade cristã na sua plenitude é conhecida pelo nome de Comunhão dos Santos. Da mesma maneira que estamos todos ligados na culpa das faltas de um outro (como o prova tão evidentemente uma guerra moderna), assim também podemos estar ligados na expiação de outrem. Tal milagre realiza-se na reversibilidade dos méritos e na permuta de vantagens. É por isto que pedimos aos nossos amigos que rezem por nós, por isso que rezamos no texto do "Padre Nosso", por isso que finalizamos todas as missas rezadas no mundo inteiro fazendo orações pela conversão da Rússia. Temos necessidade espiritual uns dos outros. "E o olho não pode dizer à mão: Eu não necessito do teu serviço; nem também a cabeça pode dizer aos pés: Vós não me sois necessários. Antes, pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos, são os mais necessários" (*Cor*. 12,21-22).

Há poucas consolações maiores do que a de saber que estamos ligados a uma grande corporação de orações e sacrifícios. A Comunhão dos Santos é a grande descoberta daqueles que, quando adultos, encontram a plenitude da fé. Descobrem que, durante anos, houve dúzias, e em alguns casos centenas de almas rezando especialmente por eles, tempestuando o céu com a súplica de que um pequeno ato de humildade da parte do convertido possa abrir uma fenda na sua armadura para deixar entrar a graça e a verdade de Deus. Cada alma no mundo tem preço marcado e desde que muitas não podem ou não querem pagar o preço elas mesmas, outras devem fazê-lo em seu lugar. Provavelmente não há outra forma de explicar a conversão de algumas almas que o facto de que neste mundo, como no outro, os seus pais, parentes ou amigos intercederam a Deus e conquistaram para elas o prémio da vida eterna.

Por que há mosteiros e conventos? Por que deixam tantas jovens almas as luzes e esplendor do mundo pela sombra e pelo amparo da Cruz onde se formam os santos? O mundo moderno compreende tão pouco a missão delas que, tão logo um repórter ouve dizer que uma linda e jovem mulher entrou para um convento, telefona a seus pais, indagando: "Teve ela um desengano amoroso?" A resposta, sem dúvida, é: "Sim, desenganou-se do amor do mundo. Apaixonou-se por Deus." Estes ocultos dínamos de oração, os homens e mulheres enclausurados, estão fazendo mais pelo nosso país do que todos os seus políticos, os seus líderes trabalhistas, o seu exército, a sua

marinha juntos. Estão expiando pelos pecados de todos nós. Estão desviando a justa cólera de Deus, reparando as barreiras tombadas daqueles que pecam e não rezam, rebelam-se e não expiam. Assim como dez homens justos teriam salvo Sodoma e Gomorra, da mesma forma dez santos justos podem salvar agora uma nação. Mas enquanto uma nação se mostrar mais impressionada pelo que faz o seu gabinete governamental do que pelas almas escolhidas que estão fazendo penitência, o renascimento dessa nação ainda não começou. Os enclausurados são os mais puros dos patriotas. Não se tornaram menos interessados pelo mundo desde que o deixaram: na verdade, tornaram-se mais interessados pelo mundo do que nunca estiveram antes. Mas não se preocupam se se comprará ou venderá mais. Cuidam— e cuidam desesperadamente— de que ele se torne mais virtuoso e mais amante de Deus.

Com homens e mulheres tão nobres prestando auxílio aqui e agora, ali e outrora, o restante faz bem pouca penitência pelos nossos pecados individuais. Mas, mesmo assim, muitos dos frustrados homens e mulheres modernos, procuram em torno de si avidamente algum meio mais fácil, uma religião que dê o impulso emocional sem a carreta da penitência, um culto que eleve, mas não exija demais. Tendo muitas paixões a serem mortificadas, muitos maus hábitos a corrigir, muitos egoísmos a domar, querem uma cruz aerodinâmica.

Buscam uma religião que lhes dê resplendência, mas não golpes. Alguns repudiam qualquer religião, dizendo: “Que poderá dar-me a Igreja?.” Neste estágio de orgulho, a Igreja não pode dar, mas pode tirar alguma coisa: os pecados alheios. E, como ponto de partida, é um dom suficiente.

CAPÍTULO 11
Temor da Morte

Uma supervalorização da segurança temporal é compensação para uma perda de sentido da segurança eterna. Quando a alma se empobrece pela perda da sua riqueza, que é a virtude, o seu proprietário busca o luxo e as riquezas para compensar-se da sua nudez interior. Quanto mais rica a alma, menos armazena ela coisas materiais. Não é a pobreza que torna os homens briguentos e infelizes, como proclamam os comunistas, mas um excessivo apego às coisas que o dinheiro compra. Os pobres monges são geralmente mais fraternos e bem mais felizes que os milionários. E é também um erro dizer que, se as condições económicas fossem boas, não haveria preconizadores do comunismo. Os que fazem tal afirmativa esquecem-se de que: a) As condições económicas pobres são apenas uma *ocasião* de abraçar o comunismo e não uma causa; em alguns casos, as provações económicas são, ao contrário, uma ocasião de renovada vida espiritual; b) As condições económicas eram excelentes no Jardim do Éden, mas o primeiro "vermelho" entrou nele e foi aquela catástrofe; c) O que torna uma sociedade instável não é o facto do povo não ter o bastante, mas o de querer sempre mais. Não há limite para as exigências do homem, uma vez que a terra se tenha tornado a razão de ser e a finalidade da vida; logo querem eles utilizar-se de todos os meios possíveis para possuir o mais que possam ganhar. A causa real de tão ilimitada concupiscência daquilo que se chama muitas vezes "segurança" é o temor do eterno vazio íntimo. Nunca antes na história foi a advertência evangélica a respeito de Deus e Mamon tão claramente realizada como hoje, pois a alma que perdeu o seu Deus deve cultuar Mamon.

Deste apego aos bens resulta um temor da morte, um medo de que possamos perder tudo quanto temos acumulado, de que a nossa segurança temporal se desvaneça na insegurança eterna. Este temor da morte que o pagão moderno sofre, difere do temor da morte que tem o fiel, de várias maneiras. O pagão teme a perda de seu corpo e da sua riqueza; o fiel teme a perda da sua alma. O crente teme a Deus com um temor filial, semelhante ao que um filho devotado tem para um pai amoroso; o pagão teme, não a Deus, mas a seu semelhante, que parece ameaçá-lo. Daí o aumento de

cinismo, suspeita, irreverência, greves e guerra; o próximo deve ser morto, pela palavra senão pela espada, porque é um inimigo a temer-se. O pagão moderno, recusando-se a continuar a vida pela procriação do nascimento, torna-se o semeador da morte. Negando a imortalidade da sua própria alma, recusa imortalidade à raça, sufocando a sua função reprodutiva, e dessa forma atrai duplamente o temor da morte. Freud disse que o amor e a morte estão ligados, o que é realmente verdade, mas não do modo que Freud imaginou. O amor compreendido apenas como sexo, traz a morte quando sacrifica a raça ao prazer da pessoa. O amor, compreendido como não glandular, mas como intelectual e volitivo, também implica a morte, pois procura morrer para que o amado possa viver; este amor, porém, conquista a morte, através de uma ressurreição. Mas para um incrédulo, em vez de ser um facto empírico, tornou-se a morte uma ansiedade metafísica. Como profundamente observou Franz Werfel a respeito do assunto: "O cético não acredita em outra coisa senão na morte. O crente é no que *menos* acredita. Uma vez que o mundo para ele é uma criação de espírito e amor, não pode ser ameaçado pela destruição eterna no seu essencial como uma criatura do mundo."

O mundo teme as mesmas coisas que Nosso Senhor nos disse que não temêssemos. Disse que não temêssemos a morte, nem temêssemos "ser chamados ao tribunal" pela nossa fé, nem temêssemos a falta de segurança económica, nem temêssemos o futuro.

"*Portanto vos digo: não andeis demasiadamente inquietos nem com o que vos é preciso para alimentar a vossa vida, nem com o que vos é preciso para vestir o vosso corpo. Porventura, não vale mais a vida que o alimento, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam,nem fazem provisão nos celeiros; e contudo o vosso Pai Celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas? E qual de vós por muito que pense pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu jamais como um destes. Se pois Deus veste assim uma erva do campo,que hoje existe, e amanhã é lançada no forno: quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não vos aflijais pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos ou com que nos vestiremos? Porque os*

gentios é que procuram todas estas coisas. O vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas. Buscai pois em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça: e todas as coisas vos serão dadas por acréscimo. Não queirais pois andar demasiadamente inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si: a cada dia basta o seu cuidado." (*Mt*. 6, 25-34)

Mas Nosso Senhor nos disse o que *temos* de temer: as consequências do julgamento, se não vivermos corretamente, blasfemando contra o Espírito Santo e negando a nossa fé.

O homem moderno inverteu completamente esta ordem das coisas que deveriam ser temidas. Aceita levianamente aquelas coisas que o Salvador nos advertiu que temêssemos, mas treme diante daquelas coisas que o Salvador nos avisou que não temêssemos. Por vezes o seu temor doentio oculta-se sob uma capa de silêncio: isto é particularmente verdade a respeito do facto da morte. O homem moderno procura esquecer-se inteiramente da morte ou, se não pode fazer isto, tenta ocultá-la, torná-la discreta, disfarçá-la. Sente-se estúpido em presença da morte, não sabe como consolar ou o que dizer. Tudo na sua atitude contradiz a injunção cristã: "lembra-te do teu derradeiro fim." Pois encara qualquer discussão da morte como mórbida. Contudo rirá numa comédia em que uma dúzia de pessoas são mortas e ficará acordado até à meia-noite lendo uma história policial em que há um assassinato. Isto também é *morte* e subjuga-o: mas concentra-se nas circunstâncias pelas quais a morte chega em vez de fazê-lo nos resultados eternos da morte, que somente estes têm toda a importância. Esta insensibilidade moderna diante da morte é uma insensibilidade diante da pessoa, da ordem moral e do destino.

Muitos factores hoje constroem uma atitude não natural para com a morte. Vãs são realmente as tentativas do pagão de transformar a morte em comédia, ou de obscurecer o seu significado por meio da gargalhada, pois quando a morte é uma ameaça pessoal, o homem moderno tem medo de encará-la face a face. Os médicos já não avisam os seus pacientes da iminência da morte; agem como se não fossem necessários os preparativos para a eternidade. Até mesmo a família do doente que está mal, desempenha um papel no grande jogo do engano de si mesmo. Os

cangalheiros de hoje fazem a morte assemelhar-se à vida; pretendem que tudo quanto ela implica é um pequeno sono, depois do qual cada um despertará numa praia eterna que não tem regulamentos de passaporte. O culto da mocidade permanente contribui para o fingimento macabro de que a morte nunca chegará. Primeiro, nega as sete idades do homem de que falava Shakespeare, depois desvia o espírito dos homens do facto do juízo final que os espera no momento da morte. O totalitarismo moderno, com a sua mentalidade de horda, absorve as pessoas numa coletividade e leva-as a acreditar que vivem na massa, que são importantes apenas como construtoras de um futuro melhor para a caça. A imortalidade pessoal torna-se imortalidade de grupo, a qual não é imortalidade, pois até mesmo o grupo também perecerá a seu tempo. Além disso, a mediocridade moral de qualquer utopia terrestre jamais planejada é chocante para os mais elevados ideais morais do indivíduo; homens judiciosos não podem morrer alegremente na crença de que tal banalidade virá realizar-se algum dia. Além de que, todo o homem deve morrer antes que a Utopia que ele visiona seja atingida e a única consolação que esta filosofia lhe oferece é a de que os seus bisnetos dançarão em cima dos seus túmulos. Todos os esquemas totalitários, porém, ostentam esta esperança; colocam o jardim do Éden no futuro. Toda a sua negação da tradição, a sua paixão de relegar tudo quanto pertença à memória da raça humana é outra tentativa de fugir à realidade da morte.

Aqueles que tentam ignorar a morte dizem muitas vezes que é o medo de morrer que torna os homens religiosos. Por certo este medo tem algo que ver com a fé. É um dos factores da religião, porque põe o homem face a face com o mistério do âmago da vida: Porquê? Para onde? Por que motivo? Ignorai, negai, ride dele, mas toda a vida contrai uma dívida que algum dia deve ser saldada e com estrita justiça. Assim como o negociante à noite retira da sua caixa registadora os débitos e créditos do dia, da mesma maneira também chegará uma hora em que o negócio da vida estará feito, quando o Grande Juiz retirará da consciência, a anotação dos nossos atos certos e errados: “Todos os homens terão um dia de morrer e de ser julgados depois da morte.” Foi o Demónio quem disse: “Não morrereis.” Para libertar os homens do espírito dessa mentira, o cristianismo ordenou-lhes que perguntassem a si mesmos: “Para que estais vivendo hoje? É para que

morrais amanhã.” Diz-lhes: “Onde a árvore cai, ali fica” e “Vigiai e orai, pois não sabeis a hora nem o dia.”

Não é resposta ao facto da morte dizer que a vida é como um fósforo que foi aceso, que arderá por um momento e depois cessará de existir. Se a nossa vida fosse como um fósforo, a morte não teria terrores para nós, como não tem para os animais. Mas até mesmo a analogia do fósforo não provê um exemplo para a mortalidade do homem, pois embora o fósforo esteja apagado, a sua luz ainda viaja através do espaço a uma velocidade de 186.000 milhas por segundo e sobrevive em alguma parte do universo. Nem podemos mostrar a brevidade da vida do homem, dizendo que somos como o fruto de uma árvore, que a ela se prende, amadurece e depois cai e morre, pois enquanto o fruto está preso à casca, a casca à polpa e a polpa à semente, continua não obstante verdadeiro que, embora o fruto maduro caia e o pássaro o debique por algum tempo, há ainda no íntimo dele uma semente que viverá para outra geração e proverá à sua imortalidade.

Contudo a morte é um facto. Os animais morrem e o mesmo fazem os homens, mas a diferença é que os homens sabem que devem morrer. Por este facto, nós homens superamos a morte, sobrepujamo-la, transcendemo-la, encaramo-la, examinamo-la e assim ficamos fora dela. Este ato é uma apagada antevisão da imortalidade. A nossa mortalidade só nos é amedrontada em grande parte porque podemos contemplar a imortalidade e temos uma vaga suspeita de que perdemos a imortalidade que outrora nos pertenceu. Devíamos tê-la e contudo não a temos. Algo interferiu. Não somos tudo quanto devíamos ser. Se a morte fosse simplesmente um “tem-de-ser” físico, não a temeríamos. O nosso medo provém do facto moral de sabermos que não devíamos morrer. Tememos a morte porque não foi parte do plano original traçado para nós. E também a tememos porque fizemos um pobre uso dos nossos anos de vida. Quando o senso do pecado é agudo, este temor de encarar as nossas próprias falhas pode tornar-se paradoxalmente extremado, a ponto de desejar o indivíduo perder-se, a fim de não ter que viver consigo mesmo. Isso é suicídio e niilismo.

A morte é uma fonte de meditação sobre muitas das grandes verdades. É um sinal do mal no mundo pois, para o cristão, a morte pertence não só à ordem biológica, mas também aos domínios moral e espiritual. A primeira

menção que temos da morte nas Escrituras associa-se ao pecado e à revolta contra o Amor. A morte apareceu pela primeira vez neste mundo como castigo. E a morte é, desde o começo, de duplo aspecto, pois deve fazer-se uma distinção entre a morte do corpo e a morte da alma.

Como nos diz S. João no Apocalipse, “Vós vos chamais vivos e contudo sois mortos”. Justamente como a vida do corpo é a alma, da mesma forma a vida da alma é a graça de Deus. Quando a alma deixa o corpo, o corpo está morto e quando a graça deixa a alma, essa alma está morta. Foi em virtude desta distinção que o Nosso Bendito Salvador nos disse que não temêssemos aqueles que matam o corpo, mas antes temêssemos aqueles que matam a alma. A correlação entre morte e pecado é tornada bastante clara nas palavras de S. Paulo: “o pagamento do pecado é a morte”. Cada cidade está cheia de almas mortas em corpos vivos, bem como de corpos vivos e de almas vivas. A dupla morte é uma morte tanto do corpo como da alma.

Embora o cristianismo veja na morte uma tragédia e uma punição, contudo fornece à humanidade a sua vitória sobre ela. O Próprio Senhor da Vida desceu a provar daquela morte e a conquistá-la, ressurgindo dentre os mortos. Por esse meio triunfou da morte no seu aspecto mais demoníaco e destruidor. A pior coia que o mal possa fazer não é bombardear crianças, mas matar a Vida Divina. Tendo feito isto, e sendo derrotado no momento da sua maior exibição de força, nunca poderia ser novamente vitorioso.

A morte tem outros significados. Oferece uma afirmação do objetivo de vida numa existência de outro modo sem significado, pois o mundo poderia levar infindavelmente avante o seu plano ímpio, se não houvesse morte. O que é a morte para um indivíduo, é a catástrofe para uma civilização: o fim da sua perversidade. A morte é um testemunho negativo do poder de Deus num mundo carente de sentido. Graças a ela, Deus reduz a zero essa falta de significação. Uma vez que o mal entrou no mundo, a morte é vista como uma espécie de benção, pois se não houvesse morte, o mal poderia seguir adiante para sempre. É por isto que Deus postou um anjo com uma espada flamejante diante da Porta do Paraíso, para que o homem decaído, comendo da árvore da imortalidade não imortalizasse o seu mal. Mas, por causa da morte, o mal não pode prosseguir indefinidamente com a sua maldade. Se não houvesse catástrofe tal como o Apocalipse revela no fim do mundo, o

universo marcaria o triunfo da carência de sentido. Mas a catástrofe é um recordatório de que Deus não permitirá que a iniquidade se torne eterna. Há um dia de juízo e juízo significa que o mal se derrota a si mesmo

O significado da vida só se pode tornar evidente no juízo e na avaliação. O julgamento pessoal no momento da morte é uma revelação do significado da vida pessoal e o julgamento cósmico no fim dos tempos é uma revelação do significado dos valores sociais. Todas as catástrofes, guerras, revoluções e civilizações derrocadas são advertências de que as nossas ideias foram deficientes, os nossos sonhos maus se realizaram. Se estes nossos pensamentos tivessem sido verdadeiros e profundos, não precisariam de ser destruídos, pois a verdade é eterna. A morte só sobrevém à vida que não cumpriu o seu sentido interior.

A revelação da vinda do Anticristo significa que os homens recusaram aceitar valores eternos, pois a morte não é o triunfo da morte, mas o triunfo do sentido. Jerusalém desapareceu porque não conhecia o momento em quer ia ser visitada. Esta mesma afirmação é verdadeira no que se refere a qualquer outra civilização. E assim, pondo fim ao mal, Deus afirma o poder do amor sobre o poder do caos. É este o significado da Sua resposta a Pilatos, que disse: “Não sabes que tenho o poder de condenar-te?” Mas Nosso Senhor respondeu: “Não terias esse poder, se Ele não te tivesse dado de cima.” Há apenas uma passagem na Sagrada Escritura em que se diz que Deus riu. Acha-se no salmo: “Aquele que está sentado nos céus rirá e escarnece deles.” A teologia desta risada é a seguinte: a incongruência desperta o riso. Um varredor de rua de chapéu alto de seda é um espetáculo risível e incongruente. A risada de Deus é igualmente provocada pela incongruência de um ditador terrestre pensando que se tornou um deus, ou que o seu poder é eterno. A morte é o dom necessário de Deus a um universo em que o mal está em liberdade.

Mas se a morte fosse irremediável, o universo não poderia ser justificado. Seria um sistema fechado. A ressureição é também necessária; não somente dá a vitória sobre a morte, mas limpa do mal ou corrupção. *Mortem moriendo destruxit*. Desde a Ressureição e Pentecostes, pode o homem restaurar-se no Amor Divino por meio da aplicação da redenção de Cristo através dos Sacramentos. Só recuperará a imortalidade do corpo na

ressureição final. Todavia, todos os homens partilham uma intuição profunda de que as suas mortes podem servir a um propósito triunfante. Por que deseja menos um homem morrer num desastre de trem ou num acidente de automóvel do que ser morto num campo de batalha ou como um mártir da sua fé? Não é porque a morte é menos terrificante e mais significativa tão logo nos elevamos acima do nível comum e subimos para o reino dos valores eternos, onde, somente, a morte tem significado?

A morte é o fim do mal. Vemos isto revelado nos rostos dos mortos, muitas vezes mais harmoniosos do que eram em vida, como o rosto adormecido é mais tranquilo do que o despertado. Sentimentos feios e ódios, excentricidades e desacordos desaparecem na presença dos mortos, tanto que até mesmo dizemos: “Dos mortos não digamos senão bem.” Na presença dos mortos, elogiamos e adulamos: ressuscitamos as coisas boas, a caridade, a bondade, o bom génio do nosso amigo. As melhores qualidades são as evocadas postumamente, fazendo-nos imaginar se a própria morte não possa ser um adiantamento até à frente do bem que fizemos, um desprezo do mal. Não que ambos não sejam relembrados, pois serão. Mas como a vida revelou a coluna de débito do nosso amor, também a morte mostrará a coluna de crédito. A morte releva-se, assim, ligada à bondade.

E a morte está também ligada ao amor, ou antes, o amor está sempre ligado à morte. Quem aceita amor, aceita sacrifício. Damos o anel de ouro, em vez do anel de estanho, como um símbolo de sacrifício e o sacrifício é uma forma menor de morte. Ultrapassando todos os sacrifícios menores, é o amor completo que se mostra desejoso de aceitar a morte pelo amado, como o soldado morre pela pátria. Quem quer que ligue demasiado valor à vida e se afaste correndo da morte, também foge do perfeito amor: “Maior amor do que este não tem o homem, o daquele que oferece a sua vida pelo seu amigo.” A aceitação da morte é assim uma manifestação do nosso amor a Deus.

A morte individualizará e personalizará todos nós. Pelo facto de separar a alma do corpo, descobre cada um e todos na sua busca. Revelará o *eu real* em oposição ao *eu superficial*. A alma ficará nua diante de Deus, vista afinal como verdadeiramente é. E se uma alma não se acha então vestida de virtude, sentir-se-á envergonhada, como Adão e Eva se sentiram, quando

pecaram e se ocultaram de Deus, pois foi somente depois de seu pecado que se sentiram nus e envergonhados. Esta relação entre nudez da alma e pecado é sempre uma relação intima. No dia de juízo das nossas almas, no Éden e nesta vida, onde quanto menos graças tiverem os homens e mulheres nas suas almas tanto mais ostentosamente se vestirão, como já acentuámos antes.

O separar-se a alma do corpo depois da morte produzirá outra mudança. Abolirá as vantagens especiais que alguns de nós gozámos nesta vida, pois o corpo em relação à alma podia ser assemelhado a uma pessoa conduzindo um automóvel. Um guia através da vida num calhambeque estragado, outro com um motor de quarenta cavalos, outro com um de cinquenta e outro ainda com um de duzentos, mas quando há uma violação da lei de tráfego, ninguém é julgado pela espécie de carro que está guiando, mas por ter violado ou não a lei. Da mesma maneira, no momento da morte, quando a alma deixa o corpo, seremos julgados não pelas vantagens terrenas que tivemos: beleza ou talento, pela riqueza que acompanhou o corpo ou pelas vantagens sociais, mas somente pelo grau em que respondemos ao Amor Divino. Assim como Divas foi separado de seus cinco irmãos pela morte, também cada um de nós será separado do grupo e da multidão. Então todos e cada um terão de dar um passo à frente, sozinho, fora das fileiras. Não haverá advogados para advogar a nossa causa, nem alienistas para argumentar que não estávamos no nosso juízo certo, quando praticávamos o mal. Só se ouvirá uma voz: a voz da consciência que nos revelará como realmente somos.

“Senhor, permaneço aberto à tua investigação; tu me conheces, sabes quando me sento e quando me levanto de novo, desde longe podes ler o meu pensamento. Desperte ou durma, podes dizê-lo, não há nenhum movimento meu que não o vigies. Antes que as palavras se formem nos meus lábios, todo o meu pensamento é já conhecido de Ti. Tu me cercaste pela retaguarda e pela vanguarda e a Tua mão ainda descansa sobre mim. Sabedoria como a Tua está bem além do meu alcance, nenhum pensamento meu pode alcançar-Te. Para onde poderei ir, pois, a fim de me subtrair ao Teu espírito e ocultar-me de Tua vista? Se subo ao céu, Tu lá estás; se desço ao abismo, nele Te encontras ainda presente. Se eu pudesse tomar asas voando para a nascente, ou encontrar um abrigo para além do mar

ocidental, ainda ali Te encontraria acenando-me, com a Tua mão direita me sustendo. Ou talvez pensasses em enterrar-me na escuridão: a noite me cercaria, mais amiga do que o dia; mas não, a escuridão não é esconderijo para Ti, contigo a noite brilha clara como o próprio dia; luz e treva são uma só coisa. Teus são os meus mais íntimos pensamentos. Não me formastes no ventre de minha mãe? Eu Te glorificarei pela minha estupenda plasmação, por todas as maravilhas da tua criação. Da minha alma tens pleno conhecimento e esta minha mortal estrutura não tem mistério para Ti, que a formaste em segredo. Ideaste o seu modelo, ali no recesso negro da terra. Os teus olhos viram todos os meus atos, todos já estão anotados no Teu livro. Os meus dias já foram contados antes mesmo de existirem. Um enigma, ó meu Deus, os teus modos de proceder para comigo, tão vastos os seus propósitos." (*Salmo 138*, 1-17)

A morte manifestará assim essa unicidade de cada personalidade, a qual, como diziam os Escolásticos, é *incomunicável*. Pascal escreveu: "Nada é tão importante para o homem como a sua própria condição, nada tão formidável para ele como a eternidade." A morte confronta o eu com o eu no seu grande momento do despertar da manhã da outra vida. Naquele despojamento de toda a ilusão, a alma ver-se-á a si mesma como realmente é. Arrasta ainda atrás de si um trem de experiências. Tem a memória, esse armazém de bons e maus hábitos, de preces rezadas, de bondade para com os pobres, como de recusa da graça, de pecados de avareza, de luxúria e de soberba.

Desde que estamos diante desse inevitável acontecimento, como o enfrentaremos? O pagão e o cristão têm diferentes modos de responder. O pagão, enquanto vive, aproxima-se cada vez mais proximamente da morte; o cristão vai se afastando dela. O pagão tenta ignorar a morte, mas cada tiquetaque do relógio o coloca mais perto dela, pelo medo e pela angústia. O cristão começa a sua vida contemplando a sua morte; sabendo que morrerá, planeia a sua vida de acordo com isso, a fim de gozar da vida eterna. Há dois estágios na experiência do pagão: vida humana e morte humana. Na do cristão, há três: vida humana, morte humana, que é uma porta para o terceiro estágio, e vida divina. O cristianismo sempre recomendou a contemplação da morte como um encorajamento a uma vida boa e isto produz realmente efeito, pois embora não possamos regredir no

tempo, podemos avançar no tempo. Um homem pode, pois, dizer a si mesmo: “Por aquilo que hoje me faz viver, morrerei amanhã.”

É duplo o princípio cristão de conquistar a morte: a) pensar na morte; b) ensaiar-nos para ela pela mortificação atual. O fim da contemplação é dominar o medo e coação da morte, encarando-a voluntariamente. Por meio da antecipação do fim derradeiro, podemos contemplar novos começos. Nosso Bendito Senhor viveu do fim da vida para trás: “Vim para dar a Minha vida pela redenção do mundo.” Pinta-se o Cordeiro como “morto desde o começo do mundo”.

A perspectiva da morte priva-nos dos nossos falsos modos de viver. Se pensamos na morte, desembaraçamo-nos da fantasia de que o universo não seja um universo moral. No tratamento da esquizofrenia, aplica-se muitas vezes um violento choque elétrico à cabeça do paciente. O esquizofrênico fica tão alarmado, sente-se tão ameaçado, que, a fim de escapar ao que lhe parece a dissolução do espírito, afugenta a sua fantasia e o paciente é recambiado para o mundo real. A meditação sobre a morte tem algo daquele efeito sobre o sistema espiritual. Quebra o encanto que nos fazia pensar que o prazer é tudo, que deveríamos continuar a ganhar mais dinheiro ou a construir mais edifícios, que a religião só serve para os malucos, e outras ilusões que tais.

Quando contemplamos a nossa própria morte, a cidadela do nosso eu, está destinada a ser atacada. Vislumbramos o nosso próprio ser íntimo e a sua pobreza. Cada um de nós entra na vida de punhos cerrados, pronto para a agressão e a aquisição. Mas quando abandonamos a vida, as nossas mãos estão abertas. Nada há na terra de que necessitemos, nada que a alma possa levar consigo que não lhe pudesse ser arrebatado depois de algum naufrágio – as suas próprias obras. *Opera enin illorum sequuntur illos*. A meditação sobre o nosso fim derradeiro, afasta o pensamento sobre o nosso eu actual, destrói o egoísmo excessivo e diminui os nossos temores e ansiedades, pois os temores diminuem à medida que deixamos de pensar em nós mesmos, no nosso aspecto imediato e, em vez disso, ajustamos as nossas mentes á perspectiva mais vasta da eternidade.

Pode-se arrebatar da morte o seu maior medo, se nos exercitarmos para ela. O cristianismo recomenda mortificação, penitência e desprendimento,

como um ensaio para o grande acontecimento, pois cada morte deveria ser uma grande obra-prima e, como todas as obras-primas, não pode ser completada em um dia. Um escultor que deseje esculpir uma estátua de um bloco utiliza-se de seu escopro, primeiro separando grandes pedaços de mármore, depois pedaços menores, até que finalmente chega a um ponto em que basta apenas uma broca de mão para compor a figura. Do mesmo modo, a alma tem de sofrer tremendas mortificações a princípio e depois desprendimentos mais aperfeiçoados, até que afinal a sua imagem divina seja revelada. Por ser a mortificação reconhecida como uma prática da morte, foi adequadamente gravado no túmulo de Duns Scotus: *Bis Mortuus; Semel Sepultus* (duas vezes morto, mas enterrado apenas uma). Quando morremos para alguma coisa, alguma coisa se torna viva dentro de nós. Se morremos para nós mesmos, a caridade torna-se viva; se morremos para o orgulho, a dedicação aos outros torna-se viva; se morremos para a luxúria, o respeito à pessoa torna-se vivo; se morremos para a cólera, o amor torna-se vivo.

O princípio básico espiritual é este: que a morte deve ser conquistada em cada pensamento, palavra e ato por uma afirmação do eterno. Os escritores místicos advertem-nos de que cada coisa deveria ser feita como se fossemos morrer no próximo momento. Se tratássemos também os vivos, como se fossemos morrer, então o que de bom neles existe subiria à superfície. Tratai os mortos como se ainda estivessem vivos e as nossas preces os acompanharão. Assim a crença num lugar de purificação dos pecados depois da morte permite-nos que resgatemos a nossa falta de amor pelos nossos amigos, enquanto viviam aqui na terra. A falta de auxílio aos seus corpos poderá ser então recompensada agora pela assistência espiritual às suas almas, por meio da oração.

A morte deve entender-se como o nosso verdadeiro nascimento, o nosso começo. O cristianismo, em contraste com o paganismo, sempre abençoa o nascimento espiritual dos seus filhos para a eternidade. Na liturgia, o dia em que um santo morre chama-se *natalitia*, ou nascimento. O mundo celebra o aniversário no dia em que uma pessoa nasceu para a vida física; a Igreja celebra-o quando uma pessoa nasceu para a vida eterna. Há apenas três exceções a isto e foram feitas por muito boas razões: os únicos natalícios físicos da liturgia são os do Nosso Divino Mestre (25 de dezembro), e da

Nossa Bendita Mãe (8 de setembro) e de São João Batista (24 de junho). Isto porque cada um desses nascimentos marcou uma infusão especial da Vida Divina no mundo: Nosso Senhor é a Vida Eterna; a Mãe Bendita, por meio da Sua Imaculada Conceição, e São João Batista foi santificado no ventre da sua mãe, quando foi esta visitada pelo Seu Senhor, ainda oculto no tabernáculo da Sua Bendita Mãe. Estas três exceções provam, em vez de contradizer, a regra de que a vida vem através da morte, a espiritualidade através da mortificação e a salvação da alma na eternidade através da perda dela no tempo, pois quando uma alma provou que amou a Deus sobre todas as coisas e provou-o pelo desprendimento de tudo quanto se atravessasse no caminho do seu amor total, está preparada para enfrentar o Amor. Então, na linguagem de Newman, sentirá a dor de nunca ter amado bastante.

"Quando — feliz de ti — o Bem-Amado vires,
Pensamentos de amor, de graça e de ternura
Pela Sua presença em teu peito arderão E doente de amor, suspiroso, estarás.
Há de varar-te ao vivo, agitando-te a alma,
A súplica do Seu Olhar meditativo
A ti te odiarás e amaldiçoarás,
Pois sem pecado embora, haverás de sentir-te
Um grande pecador, como nunca sentiste,
Desejando fugir, evitando-Lhe a Face.
E contudo haverá um convite a repouso
Na beleza sem par do Seu rosto sereno.
Duas dores então, contrárias e pungentes,
— O desejo de O ver, quando não podes vê-Lo,
A vergonha de ti, quando pensas em vê-Lo,
Hão de ser o teu mais certo e penoso Purgatório."

CAPÍTULO 12
A Psicologia da Conversão

À medida que se sobe na hierarquia da natureza, descobre-se uma crescente capacidade de adaptação. H2O é capaz de assumir as três formas de gelo, água e vapor. As plantas têm adaptabilidade apenas às estações e às condições locais. Os animais possuem poderes adicionais de mover-se dum lugar para outro, mas cada um deles permanece ainda mais ou menos fixo no tipo. O homem tem a maior capacidade de mutação entre todos, porque ele, que nasceu da carne, pode ter também nascido do espírito; ele, que é apenas uma criatura, pode tornar-se um filho de Deus. Só o homem é conversível. Só ele pode tornar-se alguma coisa que não é, quando se tem a potência para realizar o ato. A conversão não significa um desenvolvimento ulterior na ordem natural, mas uma geração dentro duma ordem sobrenatural. O corpo é vivo por causa da alma, mas a alma está morta quando não tem aquela vida mais alta que só Deus pode dar. "*Não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo*". (João 3,3)

Do mesmo modo que as plantas e os animais morrem, quando estão fora de contato com o seu próprio meio, assim também morrem as almas se deixam de viver em união com Deus. A grande lástima da vida é que tantos espíritos deixem de travar conhecimento com o todo do seu ambiente. Alguns há que podem gozar o ladrido dum saxofone, mas não apreciam uma sinfonia de Vivaldi. Outros há que descobrem o mundo da ciência, mas não têm telescópios mentais bastante fortes para descobrir o mundo da poesia. Há homens satisfeitos com conquistar um mundo de negócios, sem o desejo de conquistar o mundo da filosofia. Há muitos que entram em contado com o mundo de crédito, mas deixam de entrar em contato com o mundo da fé. Tais espíritos contentam-se em conhecer uma parte de seu ambiente e não o todo. São muito semelhantes aos surdos, mortos para o grande ambiente do som, para a risada das crianças, a voz dum amigo, o canto dum pássaro, a doce fluência da poesia, a vibração da música, o suspiro dos ventos e a tristeza de uma cascata. Embora o som e a harmonia constituam um dos maiores prazeres deste mundo, conhece o surdo este reino do som como um vasto e desconhecido domínio. E os cegos são mortos para o grande ambiente da beleza - para o gesto de um amigo, para o

reluzir dum olhar, para a gravidade dum rosto, para a beleza de um arco-íris, para o cintilar duma estrela e a queda dum meteoro. A beleza visual é uma das fontes de prazeres deste mundo, mas há alguns tão mortos para ela, como se nunca tivessem nascido.

Bem acima do mundo dos sons e das coisas visíveis, bem acima mesmo do mundo da ciência e filosofia, há aquele ainda maior ambiente de vida, a verdade, o amor e a beleza de Deus, que só Ele pode satisfazer as aspirações infinitas do homem. Um dos tristes e lamentáveis aspectos de hoje é o facto de que há muitas pessoas neste mundo que estão mortas, não só para o mundo da poesia, da música, da filosofia, mas para a vida e o amor de Deus. Formam uma classe que podemos chamar de "cegos à divindade". Tais homens são muitas vezes vivos para o ambiente temporal: as suas palavras são corretas; o seu senso do decoro mostra-se no embelezamento das suas casas e na escolha das suas diversões. São mundanos; são ricos; são sofisticados; são bem sucedidos; vivem folgadamente; são cumulados de honras; têm olhos mas são cegos - cegos ao belo ambiente de Deus e da vida de encarnação de Cristo.

Mas ninguém se acha em paz enquanto não se encontra numa devida relação com a Divindade. A aquisição desta poderia chamar-se " Deo-versão", ou uma volta para Deus. Esta espécie de conversão significa uma substituição da consciência do ego pela consciência de Cristo, uma transformação da personalidade por meio do amor de Deus em Cristo; uma submissão da vontade de modo a obedecer a Cristo acima de todas as coisas e de todo o custo. A verdadeira conversão nada tem que ver com a "elevação" emocional, ou com uma aparência moral de ação social. É um duro jogo, uma árdua batalha, um trabalho da alma do qual emerge uma nova dedicação do eu. O Espírito de Cristo deve tornar-se a alma do nosso pensar, a visão de Cristo os olhos do nosso ver, a verdade de Cristo, deve estar na nossa boca para falar e o amor de Cristo nos nossos corações para amar.

Teremos de limitar-nos aqui a discutir a *psicologia* da conversão, a descrever os antecedentes da conversão, como se manifestam na alma. Geralmente são de duplo caráter: um senso de conflito ou crise e um forte desejo de estar unido a Deus.

Toda a conversão parte de uma crise, de um momento ou de uma situação que envolve alguma espécie de sofrimento, físico, moral ou espiritual; de uma dialética, uma tensão, um impulso, uma dualidade ou um conflito. A crise é seguida, de um lado, por uma profunda sensação do próprio desamparo e de outro por uma convicção igualmente certa de que só Deus pode suprir o indivíduo daquilo que lhe falta. Se houvesse *apenas* um senso de desamparo, haveria desespero, pessimismo e suicídio eventual. É esta, na verdade, a condição do pagão post-cristão. Sente a inadequação total dos seus próprios recursos íntimos contra as opressivas superioridades num universo cruel e assim cai em desespero. Tem a metade da condição necessária para a conversão, isto é, um senso de crise - mas deixa de ligar a sua falta de energia à Divina Energia, que sustenta e nutre a alma. Mas quando isto é feito, o paganismo desaparece e dá lugar ao que poderia ser chamado de desespero criador; "criador", porque se sabe que somente um Médico Divino, vindo de fora, pode trazer a cura aos males. Este desespero não surge geralmente do senso de estupidez própria, da ignorância ou do engano, mas resulta da inadequação, do senso de dependência, ou mesmo da admissão da culpa que se sente. A alma torna-se o campo de batalha duma guerra civil durante a conversão. Não basta que haja um conflito entre consciência e inconsciência, ou ego e o ambiente, pois tais tensões podem ser simples fenómenos psicológicos sem significação profunda para a alma. Enquanto o conflito é apenas psicológico, enquanto é capaz de ser manipulado pelo próprio espírito ou por outro espírito humano, pode resultar uma integração ou sublimação, ou chamada "paz de espírito", mas não há "Deo-versão", ou paz da alma. A tensão ou conflito nunca é bastante aguda quando as forças em duelo estão contidas dentro do próprio espírito; a conversão não é auto-sugestão, mas um raio de luz de fora. Há uma grande tensão apenas quando o eu é confrontado com o não-eu, quando o interior é desafiado pelo exterior, quando o desamparo do ego é confrontado com a adequação do Divino.

Só quando a luta decisiva começa, com a alma de um lado e Deus no outro, é que a verdadeira dualidade aparece como condição da conversão. Esta crise na alma é a miniatura e o camafeu da grande crise histórica da cidade de Deus e da cidade do homem. Deve haver na alma a convicção de que se está em poder e sob a influência dum governo mais elevado do que o da nossa própria vontade. Que, em oposição, ao ego, existe uma presença

diante da qual a gente estremece por ter praticado o mal. É relativamente sem importância que esta em crise, resultante num sentimento de dualidade, seja súbita ou gradual. O que importa é a luta entre a alma e Deus, com o Deus omnipotente nunca destruindo a liberdade humana. É este o maior drama da existência.

Tal tensão entre Deus e a alma é claramente vista na conversão de S. Paulo, quando o Cristo glorioso lhe apareceu, com o desafio: “Por que me persegues?” (Atos 22, 7) Nas almas modernas, esta tensão aparece como uma angústia, não de ordem psicológica, mas metafísica, dentro da qual a alma vive, como disse Pierre Rousselot, “no parafuso da inquietação”. Em outras gerações, o espírito teve problemas; o espírito de hoje é um problema. O mistério descolocou-se do universo para a alma, do universal para o particular. Talvez seja esta a razão pela qual romancistas e poetas, frequentemente mais do que os filósofos, são agora aceitos como guias pelo espírito frustrado. Mas não há falta de filósofos modernos que tentam analisar esta tensão duma maneira abstrata. Alguns deles descrevem a alma em angústia sobre a sua própria contingência, tremendo de medo à vista da sua nulidade e no momento seguinte, olhando para diante numa doce nostalgia do infinito. Outros, sentindo uma emoção ética nesta busca, lutam por encontrar o absoluto, um Amigo da Equidade donde toda a justiça terrena derive. Outros, como Kirkegaard, analisando o desespero, declaram que seria impossível para o homem não ter a intuição do eterno. “Aquele eu que ele desesperadamente deseja ser, é um eu que ele não é; o que ele realmente quer (em desespero) é desprender-se do Poder que o constituiu”. Outros estudam a tensão em termos de satisfação finita e de anseio infinito, de desapontamento com o que se tem e de desejo veemente pelo que não se tem, com um vago conhecimento de que não desejaríamos o infinito se não fossemos feitos para ele ou se não tivéssemos vindo dele. Mas a inquietação resulta, quando o desejo de Deus é enjaulado numa restrita forma mortal e esta intranquilidade impele o homem a uma renovada paixão pela transcendência, pela luz e pelo poder. Pascal descreve-a desta forma: “O meu espirito está inquieto. Estar inquieto é melhor. Descrição do homem: dependência, desejo de independência, necessidade. Condição do homem: inconsciência, aborrecimento, intranquilidade”.

Juntamente com a luta está a impressão de que se é procurado por Alguém - pelo “Galgo do Céu” na linguagem de Thompson - que não nos deixará sozinho. A estratégia é que muitas almas, sentindo esta ansiedade, buscam tê-la explicada, em vez de segui-la até onde, no fim da trilha, é vista como Deus e a graça atual agindo sobre a alma. A voz de Deus causa descontentamento dentro da alma, a fim de que a alma possa procurar mais além e ser salva. Embaraça a alma, pois mostra-nos a verdade, rasga todas as máscaras e mascaradas da hipocrisia. Mas consola também a alma, efetuando uma harmonia consigo mesma, com o próximo e com Deus. Cabe ao homem decidir: aceitar ou rejeitar a voz que ouve. Santo Agostinho conta como, depois de ouvir a história de uma conversão, deu ele as costas a uma graça atual.

“Tal foi a história de Ponciano; mas tu, ó Senhor, enquanto ele estava falando, fizeste-me voltar para mim mesmo, tirando-me de trás das minhas costas onde eu me havia colocado, não querendo observar-me a mim mesmo; e colocando-me diante de meu rosto para que eu pudesse ver quão asqueroso eu era, quão perverso e corrompido, quão manchado e ulcerado. E eu contemplei-me e fiquei horrorizado; e para onde escapar de mim mesmo não descobri. E se eu buscava desviar os meus olhos de mim mesmo, continuavam eles a ver, e Tu de novo me colocaste contra mim mesmo e me lançaste diante dos meus olhos para que eu pudesse descobrir a minha iniquidade e odiá-la. Eu tinha-a conhecido, mas fiz como se não a visse, fiz sinal para ela e esqueci-a.”

Nesta crise, tem cada um a consciência de que se tornou um palco sobre o qual duas grandes forças estão travando guerra; a nossa própria alma está com uma força num momento e com a outra força no momento seguinte. Há um murmúrio que nos solicita para os picos da montanha e outra voz que nos ordena que desçamos para os vales. Há um temor do que possa haver à frente no futuro e um temor de continuar como no presente. O espírito reclama a renúncia de velhos hábitos, mas a carne reluta em quebrar as cadeias. Uma vez que estas duas correntes de frustração interior e de Misericórdia se encontrem, de modo que a alma se certifique de que somente Deus pode prover aquilo que falta, então a crise atinge um ponto em que se deve tomar uma decisão. Neste sentido, a crise é crucial – implica uma cruz. A própria crise pode tomar mil formas diferentes,

variando de almas que são boas para as que são pecadoras. Mas, em ambos estes extremos, há um reconhecimento comum de que os conflitos e frustações não podem ser dominados pela nossa própria energia. As formas comuns de crises são a moral, a espiritual e a física.

A crise é moral quando há uma certeza de pecado e de culpa, existindo não somente como um fenómeno histórico, que afeta a vida social e internacional, mas como algo interiormente experimentado como *uma relação partida*. Aqueles que sustentam a opinião que que a única culpa é a admissão da culpa e de que o único pecado é a crença no pecado, tornam-se incapazes de conversão. Desde que nada reconhecem no seu universo a não ser o seu ego, então não podem admitir um Poder exterior do qual a experiência salvadora virá. Não pode haver crise enquanto a alma pensa em si mesma como perturbada pelo facto de ter violada alguma lei cósmica, ou porque está fora de tom com o universo. Uma crise exige duas pessoas – a pessoa do homem e a Pessoa de Deus. Então o remorso dos seus pecados tortura a alma e fá-la ansiar por uma paz que não pode obter por si mesma. Assim, graças a um paradoxo peculiar, o pecado torna-se ocasião de uma solidão e de um vazio que somente Deus pode remediar. Este vazio não é o de um poço sem fundo; é o vazio de um ninho que só pode ser enchido pela Águia que descerá das alturas lá de cima. Uma alma em tal crise busca Deus depois de uma série de desgostos quando, como o pródigo, se afasta das alfarrobas para o Pão da Vida. Tal crise implica tristeza, porque se decaiu do ideal, mas está misturada com esperança, porque o padrão original pode ser recuperado.

Até este ponto, a alma tem trazido cobertos os seus pecados; agora descobre-os a fim de os repudiar. O que é confessado pode ser renegado; o que é percebido como um obstáculo pode agora ser ultrapassado. A crise atinge o seu ápice quando a alma se torna menos interessada em suscitar revoluções externas e mais interessada na revolução interna do seu próprio espírito; quando ela usa espadas, não fora, mas dentro, para cortar as suas paixões mais baixas; quando se queixa menos da mentira do mundo e começa a trabalhar por tornar-se algo menos mentiroso do que antes. A esfera moral tem dois polos éticos: um, o censo imanente do mal ou da falha; o outro, o poder transcendente da Misericórdia de Deus. O abismo da importância grita para o abismo da salvação, pois *copiosa apud eum*

redemptio. A cruz é agora vista a uma nova luz. Em dado momento indica a profundidade da iniquidade humana que, em essência, assassinaria Deus; noutro momento, revela a derrota do mal no seu momento mais forte, vencido não somente pelas súplicas de perdão da Cruz, mas pelo triunfo da Ressurreição. Mas esta cascata de Energia Divina não pode operar sobre um homem, enquanto ele vive debaixo da ilusão de que é um anjo ou de que o pecado não é culpa sua. Deve ele admitir em primeiro lugar o facto da culpa sua. Deve ele admitir em primeiro lugar o facto da culpa pessoal; depois, embora a consciência de ter sido um pecador não desapareça, a consciência de estar em condição de pecado é aliviada. Esta é provavelmente a experiência a que Charles Péguy se referiu, quando disse: “Sou um pecador, um bom pecador”.

Deus torna-se uma possibilidade para a alma desesperada somente quando começa a ver que pode fazer “todas as coisas n'Ele que me deu forças”. O homem naturalmente bom de Rousseau e do liberalismo, o egoísta inofensivo de Adam Smith e o homem prudentemente soberbo de John Stuart Mill não sentem estas tensões mortais, particularmente quando as suas vidas estão almofadas em conforto. Foi preciso um século para que os seguidores desses falsos otimistas sentissem que a sua vacuidade interior resulta de uma liberdade que anseia pelo infinito, subjugada a uma finitude cuja essência é o desgosto. Um novo eu é necessário e o homem não pode renovar-se. Nenhum humanismo vago, nenhuma dedicação atarefada às causas sociais, pode desarraigar o sentido de culpa, porque a culpa implica uma relação pessoal com Deus. E uma relação pessoal implica amor. Para que nós nos tornemos verdadeiramente morais deve haver uma submissão a um Cristo todo amor que pode fazer aquilo que o homem não pode fazer. E então a dor passa. Embora o vácuo da alma que o pecado nos causou se veja confrontado pelo Cristo, a ênfase é imediatamente levantada do nosso pecado para a Sua misericórdia, do eu para a Cruz. Uma vez abandonada a vontade de pecar, então a alma vê que se tornou aceitável ao Salvador, não porque era boa, mas porque o Salvador é Bom. Em outras religiões deve-se ser purificado, antes de poder bater à porta; no cristianismo, bate-se a porta como um pecador e Aquele que nos responde cura. A crise moral está terminada quando Cristo encara a alma, não como lei, mas como Misericórdia, e quando a alma aceita o convite: “Vinde a mim todos os que trabalhais, e vos achais carregados, e eu vos aliviarei”. (Mat. 11,28)

A crise da conversão é por vezes mais espiritual do que moral. Isto é frequente entre aqueles que têm estado à procura da perfeição, mas não se acham ainda possuídos da Plenitude da Fé e dos Sacramentos. Algumas de tais almas têm levado uma vida de bondade no plano natural; têm sido generosas para com os pobres e bondosas para com seus vizinhos e levado adiante, pelo menos, uma vaga amizade com todas as pessoas. Outras almas já têm tido uma tintura da vida sobrenatural; levam uma vida tão semelhante à de Cristo quando lhes é possível, vivendo para uma fé n'Ele, à medida que vêem à Sua luz. A crise começa nessas almas no momento em que reconhecem que têm tremendas potencialidades não exercitadas ainda, ou começam a almejar uma vida religiosa que fará maiores exigências deles. Até este momento da crise, viveram na superfície das suas almas. A tensão aprofunda-se à medida que comprovam que, como uma planta, têm raízes que necessitam de maior profundidade espiritual e ramos pretendendo à comunhão com os céus. O crescente senso de insatisfação com a própria ordinariedade é acompanhado por uma ânsia apaixonada de submissão, sacrifício e abandono à Santa Vontade de Deus. Tal elevação da Mediocridade ao amor pode ser ocasionada pelo empenho de um santo, pela inspiração de um livro espiritual, pelo desejo de fugir dos meros símbolos para a Realidade Divina. De qualquer maneira que venha, há uma dualidade presente desde o momento em que a alma ouça Cristo dizer: “Sede pois perfeitos, como também Vosso Pai celestial é perfeito”. (Mat. 5,48).

A conversão da mediocridade a uma plena submissão não é mais fácil do que a conversão do pecado à caridade; em qualquer dos dois casos, há a arrancar de um olho e o cortar de um braço. Parece ao convertido que lhe exigem que largue mão de tudo – não só de tudo o que ele tem, mas até mesmo do domínio sobre o seu espírito – mas isto é porque ele ainda não compreendeu a liberdade jubilosa da união com Deus. Os prazeres da carne são sempre maiores na antecipação do que na realização, mas as alegrias do espírito são sempre maiores na realização do que na antecipação.

Nem todos aceitam as exigências feitas durante uma crise espiritual. O jovem rico que havia cumprido os mandamentos desde a sua mocidade, retirou-se triste quando Nosso Senhor lhe pediu que desse o que possuía aos pobres e O acompanhasse. A sua crise passou quando ele escolheu uma comum vida de bondade em vez da vida espiritual. A crise teve fim

diferente com outro homem rico, Mateus, que largou a sua banca de coletor de impostos para tornar-se um apóstolo. Provavelmente nenhum dos apóstolos chamados por Nosso Senhor disse: "Agora devo começar a ser um homem bom¨; disseram em vez disso: Agora devo começar a fazer a Sua vontade. Até o tempo duma verdadeira conversão uma alma tem os seus próprios padrões de bondade. Depois de confrontada com a Graça de Deus, nada mais busca senão corresponder à Sua Vontade. Tal alma é tão implacável no seu amor, como o Divino Amor é implacável.

A crise espiritual é bastante geral, pois em cada alma há algum reflexo da ânsia universal de perfeição. Depois da conversão há um amor natural de Deus. A diferença entre os dois foi explicada por S. Tomás: "A natureza ama a Deus sobre todas as coisas sendo Ele como é o começo e o fim do bem natural, mas a caridade (ama-O) tanto quanto Ele é o objeto da beatitude e tanto quanto um homem tem certa amizade com Deus.¨ Toda a pessoa que ama, *naturalmente* ama a Deus mais do que a si mesmo. Este amor não é consciente em muitas almas e em outros os seus efeitos práticos são limitados pela concupiscência; mas está oculto em cada busca de felicidade, em cada desejo de um ideal bastante largo para satisfazer todos os nossos anseios. O indivíduo pode dar nome errado a este Infinito que busca; pode identificá-lo com a riqueza, com a carne ou com o poder; mas a força motivadora que o impulsiona é ainda a sua procura duma felicidade sem fim. Mesmo quando um homem se decide pelo menos e imagina que ele é o Infinito que procura, não obstante o Supremo Bem é mesmo mais desejado; de modo que Deus é amado consciente ou inconscientemente, por todo o ser capaz de amar. Mas o desejo de possuir Deus em amor seria um desejo ineficaz, se Deus não elevasse a natureza humana. Quando isto acontece, quando a alma passa dum amor natural a um amor sobrenatural de Deus, ocorre uma conversão.

O desejo espiritual do Infinito pode também dirigir-se a Deus como a Verdade Divina. O intelecto humano, cônscio do facto de que não conhece tudo, pode tornar-se dócil em face da Divindade e começar a desejar ardentemente uma luz que somente Deus possa dar. Desapontados na sua mentalidade larga, que não experimentou a verdade com fogo, alguns partem à busca daquela divina Verdade que não admite compromissos. Christopher Hollis, explicando a sua conversão, diz:

“Quando olhei para o Novo Testamento, não encontrei ali nenhum registo de Cristo falando como um amigo falaria; não O encontrei dizendo: ¨ São estas algumas observações que me ocorreram. Ser-me-ia grato que vocês fossem, pensassem nelas e verificassem se poderiam descobrir nelas alguma coisa.” Encontrei-O ensinando com autoridade, proferindo dogmas com violência contra as cabeças do seu auditório, ordenando a seu auditório que aceite a Sua doutrina e lhe exibindo a espantosa ameaça da condenação eterna se recusasse a aceitá-la. Quando eu estava na escola, entre os meus companheiros de classe, havia um presbiteriano e um metodista. Num dos trimestres letivos, o presbiteriano voltou de casa, contando que durante as férias os seus pais haviam lido o Novo Testamento e como resultado tornaram-se católicos. O metodista achou a história bastante divertida. Na ocasião não vi porque era ela tão particularmente divertida e quando, alguns anos mais tarde, vim eu mesmo a ler o Novo testamento, descobri que era mesmo muito menos divertida do que eu tinha imaginado.” [69]

Chesterton, também foi atraído à conversão pelo desejo do saber infinito e explicou-se nestes termos: “Sou o homem que, com a mais atrevida ousadia, descobriu o que já estava descoberto antes.”

É possível que o declínio da razão no mundo moderno possa conduzir cada vez mais as almas a investigar a disparidade entre o que elas conhecem e o que é conhecível. Somente procurando aquilo que está acima do humano pode o espírito humano preservar a sua dignidade: ou a sua razão subirá até à Sabedoria ou as suas emoções encadearão a razão e o homem tornar-se-á um animal. À medida que a carnalidade e o conforto se tornam o alvo comum da vida moderna, os dotados de inteligência lutarão cada vez mais estrenuamente do que nunca pela libertação da sua razão e chegarão a ver finalmente que, sem um *Divine Logos*, por trás do universo não haveria nunca razão no universo. A crença de Pascal de que há apenas duas espécies de gente dotada de razão parece ser realmente verdadeira – os que amam a Deus de todo o seu coração porque O descobriram, e os que procuram Deus de todo o seu coração, porque não O descobriram.

Hoje existe no mundo um vasto exército de boas almas que ainda não penetraram na plenitude da crise; estão sedentas, mas têm medo de pedir-Lhe de beber, no receio de que Ele derrame bebida do Seu cálice. São frias,

mas têm medo de aproximar-se das Suas fogueiras, no receio de que aquelas chamas purifiquem à medida que as iluminem. Sabem que estão aferrolhadas nos sepulcros da sua própria insignificância, mas têm medo de que a ressurreição como a d'Ele, traga as cicatrizes da batalha. Há muitos que gostariam de estender um dedo a Nosso Senhor, mas recuam, trémulos, com medo de que Ele lhes agarre as mãos e lhes solicite os corações. Mas não estão distantes do Reino de Deus. Têm já o desejo d'Ele. Necessitam apenas coragem de atravessar a crise na qual, por meio duma aparente rendição, se descobririam a si próprios como vitoriosos no cativeiro de Divindade.

Mas há um terceiro tipo de conversão causado por um acontecimento físico. A crise é física quando sobrevém por meio duma catástrofe inesperada, tal como a morte duma pessoa amada, um fracasso nos negócios, doença, ou algum sofrimento que obrigue a gente a indagar: “qual o fim da vida? Por que estou aqui? Para onde irei? “ Enquanto há prosperidade e boa saúde, estas perguntas nunca vêm à tona. A alma que tem apenas interesses exteriores não se interessa por Deus, da mesma maneira que o rico cujos celeiros estavam cheios. Mas quando os celeiros estão queimados, a alma é subitamente forçada a olhar para dentro de si mesma, a examinar as raízes de seu ser e a perscrutar no abismo de seu espírito. Esta excursão não é a deleitosa viagem num dia de verão, mas uma trágica indagação da possibilidade que negligenciamos de buscar a melhor riqueza, os tesouros que a ferrugem não consome, as traças não picam e os ladrões não arrombam e roubam – tesouros que somente Deus pode dar, quando os corações estão mais vazios do que qualquer bolsa. Todas as crises, mesmo as de desastre material, forçam a alma para dentro, como o sangue é devolvido para o coração durante alguma doença ou uma cidade atacada recua para as suas defesas internas.

Seria bom hoje para todos nós encarar a possibilidade de uma catástrofe bem grande. Se a catástrofe vier como resultado duma guerra atómica, pouco importa. A sua forma é apenas um pormenor. Mas o que importa é esta possibilidade que conhecemos, não só porque o Santo Padre nos advertiu de que a bomba atómica pode eventualmente ocasionar desastre ao próprio planeta, mas também porque uma tragédia de proporções catastróficas revelaria a um mundo cético que o universo é moral e que as

leis de Deus não podem ser infringidas impunemente. Da mesma maneira que deixar de comer provoca dor de cabeça, o julgamento da violação duma lei da natureza e grandes crises na história são julgamentos da maneira pela qual os homens pensam, querem, amam e agem. Os períodos de delírio e as épocas de tragédia que se seguem a um cisma entre a alma e Deus fazem muitas vezes para um povo inteiro o que a doença ou um desastre pessoal faz para um indivíduo pecador.

A doença, especialmente, pode ser um abençoado presságio da conversão do indivíduo. Não somente impede-o de realizar os seus desejos; reduz mesmo a sua capacidade de pecar, as oportunidades do vício. Neste forçado afastamento do mal, que é uma mercê de Deus, tem ele tempo de entrar em si, de apreciar a sua vida; de interpretá-la em termos de vasta realidade. Considera Deus e, naquele instante, há um senso de dualidade, uma confrontação da personalidade com Deus, uma comparação dos factos da sua vida com o ideal de que decaiu. A alma é forçada a olhar para dentro de si mesma, para indagar se não há mais paz neste sofrimento do que no pecado. Uma vez que o homem doente, na sua passividade, começa a perguntar: “Qual o objetivo da minha vida? Por que estou aqui?”, a crise já começou. A conversão torna-se possível no mesmo momento em que um homem deixa de censurar Deus ou a vida, como causa das suas perturbações e começa a censurar-se a si mesmo. Fazendo assim, torna-se capaz de distinguir entre as suas lapas pecadoras e o navio da sua alma. Uma fenda surgiu na armadura de seu egoísmo; agora o raio solar da graça de Deus pode intrometer-se. Mas até que isto aconteça, as catástrofes nada podem ensinar-nos senão o desespero.

Vemos isto na história intelectual do orgulhoso homem do século XX; o seu abandono da filosofia da evolução e do progresso inevitável foi sucedido pela filosofia do desespero, da derrota e do medo. Duas gerações atrás, estava ele sendo quase um deus; hoje, este deus está sendo psicanalisado para descobrir por que se sente ele “como o diabo”. Léon Bloy, que chegou a Cristo por meio de um conhecimento de catástrofe e crise, indaga, como fazem muitos historiadores: “Não estaremos no fim de tudo e não é a palpável confusão dos tempos modernos o sintoma de algum imenso distúrbio sobrenatural que afinal nos porá em liberdade?” O mundo pode ter-se distanciado tanto de Deus e do caminho para a sua própria paz

que uma tragédia seria a maior mercê. A pior coisa que Deus nos poderia fazer seria deixar-nos sós no nosso caos presente e na nossa corrupção. Duas guerras mundiais não tornaram o mundo melhor, porém pior. E fica-se a imaginar se futura catástrofe será uma guerra, no mesmo sentido das duas últimas, ou antes alguma calamidade mais seguramente calculada para produzir arrependimento no homem.

Quando uma alma em pecado, sob o impulso da graça, se volta para Deus, há penitência; mas quando uma alma em pecado se recusa mudar, Deus manda o castigo. Este castigo não precisa ser externo e, de certo, nunca é arbitrário; vem como um resultado inevitável da quebra da lei moral de Deus. Mas as forças entrincheiradas do mundo moderno são irracionais; os homens de agora nem sempre interpretam os desastres como os acontecimentos morais que são. Quando a calamidade fere a pederneira dos corações humanos, faíscas de amor sagrado se inflamam e os homens começarão normalmente a fazer uma estimativa do seu verdadeiro mérito. Em épocas anteriores era isto usual: o indivíduo desordenado podia encontrar o seu caminho de volta para a paz, porque vivia num mundo objetivo inspirado pela ordem cristã. Mas o homem frustrado de hoje, tendo perdido a sua fé em Deus, vivendo, como vive, num mundo desordenado, caótico, não tem farol que o guie. Em tempos de perturbação muitas vezes volta-se sobre si mesmo, como uma serpente que devorasse a própria cauda. Dado tal homem, que cultua a falsa trindade: a) do seu próprio orgulho, que não reconhece leis; b) da sua própria sensualidade, que faz do conforto terrestre o seu alvo, c) da sua licença, que interpreta a liberdade como a ausência de toda a contenção e lei – então cria-se um cancro de cura impossível, exceto por meio de uma operação ou calamidade inconfundível, como a ação de Deus na história. É sempre por meio de lágrimas, suor e sangue que a alma se purga de seu egoísmo animal e fica aberta ao Espírito.

Seria errado imaginar que as catástrofes históricas são necessárias, porque há um lado do mundo em que os homens são bons e outro em que os homens são maus. Quando um germe penetra na corrente do sangue, não se isola no braço direito e poupa o esquerdo; é o corpo inteiro que é afetado. O mesmo acontece com a humanidade. Sendo um corpo, todo aquele que pertence à nossa raça é pecador até certo ponto. É o nosso mundo mau e não o deles. Não são os comunistas apenas a causa dos males do mundo,

pois toda a ideia do comunismo originou-se no nosso mundo ocidental. Todos nós continuamos necessitados da redenção. Quanto mais cristã é uma alma, tanto mais se vê responsável pelos pecados do seu próximo; tal homem ou tal mulher busca tomar sobre si aqueles pecados, como se fossem os seus próprios pecados, da mesma maneira que Cristo, o Inocente, tomou sobre Si a culpa do mundo inteiro. Como a mais sincera simpatia pelos que estão de luto é chorar, assim também o verdadeiro amor pelos culpados é expiar-lhes a culpa. A carga da regeneração do mundo é, portanto, posta sobre aquele que conhece Cristo e ouve a Sua Voz na Igreja, incorporando-se no Seu Corpo e no Seu Sangue na Eucaristia. Um sentimento da nossa solidariedade no mal pode pois tornar-se uma solidariedade no bem.

Mas não há igualdade matemática - nem pagamento na mesma moeda - na obra da redenção. Dez homens justos podiam ter salvo Sodoma e Gomorra. No ajuste de contas divino, há monjas carmelitas e monges trapistas que estão fazendo mais para salvar o mundo do que os políticos e os generais. O espírito discorde que se apropria da civilização só pode ser afugentado pelas orações e pelo jejum.

Em face do mal há três espécies de almas: as que praticam o mal e negam que haja mal ou o chamam de bem. "*Sim, e virá tempo em que todo o que vos matar julgará prestar serviço a Deus*. " (João 16,2) Há também aqueles que vêem o mal nos outros, mas não em si mesmos e que lisonjeiam a sua própria "virtude", criticando o pecador. "*Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, eentão verás para tirar a aresta do olho do teu irmão*" (Mat. 7,5). Finalmente, há os que carregam a carga da desgraça e do pecado alheios como se fossem seus.

Estamos aprendendo neste século que as divisões que separam os homens uns dos outros são bastante frágeis. A calamidade física derruba estas barreiras. A guerra moderna destrói as linhas limítrofes de combatentes e civis - não que devesse ser assim, mas, pelo menos, as suas violações revelam que numa crise o perigo não é meu, nem teu, mas nosso. Quando bastantes almas devotas transferirem esta unidade dos homens da ordem física para a ordem moral e espiritual, o mundo renascerá.

A catástrofe pode ser para um mundo que se esqueceu de Deus o que uma doença pode ser para um pecador. Em meio dela, milhões podem ser trazidos não a uma voluntária, mas a uma crise forçada. Tal calamidade poria um fim à impiedade e faria que um vasto número de homens, que doutra forma poderiam perder as suas almas, se voltasse para Deus. Depois de uma série de dias quentes e abafados de verão, sentimos que deve haver uma tempestade antes que voltem de novo os dias frescos. Igualmente, nestes dias de confusão, há uma intuição de catástrofe iminente, uma sensação de que alguma imensa perturbação preternatural reduzirá a ruínas o mal do mundo, antes que possamos ser livres de novo. Como disse Goncourt a Berthelot, que se havia vangloriado da futura destruição da guerra por meio da ciência física: “Penso que quando esse dia chegar, Deus, como um vigilante noturno, descerá do Céu, chocalhando Suas chaves e dirá: “Cavalheiros! É hora de fechar.” Se tal acontecer, teremos de recomeçar tudo de novo. Não é uma questão do fim do mundo, mas do fim de uma época - uma manifestação da sublime verdade de que a negação da moralidade e da verdade cristãs nos empurra a todos até à beira da catástrofe, até ao verdadeiro limite da dissolução.

Já se tem dito: “Em tempo de paz, prepara-te para a guerra. ” Melhor seria rever esta frase e dizer: “Em tempos de tumulto e dissolução, prepara-te para encontrar Deus! ” Quando o desastre acontece e os tesouros se dissolvem como um “cortejo insubstancial”, a alma está mais apta a voltar-se para Ele, pelo medo e pelo desespero. Aqui a tensão não é entre o pecador e o Cristo de Misericórdia, nem entre a alma que aspira e Cristo de Misericórdia, nem entre a alma que aspira e Cristo, o Santo Filho de Deus, mas entre o homem partido e Cristo, o Juiz. Haverá alguns, mesmo na crise, que se levantarão contra Deus, pois os pecados de blasfémia, como nos diz o Apocalipse, se multiplicarão com o derramamento dos frascos da cólera. Mas a imensa maioria dos homens verificará, pela primeira vez, que o Seu Julgamento reparte um golpe mais duro quanto mais distantes estamos dos seus caminhos. O própria pensamento de uma guerra atómica com uma catástrofe cósmica fará com que muitos homens apressem a crise, antecipem a tensão e comecem a conversão agora.

Esta espécie de conversão pode também ocorrer entre aqueles que já têm fé. Os cristãos tornar-se-ão realmente cristãos com menos fachada e

mais fundamento. A catástrofe os separará do mundo, forçá-los-á a declarar as suas fidelidades básicas; reviverá pastores para que pastoreiem em vez de apenas administrar, inverterá a proporção dos santos e sábios em favor dos santos, criará mais ceifeiros para a colheita, mais colunas de fogo para os tépidos; fará o rico ver que a verdadeira riqueza está no serviço aos necessitados; e, acima de tudo mais, fará a glória da Cruz de Cristo esplender num amor dos irmãos uns pelos outros, como verdadeiros e leais filhos de Deus e filhos devotados da Mãe de Coração Imaculado.

A crise impende sobre todos nós, qualquer que seja a nossa condição e quem quer que sejamos. Mas a crise não será consciente ou efetiva enquanto desacompanhada de desejo. Ora, desejo implica possibilidade: "Nada é impossível com Deus. " Se não há Deus, então nada é possível. O desejo de Deus é para a alma o que a respiração é para o corpo — a respiração traz para dentro dos nossos seres a possibilidade da vida física de fora, como a oração, que é a mais alta expressão do desejo, traz para dentro das nossas almas a possibilidade da participação em Deus. Este desejo não é inteiramente o próprio desejo da alma, pois se sente até certo grau sob a ação duma suave compulsão: Deus está fazendo pressão sobre a alma, durante todo o tempo em que ela O parece estar pressionando. Mais tarde a alma compreenderá que até mesmo o desejo de Deus vinha de Deus e que os fogos que ardiam dentro de si mesma provinham da lareira de Deus.

A conversão não se segue automaticamente a este anseio; a menos que o desejo de Deus seja mais forte do que velhos hábitos e paixões, a crise do desejo pode terminar em frustração. A graça da conversão pode passar — pois quem perdeu o bote, perdeu a Barca de Pedro. O desejo estava ali, mas, porque não era altamente estimado, o ideal de Cristo foi abandonado e o carnal e o mundano permaneceram.

Nunca houve um convertido que carecesse de desejo — desejo de Deus e também o desejo de tornar-se um homem diferente de qualquer que tenha sido antes. Quando Ernesto Psichari, o neto de Renan, largou os seus antros de pecado em França para seguir para o deserto, a fim de descobrir Deus, disse: "Não tenho desejo mais forte, nem propósito mais firme, do que ir através do mundo para me conquistar a mim mesmo à força. Não atravessarei a terra de todas as virtudes como um mero turista... Deus

entrará sob o nosso teto quando quiser. ” A graça — a “entrada” — é a parte de Deus; cultivar e resguardar o desejo da graça é a nossa parte dada por Deus: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á” (Mat. 7,7).

Deus nunca recusa graça àqueles que honestamente a pedem. Tudo quanto Ele pede é que a vaga sede do Infinito, que excitou a alma a procurar o seu bem numa sucessão de prazeres, será agora transformada numa sede do Próprio Deus. Tudo quanto necessitamos fazer é exprimir estas duas petições: “Querido Senhor, iluminai o meu intelecto para que eu veja a Verdade e dai-me a força para a seguir.” É uma oração sempre respondida. E não faz diferença se o desejo de Deus que proclamamos proveio dos nossos enfados, saciedades e desespero, ou se nasceu do nosso amor do belo, da perfeição. Deus quer tomar conta dos nossos velhos ossos ou dos nossos jovens sonhos, pois nos ama, não pelo nosso modo de ser, mas por aquilo que podemos ser por meio da Sua graça.

É bastante curioso que é o medo de como as mudará a graça e as aperfeiçoará, que conserva muitas almas afastadas de Deus. Querem Deus para tomá-las como são e deixá-las ficar do mesmo jeito. Querem que Ele lhes retire o amor pelos ricos, mas não as suas riquezas, que as livre do desprazer do pecado, mas não do prazer do pecado. Algumas delas equiparam bondade com indiferença ao mal e pensam que Deus é bom se for generoso ou tolerante com o mal. Como os espectadores diante da Cruz, querem Deus nos termos deles e não no d'Ele, e gritam: “Desce dessa cruz e acreditaremos em ti. ” Mas as coisas que eles pedem são os sinais duma falsa religião: prometem salvação sem cruz, abandono sem sacrifício, Cristo sem os Seus cravos. Deus é um fogo consumidor. O nosso desejo de Deus deve incluir uma boa vontade para ter o restolho do nosso intelecto queimado e o joio dos nossos pecados consumido. O próprio medo que as almas têm de se render ao Senhor com uma cruz é uma prova da sua crença instintiva na Sua Santidade. Porque Deus é fogo, não podemos escapar a Ele, quer nos aproximemos para a conversão, quer fujamos por aversão. Em qualquer dos casos, Ele afeta-nos. Se aceitarmos o Seu amor, os seus fogos nos iluminarão e nos aquecerão. Se O rejeitarmos, eles ainda nos abrasarão pela frustração e pelo remorso.

Assim como todos os homens são tocados pelo ardente amor de Deus, da mesma maneira todos são também tocados pelo desejo de intimidade com Ele. Ninguém escapa a este anseio. Somos todos reis exilados, miseráveis sem o Infinito. Aqueles que rejeitam a graça de Deus têm um desejo de evitar Deus, como aqueles que a aceitam têm um desejo de Deus. O ateu moderno não descrê por causa de seu intelecto, mas por causa da sua vontade. Não é o conhecimento que o torna um ateu, mas a perversidade. A negação de Deus brota dum desejo do homem de não ter um Deus — da sua vontade de que não haja Justiça por trás do universo, de modo que as suas injustiças não receiem retribuição; do seu desejo de que não haja Lei, de modo que não possa ser julgado por ela; do seu querer que não haja Bondade Absoluta, para que ele possa continuar pecando com impunidade. É por isso que o ateu moderno se mostra sempre encolerizado quando ouve dizer alguma coisa a respeito de Deus e de religião. Seria incapaz de tal ressentimento, se Deus fosse apenas um mito. O seu sentimento para com Deus é o mesmo que um homem mau tem para com alguém a que ele fez um mal. Desejaria que estivesse morto de modo que nada pudesse fazer para vingar o mal. O que atraiçoa a amizade sabe que o seu amigo existe, mas deseja que ele não exista. O ateu pós-cristão sabe que Deus existe, mas deseja que Ele não existisse.

Não podemos fugir à justiça de Deus, negando-O, mas é fácil fugir à Sua amizade. Ele nunca força o nosso amor. A rendição da vontade a Deus é de toda a importância na conversão, por causa do seguinte: Deus não destruirá a nossa liberdade humana. Não dará mesmo provas tão absolutamente omnipotentes que destruam toda a escolha, pois sempre deixa uma margem para o amor. Portanto um prelúdio necessário à conversão é um espírito que se torna dócil, educável e humilde, pois se pensamos que sabemos tudo, nem mesmo Deus pode ensinar-nos.

Tão logo um homem se torna humilde, reconhece a sua própria e longa autodecepção, os pequenos ardis de que se valeu consigo mesmo para ocultar o seu não admitido desejo de Deus. A humildade é a verdade, o reconhecimento de nós mesmos como somos. É por isso que, quando alguém nos acusa de ser um ladrão de carneiros, nós sorrimos; mas quando somos acusados de mentirosos, podemos encolerizar-nos, pois talvez seja verdade. A punição do orgulho é a inabilidade em ser realmente convertido:

“*Porque o coração deste povo tornou-se insensível e os seus ouvidos tornaram-se duros e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração, e se convertam, e eu os sare*” (Mat. 13,15).

A humildade é tão essencial, na verdade, que Nosso Senhor declarou que a conversão dependia de nos tornarmos como crianças na afeição e no desejo. E disse: “*Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Todo aquele pois que se fizer pequeno, como esta criança, esse será o maior no reino dos céus*” (Mat. 18,3-4).

Em conclusão, pois: esta tensão entre a carne e o espírito, entre o puxão do tempo e a correia da eternidade — esta dialética entre o amor do prazer egoísta e o desejo da paz espiritual, encontra-se em toda a alma sozinha. A razão pela qual maior número de almas não vem para Deus acha-se no facto de que não amam bastante a Deus. Puseram maior anseio ardente do lado da concha que se opõe a Ele. Mas nunca Lhe escaparão, mesmo assim, a luta decisiva continua, enquanto eles viverem.

Toda a alma frustrada que não seja louca acha-se nesse estado porque combateu as altas advertências de Deus: “É inútil fugir, pois Ele está em toda a Parte. Aquele que parece ser vosso Inimigo é a vossa única Fortaleza; Aquele que parece assestar o golpe, é o único que pode apará-lo.”

Havereis de querer continuar essa fuga inútil até que seja demasiado tarde? Havereis de morrer antes que os vossos pecados estejam mortos, Ou consentireis em desejar Deus, antes que todas as vossas paixões estejam extintas? Que melhor tempo do que agora, com almas todas sujas, para vir às Suas mãos purificadoras: Só Ele é o nosso caminho. Fujamos d'Ele e estaremos perdidos. Só Ele é a nossa luz. Afastemo-nos dela, e estaremos cegos. Só Ele é a nossa vida. Abandonemo-Lo e haveremos de morrer. Estaremos com medo de que, se sacudirmos as fogueiras das nossas almas com o desejo, as cinzas venham a sufocar a nossa vida? Devemos dizer que nada temos para dar, que os nossos anos crepitaram e se evolaram em fumaça; mas se não podemos levar bondade para Ele, podemos levar-Lhe os nossos pecados.

Dizeis que estais deprimidos e de espírito acabrunhado? Ele vos traz assim deprimidos somente para fazer que cobiceis as Suas alturas!

CAPÍTULO 13
A Teologia da Conversão

A psiquiatria é capaz de proporcionar certa quantidade de paz de espírito, pois ajusta a mente à maneira e a têmpera do mundo, mas nunca indaga se devemos ajustar-nos tão completamente à sociedade atual. “Tirei-vos do mundo”, disse o Salvador. Está-se tornando agora evidente, mesmo para os cínicos, que aqueles que ajudam mais o mundo são os homens destacados do mundo. A paz da alma é uma coisa diferente e mais bela. Resulta da justiça, e não do ajustamento, da renascença e não da integração nos valores do momento. *Pax opus justitiae*. A justiça implica a subordinação do corpo à alma e de todo o homem a Deus e ao próximo. Por outro lado, o ajustamento é para tornar-se aceitável àqueles que nos cercam, sejam bons ou maus, sábios ou loucos, santos ou homens tais que um santo preferia evitar competir com eles.

É importante distinguir entre as duas espécies de paz. A paz de espírito repousa principalmente no que se chama “sublimação”, que a psicologia descreve como uma redireção dum instinto, paixão ou energia, passando duma forma crua e impulsiva a uma atividade criadora que é social e até certo ponto, ética. Não há nada de muito novo a respeito da sublimação, a não ser o nome, pois, através das idades, todos os sábios mestres reconheceram que é importante desviar o interesse do homem do que é baixo para o que é nobre. Os educadores sempre souberam que uma criança irregularmente curiosa pode muitas vezes ter a sua curiosidade sublimada num sadio interesse pela ciência ou pela história; o instinto combativo é muitas vezes sublimado em sociedades de debates; a desordem de um rapaz pode ser sublimada dando-se lhe o encargo de dirigir um grupo, onde ele tenha de reforçar a disciplina. Tais sublimações, por úteis que sejam, nunca podem dar a paz da alma, porque esta só vem de Deus. As tentativas psicológicas para fazer o homem criar esta espécie de paz – que ele não tem potencialidade de criar – são o mesmo que tentar pegar uma ponta de fio para começar a fiar noutra direção.

Nenhum pneumático liso pode fixar-se e nenhuma pessoa frustrada e infeliz pode curar-se, sem a introdução na sua natureza de alguma coisa que ali já não esteja. É necessária alguma coisa mais para curar um homem, do

que o seu próprio líbido ou instinto. A água nunca pode erguer-se acima do seu próprio nível e nenhuma quantidade de drenagem do inconsciente para o consciente pode tornar a corrente do pensamento mais clara, mais limpa ou mais forte. Quando o paciente tenta realizar a sublimação por si mesmo, está bastante apto – e certamente – a ter a sensação de que está praticando a auto-sugestão, experiência um tanto perigosa. Se se acredita que a energia para melhorar provém duma fonte humana exterior, como o psiquiatra, sente ele, muitas vezes com razão, que está sendo manipulado por um homem incapaz de julgar todos os factores do seu caso. Se o psiquiatra é um daqueles que negam a alma isto é quase sempre verdade.

Se um homem está fisicamente doente não tenta curar-se esperando que os remédios se desenvolvam dentro do seu próprio corpo. Nem pode uma alma espiritualmente doente curar-se por completo pelos seus próprios esforços, sem uma energia e um poder introduzidos de fora. A própria vontade do homem doente não é bastante, pois é justamente pelo facto da sua vontade e dos seus instintos estarem em conflito que ele sofre. Nem podem apenas os ideais humanos curá-lo. Não fazem provisão para os conflitos daqueles que não podem atingi-los. Até mesmo os mais nobres dos ideais abstratos são de pouca utilidade para uma pessoa que se sente um fracassado, amputado da possibilidade de êxito e demasiado fraco para realizar a virtude.

É precisamente porque muitos indivíduos estão de uma maneira penosa conscientes da sua fraqueza e da sua frustração que anseiam por um sistema compulsivo de vida que os dispense de toda a responsabilidade. É por isso que se voltam eles para o totalitarismo na vã esperança de que a sua coletividade anónima o privará da carga da escolha. Poucos têm plenamente avaliado esta razão da corrida para o comunismo, pois há algo de bom em buscar o comunismo e algo de mau, como o filho pródigo que estava certo sentindo fome e errado alimentando-se de alfarrobas.

A alma moderna também está certa em ter fome de uma lei mais alta do que a sua própria vontade e errada em aceitar esta lei de um ditador. Com a negação de Deus, dos destinos eternos e da retidão moral, ela se desgostou da sua própria inadequação, da sua própria indignidade em servir como um objeto próprio da devoção narcisista. Como a criança na escola progressiva

pergunta: "Devo sempre fazer o que quero?" Tendo negado o Eterno Amor como o objeto da sua escolha, volta-se agora para algo de aparentemente maior do que ela própria, isto é, o formigueiro coletivo do comunismo. Está certo desejar-se alguma coisa para adorar e amar com uma paixão intensa. Está errado adorar-se o falso Deus do Total.

Quando se medita no número de indivíduos que, no meio das suas frustrações, tentam encontrar cura sem a ajuda de um Médico Divino, sem uma energia mais poderosa do que eles próprios, vêm à memória as palavras de Carlyle: “A tragédia da vida não é tanto o que os homens sofrem, mas antes quanto eles perdem”. A maior oportunidade que eles perdem é a de se tornarem algo mais que um homem, pois é possível para um ser humano viver em um de três níveis.

- O primeiro nível é o sub-humano, ou o animal, no qual um homem se contenta em viver somente para o seu corpo, para a sua carne e seus prazeres. Quando toda uma sociedade vive assim temos o que Sorokin chamou uma “Cultura dos sentidos”. Se a razão é usada de qualquer modo neste nível mais baixo, é apenas para descobrir novas técnicas de provisão de emoções vivas e de divertimentos para a natureza animal;
- o homem pode também viver num segundo mais alto nível: o racional. Aqui seguirá ele uma boa vida pagã e defenderá as virtudes naturais, mas sem grande entusiasmo. Sob a inspiração apenas da razão, é ele tolerante, filantrópico; favorece os párias sociais e contribui para empresas da comunidade, mas recusa-se a acreditar que há um conhecimento fora do alcance do seu próprio intelecto ou uma energia que excede a sua própria vontade;
- bem acima destes dois níveis, há um terceiro, que é o nível divino. Neste o homem, graças à graça de Deus, é elevado à ordem sobrenatural e torna-se um filho de Deus.

Estes três níveis podem ser comparados a uma casa de três andares: o primeiro andar está muito mal mobilado; o segundo tem algum conforto; mas o terceiro está arrumado com luxo e cheio de paz. Um indivíduo que vive para prazeres puramente animais tomará como uma estranha tolice a sugestão de que há um nível de razão acima do primeiro andar, onde ele vive de acordo com os seus instintos sexuais. E sugerir àqueles que vivem no segundo andar da razão que existe ainda um andar acima, onde a paz de

espírito se torna paz da alma, é convidá-los a ridicularizar a ordem sobrenatural. Aqueles que moram no segundo andar não têm compreensão alguma do que seja o sobrenatural. Encaram-no como um excesso piedoso, tão sem importância como a geada num vidro de janela ou a preparação de um bolo. Estão querendo admitir que há assimilação no universo e que o progresso tem sido para o alto e vertical, do mineral ao homem, mas quando chega ao desenvolvimento do próprio homem, recusam-se a admitir uma continuação do mesmo processo vertical. Vêem o passado em termos de um processo para cima até que o homem foi produzido; desse tempo em diante, insistem que ele se move apenas num plano horizontal e que o progresso do homem deve ser medido pela sua crescente habilidade na manipulação da natureza, da riqueza e da aquisição de melhores condições materiais, tudo isto exterior ao homem. Os que recusam subir do segundo para o terceiro andar são bastante semelhantes aos dois sapinhos que estavam um dia discutindo a possibilidade de um reino mais alto do que o dos sapinhos. Um sapinho disse ao outro

“Penso que vou levantar a minha cabeça fora d'água para ver com que se parece o resto do mundo”. O outro sapinho disse: “Não seja palerma. Por certo não está querendo fazer-me acreditar que há alguma coisa neste mundo além da água”.

Uma criatura racional deveria perguntar a si mesma por que, se os minerais podem fazer parte das plantas, as plantas ser absorvidas nos animais e os animais absorvidos no homem, seria negado ao próprio homem, pináculo da criação visível, o privilégio de ser assimilado por um poder mais alto? A rosa não tem direito de dizer que não há vida acima dela e nem o tem o homem, que possui vasta capacidade e anseio inconquistável de vida eterna, de verdade e de amor.

O sobrenatural, o terceiro nível em que podemos viver, não é um produto do natural, como o carvalho que se desenvolve de uma bolota: assinala uma quebra completa, um recomeço. O desenvolvimento não é um progresso gradual, no qual um homem se torna mais tolerante, de espírito mais aberto, mais articulado com a justiça social, menos odiento e menos avarento, até que finalmente atinge um ponto em que descobre que é cristão e cidadão da ordem sobrenatural. Não é isto que acontece.

É lei da física que um corpo continua num estado de repouso ou de movimento uniforme em linha reta, até que seja compelido por forças exteriores a mudar aquele estado. O homem, também está sujeito à inércia e permanecerá num estado meramente natural, a menos que seja mudado de fora. As pedras não se tornam elefantes, nem elefantes homens. O homem, por natureza, é apenas uma criatura de Deus, quase da mesma forma que uma pedra ou um pássaro é uma criatura de Deus, embora o homem reflita alguns dos atributos de Deus mais fielmente do que fazem as estrelas e as plantas. Na verdade, a ordem sobrenatural é algo a que o homem não tem títulos. Não obstante, outrora pertenceu à nossa raça. Em resultado, todo o homem é agora um rei no exílio. Mas o privilégio sobrenatural de ser um filho de Deus, com direito a chamá-Lo Pai, foi sempre tão inatingível para a natureza do homem, como a vida é para um cristal. Se um pedaço de mármore subitamente rebentasse em flor, seria isto um ato "sobrenatural", pois não pertence aos poderes, à natureza ou às capacidades do mármore o florir. Se uma flor subitamente começasse a mover-se de lugar para lugar e a tocar, gostar, sentir, isso seria um ato "sobrenatural", pois não pertence aos poderes, à natureza ou às capacidades da flor possuir os cinco sentidos. Se um cachorro começasse subitamente a citar Shakespeare e Sófocles, isto seria um ato "sobrenatural" para um cachorro, pois raciocinar não pertence à natureza, aos poderes ou às capacidades de um cachorro. O homem é, por natureza, uma criatura de Deus, tão humildemente como uma mesa é a criatura dum carpinteiro. Se subitamente começasse ele a palpitar em uníssono com a própria vida de Deus, de modo a poder chamar a Deus, não apenas seu Criador, mas seu Pai, isto é um ato sobrenatural para um homem. O homem *torna-se* então algo que *não era*. Esta elevação da sua natureza só pode ocorrer como um dom de Deus.

Uma planta é mais do que a soma dos produtos químicos que a compõem, porque uma planta possui uma qualidade X que não é a ordem química; um animal é algo mais do que a soma das qualidades da planta, porque possui um X que não se encontra na ordem antecedente; e, da mesma maneira, o homem possui uma qualidade X que o torna diferente do animal, algo que o torna capaz de rir, de pensar e de amar livremente. Mas quando um homem entra na ordem sobrenatural, introduz-se nele nova e maior qualidade X, algo que é diferente na sua natureza da soma de virtudes meramente naturais que ele possa ter possuído antes. É por isso que, através

das Sagradas Escrituras, é o homem constantemente convidado a tornar-se algo que *ele não é*. Afirma-se, nas sagradas Escrituras, uma diferença entre fazer e gerar. Fazemos o que é diferente de nós: por exemplo, um homem faz uma mesa. Mas geramos aquilo que é igual a nós: por exemplo, um pai gera um filho. Considerando que fomos feitos por Deus, somos diferentes d'Ele na Sua Natureza Divina; considerando que somos gerados por Deus, podemos tornar-nos iguais a Ele, ser participantes da Sua Natureza, tomar o nosso lugar como Seus Filhos e Herdeiros do Reino de Deus. Isto só é possível em virtude duma miraculosa elevação, que não é nossa por direito ou natureza, pois se a ordem sobrenatural fosse natural ao homem, então o próprio homem seria Deus.

Isto suscita a importante questão de *como* pode o homem tornar-se maior do que era – do que acontece quando um homem se converte. A resposta é a seguinte: O homem é erguido à ordem sobrenatural e convertido de criatura em participante da Natureza Divina. Isso só pode sobrevir através da graça de Deus, com a qual o próprio homem colabora livremente.

Há em toda a natureza uma lei que diz que nenhuma ordem mais baixa jamais se ergue a uma ordem mais alta sem duas coisas: deve haver uma descida da ordem mais alta à ordem mais baixa, e, em segundo lugar, a ordem mais baixa deve submeter-se à mais alta. Antes de poderem os fosfatos, o carvão, a luz do sol e a humidade ser absorvidos na vida da planta, deve a planta descer à ordem quimica e absorvê-la em si mesma; e os fosfatos, o carvão, a luz do sol e a umidade têm de abandonar a sua existência mais baixa ao serem elevados. A planta não pode começar a viver no animal, a menos que primeiramente o animal descaia até a vida da planta e a eleve até si mesmo; mas a planta também se imola ao animal - tem de ser arrancada das suas raízes e triturada pelas próprias mandíbulas da morte. Depois, e somente depois, começa ela a viver no reino animal e a partilhar as alegrias da sensação que não possuía antes. O animal começa a viver no homem somente quando o homem desce ao animal e o absorve em si; mas o animal, por sua vez, deve submeter-se à faca e ao fogo, pois somente pela submissão à sua baixa existência pode começar a viver no reino mais elevado do homem. Então participa o animal da vida de um ser humano que pensa, que quer e que ama. Se as plantas e os animais

pudessem falar, diriam as coisas que estão abaixo deles: “A menos que morrais, não podereis viver no meu reino.” O homem, que pode falar, diz aos minerais, às plantas e aos animais: “A menos que morrais para a vossa natureza mais baixa, não podereis começar a viver no meu reino.” A recompensa da imolação de todas essas ordens mais baixas é que agora vivem no homem uma espécie de existência bem mais magnífica do que a que poderiam atingir em si mesmas. Passam a viver sob novo governo, a sua existência fica enobrecida, a sua vida enriquecida, a sua natureza elevada. Esta é a recompensa da sua submissão.

Como começa o homem a viver a vida mais alta em Deus? Antes de tudo, deve Deus descer até ele, o Eterno deve invadir a história humana: é este o significado da Encarnacão. Em segundo lugar, deve o próprio homem submeter a sua natureza mais baixa. Mas aqui aparece uma diferença entre o homem e todas as outras criaturas. O homem é uma pessoa que a luz do sol, a erva e as vacas não são. As suas naturezas mais baixas são destruídas pela submissão deles ao homem, mas desde que o homem é uma pessoa, a sua personalidade é indestrutível. O que o homem submete, pois, não é toda a sua natureza, mas somente aquela parte dela que é pecadora, que é diferente de Deus. Na conversão um homem sofre uma mortificação, uma espécie de morte espiritual, mas a sua personalidade sobrevive.

O ato especifico por meio do qual um homem morre para a sua natureza mais baixa é o Sacramento do Batismo. Este começo da sua vida sobrenatural não marca uma simples mudança de direção, mas uma elevação ou, melhor ainda, uma regeneração. Podemos portanto compreender porque o velho que perguntou o que deveria fazer para ser salvo recebeu de Nosso Senhor a resposta de que deveria nascer de novo. O velho Nicodemos pensava que estas palavras significavam que deveria ele entrar de novo no ventre da sua mãe, mas Nosso Senhor informou-o de que “... quem não renascer por meio da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne, é carne: e o que nasceu do espírito, e espírito.” (João 3, 5-6). O âmago do próprio cristianismo é a inspiração para o homem de lutar para se tornar-se algo que ele não é: “Mas a todos os que o receberam, deu poder de se tornarem filhos de Deus aos que crêem no seu nome: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade de carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” (João 1,12-13).

Assim como a alma dá vida ao corpo, da mesma forma a graça, ou participação na Natureza Divina, dá vida à alma. Um corpo pode estar vivo quando a sua alma está morta: “Se tens o nome de ser vivo: e estás morto...” (João 3,1). Aos olhos do espírito, cada metrópole e cidade estão cheias de tais cadáveres espirituais. As pessoas parecem estar vivas; comem, vão aos cinemas, casam-se, tratam de política e têm uma oportunidade entre 12.000 de ser entrevistadas por um Relatório Kinsey, mas as suas almas estão mortas. Contudo esta morte não necessita de ser permanente, pois enquanto há vida física, há esperança espiritual para todo o homem. Enquanto há respiração, há ainda uma possibilidade de que a natureza humana venha a ser divinizada pela graça.

Aqueles que estão espiritualmente vivos não vêem Jesus Cristo como apenas um mestre de moral ou um grande humanista. Sabem que Ele pode ser chamado mais apropriadamente o Grande Divinatário, Deus em carne humana, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, cuja finalidade ao vir a esta terra foi restituir-nos aquela vida sobrenatural perdida pelo pecado original: “Eu vim para que tenham vida e possam tê-la mais abundantemente” (João 10,10). No universo visto do ponto de vista divino, não há raças ou nações. Há, porém, duas humanidades. Há os que nascem da carne e pertencem à humanidade de Adão; mas os que nasceram do espírito pertencem à nova e redimida humanidade do novo Adão, Cristo, que teve Maria como mãe. O que o nascimento físico é para a criança da natureza, o Batismo é para a criança espiritual de Deus. Os filhos parecem-se com os pais, porque participam da mesma natureza; assim, graças ao Batismo, os filhos espirituais começam a parecer-se com Deus, pois agora nasceram da Sua Natureza.

Há outros paralelos entre o físico e o sobrenatural. Para a humanidade viver a sua vida natural requerem-se sete condições: os homens devem ser nascidos; devem ser nutridos; alguns deles devem crescer até à maturidade e assumir as suas responsabilidades; se os seus corpos forem feridos, as feridas devem ser curadas; se há doença, os sinais daquela doença devem ser apagados; deve haver propagação para perpetuidade da raça e a humanidade para sobreviver deve viver sob alguma regra de ordem e governo. A fim de podermos levar a vida sobrenatural, o Nosso Bendito Senhor instituiu sete Sacramentos, análogos a essas sete condições da vida

física. Os sinais materiais são usados nos Sacramentos, como canais para a comunicação da Sua graça. Se fossemos anjos, não necessitaríamos de tais sinais visíveis, mas desde que temos corpos, tanto como almas, e desde que a natureza se rebelou pela ofensa do homem, é conveniente que a natureza também seja restaurada para Deus. Daí o uso do óleo, do pão, da água, das mãos e do vinho na administração dos sete Sacramentos.

Assim como um homem deve ser nascido antes de poder começar a viver a sua vida física, da mesma maneira deve ser nascido para viver uma Vida Divina. Este nascimento ocorre no Sacramento do Batismo. Para sobreviver, deve ele ser nutrido pela Vida Divina; isto é feito pelo Sacramento da Sagrada Eucaristia. Deve crescer espiritualmente e assumir as suas responsabilidades espirituais; isto é realizado pelo Sacramento de Confirmação. Deve curar as feridas do pecado; para isto existe o Sacramento da Penitência. Deve apagar os traços do pecado no final, preparar-se para a sua jornada até a vida eterna; para isto há o Sacramento da Santa Unção. O homem deve também prolongar e edificar o Reino de Deus, para o que lhe é dado o Sacramento do Matrimónio. Deve viver sob um governo espiritual; isto é provido por meio do Sacramento das Sacras Ordens no sacerdócio.

A natureza *faz* a natureza humana, mas a graça *refaz* a natureza humana. Todas aa pessoas nascidas podem também regenerar-se, renovar-se e reviver, se estabelecem contato com novas e divinas fontes de energia. O cristianismo dá um alto valor à natureza humana, mas não leva demasiado longe a sua confiança nesses poderes por si sós. Diz que o homem na sua natureza humana não é santo nem demónio; não é intrinsecamente corrupto, nem imaculadamente concebido. Necessita de assistência divina para aperfeiçoar essa natureza. E é vantajoso para ele, não importa quão mau tenha sido no passado; até mesmo um homem que apedrejou um mártir como Estevão, como Paulo fez, pode ainda ser salvo, não por si mesmo, mas pela graça de Deus, como Paulo foi. E desde que a nova energia e o novo poder para redimi-lo vêm de Deus, está fora de propósito que qualquer homem proteste: “Não sou bastante bom.” Sem dúvida que não. Nenhum homem é bastante bom. Mas ocultas reservas de poder estão disponíveis para quem que assim deseje. Foi por isso que o Nosso Salvador disse:

“Pedi, e vos será dado: buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.” (*Mateus* 7,7).

Os que carecem de graça – esse dom de Deus que é dado tão livremente – têm vida física mas não têm vida espiritual. Isto suscita a pergunta: “Por que não aceitam todos a graça?” A resposta deve ser encontrada no facto de que o homem, único em toda a natureza, é livre. A erva não precisa de consultar a humidade antes de absorvê-la em si; a vaca não necessita suplicar à erva que venha com ela para o reino animal; mas o homem é livre e Deus não derrubará portas para impor às nossas vontades um destino mais alto. O Divino pode apenas rogar e suplicar; mostrará quanto nos ama, morrendo para redimir-nos. Mas não usará de força, mesmo para salvar-nos da nossa própria preferência míope por uma porção de vida mais mesquinha.

Algumas pessoas em países atrasados recusam vacinar-se; têm medo de ser salvas por um mistério que não compreendem. Algumas pessoas doentes não querem ver um médico; têm medo de que ele possa aconselhar uma operação como condição de recuperação da saúde. No reino espiritual também, podemos recusar a nossa cura. Não podemos iniciar a nossa própria salvação, pois o primeiro movimento de regeneração vem de Deus, mas podemos impedi-lo pela nossa recusa em colaborar. A graça e a liberdade humana estão relacionadas como as duas asas de um pássaro; ambas são necessárias para o vôo. A graça é um dom e todo dom pode ser rejeitado. O amor nunca é imposto. Impô-lo seria destruir o amor.

Pelo facto de ser a aceitacão da graça um ato livre, implicando uma escolha, segue-se que alguns homens relutarão sempre em aceitá-la, especialmente desde que, de maneira invariável, exige um sacrificio, O rico jovem do Evangelho foi embora triste porque tinha grandes bens. Santo Agostinho em certa época da sua vida disse: “Amado Senhor, quero ser bom, mas mais tarde, não agora”. O grande problema, que enfrenta toda a criatura humana, diz respeito, não à sublimação mas à elevação. Está ele querendo submeter o mais baixo para descobrir os êxtases do mais alto? Deseja ele bastante a Deus para dominar os obstáculos que o conservam distante? Ama ele bastante a luz do sol para abrir os postigos que o seu próprio agnosticismo baixou?

A aceitação da graça não é uma coisa passiva. Exige uma submissão de alguma coisa, mesmo que seja apenas do nosso orgulho. Só este facto daria pausa àqueles naturalistas que nos dizem que o sobrenatural é apenas um mito, pois desde quando exigem os mitos e fantasias tais sacrifícios ou fazem perguntas tão difíceis de refutar? Os mitos pedem apenas credulidade e nunca que se arranque um olho ou se corte fora um braço, como faz o Evangelho. Contudo estes sacrifícios devem ser feitos, este preço pago, se quisermos viver vidas plenas. Nenhum escultor pode cinzelar, nenhum artista pode pintar, a menos que se afaste da tagarelice barulhenta, a fim de comungar com o belo; assim podemos ganhar intimidade com a Divindade somente se respondermos ao convite da graça de Deus com uma voluntariedade capaz de fazer-nos ceder algum vistoso tesouro, de entregar o campo, a fim de comprar a pérola de grande preço.

VOU AQI NA REVISÃO

Então a vida pode realmente começar, pois, sem o dom sobrenatural, todo o homem ainda não está desenvolvido. Alimentai um homem até que fique “nutrido”; cercai-o de maneira que satisfaça todas as suas paixões; dai-lhe licença para fazer o que quer que lhe agrade; encastelai-o; engaiolai-o; saciai-o; acaricia-o; diverti-o! E invariavelmente, sempre e sempre, estará ele ainda buscando aquilo que não tem, apoderando-se de algo já além do seu alcance, ansiando pelo que não é do mundo no coração do mundo. Sem esta grande realidade que é Deus, o homem conhece-se apenas como semi-real e adequadamente se define como “Não sou”. Assim, vagamente percebe a grande necessidade d'Aquele que se define como: “Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão fosse feito, eu sou” (João 8,58).

A recusa do dom sobrenatural de Deus é o engano mais trágico que o homem possa cometer. A sua aceitação chama-se conversão. Contrariamente à crença comum, uma conversão não é causada pelas emoções; as emoções refletem apenas um estado mental, e esta mudanca concerne à alma. A esse processo, também, está restrito à ordem da natureza. A conversão olha para cima, não para dentro; é uma experiência de modo algum relacionada com a maré invasora do inconsciente na consciência de um homem. A conversão, antes de tudo e principalmente acima de tudo mais, é devida à Graça Divina, um dom de Deus que ilumina

o nosso intelecto para que perceba verdades que nunca percebemos antes e revigora a nossa vontade para seguir aquelas verdades, mesmo que exijam sacrifícios na ordem natural. A conversão é devida à invasão de um novo poder, à intima penetração de espírito em espírito, à influência do imutável sobre o caráter fluido do homem.

Na sua nova certeza da presença do Poder Divino, o indivíduo volta-se para toda a sua personalidade, e não para o seu “eu mais alto”, mas para o novo eu mais alto, que é Deus. Aqueles que têm respondido a este dom da graça começam por perceber a presença de Deus duma maneira nova. A sua religião deixa de ser “moralística” no sentido de que um homem se submete simplesmente a um código, a uma lei, e sente a necessidade de obedecer a elas como um dever. A religião também se ergue acima do nível pietista, no qual existe uma amável recordação de Nosso Senhor, uma espécie de sentimental companhia de viagem, através de hinos e sermões, com Alguém que viveu há 2000 anos atrás. Pois embora muitas pessoas tenham descoberto uma considerável completação emocional neste plano pietístico, não é cristianismo e não se torna cristianismo, enquanto não se entrar no terceiro estágio, o Mistico. Aqui afinal – onde Cristo realmente mora nos nossos corações, e onde há uma certeza enraizada no amor, e onde a alma sente o tremendo impacto de Deus operando sôbre ela — aqui se encontra a alegria que ultrapassa qualquer compreensão.

CAPÍTULO 14
Os Efeitos da Conversão

Os espíritos atormentados de hoje não são os efeitos do nosso mundo atormentado. Foram os nossos espíritos transtornados que transtornaram o mundo. Não há essa coisa que se chama o problema bomba atómica. Há, pelo contrário, o problema do homem que a fabrica e a utiliza. Somente homens e nações cujas personalidades já estavam atomizadas podiam juntar forças às da natureza externa para usar uma bomba atómica num ataque contra a existência. O homem, tentando viver separado de Deus ou provocando a Deus, tornou o mundo tão delirante como o seu próprio espírito neurótico. A crise de hoje é tão profunda nas suas causas que todas as tentativas sociais e políticas para resolvê-las estão destinadas a não produzir efeito, como o talco na cura da icterícia. É o homem que tem de ser refeito em primeiro lugar. Depois a sociedade será refeita pelo novo homem restaurado. Os ditadores que deram às praias do século XX não são criadores da desordem, mas antes suas criaturas. São sintomas e não causas da universal derrocada de uma ordem moral no coração do homem. A constante recusa do homem em permitir que um poder divino super-Heróico penetre no seu espírito fechado é o orgulho que prepara a catástrofe. A maior parte dos homens está intuitivamente certa que nenhuma mudança, exceto uma mudança espiritual, será suficiente. A extrema sensitividade e a cólera pronta daqueles que fomentam revoluções contra a sociedade e a moralidade como remédio são uma prova da insegurança da sua posição. A violência da sua oposição a toda a crítica é um sinal seguro da indefensibilidade da sua própria posição. Suspeitam mesmo que a humanidade tem menos necessidade de revolução que de redenção.

O homem pode redimir-se pela sua própria razão ou pelo seu próprio poder, mas pode usar tanto da razão como do poder em cooperação com a Graça Divina, e é o que faz quando se converte. É tempo agora de falar do efeito de tal conversão sobre a alma. A alma acha-se agora aberta ao trabalho da Graça Santificante, que eleva a nossa natureza a ponto de nos tornarmos algo que não éramos naturalmente partícipes da natureza Divina que desceu ao nível da nossa mortalidade para nos fazer partilhar da sua vida. Esta nova graça que acrescenta a filiação divina à humana de modo

que nos tornaremos Filhos de Deus tanto quanto filhos dos nossos pais, não é extrínseca à alma ou mera atribuição do mérito de Cristo. Há uma realidade na alma que não estava ali antes, uma realidade criada que vem diretamente do próprio Deus, uma realidade que nós mesmos não podemos merecer, no estrito, sentido do termo. É por isso que se chama Graça, é grátis, ou livre.

Um efeito da graça é que o Nosso Divino Salvador não é mais extrínseco a nós, como é para aqueles que pensam n'Ele como apenas uma figura histórica que viveu há mais de 2000 anos. Se o nosso Divino Salvador tivesse permanecido na terra, estariam eles certos. Seria Ele apenas um exemplo a ser copiado, uma voz a ser ouvida. Mas uma vez que Ele ascendeu ao céu e nos mandou o seu espírito, então cessou de ser apenas um modelo a ser copiado e tornou-se uma Vida a ser vivida.

Embora estejamos mais interessados em apontar aqui os efeitos psicológicos da graça sobre a alma do que os seus vários efeitos teológicos, dois destes são demasiado importantes para omiti-los. São eles a Divina Presença na alma depois do Batismo e a incorporação do indíviduo no Corpo Místico de Cristo. “Presença de Deus” é uma frase usada bastante livremente hoje para abrigar alguma coisa, desde o panteísmo dos poetas Panteísmo do Lago até o vago sentimentalismo dos românticos, que gostam dos bosques porque “sentem” Deus ali. Deus, na verdade, está presente no universo de várias formas, como um artista pode estar presente de vários modos, por exemplo, na sua pintura, como o seu criador, num museu, como representante da cultura, e em seu Filho, como pai. Deus está presente no universo todo como causa e, neste sentido, está nas flores e nas árvores. Mas uma presença bem mais íntima se evidenciou na Encarnação, em que Deus apareceu como homem no coração duma nova humanidade que iria tornar-se o Seu novo corpo.

A Encarnação (na União Hipostática) fez Deus homem. A união da graça e da natureza faz-nos homens deificados. Assim como as ações de Jesus Cristo eram tanto divinas como humanas, da mesma maneira as de um homem em estado de graça são como divinas, sendo exercidas tanto por Deus como pelo homem, estas ações merecem o céu. A presença de Deus em tal alma não é uma simples maneira sentimental de falar, mas uma posse

real. Pelo facto de nos termos tornado filhos adotivos de Deus por termos nascido dele, vivemos agora pelo Espírito de Cristo. "*Porque vós não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, mercê do qual clamamos, dizendo: Abba (Pai).*" (Rom. 8, 15). O corpo tornou-se agora templo de Deus." *Porventura não sabeis que os vossos membros são templo do Espírito Santo, que habita em vós, que foi dado por Deus, e que não pertenceis a vós mesmos?* " (Cor. 6, 19).

Cristo é a Cabeça de tais almas santificadas e elas conservam-se em relação com Ele, como membros do seu corpo. "*Ele submeteu a seus pés todas as coisas, e constituiu-o cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo e a plenitude daquele que tudo preenche em todos.* " (Efésios 1, 22-23). A relação entre Cristo e o seu Corpo, a Igreja, disse o Próprio Cristo que era como a da vinha e dos seus ramos. "*Resta ainda um pouco, e depois já o mundo não me verá. Mas ver-me-eis vós, porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós.* "(João 14, 18-20). "*Vós já estais puros em virtude da palavra que eu vos anunciei. Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode por si mesmo dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós as varas. O que permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer.* "(João 15, 3-5).

Jacques B. Bossuet exprimiu esta íntima relação de Cristo com o seu corpo, a Igreja, descrevendo esta última como o "prolongamento da Encarnação". Cristo pode ter somente um Corpo, portanto não pode haver muitas igrejas. Qualquer Igreja fundada esta manhã ou ontem de tarde, ou mesmo há cem anos passados está demasiado distante do Pentecostes para ser Corpo de Cristo. O corpo e a Alma, a Igreja e o Espírito Santo, devem ter sido aliados desde o começo.

A unidade entre os membros desse corpo não pode ser uma associação vaga e indeterminada que qualquer membro tem liberdade de mudar, da mesma maneira que um corpo humano não pode ser mudado, tendo muitas vezes um olho e uma orelha, ou não tendo coração e sete pulmões. A unidade dos fiéis no Corpo de Cristo não é organizacional, embora seja

necessária uma organização e embora aqueles que admiram a Igreja pela sua unidade de crença, de fé e liturgia atribuam isto à sua organização. A Igreja é antes um organismo. Assim como um corpo humano é um porque tem uma alma, uma cabeça visível e um espírito invisível, da mesma maneira a Igreja, o Corpo Místico de Cristo, é uma porque tem uma alma - o Espírito Santo de Deus, uma cabeça visível - Pedro e os seus sucessores, e uma cabeça invisível - Cristo. Assim como Cristo tomou a natureza humana no ventre da sua mãe (que engendrou pelo Espírito Santo) da mesma maneira o tomou do ventre da Humanidade (santificada pelo Espírito Pentecóstico) o seu Corpo Místico, a Igreja. Cristo ensina através do seu Corpo, portanto, a sua Doutrina é infalível. Governa por meio do Seu Corpo, portanto, a autoridade é divina. Santifica por meio do Seu Corpo, portanto, a santificação realizada pelos sacramentos não depende da personalidade ou do caráter daqueles que administram os sacramentos. A Igreja é o *Totus Christus*, O Cristo Inteiro, e complementa o Cristo Individual. No seu aspecto físico o Corpo de Cristo é perfeito, mas no seu aspecto místico está simplesmente crescendo em perfeição, pois agora inclui não somente Ele, mas nós, com as nossas imperfeições. As orações, os sacrifícios e as liturgias da Igreja são oferecidos não pelos membros sozinhos, não por Cristo, a cabeça sozinha, mas pela Cabeça e membros Reunidos para a Glória de Deus, o Pai Eterno. Nova célula é acrescentada ao Corpo Místico de Cristo em cada batismo.

É o suficiente para os dois mais conspícuos efeitos da conversão em termos teológicos. Mas os efeitos psicológicos da conversão e incorporação no Cristo Total são aqueles aos quais o convertido e os que o cercam se mostram muitas vezes mais sensíveis.

Há em primeiro lugar uma *rescentralização de vida e uma revolução de todos os seus valores*. Este reajustamento novo e intelectual da mente para dar lugar a Deus é uma prova de que a conversão não é uma questão emocional, pois as emoções não controlam normalmente os juízos. Antes da conversão a vida é um borrão confuso e ininteligível, como as figuras em uma lanterna japonesa achatada; depois, assemelha-se àquela mesma lanterna aberta em toda a sua altura, com uma vela dentro para revelar a unidade do padrão e do desenho. A fé não somente põe a vela dentro da lanterna da vida, mas também a ilumina. Uma pessoa altamente educada

antes da conversão pode ter tido vasto conhecimento de história, literatura, ciência, antropologia e filosofia, mas estes ramos do seu saber estavam divididos em compartimentos estanques, sem correlação viva de um com os outros, eram apenas isoladas gulodices de informação, um vasto “hors d‘oeuvre” de pormenores. Depois da conversão os mesmos factos são reunidos numa unidade, ordenados numa hierarquia do saber que revela uma prova dominadora da providência na história e confere também nova unidade à vida pessoal de cada um. O que era antes informação tornou-se agora sabedoria.

A alma não convertida sentia-se muitas vezes exausta, fatigada de ter gasto todas as suas energias procurando encontrar um objeto na vida. Estava cansada de espírito e depois cansada do corpo. O espírito que não pode decidir para onde está indo em seguida, logo se se esgota pela indecisão. As ansiedades e temores dominam o espírito e desperdiçam a energia do corpo. Mas uma vez descoberto o alvo da vida, não se precisa gastar a sua energia tentando descobri-lo; a energia pode agora ser gasta na realização da jornada. As viagens circulares são abandonadas, quando se mergulha na alegria de uma viagem de descoberta.

Muitos jovens estudantes de colégios sentem-se confusos porque não têm uma filosofia da vida ou um padrão de existência. A sua educação é apenas uma substituição dessa teoria por aquela, um alijamento de carga de um ponto de vista relativo para outro. As estatísticas que estudou nos seus anos do secundário já estão antiquadas no ano que se segue à sua formatura. Os seus professores, que empregavam a filosofia de Spencer como sua inspiração há vinte anos passado, estão agora usando a de Marx ou Freud. Dentro de outros dez anos terão encontrado outro substituto. A educação tornou-se pouco mais do que a substituição mecânica de um ponto de vista por outro, como o automóvel substituiu o cavalo e a carroça. O espírito é constantemente solicitado por pontos de vista contraditórios, torna-se mais fatigado do que um corpo em constante oscilação entre frio e febre. Com a conversão, a educação torna-se uma progressão ordenada de uma verdade que nunca precisa ser afastada para a seguinte. O estudante recebe razões e motivos de credibilidade para uma crescente penetração num mistério central, uma sondagem de novas profundidades de verdade. O seu saber e a

sua compreensão crescem como a vida se expande de célula em célula, no desenvolvimento de todo o corpo vivo.

Associada ao sentido de crescimento intelectual do convertido está a consciência de achar-se novamente possuído da herança intelectual do passado, de ter-se juntado a uma tradição viva de pensamento profundo. Um passado que se respeita é tão essencial à vida intelectual como o parentesco é essencial para a vida física, assim como o indíviduo não pode pensar sem uma memória, não pode tampouco uma sociedade pensar sem tradição. Não mais desenraizado do passado, mas tornado herdeiro da sua riqueza, o convertido deixa de visitar o passado como mero antiquário; junta o passado e o presente numa feliz conjunção, como passadeiras na direção do processo e do enriquecimento no futuro.

O julgamento de valores do convertido na sua vida pessoal não é menos radicalmente transformado. As coisas que antes pareciam preciosas são agora consideradas triviais, e as coisas que antes pareciam sem consequência tornaram-se agora a essência da vida real. Sem o senso divino dos valores que a conversão provoca, a alma é como um armazém onde onde as tabuletas de preços estão erradamente em cima de tôdas as coisas: grampos de cabelos vendidos por mil dólares e anéis de brilhantes por um níquel. A conversão pendura as tubuletas do preço certo nas coisas certas e restaura um verdadeiro sentido de valores. É por isso que a visão de um convertido se torna inteiramente mudada a respeito de assuntos tais como casamento, morte, educação, riqueza, dor e sofrimento. Assim como um vitral parece diferente, de dentro da Igreja, do que ele é de fora, da mesma forma todos os grandes problemas da vida assumem novo significado e sentido quando são encarados do interior da Fé. Ele agora vê por que a educação religiosa é essencial, pois a menos que a alma seja salva, nada estará salvo. O casamento é sagrado para ele porque é um símbolo da união de Cristo e da Igreja. O sofrimento torna-se suportável como um dom de Deus, a ser oferecido em reparação do pecado e para completar os sofrimentos que estão faltando ao Corpo de Cristo; a doença é aceita no conhecimento de que Deus está mais interessado pelo que eu sou para ele, do que pelo que eu realizei. A antiga avidez de segurança económica dá lugar a uma serenidade que não se preocupa com o amanhã antes que ele chegue e que confia em Deus a todas as horas. A paz não é mais

compreendida como significando uma fuga às cruzes da vida, mas como a vitória conquistada sobre elas pela fé.

Um segundo resultado perceptível da conversão é uma definitiva mudança no comportamento e conduta da vida. Não somente a conversão muda o valor de cada um; transforma também as tendências e energias da vida, dirigindo-as para outro fim. Se o convertido antes da conversão já estava levando uma boa vida moral, há agora menos ênfase em cumprir uma lei e mais ênfase em manter uma relação de amor. Se o convertido tem sido um pecador, a sua vida espiritual liberta-o de hábitos e excessos que antes lhe pesavam sobre a alma. Não necessita mais de recorrer ao álcool ou a comprimidos para dormir. Descobre muitas vezes que essa prática eram não tanto apetites como tentativas de fugir à responsabilidade ou de tranquilizar-se, mergulhando na inconsciência, para que pudesse evitar a necessidade da escolha. Antes da conversão era o comportamento que em larga escala determinava a crença, depois da conversão é a crença que determina o comportamento. Não há mais uma tendência em procurar bodes expiatórios em quem descarregar as suas faltas, mas antes uma consciência de que a reforma do mundo deve começar pela reforma de si mesmo. Há ainda um temor de Deus, mas não é o temor servil que um súbdito tem pelo ditador, mas um temor filial, tal como o que um filho vivo tem por um bom pai a que ele nunca quereria magoar. De tal amor não necessitaremos nunca de fugir e os anteriores atos de dissipação, que eram formas disfarçadas de fuga, são agora renunciados.

Uma vez que a alma se voltou para Deus, não há mais uma luta para abandonar aqueles hábitos; estão não somente derrotados, como afastados por novos interesses. Não há mais uma necessidade de fuga, pois não se está mais fugindo de si mesmo. Aquele que outrora fazia a sua própria vontade procura agora fazer a vontade de Deus; aquele que outrora servia ao pecado, agora o odeia; aquele que outrora achava os pensamentos de Deus secos ou mesmo desagradáveis, espera agora, acima de tudo, um dia para contemplar o Deus a Quem ama. A transição que a alma sofreu é tão inconfundível como a passagem da morte para a vida; houve, não um mero abandono do pecado, mas tal submissão ao Amor Divino que o faz fugir do pecado porque não quereria ferir o Divino Amado.

A consciência, assim transformada em um convertido, sofre uma mudança paradoxal. Não é quase mais como antes um senhor tão severo, a despeito da reforma de conduta. É a verdade que o procedimento mudou, mas isto é apenas uma prova superficial do facto de que a consciência está mudada. Antes da conversão a consciência parecia ser um poder restritivo e coercivo. Deus era um juiz hostil e exigente, os mandamentos eram proibições e a Igreja uma inibição. As responsabilidades eram identificadas como obrigação, o dever era visto como oposto ao desejo, o moralmente certo era identificado como fisicamente desagradável e o amor oposto à moralidade. Mas depois da conversão a consciência não mais acusa, nunca parece mandar ordenar, ou inibir, porque não há mais duas vontades em oposição. A vontade do convertido é a vontade de Deus. Não há necessidade para uma consciência de dizer-lhe o que "deveria ser feito". A consciência se abismou no amor e não há dever ou "deveria" entre amantes.

O dever, para o espírito pecador, era o cumprimento a contragosto de uma ordem. Agora, desejando somente o que Deus deseja, o convertido não precisa restringir os seus desejos; está além do bem e do mal, naquele reino em que não há dever de "porta-se bem", mas apenas a alegria de viver.

O que era anteriormente uma tarefa compulsória torna-se agora um prazer espontâneo. Os convertidos, que tinham o hábito de dormir tarde, ficam receosos a princípio de que não são capazes de levantar-se suficientemente cedo para a Missa de domingo, e não por certo, dir-vos-ão eles, bastante cedo para a missa diária. Mas uma vez possuídos do Divino Amor, descobrem que levantar cedo é uma alegria, pois nada é duro para aquele que ama. Antes a vida baseava-se na autodeterminação, e a vontade sempre trabalhava para salvaguardar o interesse próprio e o amor próprio. Depois, a vida é determinada por Cristo; o convertido não quer outro espírito senão o de Cristo, nenhuma outra vontade que não seja a vontade de Cristo. O procedimento mudou na sua fonte. Agora brota uma relação de amor. A generosidade é fácil, partilhar maçãs não fará os homens irmãos, mas se estão conscientes da sua relação como irmãos, partilharão alegremente uma maçã.

A nova vida moral não é austera nem árdua, porque não há mais um sentimento de que se tem de viver ligado a um contrato odioso, em vez

disso, o convertido é motivado por um sentimento de que nunca pode fazer o bastante por aquele que ama. A lembrança importuna de que se deve evitar o pecado foi substituída pelo desejo de que nada deve impedir-nos de nos aproximar cada vez mais de Deus. Desta nova orientação provêm a paixão e o zelo de um S. Paulo:

"*Porque eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a forca, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo nosso Senhor.* " (Rom. 8,38-39)

Mas mesmo isto não termina a lista dos novos benefícios do convertido. Ele recebe também *certeza*. A filosofia dá uma prova da existência de Deus, a ciência da apologética dá os motivos da crença em Cristo, o Filho de Deus, mas todas as provas incontrovertíveis que oferecem são insuficientes diante da certeza que agora o dom da Fé oferece ao convertido. Imaginai um jovem cujo pai estava perdido havia vários anos. Um amigo, de volta duma viagem, garante-lhe que tem prova segura de que o seu pai existe realmente em outro continente. Mas o jovem não está plenamente satisfeito com a prova, por mais convincente que ela seja; enquanto não se realizar a presença real do seu pai, não terá paz. O mesmo se dá com a conversão, antes tinha-se conhecimento *a respeito* de Deus, depois *conhece-se* a Deus. O primeiro conhecimento que o espirito tem é imaginário e abstrato; o segundo é real, concreto e liga-se a todos os nossos sentimentos, emoções, paixões e hábitos. Antes da conversão, as verdades pareciam verdadeiras, mas distantes, não nos tocavam pessoalmente. Depois da conversão tornam-se tão personalizadas que o espirito sabe que está terminada a busca de um lugar para viver, pode agora fixar-se para a construção de um lar. A certeza do convertido é tão grande que o seu espirito não sente que foi dada *uma* resposta, mas a resposta – a solução absoluta e final, pela qual se daria vida, em vez de submeter-se.

Como resultado, todas as dúvidas e o desespero do intelectual desaparecem e aqui a Igreja difere de todas as outras religiões do mundo. Nas outras religiões, as dúvidas aumentam com o desenvolvimento da razão, mas na Igreja a fé intensifica-se à medida que a razão se desenvolve.

Isto se dá porque a nossa razão e a nossa fé em Cristo e no Seu Corpo Místico derivam ambas do mesmo Deus da Luz, ao passo que a razão e a crença num mestre pagão tem muitas vezes fontes diferentes. A razão é de Deus, mas uma crença numa doutrina pagã provém simplesmente do ambiente externo ou através da propaganda. É historicamente verdadeiro que uma era de grande fé em Cristo é sempre uma era de razão profunda; a Suma do século treze de Tomás de Aquino é um exemplo. Esta é uma relação lógica: justamente como a razão é a perfeição dos sentidos, assim também a fé é a perfeição da razão. Um homem não vê nem anda tão bem quando está embriagado, como quando está sóbrio; os seus sentidos ressentem-se do poder aperfeiçoador da razão. Da mesma maneira, um espírito raciocinando sem fé não funciona tão bem como a razão com fé.

Aqueles que nunca passaram pela experiência de uma conversão completa imaginam que a razão deve abdicar completamente para dar um tal passo. Ouvimo-los fazer observações como esta: “Não posso compreender isto; ele parecia um homem inteligente.” Mas aqueles que passaram pela experiência de conversão vêem que justamente como o olho pisca fechando-se à luz por um instante, a fim de poder reabrir-se e ver melhor, assim também se pisca a razão naquele breve instante em que se admite que ela não pode conhecer todas as respostas. Depois, quando vem a fé, encontra-se a razão intacta e a visão mais clara do que antes. Tanto a razão como a fé são agora vistas como derivando do Próprio Deus; não podem portanto estar nunca em oposição. Sabendo disto, o convertido perde todas as suas dúvidas. A sua certeza na sua fé torna-se inabalável. Na verdade são as suas antigas noções que se acham agora aptas a ser abaladas pelo terremoto da sua fé.

Agora a certeza na divindade e infalibilidade de Cristo em tudo aquilo que implica, ultrapassa mesmo a evidência e os argumentos em favor delas, pois a certeza deriva do Próprio Deus. “Não foi a carne e o sangue que te revelou, mas Meu Pai que esta nos céus.” (Mat. 16,17.) Agora o convertido compreende que há três luzes para guiar o homem à sua felicidade: há a luz do sol para os seus sentidos, a luz da razão para as suas ciências e a teologia e a luz da fé para a sua religião e salvação. Aqueles a quem falta o dom da fé e aqueles que o têm são como duas pessoas olhando para o arco-íris: uma delas é cega e a outra é abençoada com a vista. Há criancinhas nas nossas

escolas paroquiais que nunca poderiam responder às objeções de sábios professores que viessem atacar a sua fé; contudo tais objeções não abalariam a sua fé mais do que se tentassem provar que os seus olhos não podiam ver a cor, nem os seus ouvidos ouvir os sons.

Esta ausência de confusão, está convicção absoluta da Verdade Divina e Absoluta é uma das maiores consolações para o fiel. A alma convertida vê-se a si mesma como o cego de nascença, agora curado para a visão e para a luz. Em resultado a alma torna-se mais ousada nos seus julgamentos; as vendas estão agora removidas e tem ela um modelo divino pelo qual julga não somente as suas próprias ações, mas os acontecimentos do mundo que o cerca. Somente um homem de fé pode compreender a atual situação do mundo; somente ele a avalia como não sendo o choque de sistemas políticos antagónicos, mas o julgamento moral da maneira que os homens pensam e vivem. Mesmo em meio de tribulações tais como as de hoje, a sua fé produz paciência e produtividade; graças ao magneto da fé, todos os seus fragmentos de ideias espalhados são como limalhas de ferro, feitas de uma só peça e cobertas com uma só energia.

Mas alguns certamente perguntarão: “A conversão e a aceitação da autoridade da Igreja como a autoridade de Cristo não destruirá a liberdade humana? Não implicará a aceitação do absoluto da Igreja o autoritarismo?” A resposta é negativa.

A olhos míopes, poderá de facto parecer que haja uma semelhança superficial entre aceitar a autoridade da Igreja e aceitar o autoritarismo de um Estaline. Mas há três profundas diferenças entre os dois.

Primeiro, o autoritarismo da politica moderna é externo; a autoridade da Igreja é interna. A regra do ditador é imposta de fora, exerce-se sobre alguém tão insistentemente como o latido de um cachorro aos calcanhares dos carneiros e é aceita acovardamente e sob pressão. A submissão a regras arbitrárias, que não coincidem com os nossos próprios melhores julgamentos, leva à completa destruição da personalidade. Mas a autoridade da Igreja nunca é arbitrária, nem nunca comunicada inteiramente de fora. Coincide com a Verdade de Cristo, que já existe na alma e que foi aceita sob prova que a nossa razão aprova. Aqui a autoridade está de acordo com a nossa consciência e completa a personalidade que a ela se submete. A

relação entre o cristão e a Igreja é bastante semelhante à que existe entre um estudante e um professor: quanto mais o estudante aceita a autoridade do professor, tanto mais aprende dele e tanto menor se torna a brecha que os separa; poderá ele mesmo tornar-se um dia um associado daquele professor. Foi semelhante submissão a esta autoridade espiritual de que falou Nosso Senhor aos Seus apóstolos: “Já vos não chamarei servos porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai.”(João 15,15)

Há uma segunda diferença: o estado totalitário para tornar aceitáveis as suas caprichosas regras, deve sempre ter como objetivo a supressão da liberdade de escolha. Dirá por exemplo a um cidadão que ele não tem liberdade de trabalhar no que quiser e de viver onde lhe agradar. Mas a autoridade da Igreja procura, exercitando os seus filhos no uso próprio da liberdade de escolha, desenvolver a liberdade de perfeição. Longe de desencorajar o indivíduo a seguir as suas próprias preferências, a Igreja devota muito da sua energia a ensiná-lo como escolher e a escolher sabiamente. Um instrutor de aviação ensina a um candidato as leis do voo, os princípios de gravitação e navegação. Depois é dada ao estudante plena liberdade de escolha; pode obedecer ou desobedecer às leis do vôo. Se usa de sua liberdade para desobedecer, cairá, estatelando-se… Se usa da sua liberdade para obedecer as leis que aprendeu, gozará o prazer de voar. A Igreja igualmente nos ensina as leis que governam a realidade e as consequências da sua infração. É isto que Nosso Senhor quis significar quando disse: “*E conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.* ” (João 8:32) Porque a liberdade moral, como toda outra liberdade, é limitada pela ordem do universo. Tendes liberdade de desenhar um triângulo (contanto que lhe dês três lados em vez de trinta); tendes liberdade de desenhar uma girafa (contanto que respeiteis a sua natureza dando-lhe um pescoço comprido e não um curto); tendes liberdade de ensinar química (contanto que digais aos estudantes que a água é H2O e não H2SO). O mesmo se dá com a Igreja: temos liberdade de rejeitar os ensinamentos de Cristo na Sua Igreja, justamente como temos liberdade de ignorar ou de desobedecer às leis da engenharia; mas descobriremos que a rejeição das suas leis nunca nos leva à perfeição da nossa personalidade, como loucamente esperávamos. Resulta, em vez disso, uma mórbida afirmação do ego, que pode até mesmo conduzir à autodestruição.

A vida pode assemelhar-se a um brinquedo de crianças. O totalitário construiria para elas um campo de recreio onde todos os seus movimentos são supervisionados, onde tem ordem de executar apenas aqueles jogos que o estado dita, jogos que as crianças quase todas detestam. O resultado é sem duvida faltar a liberdade de escolha; mas, em adendo, toda a esperança e toda a espontaneidade estão perdidas para as crianças. O campo de recreio, porém, estabelecido pela Igreja pode ser comparado a um rochedo no mar, cercado de grandes muros; dentro desses muros as crianças podem dançar, cantar e brincar como lhes aprouver. Os liberais pediriam à Igreja que derrubasse os muros, baseados em que são eles uma influência restritiva; mas se se fizesse isto, haveríeis de descobrir todas as crianças misturadas no centro da Ilha, com medo de brincar, com medo de cantar, com medo de dançar, com medo de cair dentro do mar. A autoridade espiritual assemelha-se àqueles benéficos muros. Ou, de novo, é como uma represa que impede o rio do pensamento de tornar-se tumultuoso e destruir a região da sanidade.

A terceira diferença entre a disciplina do estado autoritário e a da Igreja concerne ao efeito que a sua autoridade produz sobre o indivíduo. O totalitarismo gera o medo nos corações dos seus súbditos, porque habitualmente reforça a sua vontade pelo chicote, pela cadeia, pelo campo de concentração e pela falsa acusação que difama um homem. Desenvolve assim a hostilidade dentro do coração dos seus súbditos. A autoridade da Igreja, uma vez que é interna, não usa absolutamente de ameaça, medo ou compulsão; repousa antes, no eco que cada uma das suas regras desperta no coração e no espírito do indivíduo. Cada qual dos seus súbditos é tão livre de rejeitar a Igreja como o foi Judas; como Judas, no momento da sua partida, pedes-lhe que volte com a bondosa palavra “amigo”. As pessoas submetem-se à autoridade da Igreja como um filho se submete à autoridade do seu pai – e deste amor flui uma ardente admiração e gratidão. À luz dessas diferenças, é evidente que a real escolha oferecida hoje não é entre liberdade da autoridade e submissão a autoridade. É antes uma questão de escolher que espécie de autoridade aceitaremos.

O homem moderno está tão confuso que, apesar de falar em liberdade, está muitas vezes ansioso em renunciar a este dom em favor da segurança. Mesmo quando nenhuma segurança maior lhe é oferecida em troca, está ele ávido por abandonar a sua liberdade de escolha; não pode suportar a carga

da sua responsabilidade. Cansado de estar só, amedrontado e isolado em um mundo hostil, quer entregar-se a alguma coisa ou a alguém, para praticar uma espécie de mutilação da vontade. Entregar-se-á à autoridade anónima de um estado coletivista, ou aceitará uma autoridade espiritual que lhe restaure a liberdade com a aceitação da verdade?

A Igreja não torna o homem menos livre do que ele era antes. Mas nós valorizamos principalmente a liberdade a fim de aliená-la. Todo o homem que ama entrega a sua liberdade, quer a sua paixão seja amor de uma mulher, o amor de uma causa ou o amor de Deus. Quando um homem ama uma mulher, diz: “Sou teu”, e a entrega da liberdade o faz cair numa doce escravidão. Todo o homem que ama a Deus diz, como Paulo disse: “Que queres tu que eu faça?” (Atos 9,6). E acrescenta, como fazemos no Padre Nosso: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.” Em ambos os exemplos, a liberdade é entregue em troca de uma alegria maior. A liberdade acumulada é de pequeno valor. Gasta, por alguma coisa que amamos, traz a paz e aperfeiçoa a personalidade na lei e no amor de Deus.

A nova certeza do convertido é, pois, uma coisa preciosa e bastante diferente do abandono da vontade do intelecto que alguns imaginam que ela seja. Mas a relação completa dos benefícios da conversão ainda não está terminada. Devemos falar de outro dom batismal: a paz da alma. Há um mundo de diferença entre paz de espírito e paz de alma. A paz do espirito é o resultado da vinda de algum princípio ordenador para equilibrar as experiências humanas discordantes; isto pode ser realizado pela tolerância ou por um trincar de dentes diante da dor, pela morte da consciência, ou pela negação da culpa ou pela descoberta de novos amores para mitigar velhos pesares. Cada um destes é uma integração, mas em um nível bastante baixo. A esta espécie de paz Nosso Senhor chama de falsa e assemelha-se ao viver sob o domínio de Satanás: “Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa estão em segurança os bens que possui.” (Lucas 11, 21) É a paz daqueles que se convenceram de que são animais; a paz dos completamente surdos a quem nenhuma palavra de verdade pode chegar aos ouvidos; a paz dos cegos que se resguardam contra todo o raio de luz celestial. É a falsa paz do servo indolente que tinha o mesmo talento tanto no fim como no começo, porque ignorava o julgamento que exigiria uma conta da sua administração. É a falsa paz do

homem que construiu a sua casa sobre a estrada movediça, de modo que desapareceu com as cheias e as tempestades. É com essa falsa paz de espírito que Satanás tenta as suas vítimas. Fá-la parece refinada aos refinados, sensual aos sensuais e grosseira aos grosseiros.

A conversão tira a alma para fora do caos ou desta falsa paz de espírito para a verdadeira paz da alma. "*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz: não vo-la dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se assuste*" (João 14, 27). Esta verdadeira paz nasce da tranquilidade na ordem, em que os sentidos estão sujeitos à razão, a razão à fé e toda a peersonalidade à vontade de Deus. A verdadeira paz que acompanha a conversão é aprofundada e não perturbada pelas tribulações, pelos contratempos e pelas inquietações do mundo, pois todos eles são acolhidos como vindos das mãos do Pai amoroso. Esta verdadeira paz nunca pode provir do ajustamento ao mundo, pois se o mundo é mau, o ajustamento à maldade nos torna piores. Provém somente da identificação da nossa própria vontade com a Vontade de Deus.

A alma cheia de paz agora não busca viver moralmente, mas viver para Deus; a moralidade é apenas um produto acessório da união com Ele. Esta paz une a alma ao seu próximo, incitando-a a visitar os doentes, a alimentar os famintos e a vestir os nus, pois amando a outra alma damo-nos a Deus.

A única dor verdadeira que o convertido agora tem é a da sua inabilidade em fazer mais pelo amor de Deus. É fácil realizar as exigências de ideias menores, tais como o humanismo, e os seus discípulos bem depressa se tornam complacentes; são já tão virtuosos como o seu código pede que sejam. É bastante fácil ser um bom humanitário, mas é bastante difícil ser um verdadeiro seguidor de Cristo. Contudo, não é a lembrança dos pecados passados que cria esta dor em meio da paz, mas os defeitos atuais. Porque ama tanto, sente o convertido a impressão de não ter feito nada. Que dom poderá ser jamais uma expressão deste novo Amor? Se ele pudesse dar a Deus o universo, mesmo este não seria bastante.

Toda a energia que era anteriormente gasta no conflito, quer tentando descobrir a finalidade da vida ou tentando só e futilmente dominar os seus vícios, pode ser agora utilizada em servir a um único propósito. Pesar, remorso, temores e ansiedades que jorram do pecado desaparecem agora

completamente no arrependimento. O convertido não mais lamenta o que poderia ter sido. O Espírito Santo enche a sua alma dum constante pressentimento do que ele pode tornar-se por meio da graça. Esta recuperação espiritual é acompanhada pela esperança, não importa em que idade a mudança ocorra, embora o convertido sempre lamente haver esperado tanto. Como disse Santo Agostinho: “Demasiado tarde, ó beleza antiga, eu te amei.” Mas desde que a graça rejuvenesce, apressa até mesmo os velhos a consagrar-se ao serviço.

E há muitos outros meios pelos quais a paz da alma se manifestará após a conversão; faz de alguém que não é nada, alguém que é alguma coisa, dando-lhe o dom da Filiação Divina. Afasta a cólera, os ressentimentos e o ódio pelo domínio do pecado; dá ao convertido fé em outras pessoas a quem ele agora vê como filhos potenciais de Deus; melhora a sua saúde curando os males que surgiam dum espírito desordenado, infeliz e inquieto; afasta provações e dificuldades, dá-lhe a ajuda do poder divino, fornece-lhe a todas as horas um senso de harmonia com o universo; sublima as suas paixões, torna-o menos irritado com os defeitos espirituais do mundo porque ele próprio está absorvido na busca da espiritualidade; capacita a alma a viver numa constante consciência da presença de Deus, como a terra, no seu giro em torno do sol carrega consigo a sua própria atmosfera. Nos negócios, em casa, nos deveres domésticos, na fábrica, todas as ações são feitas à vista de Deus, todos os pensamentos giram em torno das Suas Verdades. A censura não razoável, as acusações falsas, as invejas e amarguras dos outros são suportadas com paciência, como Nosso Senhor as suporta, de modo que o amor possa reinar e que Deus possa ser glorificado tanto no amargo como no doce. A dependência de Deus torna-se energia; não receamos mais levar a efeito boas obras, sabendo que Ele providenciará os meios. Mas acima de tudo, com este profundo senso de paz há o dom da perseverança, que nos inspira a nunca abandonarmos a nossa vigilância, a fugir das dificuldades ou a sentirmo-nos oprimidos á medida que a alma se apressa para a sua suprema vocação, em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Menos agradável é um efeito final da completa conversão: tornando-nos o alvo da oposição e do ódio. Um homem pode juntar-se a qualquer outro movimento, grupo ou culto sem provocar comentários hostis dos seus vizinhos e amigos; pode mesmo descobrir algum culto esotérico do sol por

si mesmo e ser tolerado como um cidadão que exerce a sua legitima liberdade e satisfaz as suas próprias necessidades religiosas. Mas tão logo alguém adere à Igreja, o ódio e a oposição aparecem. Isto é porque os seus amigos intuitivamente sabem que ele não mais partilha do espírito do mundo, que é agora governado pelo Espírito, é elevado a uma ordem verdadeiramente sobrenatural, está unido com a Divindade de um modo especial, que é um desafio e uma censura àqueles que tirariam o melhor proveito de dois mundos.

Esta reação não é difícil de compreender. Esquecei, por um instante, que a Igreja existe, e suponde que aparecesse de repente sobre a terra uma instituição igualmente divina, que afirmasse ensinar a verdade tão verdadeiramente como Deus a ensina; que atraísse as crianças todas as manhãs a escolas onde elas começassem e acabassem as suas lições com orações; que proibisse a seus membros casados que desonrassem os liames do seu casamento; que ensinasse a pureza em um meio carnal; que, em todas as suas decisões sobre a sociedade, sobre os direitos do homem, sobre a política e a economia, partisse do principio de que nada realmente importa exceto a salvação de uma alma. Como a receberia o mundo? Com desconfiança, ódio, vilipêndio, perseguição e ataques implacáveis. Quando a voz é ouvida, a presença sentida, há tal oposição violenta como foi prometida: "*Mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos aborrece*" (João 15, 19).

Como consequência desta oposição a Cristo, aqueles que conhecem um convertido invocam mil explicações remotas para evitar a verdadeira razão, isto é, o apelo da Divindade. A conversão dos jovens é explicada como um fenómeno da adolescência, nos ligeiramente mais velhos, é censurada como um desgosto de amor; os maduros são apontados como culpados de uma aberração mental devida à mudança de vida; os velhos são acusados de senilidade; nos ignorantes é atribuída à ignorância; nos instruídos, causa levantamento do cenho e a reflexão: "É surpreendente! Pensava que ele fosse demasiado inteligente para essa espécie de coisa."

É este temor de provocar a inimizade do mundo que desencoraja muitos a converterem-se. Disto o Próprio Nosso Senhor advertiu; de que outra maneira poderia o céu ser conhecido senão pela inimizade que provoca

entre as pessoas do mundo? “*Porque vim separar o filho do seu pai, e a filha da sua mãe, e a nora da sua sogra*.” (Mat. 10,35) Neste sentindo, Nosso Senhor, de facto, trouxe uma espada, causando divisão entre os homens; mas trouxe também a paz que recompensa aqueles que, aparentemente, abandonando tudo, descobrem tudo.

Quais são as perspectivas para a conversão? Quais os homens e mulheres em separado que buscarão em um ano ou dois a Igreja? Que espécie de gente precisa de conversão? Não há temperamento especial, não há maneira única que assinale o convertido do próximo ano. Todos no mundo estão buscando certezas, paz de alma e liberdade de espírito. Na busca de todo o prazer, mesmo na procura do ilícito, todos os homens prosseguem sem cessar a sua busca do Infinito. Onde buscam eles Deus é a única questão sobre a qual os homens diferem. Nisto estão divididos como os amadores de música: a música que amamos é a música que já temos nas nossas almas. A alma desordenada gosta de música discordante; a vontade desregrada goza das dissonâncias desregradas e rejeita as sinfonias mais belas e mais bem orquestradas. Precisaria educação considerável e auto-disciplina para fazer espíritos amantes de “jazz” apreciar a abertura nº 4 das Quatro Estações, ou qualquer obra de Handel, Mozart ou Vivaldi. Contudo o amor da mesma espécie de música está em cada um; é na espécie de música de que alguém gosta que jaz a diferença e ninguém aprecia a boa música sem treino e disciplina.

Todos querem as coisas que somente um amor de Deus lhes trará, mas a maior parte dos homens de hoje procura-as nos lugares errados. É por isto que ninguém vem para Deus sem uma revolução do espírito; deve ele deixar de buscar o seu bem na impiedade. “E a condenação está nisto: a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz: porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não se chega para a luz, a fim de que não sejam reprovadas as suas obras.” (João 3,19-20) Quem quer que volte a sua face para a luz será convertido; mas esta volta deve ser feita pela sua própria livre vontade. Podemos subordinar tiranos, adular traidores, lisonjear ditadores, mas não há meio de conquistar o amor de Deus senão pelo amor. A cada alma está ele sempre dizendo: “*Eis que estou á porta e bato*.” (Apoc. 3,20) Recusar-nos-emos a abri-la? A cada espírito, Ele reitera: “*Eu sou o caminho, a verdade e a*

vida.” (João 14,6) Estamos envergonhados de receber a verdade com receio de que ela exponha a nossa ignorância e perversidade, muito embora esta exposição nos leve para a glória e para a paz? A cada coração, Ele diz: “*Eu sou o bom pastor*.” (João 10,11) Recusarão os cordeiros amedrontados, perdidos nas sarças e moitas da vida moderna, a Sua Mão Salvadora? Há um único meio de começar uma conversão: deixar de perguntar que dareis a Deus. Não é o sacrifício que parece ser, pois tende-O, tereis tudo mais além disso.

NOTAS

[1] —G. Jung; *Modern Man in Search of a Soul*, p. 23

[2] —*Harry Slochower, No Voice is Wholly Lost, p. 316; Creative Age Press Inc. 1945.*

[3] — Lewis Mumford, *The Condition of Man*, p.418, 1944

[4] — *A ansiedade é um fenómeno tanto da consciência como da inconsciência. Uma ansiedade "inconsciente" pode significar duas coisas. Ou pode significar que a sede objetiva da ansiedade é desconhecida da consciência, em qual caso o estado emocional conscientemente experimentado se relaciona, por exemplo, por meio de uma "racionalização secundária", com algum objeto fictício de uma maneira que parece sem fundamento e sem sentido ao indivíduo, mas que não obstante se impõe como uma força compulsória, como nas fobias , ou pode significar que o próprio estado emocional seja relegado para dentro do inconsciente e nele mantido, de modo que se torna manifesto, não como ansiedade, mas como algum outro "sintoma". A ansiedade é também consciência e quando experimentada é um assunto de estudo psicológico, nas crianças e adultos, em gente normal e anormal.*

[5] — Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man*, p. 181, Charles Scribner's Sons, 1941

[6] — *De Civitate Dei, Livro XIV, cap.3*

[7] — Franz Warfel, *Entre o Céu e a Terra*, p.71, Hutchison & Company, Londres, 1947

[8] — *Toda a teoria da situação de Edipo, ou complexo de Edipo, dá margem ás mais sérias objeções. A prova apresentada descansa exclusivamente em conclusões tiradas dos resultados da psicanálise. Se as pressuposições desta doutrina caírem, a teoria do complexo de Edipo perde os seus fundamentos. (É uma raciocínio falaz o que afirma que a existência do complexo de Edipo prova a verdade da doutrina freudiana, desde que*

esta prova pressupõe que a doutrina inteira seja primeiramente aceita.) Falta base real ao apoio á ideia de que a chamada ”situação de Edipo” é comum na vida humana a espelha acontecimentos verdadeiros passados nos primeiros estágios da civilização. Se fosse assim, como os psicanalistas pretendem, se o assassinio do pai ou do patriarca pelos filhos ciumentos e o casamento do assassino bem sucedido com a sua mãe fosse um acontecimento habitual na pré-história, seria esperar encontrar-se mito de Edipo em muitos lugares. Na verdade, porem, existe apenas na lenda grega e talvez de forma um tanto similar, em uma tribo da Índia. Toda a estrutura da sociedade pré-histórica e seus hábitos, que Freud e os seus discípulos exploraram, carecem de qualquer base firmada em factos e tem sido rejeitados por todos os estudiosos competentes da antropologia cultural. Para uma mais plena refutação dessa falácia, consultai Rubolf Allers, The Successful Error; Emil Ludwig. Doctor Freud, caps, 8-10.

[9] — *A teoria do inconsciente coletivo tem sido proposta por C. G. Jung e forma uma das menos aceitáveis partes da sua “psicologia analítica”.*

[10] — *Os mais jovens psicanalistas vieram a verificar que no trato com uma pessoa humana tem que ser levada em conta mais alguma coisa que não só os instintos e as suas constelações. O mais ligeiro progresso no sentido de uma interpretação mais humana da natureza do homem é contrabalançada pela tendência de muitos psiquiatras em encarar os conflitos morais como nada mais do que sintomas e enxergar a sua cura, não com aceitação da lei moral, mas antes proclamando a sua relatividade ou negando-a totalmente. Afirmam que, se estes instintos entram em conflito com os preceitos morais, então estes são concebidos por esses psiquiatras, não como fórmulas de obrigações eternas, mas como resultados de situações sociais e históricas. Daí ter a lei moral de mudar quando essas condições se tornam diferentes. Os preceitos que tem estado em vigor não são mais proporcionais ao presente estado do homem. Por isso tornam-se fontes de conflitos. As velhas ideias, dizem eles, têm de ceder e ser substituídas por outras congeniais ao presente estado do homem. A psicologia está assim fazendo aquilo que os filósofos fizeram há uma geração atrás: encontrando homens que infringem a lei, mudam a lei par adaptá-la ao mau caminho que os homens seguem. Por trás dessa*

doutrina está a noção de que os conflitos são mórbidos e evitáveis, devendo ser prevenidos a qualquer custo. Esta noção é apenas fruto da mentalidade geral que estima o conforto e o prazer muito acima de qualquer outra coisa e sonha com uma vida suave e agradável com um mínimo de esforço e um máximo de prazer. É isto que Pitirim Sorokin chama de "liberdade dos sentidos", a qual sustenta que um homem pode fazer aquilo que quer. Se os seus desejos são satisfeitos, é livre: se não, não é livre: "Tal liberdade leva a uma luta incessante de homens e de grupos na obtenção de tão larga parte de valores sensuais – riqueza, amor, prazer, conforto, liberdade sensorial, segurança – quanta se puder conseguir. Desde que alguém pode obtê-los, principalmente à custa de outrem, a busca desses valores acentua e intensifica a luta de indivíduos e grupos." (The Crises of Our Age, p. 174).

[11] — *Our Inner Conflicts, p.134*

[12] — *In Search Of Maturity, p.7*

[13] — *Modern Man in Search of a Soul, p. 264.*

[14] — *"The Kingdom Of God", poems of Francis Thompson, ed rev, p.293*

[15] — *A. A. S., 25 de outubro de 1924.*

[16] — *Between Heaven and Earth, p.73, Hutchison & Company, 1947*

[17] — *Modern Woman, p. 396, Haper & Brothers*

[18] — *O nome "psicanálise" foi cunhado por Freud, que insistiu que fosse usado exclusivamente para a sua doutrina e seu método. Autores alemães, franceses e também italianos têm mais ou menos observado esta advertência. Alguns americanos, também, tentaram identificar freudismo e psicanálise, mas, em geral, nos países anglo-saxões, o nome de psicanálise é aplicado indiscriminadamente à outras espécies de tratamentos médicos e mentais. C. G. Jung, para indicar a diferença entre a sua teoria e a de Freud e, ao mesmo tempo, o que lhe devia, fala da sua própria doutrina como sendo uma psicologia analítica". Adler chamou a sua concepção*

“psicologia inidividual”, uma teoria que depende mais ou menos da psicanálise, mas não obstante rejeita um dos seus dogmas fundamentais. Por causa da crescente crítica ao freudismo e à psicanálise, alguns psicanalistas estão usando o termo psiquiatria para evitar a crítica. Para pensar claramente sobre este assunto, pois, devem ser mantidas em mente estas três distinções: 1) Freudismo não é psicanálise, da mesma maneira que Rafael não é pintura; 2) Há outros sistemas de psicanálise que não só o freudista e alguns deles são muito mais completos; 3) A psicanálise é apenas um pequeno ramo da psiquiatria.

[19] — Sigmund Freud, *The Futute of on Ilusion*, p.50, Horace Liveriht, 1928

[20] — Ibid. Pg, 64

[21] — Sigmund Freud, *Introductory Lectures on Psychoanalysis*, trad

[22] — *Suma Teológica, II-2, Q. 5, Art. 6*

[23] — *Talvez devesse ser mencionado que a noção do inconsciente, na forma que lhe é popurlamente dada, esteja sujeita a objeções. É díficil chegar a uma opinião final se ou não certo conteúdo é verdadeiramente inconsciente. O simples facto de alegar uma pessoa que o ignora não é suficiente, nem o é o outro facto, o de que este conteúdo venha à tona somente no correr duma longa e indagadora análise. A mente humana tem muitos jeitos de livrar-se de conteúdos que são percebidos como pertubadores, ou que poderiam conduzir a consequências desagradáveis se plenamente reconhecidos. A mente pode separar todas as ligações entre alguns dados e o resto da consciência, isolar certos dados ou impedi-los de apresentar-se porque são totalmente desconexos ou assim se tornaram para o resto do conteúdo consciente. Este problema não tem apenas interesse teorético, mas é também eminentemente prático. Aquilo que um homem afastou da sua consciência, porque não queria encará-la, tem uma relação muito mais importante para com a moralidade e a responsabilidade, do que conteúdos que foram relegados para o inconsciente numa idade primária, quando nem a compreensão nem a responsabilidade estavam desenvolvidas. Acontece durante a análise que o material alegadamente inconsciente venha à tona e o paciente o reconheça; pode mesmo dizer que,*

de certo modo, conhecera essas coisas sempre, mas tomara o cuidado de conservá-las fora do seu caminho. Em tal caso, há obviamente um grau de responsabilidade diferente do que existe, quando os factos inconscientes pertencem às experiências da primeira infância.

[24] — *A despeito do jargão comum a respeito dos instintos humanos, deve ser relembrado que não há acordo entre neurofisiologistas, a respeito da existência e da eficácia dos instintos no homem, no seu estado maduro e normal. De acordo com K. Goldstein (The Organism, American Book Company, New York, 1939: Human Nature in the Light of Psychopathology, Havard Universityy Press, Cambridge, Mass., 1940), as manifestações puramente instintivas são vistas no homem apenas em consequência de uma derrocada do complexo inteiro. Normalmente, estiveram integradas em funções mais elevadas. De facto, dificilmente se encontra alguma reação em um adulto normal que pudesse ser rotulada "instintiva". Um instinto nos animais caracteriza-se, de acordo, por ex., com Bierens van Haan (Die Instinkte), como: a) característica da espécie e não do indivíduo; b) imutável ou pelo menos mutável somente dentro dos mais estreitos limites; c) impossível de transformação em outros padrões de conduta; d) servindo a um fim útil, sem que o animal lhe conheça a finalidade. A isto, pode-se acrescentar que a conduta de complexo instintivo é uma realização indivisível, embora apareça ao observador como consistindo em ações parciais, uma seguindo a outra. Considerai a conduta da vespa da areia: cava um buraquinho na areia, voa à procura de uma lagarta, deposita a sua presa ao lado do buraco, paralisa-a por meio de uma picada bem aplicada, deposita os ovos ali, e fecha o buraco com alguns grãos de areia. Em qualquer fase em que esta ação seja interrompida, o animal a abandona para recomeçá-la de novo, desde a primeira fase. Em outras palavras, para a vespa não há sucessão de atos, mas apenas uma ação indivisível. Comparai isto com a chamada conduta "instintiva" no homem: qualquer ação pode ser interrompida a qualquer momento e retomada no mesmo degrau, tão logo as circunstâncias o permitam. Para o homem há uma verdadeira sucessão de atos parciais. Pareceria que no homem os instintos fossem apenas uma espécie de motivações, a satisfação deles apenas uma espécie de alvo a ser visado e não como se eles fossem determinantes absolutos da conduta. É por isso que quando se estuda a conduta humana deve-se fazê-lo acima do padrão*

puramente animal e concentrar-se sobre aquelas duas faculdades, intelecto e vontade, que separam o homem do animal. A análise da consciência é, portanto, a análise mais profunda que se possa fazer do homem.

[25] — *O cérebro doente torna-se incapaz de comunicar-se com outros e de acordo com o grau em que isto ocorra, torna-se envolvido num excesso de subjetivismo. Há que distinguir entre o excessivo subjetivismo do psicopata (como existe na esquizofrenia) e o que exclui simplesmente o homem de comunicar-se e o encerra dentro de si mesmo. Esta forma mais branda existe em muitas formas de perturbações neuróticas. Mas mesmo nestes casos não pode ser afirmado com absoluta certeza que o subjetivismo é uma verdadeira causa da anormalidade mental. É concebível que um homem possa ser arrastado a tal atitude subjetivista pelo temor de alguma ameaça. Ele então ver-se-á em apuros para proteger-se, interessar-se-á por si mesmo e assim se tornará cada vez mais subjetivo na sua atitude. Observam-se tais reações em doenças corporais; a incerteza vital na qual o homem é lançado, quando verifica que o seu corpo se enfraquece, torna-o excessivamente interessado por si mesmo. Sem dúvida, não pode ser negado que tal reação não necessita ocorrer. Se um homem estivesse plenamente consciente da relativa insignificância da sua existência terrestre, em face de seu destino eterno, não se preocuparia tanto e, portanto, não sentiria dever interessar-se apenas por si mesmo. Mas a doença corporal pode enfraquecer tanto um homem que as suas melhores intenções e discernimentos se verifiquem ineficazes. Se uma pessoa cresce sob a impressão de que realmente ninguém se interessa por ela, que foi muito mal preparada para enfrentar os problemas da realidade, também ela se tornaria insolitamente interessada por si mesma; o seu subjetivismo, consequentemente seria mais um efeito do que uma causa da sua anomalia mental. A questão do subjetivismo como uma atitude pela qual a pessoa pode ser tornada responsável, apresenta-se somente depois que essa pessoa se tornou ciente da falta dum fundamento para a sua aproximação geral da realidade. É um objetivo de tratamento mental ou de reeducação que o neurótico seja capacitado a verificar o fictício de muitas coisas que ele teme e, portanto, a ver que a sua excessiva preocupação consigo mesmo é tão desnecessária como desviada.*

[26] — *9. Os psicanalistas freudianos respondem que: 1) a consciência não realça, mas é antes o passivo campo de batalha onde o superego se torna vitorioso e consegue expelir o que não tolera; 2) recusa tolerar certas coisas, não porque sejam objetivamente más em qualquer sentido moral, mas porque são contrárias às convenções sociais existentes. Estas convenções são inculcadas na mente da criancinha; formam o superego, que, em virtude de "identificação", adquire um domínio fatal sobre o ego e, portanto, sobre a consciência. A revolta é a tentativa doidpara reafirmar-se contra a tirania do superego. É no ego, e na consciência, que a batalha pela supremacia se trava.*

A psicanálise pode admitir que há um ethos; mas este ethos, diz ela, será dependente e um produto da situação social existente. Quando a sociedade tomar outra forma, o código moral mudará correspondentemente. Nisso o freudismo corre paralelo com certas teorias sociológicas modernas, comopor ex. a de E. Durkheim e a sua escola. Durkheim reconheceu o papel e a existência de valores morais e religiosos; mas acreditava que eles derivam das estruturas sociais, cada uma das quais exige outro código de acordo com a sua natureza.

Recentemente, fizeram-se tentativas da parte de alguns freudistas, para integrar os seus padrões nos das morais reconhecidas. Edmundo Bergler declara na sua obra O Divórcio não Ajudará, que a monogamia é um estado natural, ou um estado que corresponde à natureza humana. O homem não pode deixar de ser basicamente monógamo e se sentirá melhor se se apegar à monogamia, por causa do complexo de Édipo.

Os anseios de Édipo, incestuosos de natureza, são recalcados; o superego conserva-os nos porões do inconsciente e, em vez dos anseios primordiais indeterminados e instintivos, o superego estabelece os aprovados pela moralidade, colocando qualquer desvio sob sanção. A mulher é a substituta da mãe e, portanto, insubstituível. Todos os caprichos extra-maritais são tentativas da parte do instinto recalcado para se reafirmar.

Neste raciocínio, dois pormenores merecem consideração. Primeiro, deve ser notado que a ideia de indulgência não inibida, como condutora a uma maior felicidade e um desenvolvimento mais pleno da personalidade, é

aqui abandonada. A licenciosidade que tem sido encarada por alguns psicanalistas (não por Freud), como um meio de evitar os conflitos, já não é mais encorajada. Ou então os psicanalistas começando a verificar que há uma coisa tal como uma moralidade objetivamente válida e a tentar dar explicação disto ao seu próprio modo, ou descobriram que desprezar os preceitos morais, por uma razão ou outra, não dá em resultado uma vida feliz. Em segundo lugar, fazendo um ou outro, os psicanalistas parecem ignorar que contradizem os seus próprios princípios. Uma concepção perfeitamente subjetivista não tem lugar para qualquer espécie de moralidade objetiva. O subjetivismo deve ser relativista, por necessidade. Mas o complexo de Édipo não depende de alguma particular estrutura social ou forma de civilização. Tem de ocorrer em qualquer sociedade, primitiva ou adiantada, totalitária ou democrática, ateística ou religiosa. De acordo com a teoria psicanalítica este complexo é um defeito inevitável da natureza do homem, portanto anterior a todas as formas sociais. Se se assume esta posição, segue-se necessariamente que há algum princípio imutável e introcável de relações humanas. Tão logo é isto concedido, toda a noção da relatividade de valores, inclusive os éticos, se torna insustentável.

[27] — *A religião é explicada por Freud de um modo similar: "A religião é uma neurose geral compulsiva como a de uma criança e deriva do complexo de Édipo, o parentesco do pai. E se o pecado original foi um pecado contra Deus, o Pai, o mais antigo crime deve ter sido o parricídio, o assassínio do primeiro pai da primitiva horda humana, cujo desenho memorativo foi subsequentemente transformado em Divindade."*

[28] — *God and Evil, p. 210, Harper & Brothers.*

[29] — *Washington Institute of Medicine.*

[30] — *Samuel butler, Hudibras*

[31] — *William Shakespeare, Richard III.*

[32] — *John Milton, Paraíso Perdido*

[33] — *Alexander Pope, Essay on Man*

[34] — *A psicanálise freudiana acredita que certas ideias ou emoções são conduzidas ao inconsciente e "proibidas" pelo superego de se mostrarem. Toda a experiência penosa deve o seu caráter à frustração de algum anseio veemente instintivo, relegado ao inconsciente por ter sido posto sob sanção pela sociedade e pelo superego. Assim a psicanálise freudiana pode facilmente explicar que certas experiências (principalmente as que causam dor ou um sentimento de culpa) são reprimidas e conservadas fora da consciência pelo "censor". Se, porém, não é aceito o sistema freudista (e neste ponto não ajuda), então torna-se discutível se os atos maus "esquecidos" são verdadeiramente inconscientes. Muitas pessoas admitirão que não ignoravam coisas que ostensivamente tinham esquecido. Talvez se devesse considerar outro mecanismo na mente além do da repressão. Há uma tendência no homem para desunir certos acontecimentos, lembranças e fases da vida do restante, o que é facilmente reproduzido na consciência. O homem desvia-se de algo que conhece tenta "esquecer-se disso" e depois de certo tempo torna-se aparentemente esquecido disso. Mas, na verdade, apenas adquiriu o hábito de evitar certos caminhos de pensamento, justamente como os que foram roubados podem banir todas as coisas que lhe recordem a perda. Sentem que melhor será para eles quanto menos oportunidades houver de ser recordado. Assim também a mente bane certos pormenores que poderiam, se despertados, levar a recordações em que não se quer pensar. Mas isto não é o que Freud concebe como o inconsciente.*

[35] — *Há outras formas de melancolia, por ex., a melancolia "sintomática" ou depressão, ocorrendo não poucas vezes nas doenças orgânicas mentais (processos senis, paresia progressiva, epilepsia): há também estados melancólicos dependendo de outros factores mentais, tais como a consciência da culpa, não sejam determinantes da melancolia, no sentido estritamente psicológico do termo.*

[36] — *Francis Thompson, "The Hound of Heaven."*

[37] — No primeiro período da psicanálise, quando as concepções teoréticas eram principalmente as de J. Breuer, desenvolveu este a idéia de que uma emoção a que foi negada adequada expressão ou descarga e que foi recalcada atuaria "como um corpo estranho", incrustado nos tecidos do

organismo, irritando-os localmente e, em consequência, causando perturbações também em partes mais distantes do corpo (Studien Uber Hysterie, por J. Breuer e S. Freud, Viena, 1893, trad. Por Brill, Studies in Hysteria).

[38] — *William Shakespeare, A Megera Domada, Quarto Ato, Cena III.*

[39] — *O psiquiatra quer seja partidário de Freud ou de qualquer outra escola, não tem direito de fazerjuízo moral sobre as ações, motivos e atitudes que os seus clientes lhe relatam ou que lhes descobrenas mentes. Não tem direito de fazer assim, porque não é "ex-officio", um juiz nunca tendo recebido tal mandato, quer da sociedade, quer de Deus. Embaraçaria mesmo o seu trabalho e tornaria os seus serviços ineficientes, se tivesse de condenar o que merece ser condenado do ângulomoral. Isso não significa, sem dúvida, que o psiquiatra não devesse 'albergar opiniões bemdefinidas sobre o que é direito e o que é errado. Mas significa que têm de "pôr entre parênteses" estas opiniões, enquanto está ás voltas com o seu cliente, pelo menos durante a fase de exploraçãoe explicação. Pode ser discutível até que ponto é permitido chegar o psiquiatra, apontando o queé moralmente direito naquilo que se pode chamar de fase de exploração e explicação. Pode serdiscutível até que ponto é permitido chegar o psiquiatra, apontando o que é moralmente direitonaquilo que se pode chamar de fase da reeducação, Alfred Adier nunca hesitou em assumir talresponsabilidade. No seu padrão de moralidade nunca foi muito elevado, sendo principalmente oque quer que fosse socialmente útil, mas no aplicá-lo reconhecia o direito do próximo, o bemcomum, a necessidade de bondade natural como objetivos principais da existência humana.*

A pessoa que busca auxílio junto ao psiquiatra considera-se "doente". Quer uma cura e não umsermão. Olha como um sintoma o ter feito o que não devia fazer. Donde não haver sentido emdisser-lhe que ele peca. Ou ele sabe disto e "não pode deixar de fazer", ou não o admite e éamedrontado, porque veio procurar o médico e não o moralista.

Às vezes a exploração da mente (sob a guia do psiquiatra, mas realmente executada pelaprópria pessoa) é uma condição necessária para que o paciente atinja uma verdadeiracompreensão de si mesmo e das suas motivações. Este esclarecimento pode ser realizado em muitoscasos, pelo

que se chama hoje conselho "não diretivo" ou psicoterapia (C. Roger, Counseling andPsychotherapy, Boston, 1941) É integralmente verdade que muitos conselheiros tentam forçar sobre os seus clientes certas opiniões e princípios, sem cuidar de descobrir se a até que ponto podemestas coisas ser aceitas e tornar-se efetivas. Mas em muitos casos, a simples conversa da parte doconselheiro, ou da parte do cliente, conduzirá a uma clarificação gradualmente progressiva. Numapessoa familiarizada com os princípios de moralidade, tal descarga levará também a uma volta euma maior apreciação dos preceitos morais, dos valores religiosos e logo, num católico, áconfissão.

[40] — *Science and the Idea of God, University of North Carolina Pres, 1944.*

[41] — *Freud reconheceu além da líbido outros instintos. São eles: os instintos do ego, como os chamou no começo (Ich-Triebe) e o instinto da morte. É verdade que o primeiro grupo desempenha papel subordinado na mente psicanalítico. E é também verdade que o instinto da morte é uma idéia um tanto obscura, não tendo sido aceitável mesmo para muitos dos partidários "ortodoxos" de Freud. Mas ainda há, dentro da moldura da psicologia freudiana, outros factores admitidos além dos do sexo. Se for dada particular ênfase a este último, isto se deve em parte à larga significação atribuída por Freud à libido ou ao sexo. Os instintos libidinosos são na verdade sexuais por natureza. Tudo quanto se possa tornar objeto da apetência é até certo ponto um objeto possível de desejo sexual. Talvez Freud tenha sido influenciado pela noção de que há nos seres vivos dois instintos básicos- que, no homem, a natureza persegue dois fins, a preservação do indivíduo e a da espécie. Os instintos do ego, na concepção primitiva de Freud corresponderiam ao instinto da autoconservação: a libido, ao da preservação da espécie. Mas os instintos primordiais não deveriam confundir-se com as necessidades sexuais ou com quaisquer experiências observadas no indivíduo maduro. Os factores sexuais que determinam perturbações mentais devem ser procurados, de acordo com Freud, na infância e na meninice. Nesta idade, supõem-se que eles se manifestam de maneira indisfarçável como incitações sexuais. Incitações que à primeira vista nada têm de comum como o sexo, tal como usualmente é ele entendido, são ainda rotuladas de sexuais, por causa da*

presunção geral de Freud de que a natureza de todas as excitações objetivo-direto são fundamentalmente da mesma espécie e que a natureza de todas elas é a da sexualidade. Aqui se observa carta inconsistência na doutrina. Uma das principais passagens nos Três Ensaios de Freud, em que pretende ele dar prova da existência da sexualidade na primeira infância, parece não estar de acordo com a concepção geral da líbido como objetivo-direto. Neste famoso trecho, afirma Freud que ninguém pode duvidar de ter diante de si mesmo a completa expressão da satisfação sexual, quando observa uma criança sugando, sorrindo de bochechas rosadas, caindo ressopro a dormir depois de largar o peito da mãe. O argumento é, sem dúvida, altamente falacioso. Implica asserções não provadas, tais como uma identidade de causas para explicar o que pode ser apenas uma vaga similaridade de expressão. Em vez de concluir que toda satisfação, quer de fome, de sexo, de poder, etc.. Produz expressões similares, conclui Freud que a própria satisfação deve ser a mesma (não só como experiência, mas também nas suas causas), porque a expressão é a mesma. Seu argumento parece-se com o seguinte: quando um homem toma fenobarbital, dorme; eis aqui um homem adormecido; logo, o tomou um soporífero. Muitos psiquiatras compreendem a líbido como sinônima de sexo no sentido ordinário e daí vêem o esforço em suprimir certas inibições como a essência da ética. A original significação de Freud não foi esta. Nem se segue tal idéia necessariamente das suas asserções básicas.

[42] — *Psychiatry and Mental Helth, Charles Scribner's Sons, New York, 1936*

[43] — *William Ernest Hocking, What Man Can Make of Man, Haper & Brothers, New York, 1942*

[44] — *Há alguns psiquiatras que acreditam que toda criminalidade é efeito de doença mental ou de uma inata condição anormal. Esta teoria, pensam alguns, partiu de César Lombroso, mas as suas raízes vão mais longe. Jean Jacques Rosseau afirmou que o homem nasceu naturalmente bom. Se vinha a torna-se mau, a culpa era da sociedade, pois no estado da natureza primitiva seria sempre bom. Nos dias de Rousseau, alguns filósofos ficaram cheios de entusiasmo pelo "bom selvagem". Outros, como Condorcet, acreditavam menos na bondade original do que na infinita*

perfectibilidade do homem. A ideia de que há algo de intrinsecamente mal no homem, que era a noção luterana e noção errônea, tivera até então vasta popularidade. Rousseau revoltou-se contra esta doutrina. O mesmo fez os "liberais" do século XVIII e dos anos que se lhes seguiram. Kant ainda sustentava que o homem é "radicalmente mau", mas afirmava O mesmo tempo que o homem é capaz de boa vontade, a qual chama ele de única bondade sobre a qual estão todos de acordo. Contudo, a influência da filosofia moral de Kant foi menor do que geralmente se afirma. Teve por certo pequeno efeito sobre o pensamento francês, o qual através da Revolução e de outros factores, determinou por muito tempo a mentalidade ocidental. Tendo sido elevado ao mais alto ser num sentido absoluto, não podia concederse naturalmente o homem como "radicalmente mau". Mas havia mal; daí a necessidade de "eliminá-lo". Isto podia ser feito declarando-se que todo malfeito é contrário à natureza profunda do homem e, portanto, o produto de anomalias. As ideias de Lombroso foram admitidas por algum tempo. Vem sendo revividas hoje, com outros termos. Criminalidade e imoralidade são agora consideradas como "desajustamentos." A pessoa bemajustada comportar-se-á, graças ao seu esclarecido auto interesse", de modo a reduzir os conflitos e desavenças a um mínimo, está mal ajustado e tem de ser reeducado ou "tratado". Os psiquiatras que sustentam esta opinião consideram o desajustamento como o feito, quer de alguma deficiência inata (personalidade psicopáticas), quer de influência infelizes que atuaram no espirito da criança, de modo a pervertê-la e tornar o indivíduo incapaz de ajustamento.

[*] — Herói duma cantiga de embalar, em forma de adivinha, e cuja resposta é "ovo". (N. do T.).

[45] — *O Analista e o confessor, "Commonweal", 23 de julho de 1948*

[46] — Emil Ludwig, *Dr. Freud*, p. 166, Hellman, Williams & Company, New York, 1947.

[47] — *The Condition of Man*, p. 364, Harcours, Brace & Company, Inc., New York, 1944.

[48] — *The Nature and Destiny of Man*, Vol. I, p. 121. Charles Scribner's Sons, New York.

[49] — Introdução, em Arthur Schopenhauer, *O Pensamento Vivi de Schopenhauer*, p. 28, New York, 1939.

[50] — *Os antropologistas culturais mostraram que as concepções de Freud a respeito da história da civilzação são falsas e infundadas. O inventor da sua ideia favorita do "pensamento pré-lógico" (ou mentalidade arcaica), o falecido Lévy-Bruhl, escreveu uma completa retratação, somente há pouco publicada. Nos seus livros de notas (Carnets, in Revue Philosophique, 1947) declarou que não há tal coisa coma mente pré-lógico e que ele se havia inteiramente enganado interpretando os seus dados de tal maneira. Em segundo lugar, a noção de que a esquizofrenia é causada por factores mentais, operando de acordo com os mecanismos freudianos, está cambaleante. Esta ideia é particularmente cara a um grupo de freudistas. R. G. Hoskins (The Biology of Schizophrenia, New York, 1946) da Escola Médica de Harvard, acentuou o facto de que há tantas indicações de patologia orgânica nesta doença que uma origem puramente mental é improvável.*

[51] — *T. S. Eliot, Four Quarteis, N. 3, The Dry Salvages, V. p. 27 Harcourt, Brace & Company, Inc., New York, 1943*

[52] — *The Bow in the Clouds*, Sheed & Ward, Inc., Londres, 1931.

[53] — Pierre Henri Simon, *Marriage ande Society*, in *Body and Spirit*, p. 112, Longmans, Green & Company, Inc. New York, 1939

[54] — Para uma exposição estritamente empírica das profundas diferenças entre animal e homem, especialmente no que diz respeito aos instintos, ver K. Goldstein. *The Organism*, New York, 1939, e *HumanNature in the Light of Psychopathology* (William James Lectures), Cambridge, Mass., 1940. O erro naturalístico de confundir o amor com a necessidade sexual foi fortemente criticado por M. Scheler, *Wesen und Formen Der Sympathiegefuhle*. Bonn, 1922, Scheler mostrou que identificar todas as espécies de amor com a do sexo, só é possível se as diferenças fenomenológicas forem totalmente desprezadas (tais como as de amor paternal, filial, sexual, etc.). Em certo sentido, todo p amor é um, até onde é dirigido para uma pessoa; sempre significa transferência na própria pessoa para a da pessoa amada; non quaerit quae sua sunt. Dentro desta

moldura, porém, há grandes diferenças e não há possibilidade de “derivar” todas as formas de amor pessoal do amor sexual, e ainda menos de uma apetência sexual meramente biológica. De acordo com as doutrinas psicanalíticas, a sexualidade fornece o exemplar ou modelo pelo qual se molda toda conduta e de modo especial a do amor. A sexualidade, porém, não é um exemplar, mas a expressão das atitudes básicas de uma pessoa.

[55] — *The Destiny of Man*, p. 170, Charles Scriber’s Sons, New York, 1937.

[56] — G. Walter Stonler, *Psycho-Analisys*.G. K.’s Weekly. P. 74. 10 de abril de 1926.

[57] — *Há uma falsa ‘’pureza” corrente entre os pudicos, que quer ficar livre de todo contato com o sexo exceto quando podem descobrir tal pecado em outrem. “Fico tão contente por ver que não há palavras impuras no seu dicionário! ”, observou uma dama ao Dr. Samuel Johnson. “Como sabe disto a senhora? Andou procurando-as? ” Foi a mordente réplica do doutor. É tal gente que cria a impressão de que a religião condena e despreza tudo quanto se relacione com o sexo. Nos tempos primitivos, a Igreja falava mesmo mais livremente deste assunto que agora. S. Bernardino de Siena não hesitava em falar bem rudemente em 1429, mas a atitude mudou depois da Reforma.*

[58] — *Franz Werfel, Between Heaven and Earth, p. 121, Hutchinson & Company Ltd, Londres*

[59] — *W.F Lofthouse, The Family and the state, p. 141, Epworth Press, Londres, 1944*

[60] — *Tratamento profundo do assunto pode ser encontrado em M.C D’arcy, The Mind and Heath of Love, Faber and Faber, Ltd Londres 1946.*

[61] — *Decadense, p. 213. Faber & Faber Ltd., Londres 1949*

[62] — *L. S. Thornton, Conduct and the Supernatural, p. 289, Longmans, Green & Company, Inc., 1915.*

[63] — *Ends and Means, p. 4. Harper & Brothers 1937.*

[64] — *Richard Weaver, Ideas Have Consequences, p. 116, University of Chigago Press, 1948*

[65] — *Sex, Life e Faith, p.305*

[66] — *Spiritual Letters*

[67] — *Um estudo da confissão bastante interessante e agradável de se ler pode ser encontrado em Pardon and Peace, de Alfred Wilson, C. P. (Sheed and Ward, Inc., Londres. 1947). Uma apreciação doutrinal é dada por John Carmel Hienan no seu Priest and Penitent (Sheed and Ward, Inc., Londres, 1938).*

[68] — *Alfred Wilson, C. P. Pardon and Peace, p. 209, (Sheed and Ward, Inc., Londres, 1947)*

[69] — *Conversions*, editado por Maurice Leahy, pp. 68, 69, Benzinger Bros., 1933.

FONTES

https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/01/angustia-e-paz.pdf

http://obrascatolicas.com/livros/Espiritualidade%20e%20Religiao/Angustia%20e%20paz%20FULTON%20SHEEN.pdf

https://pdfcookie.com/download/paz-en-el-alma-fulton-sheen-rv314qw40e2d

VOLTAR